



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Daniela Aparecida da Silva Sales

FRANCISCANAS DE SIESSEN EM PARANAÍBA (MS): educação e memórias

Paranaíba/MS

2019

Daniela Aparecida da Silva Sales

FRANCISCANAS DE SIESSEN EM PARANAÍBA (MS): educação e memórias

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes

Paranaíba/MS

2019

S155f Sales, Daniela Aparecida da Silva
Franciscanas de Siessen em Paranaíba (MS): educação e
memórias/ Daniela Aparecida da Silva Sales. – Paranaíba,
MS: UEMS, 2019.
254f.

Dissertação (Mestrado) – Educação – Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.
Orientador: Prof. Ademilson Batista Paes.

I. Franciscanismo 2. Educação católica 3. Educandário
Santa Clara I. Paes, Ademilson Batista II. Título
CDD 23. ed. - 371.0712

DANIELA APARECIDA DA SILVA SALES

**FRANCISCANAS DE SIESSEN EM PARANAÍBA (MS): educação e
memórias**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (Orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profa. Dr. Diogo da Silva Roiz
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Jérri Roberto Marin
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dedico este trabalho às Irmãs Franciscanas de Siessen, que dentre suas missões, trabalharam e educaram com amor fraterno a juventude paranaibana. Desejo a todas: *Paz e Bem!*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) que mais uma vez me proporcionou momentos únicos de aprendizado, crescimento intelectual, profissional e pessoal. Grata à instituição pela concessão da Bolsa PIBAP/UEMS, que muito contribuiu para enriquecer minha participação em eventos, na seleção e coleta de dados, como também para aquisição de acervo bibliográfico.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PGEDU/UEMS) que muito contribuíram com suas disciplinas, despertando não só o interesse pela pesquisa, mas também pela profissão de professor universitário. Grata por proporcionarem indispensáveis momentos de reflexões e discussões sobre temáticas relevantes para a Educação.

Às Irmãs Franciscanas de Siessen que possibilitaram esta pesquisa, dando-me anuência para entrevistá-las: Ir. M. Aparecida (*In Memória*), Ir. M. Cecília, Ir. M. Celina, Ir. M. Eugênia, Ir. M. Francisca, Ir. M. Josefina (*In Memória*) Ir. M. Marcelina, Ir. M. Marta, Ir. M. Otilia, Ir. M. Regina, Ir. M. Rosa, Ir. M. Salete e Ir. M. Teresinha (*In Memória*). À Irmã Rosa Maria Severino, Provincial da Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen – Província Santa Clara, por ter consentido a realização das visitas e entrevistas. À Ir. M. Iracema, que se dispôs a me ajudar e tirar dúvidas durante a escrita do trabalho.

Aos colegas que ingressaram no Programa junto comigo, no ano de 2017, em especial à amiga Alana de Oliveira Barbosa, uma linda amizade que ganhei nesta caminhada. Agradeço por todas as sugestões dadas, pelos trabalhos realizados em parceria, pela companhia nos eventos prestigiados e pelos momentos de desabafos, palavras de autoestima e esperança. Saiba que espero nunca perder o contato com uma amizade tão especial.

À minha família: meus amados pais Nivaldo e Dulcena, meu estimado irmão Nivander, minha querida cunhada Jocimeire e meu adorável sobrinho Leonardo, obrigada pela paciência e compreensão nos momentos de ausência em determinados

eventos familiares, pelas palavras de carinho e por sempre acreditaram em meu potencial.

Ao meu eterno namorado, companheiro de todos os momentos e esposo dedicado Victor, que sempre me apoiou, ouviu meus desabafos, minhas aflições, suportou por vezes o meu estresse causado pela angústia e ansiedade. Obrigada por estar sempre ao meu lado e pela compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço aos membros da Banca por aceitarem fazer parte de um momento tão importante para minha formação e para a pesquisa, Prof. Dr. Jérri Roberto Marin e Prof. Dr. Diogo Roiz da Silva.

Ao Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, que mais uma vez me acolheu como orientanda. Grata por sempre me atender com paciência, dedicação e seriedade, nos momentos necessários e sugestões de leituras oportunas. Sem dúvida, devo muito ao senhor pelos ensinamentos, pelo meu crescimento acadêmico e pessoal. Espero não lhe ter desapontado no percurso da pesquisa e saiba que sempre serei grata pela atenção às minhas aflições, por vezes mencionadas.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

A todos, gratidão!

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é em parte herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações, que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992).

SALES, Daniela Aparecida da Silva. Irmãs Franciscanas de Siessen em Paranaíba (MS): educação e memórias. 2019. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2019.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB). Com o objetivo de trazer a lume as histórias de vida das Irmãs Franciscanas de Siessen e seus contributos para a educação sul-mato-grossense, desenvolvida no Colégio Educandário Santa Clara de Paranaíba/MS (por meio de atividades curriculares e não curriculares), entre as décadas de 1950 a 1990, buscou-se compreender a identidade dessas mulheres religiosas, optando-se, para isso, pela metodologia da História Oral, mediante entrevistas gravadas para coleta de dados cujos aportes teóricos advêm da História e Memória, narrativas em suas histórias de vida. Os resultados apontam que a presença das Irmãs Franciscanas de Siessen, em Paranaíba, ocorreu devido aos esforços empreendidos pela Missão Franciscana de Mato Grosso em recristianizar a população sul-mato-grossense e paranaibana por meio da catequese e educação.

Palavras-chave: Franciscanismo. Educação Católica. Educandário Santa Clara.

SALES, Daniela Aparecida da Silva. Franciscan Sisters of Siessen in Paranaíba (MS): education and memories. 2019. 254 f. Dissertation (Master in Education) - University Unit of Paranaíba, State University of Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2019.

ABSTRACT

In this dissertation, we present the final results of the Master in Education research developed in the Graduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, in the research line “History, Society and Education”, linked to the Group of Studies and Research in History of Brazilian Education (GEPHEB). With the objective of bringing to light the life stories of the Franciscan Sisters of Siessen and their contributions to the education of Mato Grosso do Sul, developed at the Santa Clara College of Paranaíba / MS (through curricular and non-curricular activities), among others. From the 1950s to the 1990s, we sought to understand the identity of these religious women, opting for the methodology of Oral History, through recorded interviews to collect data whose theoretical contributions come from History and Memory, narratives in their stories. of life. The results indicate that the presence of the Franciscan Sisters of Siessen in Paranaíba was due to the efforts made by the Franciscan Mission of Mato Grosso to recrystallize the population of Mato Grosso and paranaibana through catechesis and education.

Keywords: Franciscanism. Catholic Education. Santa Clara Educandary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Foto com as Irmãs Franciscanas de Siessen entrevistadas.....	63
FIGURA 2 – Irmã Maria Celina.....	67
FIGURA 3 – Irmã Maria Rosa.....	79
FIGURA 4 – Irmã Maria Salete.....	85
FIGURA 5 – Irmã Maria Marta.....	92
FIGURA 6 – Irmã Maria Josefina.....	98
FIGURA 7 – Irmã Maria Teresinha.....	104
FIGURA 8 – Irmã Maria Cecília.....	110
FIGURA 9 – Irmã Maria Marcelina.....	118
FIGURA 10 – Irmã Maria Otília.....	120
FIGURA 11 – Irmã Maria Aparecida.....	131
FIGURA 12 – Irmã Maria Eugênia.....	136
FIGURA 13 – Irmã Maria Francisca.....	140
FIGURA 14 – Irmã Maria Regina.....	146
FIGURA 15 – Padre João Batista de Aquino.....	157
FIGURA 16 – Edifício onde funcionou o INSSC até 1996.....	158
FIGURA 17 – Página inicial da ata de criação do Patronato de Menores de Paranaíba.....	172
FIGURA 18 – Página inicial da ata de fundação do Educandário Santa Clara.....	173
FIGURA 19 – Página final da ata de fundação do Colégio.....	174
FIGURA 20 – Frei Pedro Holz.....	175
FIGURA 21 – Colégio Educandário Santa Clara em construção.....	175
FIGURA 22 – Chegada das primeiras irmãs franciscanas de Siessen em Paranaíba/MT.....	177
FIGURA 23 – Paranaíba Jornal – 1987.....	180
FIGURA 24 – Relação dos diretores do Educandário Santa Clara.....	181
FIGURA 25 – Turma mista do Educandário Santa Clara: 1955.....	182
FIGURA 26 – Livro de registro escolar – professores (março de 1955).....	183
FIGURA 27 – Cerimônia de vestição das Irmãs Otília, Auxiliadora e Teresinha Bez (07/01/1960).....	218
FIGURA 28 – Vestição do hábito das irmãs Otília, Auxiliadora e Teresinha Bez (07/01/1960).....	218

FIGURA 29 – Irmãs Franciscanas de Siessen no Colégio Educandário Santa Clara..	224
FIGURA 30 – Ir. M. Otília com vestes curtas e cinzas.....	226
FIGURA 31 – Hábito religioso das Franciscanas de Siessen atualmente.....	227

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO – Associação Brasileira de História Oral
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
GEPHEB – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira
HO – História Oral
IEDML – Instituto Educacional “Dona Maria Leonor”
INSSC – Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração
IFS – Irmãs Franciscanas de Siessen
IR – Irmã
M – Maria
PIBAP – Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Identificação das irmãs entrevistadas.....	65
QUADRO 2 – Escolarização e formação das irmãs.....	196

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de escolas existentes no Brasil em 1959.....	178
TABELA 2 – Região de naturalidade das irmãs.....	186
TABELA 3 – Período de formação das irmãs.....	217

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Profissão do pai do aluno (a) do Educandário Santa Clara: 1955.....	184
--	-----

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
Introdução.....	14
CAPÍTULO I	
FRANCISCANOS E FRANCISCANAS NO SUL DE MATO GROSSO.....	33
1.1 A Igreja Católica no Brasil: processo de reforma e reorganização (1844-1926).....	36
1.1.2 Presença e atuação da Igreja Católica no sul de Mato Grosso: ofensivas em busca da consolidação da reforma.....	40
1.2 Missão Franciscana em Mato Grosso.....	53
1.2.1 Missão Franciscana de Mato Grosso e a Educação.....	57
CAPÍTULO II	
NARRATIVA DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE SIESEN.....	62
2.1 Irmãs Franciscanas de Sissen e o Educandário Santa Clara de Paranaíba/MS.....	64
2.1.1 Maria Pezotti: Irmã Maria Celina (1957).....	66
2.1.2 Therezinha de Paula Souza: Irmã Maria Rosa de Lima (1976).....	79
2.1.3 Leonilda Zembrani: Irmã Maria Salete (1982).....	85
2.2 Narrativa das Irmãs Franciscanas de Sissen em atividades curriculares.....	92
2.2.1 Dianyra Leite - Irmã Maria Marta (1955).....	92
2.2.2 Maria Laíde Alves: Irmã Maria Josefina (1957).....	97
2.2.3 Maria Izabel Bez: Irmã Maria Teresinha Bez (1964).....	104
2.2.4 Maria Clara Alves: Irmã Maria Cecília Alves (1966).....	110
2.2.5 Lúcia Caliani: Irmã Maria Marcelina (1967).....	117
2.2.6 Theresinha Rodrigues: Irmã Maria Otília (1970).....	120
2.2.7 Carlota Casagrandi: Irmã Maria Aparecida (1971).....	130
2.2.8 Aurelina Pereira de Lima: Irmã Maria Eugênia (1978).....	135
2.2.9 Maria Francisca Ribeiro: Irmã Maria Francisca Ribeiro (1979).....	140
2.2.10 Laudelina Ferreira de Melo: Irmã Maria Regina (1979).....	145
CAPÍTULO III	
VIDAS QUE SE CRUZAM: formação identitária das irmãs Franciscanas de Sissen.....	151
3.1 Congregação das Irmãs Franciscanas de Sissen no Brasil e em Mato Grosso.....	153

3.1.1 Constituições Gerais e Normas Executórias.....	165
3.2 O Educandário Santa Clara de Paranaíba/MT.....	170
3.2.1 Características do Colégio Educandário Santa Clara e o perfil de seus alunos (as).....	181
3.3 Infância, família e escolarização.....	185
3.3.1 Formação profissional.....	196
3.4 Irmãs Franciscanas de Siessen e o Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração (INSSC).....	200
3.5 Formação docente: implantação e modificações da Escola Normal.....	204
3.6 Vocação religiosa.....	207
3.7 Formação religiosa: vestição, primeira profissão e votos perpétuos.....	217
3.7.1 Formação religiosa feminina antes e depois do Concílio Vaticano II.....	220
3.8 As vestes religiosas.....	224
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	229
REFERÊNCIAS.....	232
ANEXOS.....	239
APÊNDICES.....	244

APRESENTAÇÃO

No ano de 2011, iniciei minha trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba. Depois de passar no vestibular para o Curso de Pedagogia, ingressei na Universidade e comecei a me interessar, em especial, pelas disciplinas relacionadas ao campo da História. No segundo ano de graduação, em 2012, fui contemplada com uma bolsa de estudos para desenvolver um projeto de extensão¹. A partir de então, comecei a frequentar o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB).

Nos encontros do grupo, estudávamos e discutíamos textos referentes à historiografia da educação brasileira, orientando-nos a partir da Nova História Cultural (NHC) como concepção teórica e da História Oral (HO) como técnica de pesquisa. As discussões eram fomentadas pela necessidade de, a partir das fontes de pesquisa coletadas, compreender algumas questões, como as práticas escolares, memórias de professores, de alunos e de suas representações sociais, mulheres, negros, homossexuais, etc.

Com base nas leituras realizadas em cada encontro e nas sugestões do meu orientador, Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, delimittei como tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) *instituições escolares confessionais*. Após realizado o estado do conhecimento sobre o tema e verificado que não havia produções com o objeto de estudo selecionado, decidimos realizar um mapeamento de instituições escolares confessionais existentes ou que existiram no estado de Mato Grosso do Sul. Escolher instituições escolares confessionais como objeto de estudo justificou-se, em primeiro lugar, pela representação histórica e social que elas mantêm, visto que a educação brasileira desenvolveu-se, sobretudo, com o apoio das Ordens e Congregações Religiosas.

Concluída a graduação no final de 2014, ingressei, em 2015, no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação também na UEMS de Paranaíba, sob orientação do professor Dr. Ademilson. Com o intuito prosseguir com a temática do TCC, busquei verificar as produções acadêmicas realizadas sobre o assunto *instituições escolares franciscanas no Brasil*. Para tanto, foi feito o levantamento de estado da arte de teses e

¹ O projeto de extensão teve como proposta a organização, sistematização, catalogação e digitalização do acervo do Museu Municipal Dico Quirino (Paranaíba-MS), estimulando e facilitando as visitas e pesquisas em suas dependências.

dissertações em várias universidades brasileiras, como também no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Primeiramente, procuramos identificar os programas de pós-graduação e as diversas áreas em que as pesquisas foram desenvolvidas; as universidades vinculadas aos estudos. Ressaltamos os objetivos, o problema de pesquisa, as fontes, o recorte temporal, a metodologia e o aporte teórico empregado em cada estudo. Em um segundo momento, verificamos os resultados alcançados nas produções, buscando compreender se o desfecho final aproximava-se aos objetivos iniciais.

Em 2016, concluí o curso de Especialização e no ano seguinte prestei o processo seletivo do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da UEMS – Unidade Universitária de Paranaíba. Mais uma vez tive a graça de ser aprovada e a oportunidade de iniciar mais uma etapa da minha vida acadêmica e, mais uma vez, prosseguindo essa jornada com o Prof. Dr. Ademilson como meu orientador.

Minha formação acadêmica, desde a graduação ao mestrado, aconteceu paralela aos meus empregos e a bolsas de estudos. No mestrado, fui contemplada com a bolsa PIBAP/UEMS, e graças a ela pude trabalhar somente meio período e dedicar o outro aos estudos e à pesquisa. Sei que o tempo dedicado foi pouco e que estamos sempre em constante formação.

O tema escolhido para o projeto de pesquisa do mestrado estava diretamente relacionado aos estudos anteriores. Inserido no campo da história da educação, sobretudo na história das instituições escolares confessionais, o objeto de estudo, inicialmente, seria a cultura escolar do colégio franciscano fundado em Paranaíba/MS, no ano de 1955. O Colégio Educandário Santa Clara foi idealizado por um Frei Franciscano e entregue para as irmãs Franciscanas de Siessen, vindas de Agudos/SP, para realizar o trabalho pedagógico na instituição.

Em 2013, auxiliiei uma colega de sala a digitalizar o arquivo documental do Educandário, devido a um projeto de iniciação científica que ela desenvolvia. Na oportunidade, percebi que se tratava de uma instituição significativa para a história da educação local, e a partir de sua documentação figurava-se um importante objeto de estudo. Desde então, escolhi a temática para desenvolver o projeto de mestrado. Com esse projeto ingressei no mestrado, contudo, no percurso da pesquisa, meu orientador e eu optamos por escolher um novo objeto de estudo: a história e memória das Irmãs Franciscanas de Siessen, que contribuíram para a educação paranaibana.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PIBAP/UEMS) e insere-se no campo da História da Educação, sobretudo no conjunto de estudos voltados para a temática História e Memória.

A pesquisa está ancorada na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada às discussões do “Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira” – GEPHEB, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba.

A finalidade deste trabalho é trazer a lume as memórias das irmãs Franciscanas de Siessen que contribuíram para o projeto de educação paranaibana da década de 1950 até meados de 1990. Por meio da metodologia da História Oral buscou-se reconstruir parte da história do Colégio Educandário Santa Clara a partir das memórias de algumas das irmãs que participaram do cenário educacional sul-mato-grossense. Ao mesmo tempo, procurou-se realizar o registro das histórias de vida dessas religiosas, com o intuito de compreender como se deu a formação (pessoal, religiosa, profissional) de cada uma e de que forma colaboraram, não só na educação sul-mato-grossense, mas por onde desenvolveram missões.

Em 1955 foi fundado na cidade de Paranaíba, até então estado de Mato Grosso², um colégio particular católico. A instituição foi idealizada pelo Frei Franciscano Pedro Holz, que teve apoio do professor Walter Faustino Dias, importante figura política da época. Os idealizadores do Colégio Educandário Santa Clara tiveram por objetivo fundar uma instituição que atendesse às necessidades da população paranaibana católica, que carecia de escolas.

Frei Pedro Holz conduziu a obra do colégio trabalhando ele mesmo como pedreiro, com ajuda da população. Em 1951, quando iniciou a construção do colégio, o Frei franciscano foi até a cidade de Agudos/SP, onde ficava a sede da Congregação das Franciscanas de Siessen e fez um convite à madre superiora, para que fosse conhecer a obra em que estava trabalhando. O objetivo do Frei era entregar o colégio aos cuidados

² Optei por manter a grafia Mato Grosso na menção à localização de Paranaíba, porque no período abordado, a porção territorial correspondia ao estado de Mato Grosso, sem divisão. Em 1977, houve a divisão política do estado (Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977), sendo a parte do sul, onde se localiza Paranaíba, denominada de Mato Grosso do Sul.

das irmãs, pois acreditava que elas poderiam aumentar o nível de cultura da população de Paranaíba e ao mesmo tempo transmitir os valores da Igreja Católica aos alunos.

Madre Clara, superiora da época, não pôde aceitar o convite do Frei naquele momento, visto que já estava trabalhando em outras instituições, porém, não descartou a possibilidade de uma visita no futuro. Em 1955, depois de outro convite recebido por meio de carta em 1954, a madre aceitou visitar Paranaíba para conhecer a obra do colégio. Após a visita, madre Clara ficou encantada com a construção e acabou aceitando o desafio de assumir as atividades do colégio. Assim inicia a história de uma instituição franciscana de ensino no sul de Mato Grosso, com as pioneiras Ir. M. Adelgisa Fuch, Ir. M. Edite de Lima, Ir. M. das Graças Silva (atualmente não pertence mais a congregação), Ir. M. Fides Gonçalves e Ir. M. Marta, na época ainda juvenista.³

O objetivo deste trabalho envolve uma problemática central: quem são as mulheres religiosas que participaram do projeto educacional e da construção histórica de um dos primeiros colégios paranaibano? Conhecer e escrever a história de vida dessas religiosas franciscanas, a partir da metodologia da História Oral, pretende acima de tudo, valorizar o discurso dessas mulheres, pois conforme se verificou por meio de levantamento bibliográfico, não existem, ou não foram localizados, ainda, trabalhos que privilegiem as memórias de franciscanas que fizeram parte da história da educação em Mato Grosso do Sul.

Os trabalhos localizados que envolvem o tema *franciscanas e a educação sul-mato-grossense* estão inseridos, sobretudo, no conjunto de investigações voltados para a História das Instituições Educacionais, não privilegiando, portanto, as histórias de vida dos indivíduos. Como, por exemplo, o trabalho de Amaro (2018) intitulado *Escola Franciscana Imaculada Conceição: história da instituição educativa na região de Dourados, sul de Mato Grosso (1955-1975)*, defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sob orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Brazil. O objetivo do trabalho foi analisar o movimento da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, as quais, oriundas da Província do Rio Grande do Sul, migraram para o sul de Mato Grosso, a partir do ano de 1954. A pesquisa se valeu de fontes históricas para análise da temática, fontes “oriundas da Diocese de Dourados, do

³ Foi possível entrevistar apenas uma dessas irmãs pioneiras: Ir. M. Marta.

Centro de Documentação Regional (DCR), com destaque para materiais iconográficos, ‘crônicas’ escritas por agentes da própria escola e Relatórios do Curso Normal”.⁴

Do mais, encontraram-se onze trabalhos sobre instituições escolares franciscanas de diversos estados brasileiros, como de São Paulo (SP), Goiás (GO), Rio de Janeiro (RJ), Pernambuco (PE), Minas Gerais (MG), Santa Catarina (SC) e Sergipe (SE). A maioria desses trabalhos buscou investigar a cultura escolar produzida nesses espaços de educação. Trata-se de três teses e oito dissertações.

Dessa maneira, levando em consideração a ausência de trabalhos com a temática, consideramos relevante este estudo, cujo objetivo geral consiste em contribuir para a história e historiografia da educação sul-mato-grossense. Para tanto, espera-se responder as seguintes indagações: em que contexto foi criado o Colégio Educandário Santa Clara? Qual foi a intenção do Frei Franciscano Pedro Holz ao convidar e insistir com a Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen para assumirem as atividades do Colégio? Quem são as religiosas que contribuíram na escolarização de uma parcela da população paranaibana e regional? O que há de comum e diferente nas histórias de vida dessas religiosas?

O trabalho foi devidamente submetido ao Comitê de ética com Seres Humanos da UEMS e depois de aprovado foi possível identificar os sujeitos da pesquisa. Por meio do contato realizado via telefone com a Madre Provincial Irmã Rosa Maria, da Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen, situada na cidade de Guaratinguetá/SP, foi possível agendar uma visita para apresentação do projeto que envolvia entrevistas gravadas com as irmãs que estiveram presentes na cidade de Paranaíba, contribuindo de alguma forma nos trabalhos do colégio. Na primeira visita identificamos treze religiosas que fizeram parte da missão educacional em Mato Grosso (do Sul), todas aceitaram participar da pesquisa. Após preparar o ambiente adequado para realizar as entrevistas expomos os seguintes eixos temáticos para as irmãs: família e infância, escolarização, vocação religiosa e experiência em Paranaíba.

As gravações foram realizadas individualmente com o auxílio de um aplicativo intitulado “Gravador de Voz” instalado no aparelho celular. No decorrer das entrevistas fizemos pausas de acordo com as necessidades de cada irmã. Tivemos narrativas longas e bem detalhadas, por outro lado, algumas irmãs não se sentiram à vontade em relatar as memórias de sua infância ou família, preferindo focar no eixo “experiência em

⁴ Amaro, 2018, p. 10.

Paranaíba”. O segundo passo realizado foi a transcrição das entrevistas. Optamos por fazê-la de forma fidedigna, para que no próximo encontro pudéssemos fazer as correções de acordo com a opção das irmãs. Marcamos a segunda visita cerca de seis meses depois da primeira. Nesse momento apresentamos a transcrição para as irmãs, que fizeram algumas correções. Em seguida, pôde-se realizar novas entrevistas, abordando assuntos não tratados na primeira e retomando com mais detalhes os eixos abordados.

Com as entrevistas corrigidas e aprofundadas, transformamos as narrativas das irmãs em um texto autobiográfico, para assim, valorizar as histórias de vida dessas mulheres religiosas a partir do seu próprio ponto de vista.

O trabalho está alicerçado na perspectiva de História e Memória, amparando-se na memória de treze mulheres religiosas franciscanas que exerceram atividades curriculares e não curriculares em um colégio situado no Sul de Mato Grosso, da década de 1950 a 1990. Para tanto, buscou-se respaldo em autores que conceituam memória a partir da História, como Halbwachs, Le Goff e Pollak

Halbwachs adverte que “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”.⁵ É a partir das “histórias vividas” por essas religiosas que buscamos valorizar suas histórias de vida, as quais se configuram o objeto de investigação dessa pesquisa, sendo assim, compreender o conceito e a utilização da memória no campo da história torna-se indispensável para investigar as fontes utilizadas.

Para abarcar o contexto em que a memória se insere nas pesquisas históricas, partimos de Le Goff, o qual defende que “a memória tem propriedade de conservar certas informações, o que nos remete a um conjunto de funções psíquicas, às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.⁶ Nas narrativas das irmãs alguns detalhes sobre suas vidas foram perfeitamente descritos. Fatos e acontecimentos que ocorreram a mais de setenta anos foram conservados por meio de suas memórias, como é o caso da Ir. M. Otília, hoje⁷ com noventa anos, narrou detalhadamente o dia em que foi para o colégio das irmãs a fim de continuar seus estudos, ela tinha apenas onze anos. Diante do diálogo proposto no momento da entrevista, Ir. M. Otília atualizou as informações do seu passado,

⁵ HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 1968, p. 60.

⁶ LE GOFF, J. *História e Memória*. 1990, p. 423.

⁷ 2018.

recorrendo à memória para se lembrar daquele momento considerado por ela importante em sua vida.

O estudo da memória abrange várias áreas, tais como “a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria”⁸, todas elas interessadas em compreender como ocorre o fenômeno da memória. Contudo, para este estudo, pretende-se compreender como a memória surge nas ciências humanas, principalmente nas pesquisas do campo da História.

Mediante um levantamento realizado sobre a “apropriação” da memória pelas ciências humanas, Le Goff revela que alguns cientistas aproximaram a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais, por levar em consideração que “os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”⁹, ou seja, a memória existe a partir do momento em que é narrada pelo indivíduo a um determinado grupo social. As narrativas das treze Irmãs Franciscanas de Siessen, do grupo à qual estão inseridas (a congregação) puderam ser reconstituídas a partir do momento em que o pesquisador organizou e propôs tal iniciativa.

Nesse sentido, Pierre Janet *apud* Le Goff “considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”.¹⁰ Para o autor, a memória tem uma função social que está relacionada com a linguagem.

Pode-se dizer que a memória se divide em duas categorias: individual e coletiva. Sobre a memória individual, desde sua recordação ao esquecimento, Le Goff (1990) aponta que a partir de estudos realizados por psicanalistas e psicólogos, é possível reconhecer que o consciente e o inconsciente são manipulados por sentimentos como “a afetividade, o desejo, a inibição, a censura”, ou seja, o indivíduo poderá se lembrar de fatos e acontecimentos ou não, dependendo do que representa determinado assunto para ele, construindo, assim, uma memória coletiva, a qual “foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder”.

⁸ Ibid., p. 423.

⁹ Ibid., p. 425.

¹⁰ Ibid., p. 425-426.

A história por muito tempo preocupou-se com as narrativas dos grandes homens, indivíduos considerados como “heróis” e manter essa imagem era essencial. De modo que, as “preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”¹¹ estão relacionadas ao medo de seu esquecimento. Preocupados em manterem-se vivos pela memória e, pela permanência no poder, esses grupos sociais dominantes são responsáveis pela manipulação da memória coletiva, o que pode ser observado a partir dos “esquecimentos e os silêncios da história”. As mulheres, por exemplo, fazem parte desse jogo de manipulação que as deixaram “de fora” da história, causando o seu silenciamento.

Com relação ao estudo histórico da memória histórica, Le Goff indica que “é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também, às fases de transição da oralidade à escrita”¹², essa transição é chamada por Jack Goody *apud* Le Goff de “domesticação do pensamento selvagem”. Para compreensão do estudo da memória histórica, Le Goff preocupou-se em estudar os cinco tipos de memórias descritas por ele como: a memória étnica nas sociedades sem escrita; o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita; a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; e, os desenvolvimentos atuais da memória.

O autor busca exemplos na história para explicar como a memória coletiva se configurou em cada período histórico, enfatizando que é necessário fazer uma distinção entre os povos sem escritas e os letrados, apontando que “na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana”.¹³ Ainda sobre a memória coletiva, Le Goff afirma e indaga: “Que objeto atualmente suscita mais a investigação e a reflexão dos historiadores, em colaboração com outros especialistas das ciências humanas e sociais, do que a investigação da memória coletiva, base da busca de identidade”?¹⁴ Para o autor, a identidade dos indivíduos é formada a partir da memória coletiva a qual esteve influenciado.

Nesse sentido, podemos nos questionar se as histórias de vida narradas pelas Irmãs Franciscanas de Siessen não estão carregadas por uma memória coletiva da qual

¹¹ Ibid., p. 426.

¹² Ibid., p. 426.

¹³ Ibid., p. 428.

¹⁴ LE GOFF, J. Prefácio *in: Apologia da História*. Marc Bloch, 2001, p. 28.

vivenciaram em sua formação enquanto religiosas, onde foi pregado sobre a idealização da congregação, desde a fundação da Casa-Mãe na Alemanha, à expansão para o Brasil. Seus valores, ideais e suas missões foram transmitidos para as irmãs durante todo o processo de formação, ou seja, suas identidades foram moldadas a partir do contexto a qual estavam inseridas, de modo que suas memórias estarão relacionadas a tal processo de formação. Contudo, existem lembranças que pertencem apenas ao indivíduo, pois faz parte de sua subjetividade.

Sobre a subjetividade da memória, Pollak (1992) indica que, a princípio, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, porém, argumenta que, desde os anos de 1920 e 1930, o pesquisador Maurice Halbwachs, “já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.¹⁵ Apesar do autor defender que a memória pode sofrer variações, Pollak indica que o indivíduo possui uma memória imutável, algo que nunca será modificado. Para o autor, “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis [...] É como se, numa história de vida individual [...] houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças”.¹⁶ Partindo de tais pressupostos, acredita-se, então, que haja tanto uma memória coletiva quanto uma individual e que cada uma delas possui elementos próprios que as constitui.

De acordo com Pollak existem três critérios para definir o que prevalecerá na memória coletiva e na individual dos indivíduos, que são: *acontecimentos*, *personagens* e *lugares* conhecidos direta ou indiretamente. Sobre os acontecimentos, o autor classifica em vividos pessoalmente e vividos por tabela, isso significa que os acontecimentos podem ser vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Os acontecimentos vividos por tabela são aqueles “dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.¹⁷ Para o autor, esses acontecimentos podem ser tão fortes a ponto de contribuir para a formação de identidades, sendo possível que “por meio da socialização política, ou da

¹⁵ POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. 1992, p. 2.

¹⁶ *Ibid.*, p. 2.

¹⁷ *Ibid.*, p. 2.

socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”.¹⁸ Nesse caso, mesmo não participando efetivamente de determinado momento, a memória poderá guardar e reproduzir detalhes de tal acontecimento.

Tal característica pode ser observada nas narrativas das irmãs. Todas contaram, algumas durante a entrevista, outras em conversa informal, como que Frei Pedro se dedicou na construção do colégio de Paranaíba/MT, trabalhando ele mesmo de pedreiro, sendo preciso mais de dois serventes para acompanhar seu ritmo de trabalho, pois ele era muito rápido e dedicado. Algumas delas não estavam presentes durante a construção do colégio, não presenciaram esse acontecimento, porém, narram esse fato com muita clareza, enaltecendo o trabalho do Frei, como se elas mesmas tivessem presenciado este momento.

Com relação ao segundo critério para a construção da memória coletiva ou individual, as *personagens/pessoas*, Pollak também aplica o mesmo esquema dos acontecimentos vividos por tabela. Para o autor, é possível falar de personagens que realmente conviveram no decorrer da vida dos indivíduos, como também, de personagens que não pertenceram ao mesmo espaço-tempo da pessoa, mas que, indiretamente, se transformaram quase que em conhecidas. Para exemplificar, o autor cita o caso da França: mesmo sem pertencer ao período, alguns conseguem sentir e falar sobre o general De Gaulle como se ele fosse um contemporâneo.

Por fim, Pollak discorre sobre os lugares da memória, os quais podem estar particularmente ligados a uma lembrança pessoal, no entanto, pode não ter apoio no tempo cronológico. Por exemplo, a pessoa pode se lembrar de um lugar onde passou as férias na infância e esse lugar permaneceu muito forte na sua memória, tão marcante que a data real em que as férias aconteceram não importa. Há também, os lugares públicos que servem de apoio da memória, como os lugares de comemoração, os monumentos aos mortos, etc.

Para Pollak esses três critérios explorados – acontecimentos, personagens e lugares – “podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos”.¹⁹ Essas projeções ou transferências dos fatos sociais estão diretamente relacionadas com a memória. Diante de tais apontamentos, os quais

¹⁸ Ibid., p. 2.

¹⁹ Ibid., p. 3.

apresentam diferentes elementos da memória, Pollak concluiu que “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.²⁰ Como também, que a memória é um fenômeno construído, social e individualmente. Essa construção depende de uma organização, pois como afirma Pollak “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”.²¹

Cada uma das treze narrativas presentes nesse trabalho possui características peculiares, selecionadas conforme a construção de suas memórias. Algumas irmãs consideraram que narrar aspectos de sua infância não era “importante” para os outros conhecerem, sendo assim, focaram apenas no momento em que estiveram presentes em Paranaíba. Outras já aprofundaram suas memórias desde a infância até os dias atuais. Contudo, todas buscaram em suas lembranças acontecimentos de um lugar: o Educandário Santa Clara de Paranaíba, cada qual com seu ponto de vista.

Com o intuito de reconstruir e valorizar as narrativas dessas mulheres religiosas, optou-se pela abordagem metodológica da História Oral (HO), respaldando-se em entrevistas gravadas para coleta de dados.

Estudiosos indicam que foi a partir dos anos de 1990 que os trabalhos com a HO se multiplicaram e ganharam maior notoriedade entre os historiadores brasileiros. Inicialmente, alguns pesquisadores defendiam que se tratava de uma expressão nova, com a seleção de novos objetos e abordagens específicas. Algumas das produções realizadas por pesquisadores estrangeiros sobre o papel e o status da HO, dentro da pesquisa histórica, foram reunidas por Amado e Ferreira (1996) em forma de coletânea no livro *Usos e abusos da história oral*, para assim, propiciar o diálogo entre praticantes e críticos dessa metodologia, que para alguns, não era considerada como metodologia.

Entre esses trabalhos encontra-se o texto de François (1992), o qual propõe uma reflexão sobre a questão levantada nos artigos produzidos pelos Annales na década de 1980. Esses artigos abordavam se a HO poderia ou não ser considerada como uma “outra história”, diferente da produzida até então. François sugere que principalmente os germânicos sustentavam que a HO surgira como uma “outra história” e que os mesmos viam nela um grande avanço e inovação, afirmando que seus objetos davam atenção especial aos “dominados, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada, à história local

²⁰ Ibid., p. 4.

²¹ Ibid., p. 5.

enraizada”.²² Desse modo, a seleção desses objetos deixados de lado pela história dita tradicional, e sua abordagem que dava preferência a uma “história vista de baixo”, caracterizaria a HO como uma inovação.

Por outro lado, François argumenta que essas razões não justificavam que a HO fosse tratada como uma “outra história”, visto que, em épocas anteriores, houve outros exemplos de trabalhos históricos realizados com novos objetos e novas abordagens²³. O autor afirma, ainda, que,

[...] nem em seus objetos nem em suas abordagens a história oral merece a qualificação de ‘história diferente’, e a acreditar-se que ela é uma ‘frente pioneira’ da pesquisa histórica e um dos campos em que se opera a sua renovação, como ignorar os múltiplos impulsos, os incentivos e os exemplos que ela encontrou fora dela, a ponto mesmo de alguns se perguntarem se a história oral não deveria parte de seu sucesso ao fato de ter sabido adaptar à história do tempo presente as problemáticas e os métodos desenvolvidos pelo que ainda há pouco chamávamos de ‘nova história’?²⁴

Nesse sentido, o autor defende que a HO não surgiu como uma história diferente e que ela está diretamente ligada aos métodos da “nova história”. François indica, ainda, que alguns historiadores, como Lutz Nietthammer, afirmavam que a HO não passava de uma técnica de investigação própria do século XX, uma ciência auxiliar da história contemporânea. François discorda desse posicionamento e assinala que “seu potencial documental e heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples ‘ciência auxiliar’, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo”.²⁵ Outro indicador de que a HO não é apenas uma ciência auxiliar recai na relação que o historiador estabelece com os sujeitos da história. Para François, esta relação configura-se como original, pois o tratamento com as fontes orais é mais perigoso do que com as documentais. Durante as entrevistas, o historiador tem apenas um domínio parcial do conteúdo que é abordado, visto que os entrevistados não se deixam manipular tão facilmente. A relação entre historiador e fontes é delicada.

Percebe-se que a utilização da HO como método historiográfico, antes mesmo da década de 1990, foi permeada pela discussão sobre sua conceituação e função. Como já mencionado, para alguns críticos a HO não passava de uma técnica, ou uma ciência

²² FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: *Usos & Abusos da História Oral*. 8 ed. 2006, p. 4.

²³ François cita os trabalhos realizados pelos historiados Daniel Roche (francês) e Arthur Imhof (germano-suíço).

²⁴ *Ibid.*, p. 6.

²⁵ *Ibid.*, p. 9.

auxiliar, pelo fato de trabalhar com elementos rotulados como subjetivos e de difícil manejo científico, tais como a “oralidade vertida em depoimentos e tradições, relatos e histórias de vida, narrações, recordações, memória e esquecimento etc.”²⁶

Entretanto, é pertinente apontar que, desde então, os historiadores orais assumiram que produzir HO vai além de simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros, para Lozano (2006) significa produzir conhecimentos históricos e científicos, para tanto, é necessário manter o rigor como em qualquer outra metodologia.²⁷ O autor defende, ainda, que “a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão e versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”.²⁸

Thompson (1992) afirma em seu livro *A Voz do Passado: História Oral*, (referência para praticantes dessa metodologia), que essa “nova” expressão é tão antiga quanto a própria história, visto que em épocas remotas a tradição oral era o recurso para se contar e transmitir as histórias de um povo. Porém, a retomada dessa metodologia por historiadores gerou alguns anseios, surgindo alguns desafios, como a preocupação em manter os padrões acadêmicos de uma pesquisa histórica. O autor defende, ainda, que as entrevistas podem contribuir para uma reconstrução mais realista do passado e, que vários historiadores já se beneficiaram dessa metodologia comprovando seu padrão acadêmico.

Da mesma forma, Alberti (2013) esclarece o uso histórico da HO e a preocupação gerada por seus críticos:

Sabe-se hoje que, desde a Antiguidade até antes do advento do gravador, o recurso a relatos e depoimentos para a reconstituição de acontecimentos e conjunturas não era incomum. No século XIX, entretanto, com o predomínio da história “positivista” e a quase sacralização do documento escrito, a prática de colher depoimentos esteve ligada a segundo plano. Considerava-se que o depoimento não poderia ter valor de prova, já que era imbuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória.²⁹

Ora, se os depoimentos são imbuídos de subjetividade, o que dizer dos documentos escritos? Eles foram produzidos a partir de qual perspectiva? Por quem? Com quais interesses e finalidades? Enfim, dizer que os depoimentos podem trazer as

²⁶ LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: *Uso e Abusos da História Oral*. 8 ed. 2006, p. 18.

²⁷ *Ibid.*, p. 16.

²⁸ *Ibid.*, p. 25.

²⁹ ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3 ed. 2013, p. 25.

falhas da memória não garante afirmar que os documentos oficiais tragam toda a “verdade” da história. Entretanto, de acordo Alberti, foi apenas na segunda metade do século XX que a HO passou a se apresentar como potencial de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais.

Thompson (1992) assinala que o uso metodológico da HO proporcionou uma mudança de enfoque. A partir dela, e com ela, seria possível convocar e entrevistar testemunhas que participaram de alguma forma dos grandes feitos, dos grandes acontecimentos, que antes não tinham a oportunidade de registrar suas experiências, seja de forma documental ou oral. Entre essas testemunhas estariam os desprivilegiados e os derrotados pertencentes às classes subalternas.

Além disso, os historiadores, por exemplo, do campo da educação, passam a dar atenção e preocupar-se com as experiências dos alunos, com os problemas dos professores e da escola, enfim, com aquilo relacionado ao seu campo de trabalho. O enfoque passa a ser a história do próprio sujeito relacionada aos acontecimentos e as conjunturas sociais. Essas características tendem a indicar que a HO surge como forma de mudança no fazer história, contudo, Thompson argumente que:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigações, pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode desenvolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.³⁰

Destarte, cabe ao pesquisador definir como trabalhará com tal metodologia, assumindo, assim, um compromisso com o resultado de sua investigação. Essa escolha metodológica entre os historiadores está presente em um cenário mundial. No início dos anos de 1970 houve sua difusão, partindo dos Estados Unidos e Europa. Essa propagação resultou na implantação de vários programas de HO, procedendo em inúmeras pesquisas que dela se valeram como método de investigação.³¹

No Brasil, em 1973 houve a criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC)³² e a partir de 1990 começaram a serem feitas as

³⁰ THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. 2 ed. 1992, p. 22.

³¹ ALBERTI, p. 26-27.

³² Sobre o CPDOC acessar: <<https://cpdoc.fgv.br/sobre>>.

primeiras entrevistas no seu Programa de História Oral. Nesse contexto, a difusão da metodologia alcançou instituições no país. O chamado “movimento da história oral” dos anos 1990 ampliou-se significativamente no exterior e também no Brasil, contribuindo para a fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO)³³ em abril de 1994.³⁴

O Programa de HO do CPDOC “tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação”.³⁵ Um dado interessante apontado por Alberti refere-se ao fato de que esse conjunto de documentação oral arquivada no CPDOC é possível graças ao recurso do gravador portátil, que a partir dos anos de 1950, permitiu congelar os depoimentos coletados, possibilitando sua consulta e avaliação em qualquer tempo o transformando em fonte para múltiplas pesquisas.

Ainda sobre a expansão da HO no Brasil, Amado e Ferreira (1996) na apresentação do livro *Usos e abusos da História Oral*, indicam que a mesma aconteceu no início dos anos de 1990, devido a frequência de seminários organizados sobre a temática e a incorporação pelos programas de pós-graduação em história de cursos voltados para a discussão da história oral. De acordo com as autoras, o contato com pesquisadores estrangeiros e com programas reconhecidos criaram canais importantes para o debate e a troca de experiências. A criação da ABHO foi um dos estímulos à discussão entre pesquisadores e praticantes da HO no país.

Sobre o status da HO, Amado e Ferreira esclarecem que o mesmo possui três principais posturas: há aqueles que defendem que ela deve ser utilizada apenas como técnica, interessando-se, basicamente, pelas experiências com as gravações, as quais serão transcritas e conservadas; os defensores da HO com o *status* de disciplina, os quais passam por uma dificuldade conceitual, pois para eles, a HO “inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos”³⁶, conceitos os quais divergem entre os autores; e, os defensores do uso da HO como metodologia, do qual Amado e Ferreira fazem parte, afirmando que, como

³³ Informações sobre a Associação podem ser consultadas no site: < <http://www.historiaoral.org.br>>.

³⁴ ALBERTI, p. 28.

³⁵ Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sobre>>.

³⁶ ALBERTI, p. XIII.

qualquer metodologia, a HO “apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática”³⁷

Essa ponte entre teoria e prática é para as autoras o terreno dessa metodologia, “o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões; formula perguntas, porém não pode oferecer as respostas”.³⁸ Desse modo, as respostas, as soluções e explicações da pesquisa histórica, devem ser buscadas na teoria da história, sendo assim, as críticas lançadas à HO devem ser vistas pelos pesquisadores da área como impulso para conscientizarem da importância do uso da teoria em suas produções.

Sobre sua conceituação, de acordo com Alberti a HO é vista como um método-fonte-técnica específicos, podendo ser rapidamente definida como um “método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar do objeto de estudo”.³⁹

Pode-se dizer, parcialmente, que as críticas ao seu uso metodológico recaem ao fato da mesma não ser considerada, pelos historiadores positivistas, uma fonte fidedigna como o documento oficial. Entretanto, da mesma forma que o documento oficial é produzido a partir da subjetividade de um sujeito, o mesmo ocorre com as fontes orais, as quais, segundo Alberti, adquiriram com o tempo o estatuto de documento, mas,

[...] isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da ‘história positivista’. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado ‘tal como efetivamente ocorreu’, e sim as formas como foi e é apreendido e interpretado.⁴⁰

Essa forma de compreender e interpretar o passado por meio de documentos orais requer algumas especificidades. Para Alberti essas especificidades que decorrem do emprego da HO como método de ampliação do conhecimento e como fonte de pesquisa só podem ser empregadas em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance, ou seja, a realização de entrevistas pressupõe o estudo de acontecimentos e/ou conjunturas ocorridos num espaço de aproximadamente cinquenta

³⁷ Ibid., p. XVI.

³⁸ Ibid., p. XVI.

³⁹ Ibid., p. 24.

⁴⁰ Ibid., p. 24.

anos. Esse tempo implica não apenas que “estejam vivos aqueles que podem falar sobre o tema, mas que estejam disponíveis e em condições (físicas e mentais) de empreender a tarefa que lhes será solicitada”.⁴¹

O trabalho com a HO constrói, desde o início, segundo a autora, uma produção intencional de documentos históricos, sendo assim, o pesquisador deve ter consciência dessa intencionalidade logo ao selecionar suas fontes orais. Ou seja, é preciso ter clareza ao selecionar as pessoas que darão os depoimentos.

Ainda sobre suas especificidades, Alberti argumenta que como qualquer outro método, a HO também tem uma natureza específica, natureza essa que condiciona as perguntas que o pesquisador poder fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que viveram aquele determinado momento, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar. Para a autora, “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados”.⁴²

As perguntas que norteiam as entrevistas devem sempre priorizar a visão que os entrevistados têm sobre o tema em questão. Portanto, uma pesquisa de HO buscará responder “o que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado”?⁴³ Para tanto, a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, mas sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Neste trabalho procuramos localizar o maior número de irmãs que trabalharam no Educandário de Paranaíba, porém, não com o intuito de acrescentar dados quantitativos à pesquisa, mas sim, por acreditarmos que cada irmã desenvolveu um papel único e importante no Colégio e, que cada uma, apesar de conviverem em grupo, a partir de suas singularidades, possui uma história de vida própria.

Ao desenvolver um trabalho a partir da metodologia da HO, o pesquisador define o tipo de entrevista que utilizará. Para Alberti há uma diferença entre as entrevistas temáticas e as de história de vida, sendo que a principal delas é que

⁴¹ Ibid., p. 28.

⁴² Ibid., p. 33.

⁴³ Ibid., p. 38.

nahistória de vida o indivíduo entrevistado é o centro dos interesses, enquanto nas temáticas são escolhidas pessoas que vivenciaram ou participaram de alguma forma do tema escolhido para serem entrevistadas. A autora afirma, ainda, que apesar das diferenças,

[...] ambos os tipos de entrevista de história oral pressupõem a relação com o método biográfico: seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre a vida do depoente e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência.⁴⁴

A biografia do entrevistado caracteriza-se como a principal especialidade do documento de HO, o qual “decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar em HO sem se pensar em biografia e memória”.⁴⁵

Além desses dois tipos de entrevistas citados, vale destacar a tradição oral praticada, principalmente, pelos norte-americanos. De acordo com Piscitelli (1992), a Antropologia trabalha com a tradição oral desde o desenvolvimento da disciplina, que por meio dos materiais orais busca descrever e compreender as comunidades. Contudo, foram os historiadores interessados na reconstrução histórica das sociedades sem escrita que “desenvolvem uma metodologia sofisticada que associa o estudo das tradições orais a uma preocupação com a temporalidade”.⁴⁶

Para os historiadores, as tradições orais transmitem oralmente e ao longo do tempo informações que provêm do passado. Porém, com a intenção de comprovar a confiabilidade desse material, eles são submetidos ao conjunto habitual de regras de evidência histórica, que são:

[...] consistência interna e externa, confirmação através da consulta a outras fontes, conscienciado “bias” potencial, etc. Nesta linha de trabalho só são consideradas evidências históricas as tradições que se originaram de observações de uma situação determinada. Por este motivo, para esta perspectiva é fundamental estabelecer que parte da mensagem recriada ao longo das gerações é “verdadeiramente” antiga e em que medida expressa uma relação de contemporaneidade entre registro e observação.⁴⁷

⁴⁴ Ibid., p. 48.

⁴⁵ Ibid., p. 31.

⁴⁶ PISCITELLI, A. *Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico*. 1992, p 150.

⁴⁷ Ibid., p 150.

Nesse sentido, para desenvolver um trabalho a partir das tradições orais, é necessário que o historiador mantenha distância dos fatores contemporâneos, bem como das lembranças pessoais da fonte.

Para Cruikshank (1994) a expressão tradição oral é ambígua, visto que sua definição muda no uso popular, podendo identificar um conjunto de bens materiais preservados do passado ou, pode-se utilizá-la para falar do “processo pela qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte”.⁴⁸ A maneira como é utilizada também depende do interesse dos envolvidos. De acordo com o autor, no século XIX as narrativas eram ignoradas. Uma geração posterior de acadêmicos mostrou-se preocupados com o contexto social em que ocorre a tradição oral. Em meados do século XX, os estruturalistas propuseram que as narrativas orais são expressões da mente humana, não se relacionando nem com o presente, nem com o passado. Há, também, o seu vínculo com os movimentos políticos. Enfim,

Por um lado, o interesse na tradição oral nasceu das esperanças nacionalistas de que se pudesse reconstruir uma herança cultural perdida ou em processo de desaparecimento para unir uma população. Por outro, esse interesse pode servir de instrumento ao Estado para ampliar os controles políticos e administrativos.⁴⁹

Para o autor, a tradição oral pode ser vista como um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimento, contudo, reconhecer os relatos orais como legítimos, não significa considerar que elas falam por si mesmos, seus significados precisam ser estudados na prática.

Alberti (2013) defende que em um projeto de HO é possível que sejam escolhidos mais de um tipo de entrevista. Levando em consideração que os indivíduos entrevistados para este estudo foram selecionados por pertencerem a um grupo: religiosas franciscanas que atuaram na educação paranaibana e, que, por outro lado buscamos trazer a lume as histórias de vida dessas religiosas de forma individual, podemos dizer que optamos pela história de vida temática. Nesse sentido, trabalhou-se a partir da perspectiva da autobiografia, visto que as entrevistas foram transformadas em um texto corrido, redigido em primeira pessoa. Ao transcrever as entrevistas e transformá-las em um texto autobiográfico, procuramos, acima de tudo, valorizar as histórias de vida dessas mulheres contadas a partir de seu próprio olhar.

⁴⁸ CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: *Usos e abusos da história oral*. 2006, p. 151.

⁴⁹ *Ibid.*, 153-154.

Arfuch (2010) indica que foi a partir dos debates sobre o fim da modernidade, em meados de 1980, que se tornou possível a prática de utilizar pequenos relatos em pesquisas do campo das ciências sociais. Essa nova perspectiva se tornou plausível devido à crise dos grandes relatos legitimadores, a perda de certezas e fundamentos (da ciência, da filosofia, da arte, da política), o que colaborou para “o decisivo descentramento do sujeito e, coextensivamente, a valorização dos ‘microrrelatos’, o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones, retóricas, paradigmas e estilos”.⁵⁰

Para a autora, esses “pequenos relatos narravam não só identidades e histórias locais, regionalismos, línguas vernáculas, mas também o mundo da vida, da privacidade e da afeição”.⁵¹ É nesse sentido que os relatos das Irmãs Franciscanas de Siessen tornam-se válidos, visto que o objetivo maior é possibilitar que a partir das memórias selecionadas as irmãs tenham consciência do importante papel que exerceram enquanto mulheres, professoras e missionárias. Para traçar a história das irmãs franciscanas de Siessen no Brasil e em Mato Grosso, até se chegar às suas memórias, dividimos o trabalho em três partes.

O primeiro capítulo aborda o cenário religioso no qual estava inserido o Estado de Mato Grosso no período da reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil, momento em que foram implantados vários projetos e medidas com o intuito de realizar profundas transformações no catolicismo brasileiro e de recristianizar a sociedade mato-grossense. Entre as medidas adotadas incluiu-se a importação de diversas Ordens e Congregações Religiosas estrangeiras, dentre elas, a Ordem dos Frades Franciscanos (OFM). Recorremos a história e a origem da Missão Franciscana em Mato Grosso para constatar que a ideia de construção, em Paranaíba, do Colégio Educandário Santa Clara teve origem com o Frei Pedro Holz, um missionário franciscano que teve por objetivo educar a população paranaibana nos preceitos da fé católica. Para tanto, era preciso encontrar uma congregação religiosa feminina que assumisse a direção do Colégio. Nesse cenário entra as Irmãs Franciscanas de Siessen.

Conhecedores de que as histórias de vida devem ser valorizadas e registradas, as treze narrativas compõem, na íntegra, o segundo capítulo desta dissertação. Antes de

⁵⁰ ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. 2010, p. 17.

⁵¹ *Ibid.*, p. 18.

apresentar os textos, expomos por meio de quadros a identificação das irmãs: data de nascimento, naturalidade, escolaridade e formação religiosa.

No terceiro capítulo apresentamos elementos que nos permitiram traçar o perfil de cada irmã, sugerindo o que há de comum e de diferente entre as treze histórias de vida apresentadas. Para tanto, buscamos conhecer e escrever parte da história da congregação alemã que está presente no Brasil desde 1936. A história do Colégio Educandário também foi considerada relevante no tocante à educação. Foram considerados para a análise dos perfis das irmãs os aspectos culturais de suas respectivas famílias, as normatizações de ensino nos períodos formativos, as constituições gerais e normas executórias da comunidade franciscana em que receberam a formação religiosa, indicando os aspectos relativos às fases pelas quais passaram: vestição, 1ª profissão e profissão perpétua.

CAPÍTULO I

FRANCISCANOS E FRANCISCANAS NO SUL DE MATO GROSSO

O ideal missionário franciscano revela [...] o desejo de subjugar, de conquistar, de controlar e de disciplinar. A cruz missionária simbolizava a ordem, em oposição ao desordenamento, e impunha uma espiritualização do espaço a ser incorporado. Essa consagração equivalia a um novo nascimento, agora sob o domínio da Igreja Católica. O objetivo era o triunfo definitivo da Igreja em todos os recantos, mesmo nos mais isolados e distantes (MARIN, 2017).

Em 1955, precisamente no dia 17 de fevereiro, partia da casa Regional das Irmãs Franciscanas de Siessen, situada em Agudos/SP, um grupo de missionárias com o objetivo de assumir e iniciar as atividades educacionais em um Colégio Católico Franciscano chamando Educandário Santa Clara, fundado na cidade de Paranaíba, no sul de Mato Grosso. As religiosas cujo destino tornaram-nas pioneiras nos trabalhos realizados no referido colégio foram as freiras Ir. Maria Adelgisa Fuchs, com a função de superiora da comunidade, Ir. Maria Edith de Lima, Ir. Maria das Graças Silva (que mais tarde deixou a Congregação), Ir. Maria Fides Gonçalves e a juvenista Dianya Leite, que depois se tornaria Ir. Maria Marta Leite.

Madre Clara, Superiora Regional até a véspera da viagem, acompanhou o grupo a caminho de Mato Grosso.⁵²O destino das irmãs era longínquo, a viagem cansativa, visto que era necessário fazer várias baldeações de trem e longos caminhos de ônibus.⁵³

O município de Paranaíba, destino das irmãs, está situado na Região Centro-Oeste do Brasil, no atual estado de Mato Grosso do Sul. A cidade foi fundada no ano de 1838, antes disso, o local era habitado pelos índios caiapós. Foi a partir de 1830 que a região começou a ser povoada por várias famílias oriundas de Minas Gerais, lideradas por José Garcia Leal. Em 1836, os Garcias, juntamente com o Padre Francisco Sales de Souza Fleury, pároco da Freguesia, ergueram, no povoado, a primeira igreja em louvor a padroeira Nossa Senhora de Sant' Ana.

Em sua homenagem, no dia 4 de junho de 1857, a vila foi denominada Sant'Ana do Paranaíba. Em 1938, o município passou a chamar-se apenas Paranaíba.⁵⁴Conforme as demais localidades do estado à época, Paranaíba era formada por uma extensa população rural, cujas atividades econômicas consistiam em pecuária e agricultura (especialmente de arroz). A população rural prevaleceu superior à urbana, pelo menos até o Censo de 1970, em que se indicavam 22.790 habitantes na zona rural e 8.510 habitantes na urbana.

Com relação ao campo educacional, prevaleciam, pois, as escolas rurais. Até o final dos anos de 1950, foram encontrados registros de 29 escolas rurais, e na década seguinte, 37.⁵⁵ A instalação de grupos escolares na zona urbana do município foi tardia, fontes apontam que o primeiro foi criado em 1928, denominado *Escola Reunida de*

⁵² CAMPOS, Irmã Maria Cristina Alves. *Em busca do absoluto*. 1 ed. Agudos/SP: Casa Regional das Irmãs Franciscanas de Siessen, 1986.

⁵³ Ir. M. Marta, 2018.

⁵⁴ Site da Prefeitura Municipal de Paranaíba, 2019.

⁵⁵ BERTOLETT, Estela Natalina Mantovani. Organização da Escola Primária em Paranaíba/MS (1935-1975). In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2013.

Paranahyba. O prédio da escola era alugado, custeado pelo estado de Mato Grosso, era um grande casarão, certamente construído para fins comerciais. Pelo Decreto nº 199 de 5 de maio de 1945, a Escola Reunida foi transformada no primeiro grupo escolar do município, chamado *José Garcia Leal*. O prédio escolar foi construído na área central da cidade, em frente à Praça da República⁵⁶.

Esses dados apontam que Paranaíba era uma cidade atrasada – se comparada a outras regiões do país – na questão da escolarização de sua população, devido à falta de instituições para esse fim. Fato que corroborou para a construção e inauguração em 1955, do Colégio Educandário Santa Clara, entregue às Irmãs Franciscanas de Siessen. O interesse desta pesquisa, conforme descrito na introdução do trabalho, trata-se das memórias de religiosas que contribuíram para o processo de escolarização da população paranaibana no referido colégio, desde sua fundação, em 1955, até momento em que encerram as atividades na escola, em 1996.

Buscamos compreender o que motivou as irmãs entrevistadas a assumirem missão num lugar tão distante de seus lares. Um lugar, conforme Marin (2000, p. 238) descreveu que estava inserido em “terras que só Deus conhecia” ou que “era esquecido até por Deus”. Conhecer a história de vida dessas religiosas significa valorizar o indivíduo, suas especificidades e singularidades. Contudo, sabemos que a história de vida das irmãs, como de qualquer pessoa, está inserida dentro de um contexto global.

Posto isto, procuramos, neste capítulo, apresentar elementos sobre o cenário religioso no qual estava inserido o estado de Mato Grosso no período da reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil. Veremos, também, que foram implantados vários projetos e medidas com o intuito de realizar profundas transformações no catolicismo brasileiro e de cristianizar a sociedade mato-grossense. Entre as medidas adotadas incluiu-se a importação de diversas Ordens e Congregações Religiosas estrangeiras, entre elas, a Ordem dos Frades Franciscanos (OFM).

Partimos da história e da origem da Missão Franciscana em Mato Grosso, seus ideais, conquistas e principais interesses no território, para constatar que a ideia de construção, em Paranaíba, do Colégio Educandário Santa Clara foi concebido por um dos membros da missão – Frei Pedro Holz – que, com objetivo de educar a população nos preceitos da fé católica, idealizou a instituição e, mesmo antes de sua conclusão, convidou as Irmãs Franciscanas de Siessen para assumir as atividades educacionais.

⁵⁶ Ibid., 2013, p. 6.

1.1 A Igreja Católica no Brasil: processo de reforma e reorganização (1844-1926)⁵⁷

Desde 1549, quase meio século após a chegada dos portugueses ao Brasil, a doutrina da Igreja Católica se faz presente na sociedade brasileira. Seus ensinamentos foram transmitidos, inicialmente, aos índios, por meio do projeto educacional dos jesuítas e dos portugueses, que vieram para a Colônia brasileira em busca não só de riquezas e interesse político, mas também com o intuito de evangelizar e expandir a fé católica. Para alcançarem seus objetivos era necessário conquistar a confiança dos gentios, para tanto, os jesuítas tiveram um papel fundamental na formação da estrutura social, administrativa e produtiva da sociedade em formação, considerando que sua função era converter o índio à fé católica por intermédio da catequese e do ensino de ler e escrever português⁵⁸. Criada não só para fins educacionais e de catequizações, a Companhia de Jesus tinha um projeto bem mais amplo de transformação social, com a função de propor e implementar mudanças radicais na cultura indígena brasileira⁵⁹.

Tais considerações apontam para a afirmação de que o Brasil foi constituído um país oficialmente católico, já que os esforços dos colonizadores, desde sua chegada, foram vigorosos nesse sentido. O fato é que a Igreja Católica se instalou no Brasil e não mediu esforços para manter sua hegemonia na sociedade. No início, ela foi consolidada pela aliança realizada entre a Coroa de Portugal e o Papado, por meio do envio da Ordem Jesuítica, útil aos dois, visto que Igreja e Estado pretendiam “expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé”⁶⁰.

A história do catolicismo no Brasil está relacionada a vários acontecimentos, desde a chegada dos portugueses, ao celebrarem a primeira missa, até a influência causada na cultura e na crença dos brasileiros. A Igreja Católica esteve presente em momentos importantes da história do país, como revoluções e ditaduras. Na época da independência, muitas lideranças religiosas católicas, como Frei Caneca, deram a sua

⁵⁷ Com o intuito de compreender o que é foi a reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil, recorremos ao recorte temporal de Dilermando Ramos Vieira, 2007. Por meio da obra, foi possível analisar as singularidades da diocese de Corumbá no contexto das reformas católicas.

⁵⁸NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões *In: Educar*,2008.

⁵⁹Ibid, 2008, p. 173.

⁶⁰Ibid, 2008, p. 171.

vida na luta por esse processo⁶¹. Tais acontecimentos, entre outros fatores, acarretaram no projeto de reforma da Igreja Católica brasileira, o qual se estenderia por anos.

Enfim, o que nos cabe discutir aqui é que a Igreja Católica no Brasil “tal como se nos apresenta hoje, é herdeira do processo de reforma e reorganização levado a cabo de 1844 a 1926, que rompeu com a tradição regalista transmitida por sua antiga Metrópole”⁶² e, entender o que foi a reforma católica, nesse período e nas décadas seguintes, se tornou essencial, na medida em que buscamos analisar as singularidades da diocese de Corumbá no contexto das reformas católica, resultando assim, na presença da Ordem dos Frades Franciscanos em Mato Grosso.

Ao iniciar o processo regular de colonização no Brasil, em 1530, os portugueses “não instituíram estruturas eclesiásticas fortes na imensa possessão que tinham na América”.⁶³ Esse fato deixou a Igreja em uma situação desalentadora, advindo daí um clero com formação deficiente. Quando o Brasil conquistou a independência, em 1822, o povo não tinha conhecimento doutrinário e, entre os membros da classe política e dirigentes alastravam-se livremente ideias maçônicas, galicanistas e alguns resquícios jansenistas.⁶⁴ No período do primeiro império e da regência essa situação pouco mudou, contudo, algumas iniciativas adotadas permitiram que profundas transformações acontecessem no período sucessivo, particularmente a partir de 1844:

(...) Foi a partir de 1844, com a posse de Dom Antônio Ferreira Viçoso como bispo de Mariana, MG, que as mudanças, até então parciais, gradualmente se afirmaram, não obstante isso tenha provocado uma série de conflitos, que contribuíram para a desagregação do Estado confessional, consumada com a Proclamação da República aos 15-11-1889. A separação permitia enfim à Igreja reorganizar-se, aumentando o quadro das jurisdições, e renovando a vida religiosa e a piedade popular.⁶⁵

As mudanças que surgiam favoreciam a Igreja na medida em que esta buscava libertar-se da tradição portuguesa política de intervencionismo do Estado no âmbito eclesiástico. Por outro lado, no período do Brasil republicano, a Igreja deixou de ser uma instituição oficial do Estado, o país foi proclamado um Estado laico, com liberdade religiosa. O ciclo de mudanças iniciado no segundo império, em 1844, fechou-se de certa forma em 1926, quando a “reestruturação eclesial, amadurecida, e dotada de

⁶¹Couto, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LjStbR19_m8.

⁶²VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Santuário, 2007. p. 9.

⁶³Ibid., p. 9.

⁶⁴Ibid., p. 9.

⁶⁵Ibid., p. 9.

suficiente força, lançara já as bases do almejado reconhecimento oficial que enfim aconteceria na década sucessiva”.⁶⁶ Antes disso, a Igreja Católica, no Brasil, assumiu diversos perfis devido a situação política de cada período.

Durante quase um século e meio, ela sofreu influências do regalismo decorrente dos projetos de Marquês de Pombal, o qual se estabeleceu e se desenvolveu com aceitação no Império brasileiro. Houve, também, adesão aos pressupostos teóricos e à legislação cerceadora que legitimaram a submissão do Altar ao Trono. No segundo império, a tendência cerceadora atingiu seu apogeu. No período seguinte, destaca-se a instauração de um novo modelo eclesial denominado de ultramontanismo - um componente essencial do projeto de reforma efetuado, pois sucessivas gerações episcopais ultramontanas empreenderam esforços para que a realidade eclesial do Brasil se aproximasse das diretrizes romanas. Essas medidas levariam a um confronto aberto com o Estado imperial, que desejava manter seu domínio sobre o clero.⁶⁷

Ao término desse conflito, foi possível “encontrar algo raro no Catolicismo do século XIX: a novidade de clérigos ‘ortodoxos’ e fiéis convictos, que para salvaguardar a própria identidade religiosa e seu espaço de liberdade, já se dispunham a tolerar o Estado leigo como recurso extremo”.⁶⁸ Ou seja, após a proclamação da República, a classe eclesiástica brasileira aceitou a secularização do Estado de forma mais pacífica. Por outro lado, houve algumas reações da religiosidade popular indisposta a enquadrar-se nos novos tempos, resultando em conflitos sangrentos. Enfim, pode-se dizer que árdua tarefa de reconstrução eclesial iniciou-se após a queda do Império e consolidou-se nos tempos do presidente Artur Bernardes, “quando o clero e o laicato católico organizado já se sentiam bastante fortes para exigirem um reconhecimento oficial”.⁶⁹

O Governo republicano brasileiro se prontificou a colaborar com a Igreja ao propor a realização de acordos missionários, uma vez admitido o fato de que “as missões católicas eram indispensáveis para a manutenção da integridade territorial do país e para ‘civilizar’ os índios”.⁷⁰ Nesse sentido, quando Deodoro da Fonseca foi eleito, o Barão de Lucena concluiu que deveriam apoiar a abertura de uma missão indígena ao norte do Amazonas, contudo, quando Fonseca renunciou, essa ajuda à Igreja foi comprometida. Mesmo assim, muitos políticos e eclesiásticos iniciaram uma

⁶⁶ Ibid., p. 10.

⁶⁷ Ibid., p. 10.

⁶⁸ Ibid., p. 11.

⁶⁹ Ibid., p. 11.

⁷⁰ Ibid., p. 380.

informal e verdadeira união de esforços para incentivar as missões não só na Amazônia com o convite feito à Ordem dos Capuchinhos para atuar na região, mas também em outros estados como São Paulo, onde recorreram aos salesianos. Estes, porém, não puderam se comprometer com essa missão, o que viria acontecer algum tempo depois, quando em 1893 “O bispo salesiano decidiu fazer do Mato Grosso o verdadeiro centro missionário da congregação no Brasil”⁷¹. Nesse período, a congregação se expandiu e passou a gozar de total liberdade, assumindo a responsabilidade de coordenar as missões no Brasil.

Em Mato Grosso, os missionários salesianos alcançaram os maiores sucessos, dado o fato de que o Governo estadual havia declarado total apoio à congregação. Tal apoio foi motivado por interesses específicos da classe política, que tinha por objetivo integrar os indígenas à cultura dominante, e para isso, necessitava que a missão atuasse junto aos nativos da região. Por meio da catequese, os missionários apostavam na mudança das condições psicológicas e sociais dos índios, que acontecia paulatinamente, por meio também, do ensino da língua portuguesa nas escolas e pelas oficinas construídas para satisfazerem suas principais necessidades. Aos poucos, os índios foram sendo “civilizados” a partir da confiança conquistada pelos missionários.

No processo de reforma e reorganização da Igreja Católica, várias Ordens e Congregações Religiosas estrangeiras foram convidadas para atuar em missões pelo país. Em Mato Grosso, além dos salesianos, atuaram também a Ordem dos Redentoristas e dos Franciscanos. A fim de compreender especificamente a presença e ação missionária dos Franciscanos, foi preciso conhecer o contexto da reforma no Estado, para tanto, encontramos na obra de Marin (2009), intitulada *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia*, o subsídio necessário para esta compreensão. A temática central da obra é a romanização na diocese de Santa Cruz de Corumbá, desde sua fundação, em 1910, até seu desmembramento em 1957. O autor utiliza, em seu texto, o termo romanização para se referir ao processo de reforma católica implementada no país. Apesar de ser criticado atualmente, o termo romanização da Igreja brasileira popularizou-se nas décadas de 1950 e 1960, sendo habitual o seu uso pelos autores até nas últimas décadas.⁷²

⁷¹ Ibid., p. 382.

⁷² Sobre a crítica do conceito de romanização ler: SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma*. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010.

1.1.2 Presença e atuação da Igreja Católica no sul de Mato Grosso: ofensivas em busca da consolidação da reforma

Criado em 1748⁷³, o estado de Mato Grosso situa-se na região fronteira do país (Paraguai e Bolívia), fato que teve relevante influência em sua formação histórica, devido ao contexto cultural heterogêneo e plural que vivenciou, tendo sido fortemente marcada pela presença numerosa de paraguaios, em especial a região sul do estado. Além disso, a historiografia aponta para o fato de que os costumes dos mato-grossenses “seriam desconcertantes, nocivos e viciosos, pois seriam mais afeitos aos indígenas, ou seja, próximos a barbárie e selvageria”.⁷⁴ Tais características teriam feito com que o mato-grossense perdesse sua identidade nacional, tornando-se fronteiro ao sofrer influência na língua, nos hábitos e nos costumes.⁷⁵

A população do território mato-grossense era considerada muito violenta, devido ao alto índice de criminalidade. “O isolamento, a impunidade, a facilidade de fuga e a ineficácia das medidas de repressão implementadas pelo Estado”⁷⁶ permitiam que essa situação permanecesse. Para os homens da região, “matar conferia prestígio a um indivíduo, desde que tivesse praticado o crime para preservar a honra pessoal ou de um ente próximo”. Esses dados levaram escritores a considerarem que em Mato Grosso “tudo vivia quase abandonado, reinando o terror, dominando a miséria, servindo de lei a vontade do mais forte e da carabina”.⁷⁷ As especificidades provocadas na região pelo caráter fronteiro se estendiam à formação religiosa do povo mato-grossense.

Para Melo e Silva, a fronteira era o local da decomposição moral e dos costumes, da licenciosidade, da promiscuidade, da corrupção, impunidade e da violência. Havia um estímulo à desonestidade e ao gozo dos prazeres. Os princípios religiosos não eram observados, exceto quando a fé católica havia sido internalizada, o que raramente acontecia.⁷⁸

⁷³ A criação, em 9 de maio de 1748, da capitania geral de Cuiabá e Mato Grosso foi resultante da estratégia da Coroa portuguesa, que procurou garantir o domínio político e militar de áreas ocupadas pelos seus súditos, principalmente, aquelas limítrofes com os domínios espanhóis na América do Sul (MICELI; GARCIA, 2014).

⁷⁴ MARIN, Jérri Roberto. *A igreja católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. Campo Grande, MS, UFMS, 2009, p. 56.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 56.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 44.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 43.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 56.

A hierarquia eclesiástica do estado condenava as práticas religiosas dos matogrossenses, as quais estavam ligadas às manifestações religiosas, tal como a realização de festas em homenagem aos santos padroeiros. Essas festas eram consideradas um evento social e religioso para a sociedade, pois se realizavam “leilões, rodeios, cavalhadas, bailes, cantorias, jogos, folias, tríduos, novenas, procissões, promessas, refeições, bebidas, quermesses e encontros amorosos”.⁷⁹ Além disso, as festas também eram vistas como “um espaço de solidariedade, de convivência, de sociabilidade, troca de experiências, notícias e segredos e de resistência e de contestação às normas da Igreja Católica, da polícia e do Estado”.⁸⁰ Logo, pode concluir-se que as manifestações eram multifacetadas, resultado de inúmeras contribuições e heranças culturais.

(...) O catolicismo luso-brasileiro recebeu novas contribuições dos indígenas, africanos, europeus e orientais. Ao se mesclarem espiritualidades diversas, múltiplas, surgiu uma espiritualidade híbrida e plural. Esta era marcadamente leiga e procurava manter uma independência em relação à autoridade eclesiástica. Elas reproduziam as práticas e representações da Igreja, mas as reinterpretavam constantemente. As fronteiras entre ambas não eram fixas, nem os modelos invariáveis. Essas manifestações eram vivas, ativas, estruturadas, coerentes e com uma leitura e visão do mundo. Para os católicos, estavam de acordo com os ensinamentos da Igreja. Na perspectiva oficial, eram negações do catolicismo romano e a catequese deveria conduzi-los à verdadeira prática de religião católica.⁸¹

A verdadeira prática religiosa católica referida acima está relacionada com as tentativas de a hierarquia eclesiástica implantar medidas da reforma católica, as quais se assentavam “na recristianização social, na substituição das manifestações religiosas existentes pela tridentina e na regeneração religiosa de Mato Grosso”.⁸² Para impulsionar essas mudanças era necessária a presença de religiosos na região, no entanto, “o número de padres sempre foi insuficiente para atender a todas as necessidades da população que estava privada da assistência religiosa regular”.⁸³ A história dos católicos que estiveram presentes em Mato Grosso com o objetivo prestar serviços religiosos, como administração de alguns sacramentos e a catequese indígena, sempre foi marcada por interesses políticos e eclesiásticos. No período Colonial e Imperial:

⁷⁹ Ibid., p. 71.

⁸⁰ Ibid., p. 74.

⁸¹ Ibid., p. 74-75.

⁸² Ibid., p. 81.

⁸³ Ibid., p. 81

A presença da Igreja estava associada à catequese indígena, à assistência religiosa aos militares e a seus familiares e à política de manutenção e de expansão das fronteiras. A Coroa Portuguesa, ao mesmo tempo em que expandia suas possessões territoriais, incorporava novos súditos aos reis de Portugal e, após a independência, ao Brasil e almas à Igreja Católica. As missões indígenas tinham uma função estratégica e política, pois povoavam as fronteiras, auxiliavam no abastecimento das guarnições militares e forneciam soldados para a defesa das possessões lusas.⁸⁴

Por mais que pretendesse abranger a todos os mato-grossenses com o ensino das normas do catolicismo, a Igreja Católica não conseguia estar presente no vasto território, de maneira satisfatória, neste caso, a população ficava por longos períodos privados dos serviços religiosos. Logo, “a escassez de padres permitia a atuação e a presença de religiões concorrentes e de agentes religiosos leigos, como curandeiros e feiticeiros”.⁸⁵ A Igreja tinha por objetivo mudar essas práticas, no entanto, o povo não correspondia às suas expectativas na medida em que se recusavam a internalizar as normas católicas.

Entre a população, havia aversão a uma religião amparada nas práticas sacramentais e na conversão interna. O homem mato-grossense estava acostumado a viver de forma livre e independente e para se manter assim “não aceitava os ensinamentos e determinações do catolicismo e a Igreja Católica ocupava um papel secundário na sociedade, pois o *ethos* o coloca fora do seu alcance”.⁸⁶

Foi na gestão do primeiro bispo de Mato Grosso, D. José Antônio, nomeado em 2 de julho de 1832, que as primeiras freguesias foram criadas, em Albuquerque e Miranda, depois, em Santana do Paranaíba, no ano de 1838; Coxim, em 1872 e Nioaque, em 1877. O bispo contou com a ajuda dos freis Capuchinhos Mariano de Bagnaia, nomeado pároco de Miranda, em 1859 e Antônio de Molineto para atuarem na diocese de Cuiabá, concedendo a eles faculdades de missionários apostólicos, de modo que pudessem atuar em toda a diocese. Os freis se dedicaram à catequese e ao trabalho pastoral e fundaram Missões entre os indígenas. Contudo, de acordo com o pároco de Miranda, a evangelização era dificultada pelo isolamento, pela dispersão da população, pela rarefação demográfica, pela falta de meios de transporte e de comunicação e pelos riscos de vida que corriam nas estradas.⁸⁷

⁸⁴ Ibid., p. 86.

⁸⁵ Ibid., p. 89.

⁸⁶ Ibid., p. 67.

⁸⁷ Ibid., p. 89.

Devido às dificuldades apontadas na região, muitos padres que iam a Mato Grosso retornavam à Corte na primeira oportunidade, alguns abandonavam as missões por não se adaptarem ao clima. Nesse sentido, pode-se entender que o resultado da escassez de padres e a dificuldade em prover as paróquias fez com que elas ficassem vacantes, durante várias décadas; que a catequese indígena fosse abandonada e que apenas uma pequena parcela da população fosse assistida.⁸⁸

Frei Mariano observou durante as visitas pastorais por ele realizadas (uma em 1876 e outra em 1882), que era muito difícil implantar a religião católica entre os índios, pois eram insensíveis à religião,

A busca por mudanças no cenário religioso passa a ser significativa a partir de 1879, quando D. Carlos Luiz d'Amour - um bispo reformador e ultramontano, assume a administração da diocese de Mato Grosso, com o objetivo de criar uma Igreja homogênea, centralizada e hierarquizada. D. Carlos diferenciava-se dos outros bispos por sua piedade espiritualista, austeridade, zelo e pela disciplina eclesiástica.⁸⁹ Com o objetivo de conhecer a realidade religiosa da diocese, de inspecionar as paróquias e corrigir os erros e abusos do clero e dos fiéis, a fim de conduzi-los à ortodoxia, D. Carlos realizou uma visita pastoral ao sul da diocese que durou cinco meses e vinte e um dias. A visita foi empreendida mediante dois aspectos: o civilizatório e o religioso:

A missão salvadora, catequética e civilizadora da Igreja Católica seria superar a barbárie e o atraso e conduziria o Mato Grosso ao progresso e à modernidade. A região apresentava-se como um espaço a ser incorporado à civilização, ao progresso e à Igreja Católica. (...) A Igreja agregava à identidade de Mato Grosso o estigma de atraso religioso e os mato-grossenses deveriam ser amorosamente conduzidos a superar esse estado. (...) No aspecto religioso, a visita objetivava difundir a ortodoxia católica, promover a substituição das manifestações religiosas da população, consideradas errôneas e supersticiosas, por outras mais próximas ao modelo tridentino e corrigir erros e abusos do clero.⁹⁰

O trabalho de evangelização e civilização entre os mato-grossenses não era considerado nada fácil. Para que o processo civilizatório fosse impulsionado, era necessária uma motivação, como um clero numeroso e devotado. Como não havia essa opção entre as populações indígenas, supunha-se que eles “difícilmente se tornariam

⁸⁸ Ibid., p. 90.

⁸⁹ Ibid., p. 95.

⁹⁰ Ibid., p. 97.

civilizados e católicos”.⁹¹ O isolamento dos mato-grossenses colaborava também com o distanciamento das normatizações da Nação, nesse sentido:

A viagem episcopal também se revestiu de um sentido nacionalista, ao criar laços de pertença à Nação. A visita pastoral criou vínculos de identificação com o Brasil, com o regime monárquico, com o imperador e com o governo provincial. Tratava-se de difundir o respeito às autoridades constituídas, ao bispo e ao Imperador.⁹²

Ao fim da missão realizada por D. Carlos, a avaliação realizada apontou para resultados parciais nos esforços missionários. Um dos motivos estaria relacionado à curta permanência da comitiva episcopal em cada local, o que seria insuficiente para mudar o comportamento religioso dos diocesanos, que era considerado insatisfatório. Anos após a visita episcopal, muitas paróquias ainda permaneciam vacantes e a assistência religiosa restrita a poucos mato-grossenses.⁹³ A escassez do clero sempre foi vista como um dos fatores que dificultava a administração dos serviços religiosos. Esse cenário modificou, parcialmente, com a presença dos Salesianos em Corumbá e em todo o sul de Mato Grosso a partir de 1898.

Com a chegada da congregação, foi possível a abertura de uma escola, que recebeu do município de Corumbá a doação dos terrenos para sua construção. “O apoio foi justificado pela importância da escola como instrumento civilizador e de progresso, numa região considerada isolada, incivilizada e bárbara”.⁹⁴ Em 1904, chegou a Corumbá as Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, com a finalidade de abrir um colégio feminino. Tanto os Salesianos quanto as irmãs sofreram campanhas dos opositores para que se retirassem da região, contudo, optaram por ali permanecer.

A situação da vida religiosa em Mato Grosso foi ainda mais dificultada com a secularização sucedida com a proclamação da República, já que as Igrejas não poderiam mais contar com as subvenções das Câmaras Municipais. Houve, também, mudanças no espaço urbano, que não poderia mais utilizar signos da Igreja Católica, pois se passou a “refletir um momento de organização laica, das instituições e da sociedade. Primava-se pela secularização, pela separação entre os poderes e pela liberdade de culto. (...) A Igreja Católica ficou isolada e sem os apoios tradicionais”.⁹⁵ Para contornar essa

⁹¹ Ibid., p. 104.

⁹² Ibid., p. 117.

⁹³ Ibid., p. 121.

⁹⁴ Ibid., p. 125.

⁹⁵ Ibid., p. 129.

situação, a hierarquia eclesiástica brasileira promoveu um projeto patrocinado pela Santa Sé de descentralização administrativa, expansão da hierarquia eclesiástica e ampliação dos meios de doutrinação e do magistério católico. Nesse sentido, em 1910, foi criada a Província Eclesiástica de Cuiabá, que teve como sufragâneas as dioceses de Santa Cruz de Corumbá e São Luiz de Cáceres. Dessa forma,

Seguindo a descentralização operada pelo regime republicano, a Igreja Católica promoveu todas as capitais dos estados brasileiros a sede de diocese. A vinculação dessas novas jurisdições à Santa Sé possibilitaria empreender reformas para cristianizar a sociedade mato-grossense.⁹⁶

O primeiro administrador apostólico das novas dioceses foi D. Carlos d'Amour, que confiou a diocese de São Luís de Cáceres à Terceira Ordem Regular de São Francisco e, para a de Santa Cruz de Corumbá, designou seu bispo auxiliar, D. Cirilo, o qual se tornou um bispo missionário realizando visitas pastorais. Durante as viagens, desenvolveu uma doença no aparelho auditivo, que lhe privou da audição, assim, em 1917, renunciou. A Santa Sé nomeou como administrador apostólico e bispo auxiliar, D. Francisco de Aquino Corrêa, com a missão de “dinamizar a organização da diocese e ampliar a colaboração dos Salesianos”.⁹⁷ Contudo, o novo administrador da diocese nunca residiu em Corumbá, e, “ao ser eleito Presidente do Estado de Mato Grosso, como candidato de conciliação entre os partidos Republicano Conservador e Republicano Mato-grossense, para o período de 1918 a 1922, a Santa Sé o exonerou dos cargos de administrador apostólico [...]”.⁹⁸ O bispo escolhido para assumir seu lugar foi Helvécio Gomes de Oliveira.

O cenário religioso de Mato Grosso permanecia sem grandes avanços e mudanças, mesmo com a criação da diocese em Corumbá. Um dos fatores continuava sendo a falta de padres, pois sem eles não era possível dar o atendimento espiritual a toda a população. Os Salesianos, envolvidos com o trabalho educacional e a falta de pessoal, estavam impossibilitados de assumir novas paróquias e percorrer em visita de desobriga toda a diocese.⁹⁹ A diocese de Corumbá encontrava-se, dez anos após sua criação, em péssimas condições. Os bispos posteriores que assumiram sua administração não conseguiam realizar os avanços desejados, como D. José Maurício,

⁹⁶ Ibid., p. 130.

⁹⁷ Ibid., p. 137.

⁹⁸ Ibid., p. 137.

⁹⁹ Ibid., p. 145.

que tinha por objetivo cristianizar, sensibilizar e converter os diocesanos, tentando implantar “o estilo de mando europeizado, alinhando-se às diretrizes da romanização”. Entretanto, o bispo desacreditou no progresso religioso de Mato Grosso, afirmando que o Estado era “um lugar atrasado, bárbaro, incivilizado e de clima insalubre. (...) Significava lugar ermo, desprezado, isolado, longínquo e esquecido. Seria um lugar a ser evitado a todo custo, local de exílio e perigo”.¹⁰⁰ Por essas razões, o bispo estava sempre ausente da diocese, o que não condizia com as atitudes de um religioso ultramontano. Mesmo assim, procurou realizar mudanças a partir de sua ação pastoral:

A ação pastoral de D. José Maurício centralizou-se na implantação de uma nova orientação doutrinária, com o fito de mudar o cenário religioso e a posição de lateralidade da Igreja Católica. Para tanto, inúmeras estratégias foram utilizadas, como a construção e reforma de igrejas, o convite para que Congregações religiosas masculinas e femininas atuassem na diocese e a constituição de um patrimônio diocesano.¹⁰¹

Com relação à importação de Ordens e Congregações Religiosas, os esforços de D. José foram improdutivos. Apenas os redentoristas austríacos aceitaram o convite, em 1924, para atuarem na Paróquia Santo Antônio em Campo Grande, porém, depois de apenas dois meses se retiraram, alegando que a escassez de recursos impossibilitava o sustento dos padres.¹⁰² A gestão de D. José durou oito anos, nesse período foram realizadas reformas com o objetivo de implantar o catolicismo decorrente da reorganização da Igreja Católica. “Sua ofensiva, no entanto, encontrou resistências e impasses na escassez do clero, na recusa da população em internalizar as normas católicas e na pluralidade de usos e entendimentos do sagrado”.¹⁰³ Enfim, conforme mencionado anteriormente, o cenário religioso da diocese de Corumbá avançou pouco desde sua criação, principalmente pela heterogeneidade cultural do sul de Mato Grosso, que mostrou ser resistente às tentativas de homogeneização católica.

As próximas tentativas de mudanças e consolidação das reformas aconteceram na gestão do bispo Pedro Massa, que assumiu de 1927 a 1929. Por meio de visita pastoral, procurou conhecer as principais paróquias e suas necessidades mais urgentes, relacionadas com os problemas já apontados em administrações passadas: “o abandono espiritual dos diocesanos, em virtude da escassez de padres, a autonomia dos leigos na

¹⁰⁰ Ibid., p. 151.

¹⁰¹ Ibid., p. 157.

¹⁰² Ibid., p. 188-189.

¹⁰³ Ibid., p. 189-190.

condução dos assuntos religiosos, o desconhecimento da doutrina e a recusa dos mato-grossenses em internalizar as normas católicas”.¹⁰⁴ Pedro Massa priorizou e fundou várias obras sociais e assistenciais, pois acreditava que assim reverteria a antipatia popular criada na gestão anterior. Assim como D. José, Pedro Massa também buscou ajuda das Congregações Religiosas europeias e recorreu à Santa Sé. O bispo acreditava ser formidável que as congregações se dedicassem também ao ensino, para ele a abertura de escolas católicas seria lucrativa, pois além de disciplinar e moralizar a população, seria um importante elemento de receita pecuniária. Entretanto, mais uma vez as respostas foram todas negativas, uma vez que as Congregações Religiosas alegavam falta de pessoal para assumir novos campos de trabalho.¹⁰⁵

Além dos problemas já mencionados a respeito da cristianização da sociedade, a ofensiva da Igreja também tinha como obstáculo as posturas de alguns padres e a presença de outros sem o uso de ordens ou jurisdição, como também, a permanência e expansão de outras religiões, entre elas o protestantismo e o espiritismo. As estratégias para combater e condenar essas religiões e sensibilizar os diocesanos foram diversificadas, entre elas estavam presentes a imprensa, que difundia os princípios mais elementares da doutrina católica e conteúdos ultramontanos; a distribuição de catecismos gratuitamente e a realização de missões populares nas paróquias de Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas. Pode-se dizer que os resultados dos esforços realizados eram satisfatórios, entretanto, pouco duradouros,¹⁰⁶ uma vez que a vida eucarística dos mato-grossenses continuava limitada aos colégios religiosos e sua participação nas práticas sacramentais acontecia de forma esporádica.

Depois de Pedro Massa, o próximo bispo indicado foi D. Antônio de Almeida Lutosa, que assumiu em 1929 e permaneceu até 1931. Para o clero, sua nomeação significava o surgimento de uma nova era promissora e fecunda, pois era considerado um bispo zeloso¹⁰⁷. “Sua gestão foi marcada pela tentativa de organizar a diocese, principalmente nos aspectos de constituição do patrimônio e da regeneração religiosa”.¹⁰⁸ Para tanto, procurou “regulamentar as doações realizadas à Igreja Católica e passou a fiscalizar a construção de capelas, igrejas e oratórios”.¹⁰⁹ Sua preocupação voltou-se, ainda, para a homogeneização da ação pastoral do clero, o que faria dele um

¹⁰⁴ Ibid., p. 193.

¹⁰⁵ Ibid., p. 200-201.

¹⁰⁶ Ibid., p. 203-204.

¹⁰⁷ Ibid., p. 215.

¹⁰⁸ Ibid., p. 216.

¹⁰⁹ Ibid., p. 216.

bispo diferente dos anteriores.¹¹⁰ Uma das ações realizadas para atingir esse objetivo foi a organização de retiros espirituais. Para restaurar a vida religiosa, D. Antônio, igualmente os bispos anteriores, apostou nas missões populares, porém, os resultados obtidos ainda eram momentâneos. Outra medida que o bispo empregou foi a ampliação das escolas católicas, com o intuito de propagar a doutrina católica, por meio do ensino religioso. Para os pais que “conscientemente matriculassem seus filhos em escolas acatólicas, estavam previstas penas eclesiásticas, como a excomunhão”.¹¹¹

A ofensiva realizada em Mato Grosso para restaurar a vida religiosa enfrentava a concorrência dos protestantes e espíritas, religiões condenadas pela Igreja Católica, a qual defendia que os brasileiros poderiam acreditar em apenas uma religião:

O catolicismo era a religião dos portugueses, dos antepassados e dos pais, portanto dos brasileiros. A herança portuguesa e a presença da Igreja desde a constituição da Nação tornavam estrangeiras as demais religiões. Ser brasileiro associava-se com catolicidade e os católicos deveriam manter-se firmes na sua crença, pois era a única e verdadeira religião que levaria à salvação eterna.¹¹²

D. Antônio, conforme seus antecessores, acreditava que com a ajuda de Ordens e Congregações Religiosas era possível mudar o cenário religioso de Mato Grosso. Portanto, continuou insistindo, enviando convites às Congregações europeias e norte-americanas, até que a Congregação do Santíssimo Redentor, os redentoristas, aceitou fundar uma missão na diocese de Corumbá. Pouco tempo depois, a Congregação convidou as Irmãs Vicentinas, que aceitaram atuar no setor educacional.¹¹³ Dessa forma, foi possível ocupar algumas paróquias que estavam vacantes. Salesianos e Redentoristas passaram a dividir a responsabilidade pela mudança do cenário religioso. A contribuição dos Redentoristas foi significativa, uma vez que dispunham de recursos próprios para construir edifícios próprios, conventos e escolas paroquiais que eram administradas pelas Irmãs Vicentinas.

Dessa forma, pode-se dizer que eles “Preenchiam uma lacuna deixada pelo Estado e, ao mesmo tempo, investiam num importante meio de difusão da doutrina e dos valores católicos”.¹¹⁴ Todo esse cenário de conquista provocou nos salesianos sentimentos de disputa e ciúme. Entretanto, ambos enfrentavam problemas comuns: a

¹¹⁰ Ibid., p. 219.

¹¹¹ Ibid., p. 238-239.

¹¹² Ibid., p. 240.

¹¹³ Ibid., p. 242.

¹¹⁴ Ibid., p. 258.

“recusa dos mato-grossenses em internalizar as normas católicas, a grande extensão paroquial das paróquias, a escassez do clero, a pouca frequência aos sacramentos, a falta de recursos, a rarefação demográfica”¹¹⁵. Os resultados de recristianização dos indivíduos e da regeneração social permaneciam parciais e pouco satisfatórios.

Em 1931, D. Antônio foi transferido para o Pará e durante dois anos a diocese ficou vacante, sendo administrada pelo vigário capitular Francisco Czapla. Em 1933, assumiu a diocese D. Vicente Bartholomeu Maria Priante, o qual se deparou com um cenário religioso de poucas transformações, mesmo depois de 23 anos de criação.¹¹⁶ Sua principal preocupação foi o avanço do protestantismo na área educacional e, como reação católica “direcionou-se à montagem de uma rede de escolas, ginásios, internatos católicos, aliada às campanhas de esclarecimento, sobre as sanções previstas no direito canônico, aos pais que matriculassem seus filhos nos estabelecimentos de ensino acatólicos”.¹¹⁷ Para tanto, como estratégia buscou importar outras Congregações e Ordens Religiosas e fundar uma Congregação diocesana feminina para atuar nos campos educacional, assistencial e pastoral.

Pode-se concluir que a gestão de D. Vicente foi considerada parcialmente satisfatória e produtiva, visto que no período em que permaneceu na administração, o patrimônio diocesano manteve-se estável e o número de padres e irmãs aumentou significativamente. Além do mais, “o maior avanço da Igreja deu-se no setor educacional, que totalizava dezesseis estabelecimentos, distribuídos em duas escolas voltadas para um público masculino, duas escolas para mulheres e 12 escolas paroquiais”.¹¹⁸ Outro ponto importante a se destacar na gestão de D. Vicente foi a atuação dos padres Franciscanos da Província de Santa Isabel da Turíngia, que ocorreu a partir de 1937. Em 1944, D. Vicente faleceu deixando a diocese vacante por três anos e meio, período em que foi administrada pelo vigário capitular de Corumbá, monsenhor Rodolfo Maria Wohlrab. Sem liderança episcopal, a ofensiva de reforma católica em Mato Grosso recuava.¹¹⁹

O próximo a administrar a diocese foi D. Orlando Chaves, eleito bispo de Corumbá em 29 de fevereiro de 1948. Sua gestão foi marcada por ofensivas para implantar as reformas e cristianizar a sociedade, provocando profundas transformações,

¹¹⁵ Ibid., p. 261.

¹¹⁶ Ibid., p. 265.

¹¹⁷ Ibid., p. 267.

¹¹⁸ Ibid., p. 315.

¹¹⁹ Ibid., p. 315.

principalmente no sul de Mato Grosso. O lema do brasão episcopal era *Salvar Almas*, pois a diocese era vista como uma terra quase missionária. Para ajudar a atender o vasto território de missão foi convidada a Ordem dos Capuchinhos, o que irritou os franciscanos, que já eram responsáveis pela região, mas, para o bispo era necessária a união entre as Ordens e Congregações. Com a forte atuação dos presbiterianos no mercado religioso, os franciscanos começaram a “difundir o ensino do catolicismo e da doutrina católica, a difundir associações religiosas, a intensificar as viagens de desobriga pelo interior e a catequizar as populações indígenas”¹²⁰ para assim mudar o cenário religioso decorrente da atuação protestante.

Foi no final da década de 1940 que Mato Grosso passou por transformações econômicas e sociais significativas, por meio do movimento chamado *Marcha para o Oeste*¹²¹, o qual possibilitou um intenso processo de povoamento e ocupação com a criação da Colônia Federal de Dourados, em 1943 e com a fundação de colônias agrícolas estaduais e municipais.¹²² D. Orlando Chaves e D. Francisco de Aquino Corrêa apoiaram o movimento, pois acreditavam que Mato Grosso receberia várias famílias católicas que migrariam para o território contemplado com as políticas colonizadoras. Para o bispo, “as colônias iriam tornar-se celeiros vocacionais, aumentaria a frequência às práticas sacramentais e que os migrantes fariam frente à expansão dos protestantes”.¹²³ Nesse sentido, havia novamente uma união entre a Igreja e o Estado, na medida em que a primeira defendia e apoiava o governo de Getúlio Vargas. Pode-se dizer que enfim, os apelos nacionalistas e religiosos uniam-se na ocupação, povoamento e regeneração da fronteira oeste e que “nacionalismo e catolicismo uniam-se no discurso da hierarquia católica na construção da história do Brasil e do povo brasileiro”.¹²⁴ O objetivo era que a família e a sociedade fossem impregnadas pelos princípios éticos e morais propostos pela Igreja.¹²⁵ Entretanto, a

¹²⁰ Ibid., p. 320-321.

¹²¹ A Marcha para o Oeste foi um movimento ocorrido durante a Era Vargas (1930-1945), especificamente no Estado Novo (1937-1945). O projeto governamental de Vargas à época visava consolidar um estado intervencionista e nacionalista em diversos setores, como, por exemplo, na divulgação do regime. Na década de 30, modernizar o Brasil seria não apenas direcionar os investimentos nos transportes, na saúde e na educação, era preciso também reunir todos os territórios, controlá-los de maneira que possibilitasse unir a população com vistas à segurança nacional. A partir dessa perspectiva, pressupunha-se que o Brasil superaria suas “amarras” coloniais no que se refere ao processo de ocupação e o “sertão” passaria a integrar o processo de desenvolvimento de cidades e indústrias. ARRAIS, 2016.

¹²² MARIN, Jéri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e o desacontecer* da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia. 2009, p. 404.

¹²³ Ibid., p. 404-405.

¹²⁴ Ibid., p. 407.

¹²⁵ Ibid., p. 412.

ofensiva católica não obteve os resultados desejados com o movimento, pois os migrantes, embora fossem considerados católicos, vivenciavam uma fé que se distanciava do modelo de catolicismo romanizado.¹²⁶

Foi ainda na gestão de D. Orlando que houve um crescimento da estrutura interna da diocese, tanto no número de paróquias, como de padres. Em 1956 contava com 34 paróquias, e em apenas uma não havia pároco próprio. Com o tempo, aconteceram transformações econômicas e sociais que acabaram tornando difícil a administração da diocese. Desse modo, em virtude do “desenvolvimento econômico, populacional, institucional (multiplicação das paróquias), a vastidão territorial e a impossibilidade de atendimento de todas as necessidades da diocese por um só bispo [...] a diocese de Santa Cruz de Corumbá foi dividida em 15 de junho de 1957”.¹²⁷ Embora a diocese tenha crescido e tenha ocorrido a sua divisão, não significava que a Igreja estava satisfeita com os resultados alcançados, já que ainda na década de 1950, Mato Grosso, estereotipado como *terra de ninguém*, era representado pelo episcopado da Província Eclesiástica de Cuiabá com sendo terra de missão, uma vez que a Igreja não estava organizada, a hierarquia continuava incompleta, não havia um clero motivado e a população não havia sido recristianizada.¹²⁸

Até o momento buscamos retratar o cenário religioso em que Mato Grosso estava inserido durante o período da reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil. Uma das medidas já apontadas como estratégia usada pela hierarquia eclesiástica e pela Santa Sé para consolidar seu projeto foi a fundação de novas Ordens e Congregações Religiosas. Essas tinham fins missionários e se preocupavam em restabelecer a hegemonia da Igreja Católica, direcionando seus esforços aos trabalhos de catequese, pastoral, educacional e beneficente.¹²⁹

Como já retratado, os bispos que passavam pela administração da diocese de Corumbá se preocupavam em manter os convites às Congregações estrangeiras. Tal estratégia estava vinculada ao movimento de reforma que o episcopado brasileiro estava implementando.

A carência de padres dentro dos cânones do ultramontanismo obrigou os bispos, desejosos de criar uma Igreja centralizada, hierarquizada e com sólida organização, a importar Ordens e Congregações religiosas europeias. As perseguições à Igreja Católica na Europa favoreceram, em certa medida, os intentos dos bispos, pois estes tinham um projeto de atuação religiosa e social

¹²⁶ Ibid., p. 413.

¹²⁷ Ibid., p. 413-414.

¹²⁸ Ibid., p. 426.

¹²⁹ Ibid., p. 424.

bem definido. Sua presença e apostolado contribuiu para a consolidação da romanização do catolicismo por meio da transformação do comportamento religioso do povo, da atuação no campo educacional e assistencial e na formação do clero brasileiro.¹³⁰

O fato é que os missionários enviados para Mato Grosso a fim de cristianizar a sociedade, esforçavam-se, ao máximo, para alcançarem seus objetivos; representavam-se como destemidos e conservadores da fé católica,¹³¹ por isso, buscavam superar os obstáculos encontrados no caminho. Por serem estrangeiros, tinham dificuldade em sentirem-se familiares e em aceitarem o Brasil como nova pátria. Seus relatos revelam o desagrado diante da diversidade étnica e cultural existente, sobretudo no sul de Mato Grosso, que era considerado atrasado religiosamente e culturalmente por eles. Ademais, sentiam-se orgulhosos por conhecerem e participarem da civilização, considerando-se superiores em nível étnico e cultural aos mato-grossenses.¹³² Os membros das missões listavam alguns empecilhos à atividade missionária realizada na região, tais como:

[...] a inexistência de vias de comunicação, a extensão territorial, a carestia de víveres, a falta de recursos, a ‘ferocidade’ dos indígenas e seu desinteresse pela catequese, a falta de conhecimento da doutrina católica, a decadência moral da sociedade, a propaganda protestante e espírita, a infinidade de animais selvagens e insetos, a solidão, as doenças infecto-contagiosas, o desconhecimento das línguas faladas, o calor e as diferenças culturais e étnicas.¹³³

Enfim, os missionários precisavam se adaptar a uma nova vida, aos costumes e à cultura mato-grossense para que o trabalho pastoral tivesse eficácia. O novo estilo de vida incluía a solidão das viagens, o banho nos rios e a comida típica de Mato Grosso, além disso, tiveram de internalizar as noções de distâncias, de tempo e moral.¹³⁴ As visitas que realizavam exigiam deles paciência, resignação, força física e sólida vocação missionária, pois precisavam enfrentar sérias dificuldades, entre elas dormir ao relento.¹³⁵ Com relação ao campo educacional,

A pastoral missionária valorizava a educação como um dos principais mecanismos para cristianizar os mato-grossenses e reverter o cenário religioso desfavorável. As escolas católicas procuravam mobilizar seus alunos para que atuassem como catequistas nos locais onde residiam. A estratégia de construir uma rede de escolas católicas visava a formação de

¹³⁰ Ibid., p. 424.

¹³¹ Ibid., p. 428.

¹³² Ibid., p. 432.

¹³³ Ibid., p. 435.

¹³⁴ Ibid., p. 450.

¹³⁵ Ibid., p. 455.

uma geração de leigos católicos, futuros pais de família, que poderiam ser mobilizados para auxiliar na cristianização social. Estes educariam seus filhos no catolicismo, gerando uma formação mais afeita às normatizações do catolicismo e celeiro de futuras vocações religiosas. No entanto, esse projeto não configurou-se, pois a maioria dos pais não matriculavam seus filhos nos estabelecimentos católicos e as escolas fracassaram na cristianização da sociedade.¹³⁶

A presença de Ordens e Congregações religiosas em Mato Grosso contribuiu significativamente para a construção de vários colégios na região, que apesar de terem sido fundados com intenções claras, relacionadas à cristianização da sociedade, acabaram suprimindo uma necessidade do Estado na medida em que o Governo não atendia a demanda da população mato-grossense. A Missão Franciscana foi enviada para Mato Grosso a fim de contribuir para o projeto de reforma empreendida pelo episcopado brasileiro, ao mesmo tempo buscava garantir a sobrevivência da província que passava por momentos de perseguição na Alemanha, que poderia levar a sua extinção. Os missionários franciscanos empreenderam várias atividades no Estado, entre elas a construção de colégios. Neste trabalho, interessa-nos conhecer a história da construção do Colégio Educandário Santa Clara, fundado na cidade de Paranaíba por meio de iniciativas do Frei franciscano Pedro Holz. Para tanto, será necessário conhecer, primeiramente, o contexto da vinda e a presença dessa congregação no território mato-grossense.

1.2 Missão Franciscana em Mato Grosso

Foi na obra de Pedro Knob (1988) intitulada *A missão franciscana do Mato Grosso* que encontramos subsídio para ilustrar como se deu a presença e ação missionária dos franciscanos em Mato Grosso, para assim analisar sua relação com o contexto das reformas católicas no Brasil e no estado. Conforme destacado anteriormente, as Ordens e Congregações religiosas tiveram um importante papel para a consolidação do projeto de recristianização da sociedade brasileira. Em Mato Grosso, o episcopado contou com o reforço dos membros da Província Franciscana de Santa Isabel da Turíngia, na Alemanha. A província foi ereta no ano de 1633 no Capítulo Geral de Toledo, por iniciativa do Pe. Joseph Bergaigne e exercia a sua atividade na cura de almas, no ensino e na Diáspora.¹³⁷

¹³⁶ Ibid., p. 463.

¹³⁷ KNOB, Pedro. *A missão franciscana do Mato Grosso*. 1988, p. 34.

Depois de sua fundação, passou por alguns momentos difíceis que impediram seu desenvolvimento, mas logo acabou florescendo, mesmo assim, se dividiu em duas: Província da Turíngia e Turíngia Inferior. Na época da secularização, em 1800, a Turíngia Inferior desapareceu¹³⁸. Já em 1887, houve um rápido crescimento. Depois da Primeira Guerra Mundial, em 1925, a Província se estendeu em diversos territórios, fundou vários conventos na Alemanha e passou a realizar missões populares, uma delas no Japão.

Em 1936 foi eleito um Novo Governo Provincial que, ao assumir, preocupou-se com a situação da crescente Província. O fato de haver mais de 600 membros e mais de 100 jovens noviços, apesar de ser um bom sinal de desenvolvimento, causou angústia. A questão era: “[...] onde arranjar lugar para todos esses frades e onde encontrar, na Alemanha, serviço para todos eles”.¹³⁹ Além disso, a situação política em que se deparava a Alemanha não era nada favorável para a construção de novos conventos, visto que os nazistas iriam dificultar qualquer tentativa nesse sentido. A missão mantida pela Ordem Franciscana no Japão, desde 1907, também não poderia receber mais missionários, uma vez que o número de vocações nativas já somava uma grande parcela dos seus membros.

Diante de tais fatores, o Governo Provincial decidiu-se por assumir um novo campo de trabalho missionário, buscando enviar um grande número de frades para outro território, o qual deveria tornar-se um lugar de refúgio, em virtude da perseguição nazista à Igreja e aos franciscanos que havia se agravado. Invasões a conventos e prisões de frades são alguns exemplos de ações que intensificaram o medo de extinção da Província. Posto isto, o Provincial Frei Vicente Rock, temendo o fim da Ordem Religiosa no país, buscou assegurar a sobrevivência da Província enviando frades para outro território, argumentando que, assim, haveria “em algum lugar do mundo pelo menos um broto da Turíngia, para no fim do domínio nazista se poder reimplantar de lá a Província para a Alemanha”.¹⁴⁰

Inicialmente, a decisão de enviar os confrades para longe não foi acolhida por todos. Alguns frades insistiram que não deveriam abandonar o povo católico naquele momento de grande necessidade. Mesmo assim, o Definitivo Provincial e a maioria dos membros consideraram importante garantir, primeiramente, a existência da Província. O

¹³⁸Ibid., p. 35.

¹³⁹Ibid., p. 35.

¹⁴⁰Ibid., p. 37.

motivo desses frades não concordarem com a partida para outro território pode estar relacionada não só com a preocupação com o povo religioso da Alemanha, mas também com o seu próprio bem-estar. Marin (2011) discute a presença dos franciscanos alemães em Mato Grosso fazendo apontamentos sobre suas vivências e identidades. O autor enfoca os religiosos como imigrantes que vivenciaram a experiência de deslocamento, voluntário ou involuntário e afirma que “Os freis foram obrigados a tornarem-se missionários numa região onde desconheciam o cenário religioso”¹⁴¹, isso porque desejavam e precisavam salvar a Província da extinção. O fato é que essa decisão afetou a vida dos frades, que tiveram suas identidades moldadas por uma cultura diferente, vivenciando costumes de um país ao qual não pertenciam, mas se esforçaram para compreendê-lo e se adequarem a ele.

Brasil foi o novo território escolhido para garantir o futuro e assegurar a sobrevivência da Província alemã. Havia poucos padres e passava por um momento de reforma e consolidação da Igreja Católica, que necessitava, naquele período, da ajuda de congregações estrangeiras. Depois de sondar algumas regiões brasileiras, como Belém do Pará, no Norte e São Luiz do Maranhão, no Nordeste, o Provincial escolheu o estado de Mato Grosso para fundar sua Missão, em virtude de ser uma região com o clima mais favorável e as perspectivas de desenvolvimento serem mais promissoras, já que por lá a ausência de religiosos era grande. Além disso, o episcopado brasileiro já havia realizado convites à congregação, conforme já mencionado. Logo,

A presença e atividade missionária em Mato Grosso foram justificadas por tratar-se de uma terra de missão, que era estereotipada, sob o ponto de vista dos religiosos, como ‘terra de ninguém’. Era o território do vazio, do desconhecido, espaço ainda não ocupado pela Igreja Católica, onde o diabo reinava triunfante tendo como súditos os mato-grossenses e indígenas e que ainda deveria ser conquistado, pois a presença da instituição era fluida.¹⁴²

Percebe-se que a instalação da Missão no novo território garantiria benefícios para ambas as partes. Por um lado, a Província alemã conseguiria seu lugar de refúgio, por outro, o episcopado mato-grossense, com o auxílio da Ordem Franciscana, garantiria uma ação civilizatória e catequética para a população, principalmente a indígena, que era considerada selvagem. O trabalho dos franciscanos seria auxiliar o clero na cura de almas regular entre os católicos, contudo, a grande missão estava

¹⁴¹MARIN, Jéri Roberto. *Os Franciscanos Alemães em Mato Grosso: Vivências e Identidades*. 2011, p. 334.

¹⁴²Ibid., p. 336.

relacionada à pastoração do interior, do sertão. Após aceitarem o convite e feita as negociações, no dia 29 de junho de 1937, em Fulda, foi realizada a festa de despedida dos primeiros missionários enviados para o Mato Grosso cuja finalidade fora preparar e fundar a Missão. Os primeiros padres a embarcarem para o Brasil, no dia 1 de julho de 1937, foram os Freis Eucário Schmitt, Wolfram Passmann, Antonino Schwenger e Francisco Brugger.

No início do ano de 1937, o arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, já havia entrado em contato com o Provincial da Turíngia para oferecer algumas paróquias, contudo, somente no começo de 1938 as negociações chegaram a uma conclusão para darem início à Missão. A primeira fundação foi na paróquia de Entre Rios, atual Rio Brillhante, porém, o atendimento se estenderia ao povo das paróquias de Dourados e Maracaju, visto que estavam vagas. Algum tempo depois, no dia 20 de março de 1938, foi fundada a segunda residência em Rosário do Oeste, situada a mil quilômetros de Entre Rios, ou seja, os padres franciscanos ficariam distantes uns dos outros, dificultando a consolidação dos objetivos da Missão.

Para dar início à nova obra missionária proposta pelos franciscanos era preciso que mais padres fossem enviados da Alemanha, já que, inicialmente, havia somente seis, dos quais dois eram irmãos. No dia 15 de maio de 1938, Frei Vicente Rock entregou a cruz missionária aos Freis Materno Holz, Reinaldo Schafer, Canuto Amann e aos irmãos Frei Hildeberto Hock e Frei Nicéforo Storch. Com novos padres chegando, o próximo passo dado pelos franciscanos foi a ereção de um Comissariado. Em virtude da distância do novo território de missão, era praticamente impossível governar da Alemanha. Por essa razão, o Definitório da Província da Turíngia solicitou ao Pe. Geral a criação de um Comissariado Provincial no Mato Grosso, o que aconteceu oficialmente no dia 15 de outubro de 1938. Frei Eucário Schmitt foi nomeado o primeiro comissário, atuando por três anos.

Quando iniciou a Segunda Guerra Mundial, em 1939, Frei Eucário precisou resolver sozinho os problemas da Missão, pois não era mais possível enviar correspondências à Província de Fulda. Outras dificuldades apareceram devido à guerra, como a impossibilidade de enviar mais confrades. Contudo, antes que irrompesse a guerra, Frei Vicente Rock enviou da Alemanha Nazista o maior número de membros que pode. Para o Brasil, foram encaminhados 19 frades, entre padres, clérigos, estudantes e irmãos.

O Comissariado de Mato Grosso teve um rápido desenvolvimento, contava com 39 membros em 1943. Em decorrer da perseguição nazista, Frei Eucário esperava a chegada de vários padres da Alemanha, sem saber ao certo a quantidade exata que viria, sentiu a preocupação de arranjar trabalho e subsistência para todos os membros. Assim, aceitou paróquias e estações que o ofereciam em diversas partes do Estado, sem ser possível, nesse sentido, realizar um planejamento da missão. Por isso, no início o Comissariado se caracterizou “pela dispersão espacial, pelo isolamento dos frades, pela dificuldade em governá-lo e pela impossibilidade de criar realmente uma fraternidade franciscana”.¹⁴³ Quando o Brasil entrou na guerra, a situação do Comissariado se agravou, visto que “diversos frades, por serem alemães, sofreram perseguições, alguns até foram presos como espões, foram proibidos de viajar sem salvo-conduto; mesmo no território da própria paróquia, não se podiam reunir”.¹⁴⁴ Logo, o desenvolvimento da missão estagnou.

Antes, porém, a missão se expandiu para o sul de Mato Grosso. Frei Materno Holz, que passou a se chamar Frei Pedro Holz, ficou responsável pela Paróquia de Santa Ana da Chapada, a terceira fundação do Comissariado. A quarta fundação foi em Herculânea, atual Coxim, a quinta em Ladário. A sexta fundação, entregue ao pároco Frei Vunibaldo Talleur, foi a Paróquia Sant’Ana de Paranaíba, que era uma das mais extensas do Mato Grosso. A próxima fundação foi a paróquia de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cuiabá. Em seguida, a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Porto Murtinho. Os franciscanos assumiram, também, paróquias em Goiás, pois acreditavam que com elas seria possível manter a Missão de Mato Grosso. Além das paróquias, os franciscanos assumiram, ainda, um importante papel no campo educacional na região, fundando escolas paroquiais onde havia paróquias.

1.2.1 Missão Franciscana de Mato Grosso e a Educação

Um dos aspectos característicos da historiografia brasileira no campo educacional é a ênfase dada ao exclusivismo da atividade missionária e educativa da Companhia de Jesus, a partir de sua chegada à Bahia, em 1549. Esse dado contribuiu para a marginalização da presença de outros grupos religiosos, que também tomaram parte no processo civilizador e educativo empreendido no Brasil, a partir do século XVI.

¹⁴³Knob, 1988, p. 62.

¹⁴⁴Ibid., p. 62.

O silêncio em torno da atuação de beneditinos, carmelitas, franciscanos e de outros religiosos no cenário educacional brasileiro, durante o domínio português, deve-se, inicialmente, à ampla visibilidade dada aos jesuítas, a quem foi creditada, durante muito tempo, a exclusiva responsabilidade pela formação da população brasileira à época, caracterizada na historiografia educacional brasileira como o ‘período jesuíta’¹⁴⁵. Quando nos debruçamos sobre a produção historiográfica regional, vemos que muito pouco foi produzido a respeito da ação educacional de outros grupos religiosos, especialmente os missionários franciscanos.

O propósito aqui é investigar e escrever sobre a ação missionária e educacional da Ordem Franciscana no Estado de Mato Grosso. É válido ressaltar as dificuldades encontradas nessa tarefa, visto que muito pouco foi escrito sobre a temática. Como já mencionado, os principais registros acerca da trajetória dos franciscanos no Estado têm origem basicamente na obra de Knob (1988). Alguns trabalhos acadêmicos foram localizados, porém, trata-se de estudos específicos sobre instituições escolares fundadas por franciscanos nas cidades de Dourados e Rio Brilhante.¹⁴⁶ Contamos, também, com alguns trabalhos de Marin (2009, 2011), autor que se dedica a pesquisar sobre a temática.

Quando os franciscanos fundaram a Missão no novo território, em Mato Grosso, a Igreja Católica brasileira buscava implementar um projeto de reforma, no qual estava incluída a formação de uma nova geração de fieis. A função dos missionários, nesse sentido, era trabalhar na cura de almas, para que, assim, o povo se encaminhasse à vida religiosa dentro da Igreja. Uma das estratégias necessárias e adotadas foi a fundação de escolas católicas, pois assim ocorreria o entrosamento entre comunidade e Igreja. Para administrar e dirigir essas escolas, os padres precisavam do auxílio de irmãs, que também passariam a ter papel fundamental na disseminação da fé católica. Assim sendo, em 1940 o Pe. Comissário Frei Eucário, escreveu aos seus confrades:

Não há que duvidar: precisamos de escolas que estejam sob nossa influência. Elas são uma condição prévia para uma atividade frutuosa. Por isso vamos fundar em todos os nossos lugares um colégio, uma escola paroquial de ensino primário, de 5 anos, para meninos e meninas, com internato para meninas. Essa escola será inteiramente confiada às Irmãs.¹⁴⁷

¹⁴⁵ Santos, 2007, p. 32.

¹⁴⁶ Tratam-se das dissertações de mestrado de Eliane Maria Amaro (2018) e Fanny Silva Valdez (2017).

¹⁴⁷ Knob, 1988, p. 73.

A fundação de escolas, por iniciativa das congregações, ocorria mediante objetivos religiosos, que era conseguir com eficiência a conversão dos mato-grossenses à fé católica. No início não foi fácil encontrar irmãs dispostas a assumirem as escolas paroquiais, devido o fato de Mato Grosso não ser bem visto aos olhos das religiosas. O Pe. Provincial da Turíngia achou conveniente solicitar ajuda das congregações brasileiras, já que a lei do ensino no Brasil, na época, não permitia a contratação de professores estrangeiros, a não ser mediante algumas condições: morar no país há anos e fazer um rigoroso exame na língua portuguesa. A missão de encontrar irmãs para dirigir as escolas católicas fundadas pelos franciscanos em Mato Grosso foi dada ao Pe. Comissário Frei Eucário. Após enviar cartas a várias congregações recebeu muitas respostas negativas. Em 1940, as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Maria de Bonlanden, de origem alemã, presente no Brasil desde 1928, aceitaram o convite do Comissário para dirigir a escola de Ladário. Essa foi a única congregação brasileira, inicialmente, que Frei Eucário conseguiu. Suas tentativas continuaram. Recorreu, então, a padres de outros países e, dessa forma, conseguiu uma Congregação americana disposta a mandar irmãs para o Mato Grosso. Tratava-se das Irmãs Bernardinas, de fundação polonesa, as quais já possuíam três casas no Brasil com cerca de trinta irmãs.

Em 1941, chegaram a Mato Grosso seis irmãs Bernardinas: três destinadas para Rosário do Oeste e três para Paranaíba. Logo depois, outras três irmãs foram para Dourados. Em 1942, a Congregação Brasileira de Jesus Adolescente assumiu a escola paroquial de Maracaju. No mesmo ano, três irmãs franciscanas de Bonlanden foram para Entre Rios, porém, não conseguiram registro dessa escola em Cuiabá, logo, em 1944 deixaram a cidade. As primeiras congregações femininas destinadas ao campo educacional não ficaram por muito tempo no comando das escolas paroquiais de Mato Grosso, um dos principais fatores do abandono foi a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o que agravou a perseguição aos franciscanos alemães presentes no país.

Na Casa Paroquial de Paranaíba, houve busca efetuada pelos militares que apreenderam um rádio e os livros das irmãs franciscanas. Frei Pedro Holz, Frei Antonio, Frei Bruno e Frei Valfrido foram presos e levados a Três Lagoas para serem julgados sob a acusação de serem espiões alemães, aviador, capitão da marinha e oficial do exército alemão. Foram acusados, também, de terem “uma rádio emissora para a Alemanha, um subterrâneo que abrigava uma companhia inteira, um esconderijo com

metralhadoras (...)”¹⁴⁸. Após seis semanas na prisão, os freis foram soltos. Em paróquias de outras cidades, padres estrangeiros foram presos e acusados de espionagem, o que dificultou ainda mais o trabalho das irmãs nas escolas.

A vida do comissariado de Mato Grosso durante a guerra não foi nada fácil, ainda assim, empreenderam iniciativas de construções, reformas e ampliações de igrejas, casas paroquiais e escolas. Porém, em 1944, além das irmãs de Entre Rios, foram embora as irmãs Bernardinas, fechando as casas de Rosário do Oeste, Paranaíba, Dourados. As Irmãs de Jesus Adolescente também abandonaram Maracaju. Apenas Ladário continuou contando com a ajuda das irmãs franciscanas de Bonlanden. Sobre as irmãs Bernardinas, foi relatado que:

As irmãs do Colégio Santa Clara deixaram Sant’Ana no dia 28 de abril depois de um trabalho precioso na educação da juventude na escola e de serviços dos doentes. Só 3 anos podiam manter-se com as maiores dificuldades. Os principais motivos por que saíram foram: falta de um bom número de alunos, dificuldades materiais; diziam que os recursos reais não correspondiam, absolutamente, às promessas feitas antes de sua chegada. Decerto esperavam, mais cedo ou mais tarde, uma perseguição igual àquela dos Padres. E com toda a razão. Pois o último processo contra Frei Pedro tinha por fim acusar o colégio de certos excessos. E, para evitar um processo contra o colégio, Frei Pedro tomou nas próprias costas todo o peso de responsabilidade.¹⁴⁹

Para os franciscanos era importante a permanência das escolas, pois a instrução religiosa sempre foi tida como obra de caráter fundamental na atividade apostólica. Inicialmente, tiveram de superar alguns obstáculos, como o desconhecimento das “verdades da fé” do povo mato-grossense, em especial os adultos que não demonstravam interesse por esse aprendizado. Com a finalidade de atingir o objetivo de cura de almas, os padres apostavam e se empenhavam na formação religiosa das crianças, atraindo-as para as escolas, onde recebiam aulas de catequese. Para os franciscanos, “com a escola se criava uma geração cristã através da boa instrução religiosa ministrada pelas irmãs na escola e na igreja, e praticamente se guiavam as crianças para uma vida de Igreja”.¹⁵⁰ Apesar do abandono das primeiras congregações religiosas, os missionários continuaram dispostos a investir nas escolas. Vinte e três anos após sua chegada ao território mato-grossense, os franciscanos dispunham:

¹⁴⁸ Ibid., p. 76.

¹⁴⁹ *Crônicas*, p. 28-29 *apud* Knob, 1988, p. 326.

¹⁵⁰ Knob, 1988, p. 113.

Segundo uma estatística de 1961, todas as paróquias tinham a sua escola paroquial, dirigida por religiosas, e quase todas dispunham de prédios amplos e modernos, também realizações dos missionários franciscanos. No território da Missão, havia 15 escolas paroquiais (Rosário do Oeste, Sto. Antônio de Leverger, Chapada, S. Vicente, Jaciara, Fátima, Rondonópolis, Campo Grande, Paranaíba, Cassilândia, Rio Brillhante, Dourados, Itaporã, Porto Murtinho e Ladário; 4 escolas normais (Dourados, Fátima e Rio Brillhante); 7 jardins de infância (Cuiabá, Ladário, Porto Murtinho, Paranaíba, Sto. Antônio de Leverger, Itaporã e Dourados); 4 escolas de costura (Rondonópolis, Cuiabá, Itaporã e Ladário); uma escola rural em Itaporã, na Chácara S. Francisco; pré-seminário e Seminário em Fátima de S. Lourenço e Rio Brillhante; 10 internatos para meninos ou meninas [...].¹⁵¹

Diante do exposto, é oportuno registrar que os franciscanos tiveram um papel importante no desenvolvimento da educação mato-grossense, mesmo que o objetivo central fosse a conversão da população ao catolicismo.

Conhecer a história de vida das irmãs que participaram do processo de escolarização da população paranaibana e região torna-se relevante na medida em que valorizamos a história do sujeito, suas singularidades e especificidades, que muitas vezes não são levadas em consideração pela história dita tradicional. No próximo capítulo, trazemos na íntegra, as treze entrevistas realizadas com as irmãs localizadas e que, de alguma forma, contribuíram com as atividades do Colégio Educandário Santa Clara. Não foi possível realizar um levantamento do número total de irmãs que trabalharam no Educandário durante o período de sua responsabilidade, contudo, aquelas que conseguimos identificar atenderam-nos carinhosamente e cederam valiosas entrevistas.

¹⁵¹ Ibid., p. 118.

CAPÍTULO II

NARRATIVA DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE SIESSEN

Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser narradas. Essa nota ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de preservar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda história do sofrimento clama por vingança e exige narração. (Paul Ricoeur, Tradução: João Batista Botton, 2012).

Figura 1: Foto com as Irmãs Franciscanas de Siessen entrevistadas¹⁵²



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018.

Mediante indicações e levantamento bibliográfico, foram localizados alguns trabalhos realizados sob a perspectiva de história e memória, produzidos na década de 1990. Um deles foi a dissertação de Sônia Maria de Freitas, intitulada *Reminiscência*, publicada como livro em 1995. A autora reuniu e analisou uma série de depoimentos de pessoas ligadas aos primeiros anos da USP, estruturando seu trabalho por um caminho reconstrutivo e cuidadoso mediante as memórias coletadas. Através de um roteiro planejado de perguntas a autora propôs aos depoentes um jogo em que o personagem principal era a memória e a experiência dos sujeitos.

Outro exemplo é o trabalho intitulado *Ser professor no Brasil: história oral de vida*, de Selva Guimarães Fonseca, publicado em 1997. Pelo registro das histórias de vida de diferentes gerações de professores, a autora analisou como a maneira de ensinar de cada um está profundamente ligada à maneira de ser, a gostos, vontades, necessidades, práticas religiosas e políticas desenvolvidas ao longo do tempo. A autora

¹⁵² Não realizamos entrevista apenas com a Ir. M. Zélia (sétima freira da esquerda para a direita, em pé) por ter ficado apenas alguns meses em Paranaíba não aceitou gravar entrevista, afirmando que não tinha muito assunto sobre o colégio. Mesmo assim a convidamos para participar do registro fotográfico, já que ela também fez parte da história do Educandário. Na fotografia aparece também a Ir. M. Rosa, Madre Provincial da Congregação (última freira da esquerda para a direita, em pé), apesar de não ter trabalhado em Paranaíba, ela foi muito importante para a realização deste trabalho.

defende que reconstruindo trajetórias de vida, os sujeitos reconstroem identidades, experiências e práticas em diversos momentos e espaços culturais da nossa história.

Localizamos, ainda, o estudo do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (1991), intitulado *A colônia brasilianista*, que nos auxiliou na medida em que o texto apresentou o percurso trilhado para textualizar as entrevistas de maneira adequada. Trata-se de um estudo sobre o Brasil através do olhar do outro, que no caso é o brasilianismo. O texto é rico em detalhes e surpresas, resultante de anos de pesquisa com o método da história de vida e da história oral, que são abordadas a partir de fartas referências bibliográficas.

Meihy (1991) discute as dificuldades enfrentadas no trabalho realizado com as entrevistas gravadas, em especial à textualização. O autor indica que foi preciso aprender a metodologia, o que exigiu tempo e dedicação.

Nessa etapa, íamos aprendendo as técnicas de passagem do discurso falado para o escrito, como superar alguns obstáculos ligados ao tratamento do texto da entrevista: limitação do vocabulário do depoente, [...] harmonização das coerências internas das ideias contidas na narrativa; tratamento da repetição de palavras; traduções de termos [...]¹⁵³.

Todo esse trabalho mencionado por Meihy com as entrevistas gravadas foi realizado neste estudo. Portanto, procuramos neste capítulo contar as histórias de vida das Irmãs Franciscanas de Siessen que contribuíram para a educação local e regional, pois conforme sugere a epígrafe, “as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. Ao definir o tema e a metodologia deste trabalho, partimos do princípio, assim como Meihy, de que a riqueza das experiências pessoais por si fariam muito.

2.1 Irmãs Franciscanas de Sissen e o Educandário Santa Clara de Paranaíba/MS

*A notícia de nossa visita espalhou-se pela cidade inteira. E todo mundo queria ajudar a nos receber. Era uma senhora que nos trazia um bolo, outra, um pudim, outra ainda, frutas de toda espécie. Todos queriam cumprimentar-nos e dar as boas-vindas. Nós ficamos simplesmente encantadas com o povo de Paranaíba!*¹⁵⁴

Depois de quatro anos que Frei Pedro Holz havia convidado as Irmãs Franciscanas de Siessen para assumirem os trabalhos na Paróquia de Paranaíba, Madre

¹⁵³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. 1990.

¹⁵⁴ Fala de Madre Maria Clara retirada das crônicas pela Ir. M. Cristina in Campos, 1986.

Clara aceitou conhecer a cidade e o colégio que o próprio Frei havia construído com a ajuda da comunidade. A visita foi realizada em 1954, porém, sem compromissos. Encantada com o prédio, sua beleza e estrutura¹⁵⁵, a Madre Superiora aceitou o convite do Frei Pedro para assumir os trabalhos no colégio. No dia 17 de fevereiro de 1955, partiram para o Mato Grosso as pioneiras dos trabalhos no Educandário Santa Clara: a superiora da comunidade, Ir. M. Adelgisa Fuchs¹⁵⁶, Ir. M. Edith¹⁵⁷, Ir. M. das Graças Silva (que deixou a congregação um tempo depois), Ir. M. Fides Gonçalves¹⁵⁸ e a juvenista Dianyra Leite, futura Ir. M. Marta. Com o passar do tempo outras irmãs foram enviadas para Paranaíba, contudo, não localizamos o registro com o nome de todas essas religiosas.

Com o intuito de apresentar as irmãs entrevistadas, dispomos no Quadro 1 a identificação de cada uma, informando nome civil e religioso, data de nascimento, naturalidade, data da vestição, da primeira profissão e dos votos perpétuos. A ordem dos nomes no quadro foi escolhida com base na data da vestição, primeira etapa da vida religiosa de uma freira, para que assim, possamos distinguir quem foram as primeiras irmãs a entrarem para o convento.

Quadro 1: Identificação das irmãs entrevistadas

Nome civil	Nome religioso	Data de nascimento	Naturalidade	Data da vestição	Data da 1ª profissão	Data votos perpétuos
Carlota Casagrandi	Ir. Maria Aparecida	27.07.1925 ¹⁵⁹	Laranjal Paulista/SP	23.02.1948	24.02.1949	26.04.1952
Therezinha de Paula Souza	Ir. Maria Rosa de Lima	12.01.1931	Dom Viçoso/MG	05.02.1950	11.02.1951	11.02.1954
Maria Laide Alves	Ir. Maria Josefina	18.07.1935 ¹⁶⁰	Dom Viçoso/MG	09.01.1955	10.01.1956	10.01.1962
Maria Pezotti	Ir. Maria Celina	29.05.1935	Cornélio Procópio/PR	09.01.1955	10.01.1956	10.01.1962
Dianyra Leite	Ir. Maria Marta	16.01.1936	Iacanga/SP	11.01.1957	12.01.1958	11.01.1964
Maria Clara Alves	Ir. Maria Cecília	11.03.1939	Dom Viçoso/MG	06.01.1959	07.01.1960	07.01.1966
Therezinha Rodrigues	Ir. Maria Otília	02.08.1928	Taquarituba/SP	07.01.1960	08.01.1961	08.01.1967
Maria Izabel Bez	Ir. Maria Terezinha	06.01.1938 ¹⁶¹	Graça/SP	06.01.1960	08.01.1961	08.01.1967

¹⁵⁵ Campos, 1986.

¹⁵⁶ Nasceu na Alemanha, no dia 05 de maio de 1913, permaneceu no Brasil de 1948 a 1978, data de seu falecimento, em Agudos/SP.

¹⁵⁷ Brasileira, nascida em 28 de julho de 1928. Faleceu em 28 de outubro de 2015.

¹⁵⁸ Nascida no dia 07 de abril de 1932, no município de Lins/SP, atualmente mora em Petrópolis/RJ.

¹⁵⁹ Faleceu em 06 de julho de 2018, em Guaratinguetá/SP.

¹⁶⁰ Faleceu em 23 de janeiro de 2019, em Guaratinguetá/SP.

¹⁶¹ Faleceu em 03 de março de 2019, em Guaratinguetá/SP.

Laudelina Ferreira de Melo	Ir. Maria Regina	30.12.1941	Sertanópolis/PR	07.01.1962	08.01.1963	05.02.1969
Leonilda Zembrani	Ir. Maria Salete	08.06.1937	Concórdia/SC	07.01.1962	08.01.1963	05.02.1969
Aurelina Pereira de Lima	Ir. Maria Eugênia	22.10.1942	Iturama/MG	06.01.1964	10.01.1965	09.01.1971
Lúcia Caliani	Ir. Maria Marcelina	10.03.1946	Getulina/SP	06.01.1965	09.01.1966	13.01.1972
Maria Francisca Ribeiro	Ir. Maria Francisca	08.05.1957	Bela Vista/MS	10.01.1972	15.01.1973	30.01.1978

Fonte: Sales, 2019

Desde sua fundação até o momento em que foi vendido, o Colégio contou com a presença e contribuição das irmãs franciscanas de Siessen para seu funcionamento. Foram enviadas irmãs para desenvolverem atividades curriculares nas funções de coordenadora da comunidade, professoras e diretoras, mas também, irmãs que seriam responsáveis pelo cuidado com as internas e com os afazeres da casa, jardinagem, cozinha, e outros. Entre as irmãs que passaram por Paranaíba para exercerem essas funções, foi possível entrevistar três delas: Ir. M. Celina, Ir. M. Salete e Ir. M. Rosa. Os próximos tópicos destinam-se às histórias de vida dessas mulheres, religiosas, missionárias, que dedicaram suas vidas às atividades da congregação e, parte dela na região sul-mato-grossense. Primeiramente, serão expostas as narrativas das três irmãs citadas acima, sendo a ordem escolhida pela data de transferência para Paranaíba, ou seja, da mais antiga para a mais nova.

2.1.1 Maria Pezotti: Irmã Maria Celina (1957)¹⁶²

¹⁶² Essa data refere-se ao ano de transferência para Paranaíba, e irá se repetir em todos os tópicos.

Figura 2 : Irmã Maria Celina

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Meu nome civil é Maria Pezotti e o religioso Irmã Maria Celina. Nasci dia 29 de maio de 1935. Vou fazer oitenta e três anos. Pelo menos não estou sentindo a velhice ainda, graças a Deus. A única coisa que me atrapalha às vezes é a pressão que sobe no calor.

Pezotti é um sobrenome italiano, meus avós vieram da Itália. Escolhi Celina para meu nome religioso por causa que eu li muito a história de Santa Teresinha e eu gostei muito da Santa Celina, que era uma santa muito simples, que sofreu muito, ela não queria nada de extraordinário, eu me encantei. Então, li o livro e falei: quando me tornar freira quero chamar esse nome.

Infância, família, escolarização

Quando criança morava no sítio com minha família, lá nós tínhamos uma vida simples. O sítio ficava em Cornélio Procopio, norte do Paraná. Era uma cidade bem simples, o que precisava buscávamos na cidade. Meus avós moravam do nosso lado. Mais tarde, meu pai vendeu o sítio e fomos embora para a cidade, lá ele trabalhou de carpinteiro.

Passei minha infância muito feliz nesse lugar. A gente ia para a escola, voltava, tinha o quintal para brincar. Não passávamos necessidade de nada, porque meu pai

trabalhava na roça. Meu pai tinha dez irmãos, seis mulheres e cinco homens. Quando meu avô comprou o sítio ele dividiu um pedaço para cada filho. Então, morava tudo perto, tudo que um precisava o outro ajudava. Eles plantavam um de cada vez, por exemplo, se plantasse feijão, espera dois meses para todos ajudarem na colheita. Quando o feijão do meu pai estava pronto eles vinham ajudar a colher, em duas semanas eles terminavam tudo, colocavam no caminhão e vendiam. Quando o feijão do meu tio estava pronto, era assim também. Eles eram muito unidos. Café, milho, feijão ... faziam tudo junto, nem precisavam pagar alguém, porque todo mundo ajudava, minhas tias, minha mãe, todo mundo. E para a gente era uma festa.

Lembro-me da minha primeira boneca de verdade, porque minha tia fazia boneca de pano para nós. Eu via a minha vizinha com aquelas bonecas grandes e bonitas, então um dia pedi para meu pai me dar uma. Ele disse: *Quando eu vender o café, eu compro uma para você.* E um dia ele comprou mesmo! Chegou em casa com uma boneca de verdade, mas era pequena, eu disse: *Mas pai não era dessa, eu queria uma grande, igual da vizinha.* Ele me disse que a fábrica de bonecas grandes havia pegado fogo e que só tinha da pequena. Então eu fiquei feliz com minha boneca.

Mas olha só o que aconteceu com a boneca ... Num sábado, depois de ajudar minha mãe limpar a casa, ela disse que eu poderia brincar um pouco. Então, peguei minha boneca e dei banho nela e enquanto eu lavava as suas roupinhas coloquei ela para secar no rabo do fogão a lenha. Quando eu voltei para buscar ela, não tinha mais nada, só o cotoco. Queimou tudo! Chorei, minha mãe disse que não precisava chorar porque meu pai compraria outra, mas eu disse que não dava, porque a fábrica havia queimado. Então nós fomos na casa da minha tia e pedimos para ela fazer uma boneca de pano para mim bem grande. Ela fez uma para mim e uma para minha irmã. Eu fiquei toda feliz, nunca mais pedi outra boneca de verdade para meu pai.

A nossa família era bem simples. Nossas roupas eram feitas em casa. Meus pais compravam o tecido na cidade e minha tia que costurava as roupas para nós. Elas fazia os vestidos, as roupas do meu pai trabalhar e de toda a família. Minha família sempre foi carinhosa, descendentes de italianos, tanto do lado materno quanto paterno. Meus avós eram muito bons, eu não saía da casa deles.

Comecei a estudar com sete anos. Fiz o primeiro, segundo, terceiro e quarto ano do primário numa escola da cidade de Cornélio. Como morávamos no sítio, todo dia andávamos uma hora para ir e uma para voltar da escola. Eu ia sozinha, depois com meus irmãos. Quando meu pai vendeu o sítio e fomos para a cidade ficou mais fácil de

ir para a escola. Mas eu nunca gostei de estudar, principalmente matemática, eu ia porque precisava. Gostava das professoras, em todo o primário só tive duas, todo dia eu levava frutas para elas.

Meu pai sempre foi muito rígido com os estudos, ai de nós se repetíssemos o ano. Ele acompanhava nossas tarefas. Todo dia quando chegávamos da escola tínhamos que fazer a tarefa antes de ir brincar e a noite quando meu pai chegava ele conferia tudo.

Quando meu pai era jovem, ele quis estudar com um professor, porque ele dizia que não queria aquela vida de roça para sempre. Então, meu avô deixou ele estudar, mas minhas tias não, porque eles falavam que mulher não precisava estudar, bastava aprender a escrever o nome que já estava bom. Com minha mãe foi assim também, ela começou a fazer o primário, mas logo parou. Quando se casou com meu pai, ele que ensinava as coisas para ela. Mas minha mãe sempre foi muito inteligente, fazia contas de matemática de cabeça.

Quando entrei no convento, com quatorze anos, não quis continuar estudando. Até comecei a fazer o ginásio, mas disse para a Madre Superiora: *Eu não quero estudar, não é o que meu coração quer.* Ela disse que eu poderia deixar os estudos somente com a ordem do meu pai, então, escrevi para ele. Quando ele foi me ver, expliquei a ele: *Pai, o senhor lembra do que eu disse ao senhor? Que se eu fosse freira eu não queria estudar? Eu disse que seria freira, mas sem estudar, ia trabalhar, fazer missão...* Ele concordou e disse que não ia me obrigar a estudar, mas disse: *Se a madre superiora falar que para ser freira não precisa fazer ginásio, faculdade, eu não vou insistir, mas se a irmã falar que você precisa fazer pelo menos o ginásio, você vai fazer!* Respondi: *Está bom pai, mas só o ginásio.* Ele continuou: *Se a Madre falar que precisa, você vai fazer, porque você quer ser freira agora tem que obedecer.*

A Madre respondeu que eu não precisaria fazer o ginásio, o importante era eu querer ser uma missionária. *Para nós aqui o importante é isso,* foi o que ela disse. Então, comecei a trabalhar nas missões, junto com os franciscanos capuchinhos, até hoje nós somos bem unidos.

Vocação

A minha vocação surgiu por meio de uma missão franciscana. Alguns franciscanos missionários foram lá em Cornélio e como nós sempre fomos muito participativos, rezávamos muito em casa, toda a família, um Frei ficou na minha casa. Como eu sou a mais velha dos três irmãos (duas meninas e um menino) eu ajudava

mamãe a fazer tudo, colocar a mesa, arrumar a casa... Quando o frei chegava em casa, ele tomava banho, comia e depois ficava lá na sala com meu pai.

Depois de observar como eu ajudava minha mãe em casa, o frei chegou em mim e fez uma pergunta: *Menina, você quer ser freira?* Rapidamente eu respondi: *Eu não, credo!* Nunca me esqueci da resposta que dei ao frei. Minha mãe, que estava na cozinha, ouviu e disse: *Menina, não responde assim o Frei.* Então eu falei: *Mãe, ele quer que eu seja freira, eu não quero ser freira.* Na época eu conhecia as irmãs paulinas e não gostava delas por causa das roupas que usavam, era uma roupa preta, meia preta... como eu era criança, com treze anos, não gostava dessas roupas, não.

Falei para meu pai que não queria saber de ser freira, não, ele me perguntou por que, sendo que eu nem conhecia freira. Disse que conhecia sim, aquelas freiras feias que iam em casa vender revista. Meu pai dizia que elas não eram feias não, que elas seguiam Jesus e usavam aquelas roupas porque tinham que ser diferentes das outras mulheres, como da minha mãe, das minhas tias. Mas, mesmo assim eu afirmava para meu pai que não gostava daquilo. Ele entendeu e disse: *Tá bom filha, não quer ser não vai.* Mas todo dia o frei falava comigo sobre ser irmã.

Perto de casa tinha um grupinho de crianças que eu sempre brincava. Aos domingos, juntava essas crianças para brincar na minha casa e depois as levava para a igreja, eu fazia elas ficarem sentadas direitinho, eu cuidava delas. Naquela época tinham as chamadas Cruzadinhas, outras meninas tinham os seus grupinhos e eu tinha o meu. Então, na igreja eu levava as crianças, as colocavam lá sentadinhas, bonitinhas, depois elas me esperavam na frente da igreja. Às vezes, o frei estava lá na frente e perguntava para as crianças: *O que vocês estão esperando?* Elas falavam: *A Maria.* O frei continuava perguntando: *O que a Maria vai fazer com vocês?* E as crianças respondiam: *Ela é nossa amiga.* Eu falava para elas que éramos todos amigos e elas gostavam.

Minha mãe fazia doce de abóbora, aqueles de pedacinhos, eu colocava nos saquinhos, depois da missa eu dava para as crianças. Ah, era a felicidade delas. Observando meu jeito, o frei falava: *Menina, você tem jeito de ser freira,* e eu sempre afirmando: *Eu não quero ser freira frei, já falei para o senhor, não quero ser freira.*

Mas olha, quando Deus chama, não tem jeito... Uma vez, antes do Frei terminar sua missão, ele nos levou em um clube, o único da cidade, para passar um filme sobre a vida de Santa Teresinha. Nossa! Eu fiquei apaixonada pela Santa Teresinha, vi a irmã Celina, aquela humildade e tudo.

Eu só não gostei de uma coisa na história... No filme mostrou que certa vez tinha bastante freira doente e a Celina foi levar um copo de água para uma das irmãs doentes, essa irmã doente pegou e jogou o copo de água na cara dela. Celina pegou, secou com um lençinho o rosto, encheu o copo de água novamente e falou: *Olha querida, esse copo de água é para você, o outro era para mim, você jogou na minha cara, agora esse é para você, vai tomar?*

Então a freira doente tomou... mas eu não gostei dela ter jogado a água na cara da Celina.

Quando cheguei em casa contei sobre o filme para minha mãe e falei: *Mãe, mudei de ideia, quero ser irmã. Mas tão depressa assim, o que aconteceu?*, perguntou minha mãe. Então, contei que foi através do filme que mudei de ideia, pois achei bonita a história daquelas irmãs. Ela só disse: *Ah, tá*, e ficou quieta, não falou nada.

No outro dia ela me disse: *Filha, olha, eu não conheço vida de freira, mas eu imagino que não deve ser só isso. Uma freira deve fazer muito mais sacrifício, como cuidar de doente à noite, ficar sem dormir, levar o doente no hospital, eu imagino que para ser freira não é só achar bonito e pensar que está certo. Então, você pense bem. Eu deixo você ser freira, tenho certeza que seu pai também deixa, mas você tem que pensar bem. Sabe o que nós vamos fazer? Nós vamos rezar toda noite um terço nessa intenção... se Nossa Senhora quiser mesmo que você seja freira esse seu desejo não vai acabar, você vai continuar com ele, aí a gente prepara você para ir. Agora, se o Senhor não quiser, você não vai ser, do mesmo jeito que você sempre disse que não queria ser.*

Eu concordei com minha mãe e partir daquele dia toda noite a gente rezava, ela sempre perguntava: *Para que mesmo é esse terço?* Eu respondia: *Para Nossa Senhora falar para mim se eu quero ou não ser freira.* E sabe que ela quis?! Porque nunca mais mudei de ideia.

Quando terminou a missão do frei ele ia embora, pedi para meu pai falar para ele que eu tinha mudado de ideia. Meu pai queria que eu falasse, mas eu estava com vergonha, porque toda vez que ele me perguntava eu falava que não queria ser freira, o que ele ia falar para mim? Meu pai deu risada e disse que falaria com ele.

O frei chegou, foi tomar banho e depois jantar. Meu pai queria falar com ele na mesa, mas como eu estava com vergonha, pedi para meu pai perguntar longe de mim, quando estivessem lá fora, porque todo dia depois do jantar eles iam sentar debaixo de uma árvore que tinha lá enquanto eu e mamãe arrumava a cozinha.

Então, meu pai falou com o frei. Naquele dia o frei não falou nada para mim. No outro dia ele levantou, foi para a mesa e me perguntou: *Como você está? Está tudo firme?* Eu respondi que sim. Corri na cozinha e falei para minha mãe: *Mãe, o frei está fazendo umas perguntas, perguntou se estou firme, respondi que estou.* Minha mãe ria... a gente era caipira né, do sítio, e disse: *Pois é, seu pai falou com ele ontem, mas ele quer que você fale com ele.* Respondi que eu não ia falar, porque estava com vergonha. Então minha mãe perguntou se eu queria ou não ser freira. Disse que sim, ela me disse: *Então você vai lá na sala e fala para ele, conta para ele o que te fez mudar de ideia.*

Então, fui lá e falei: *Frei, eu mudei de ideia.* Ele fingiu que não sabia: *Ah, você mudou? Mas que beleza! O que fez você mudar de ideia? Conta para mim.* Conte para ele do filme, daquele momento da cena que me chamou a atenção... E ele disse: *Então minha filha, para ser freira tem que ser assim mesmo, ter um coração aberto, se uma pessoa te ofende você não vai xingar e maltratar a pessoa. No filme, a freira maltratou a outra freira? Não! O que ela fez? Foi lá, buscou mais um copo de água e deu para ela. Pois então, é isso que você tem que pensar se você vai ser freira mesmo. Você não vai viver sozinha, você vai viver em uma comunidade, com várias freiras e nenhuma é igual a outra. Às vezes, você vai dizer uma palavra para uma freira que ela não vai gostar e se ela te responder mal, o que você vai fazer?* Fico quieta né padre. *Isso mesmo, tem que ficar quieta, não pode responder. Se você não gostou, a freira mesmo depois vai conversar com você, perceber que você não gostou, ela pode até fazer uma brincadeira para evitar uma briga.*

E sabe que essas palavras do frei foi uma lição para a minha vida, porque no convento a gente tem que viver assim. Se uma fala uma palavra e se você for responder do jeito que dá vontade, já é uma briga. Cada uma é diferente da outra, todas tem um temperamento. Eu sou alegre, ligo o rádio para trabalhar, a outra já não gosta muito disso, ela gosta de música baixinha, é outro temperamento completamente diferente do meu, e eu tenho que aceitar e ela aceitar o meu jeito. Nós nos respeitamos.

O padre me ensinou a viver em comunidade, a ser uma pessoa boa, uma pessoa que não tem que pensar só em mim, mas nos outros. E através do filme Deus me passou essa lição, foi um chamado, porque eu não queria ser freira. Então, com quatorze anos eu fui para o convento.

Uma Amizade

Quando eu era criança eu tinha um coleguinha na escola, a gente brincava muito de casinha, de roda, na época não tinha malícia. No nosso grupinho sempre tinha um coleguinha que ia buscar as coisas para nós, enquanto a gente ficava brincando os meninos iam comprar doce de abóbora e maria mole. Tinha um que dizia querer casar comigo, chamava Ivo, ele falava para mim: *Eu só vou comprar o doce se você falar que vai casar comigo.* Eu falava: *Vai comprar que eu caso!*. Eu levava frutas para as crianças na escola e doces que minha mãe fazia. Eu levava para o Ivo também e falava para ele: *Se você não comprar maria mole para mim eu não te dou doce.* E ele falava: *Se você não me der doce eu não caso com você.*

Às vezes eu contava para minha mãe e ela falava: *Vai sair casamento mesmo, o que vocês vão levar no dia do casamento um para o outro?* O Ivo falava que gostava de mim e eu falava: *Eu também gosto de você, mas o dia que você não trouxer doce para mim acabou a nossa amizade.* Um dia minha mãe falou para mim: *Minha filha, não pode fazer assim, é feio amizade de interesse.* E eu falava: *Mas mãe, ele não tem a fruta, eu tenho, a gente troca...* Mas, de tanto minha mãe falar, um dia falei para ele: *Olha, vamos fazer assim, o dia que você tiver doce para trazer você traz, o dia que não tiver, não precisa, tá bom?* *Eu gosto de você, vamos ser amigos sem interesse porque minha mãe disse que é feio isso.* E realmente nós ficamos amigos. Às vezes ele levava doce para mim. Depois que mudamos para o centro da cidade não vi mais ele, porque o Ivo também mudou para outra cidade pertinho.

Bom, depois fui para o convento. Você acredita que quando ele ficou noivo ele foi na minha casa perguntar para a minha mãe se era verdade que eu estava no convento?! Minha mãe respondeu que sim e perguntou por que ele queria saber. Ele disse que queria que eu fosse ao casamento dele... Minha mãe ficou surpresa e disse: *Você ainda lembra-se dela? Ela nunca mais falou de você ...* E ele respondeu: *Olha dona Palmira, eu nunca tive uma amizade que eu guardasse no coração como essa.* E minha mãe falou para ele: *Olha meu filho, pelo menos quando ela veio de férias, ela não comentou de você. Mas eu posso mandar uma cartinha para ela, mas acho que ela não vai poder vir no seu casamento.* E ele: *Será que ela não vem?* Minha mãe: *Eu acho que não, porque ela está estudando lá no convento, se preparando para ser freira.* Como minha mãe ia no convento todo mês, ela disse a ele que ia pedir para eu rezar por ele. Ele disse: *Dona Palmira, tem certeza que ela não vai sair do convento?* Minha mãe respondeu que isso não poderia dizer a ele, porque ela não sabia. Aí ele disse: *Tem hora que eu penso... e se eu casar e ela sair do convento? Eu vou atrás dela para casar com*

ela. Minha mãe falou para ele: *Olha meu filho, não faça isso. Você não está feliz com seu noivado?* Ele disse que estava, mas que se eu saísse do convento ele casaria comigo.

Minha mãe falou: *Meu filho, a Maria não vai sair do convento para casar com você. Ela nunca mais falou de você, então esqueça ela e se case sim. Espero que você venha aqui sempre me ver. Promete?* Ele prometeu e um dia até levou a noiva dele lá para minha mãe conhecer.

Depois que minha mãe me contou isso, eu escrevi um cartão para ele dizendo que eu desejava a maior felicidade do mundo para ele, eu queria que ele fosse sempre feliz, que eu ia rezar sempre por ele. Minha mãe disse que ele pulou de alegria quando recebeu o cartão. Então, para você ver, era uma brincadeira e ele levou a sério. Eu nem lembrava dele, coitado. Minha mãe falou para ele que eu estava feliz, que estava em outra vida, disse para ele seguir o casamento dele.

Eu falei para mim mãe convidar ele e a esposa para me visitar no convento, para a gente conversar, recordar o tempo de infância. Ele disse para minha mãe que não ia não, agora porque, eu não sei. São as coisas da vida. Às vezes a gente fala as coisas sem pensar.

Paranaíba

A primeira vez que fui para Paranaíba foi no ano de 1957. Quando cheguei lá o que mais precisava era de uma irmã que cuidasse da casa e que fizesse todo o trabalho do jardim e da horta, que, aliás, nem existiam ainda, só tinha terra. Como eu sempre gostei desse trabalho falei para as irmãs que então eu deixaria a parte da catequese, que eu sempre dei, e assumiria o trabalho do jardim e da casa. Além disso, tinha mais um trabalho, que era cuidar dos freis. Quando comecei a trabalhar no Educandário cuidava da cozinha, da comida, da casa, da roupa das irmãs, internas e cuidava também das roupas dos freis que moravam em Paranaíba. Eles levavam as roupas até o colégio para eu lavar. No começo a gente não tinha nenhum pagamento, então tudo que a gente precisava fazia uma lista e era o frei quem comprava. Tanto material de limpeza, para refeição, alimentação, tudo ele levava, porque nós não tínhamos dinheiro. Eu fazia a lista e ele levava tudo em dobro, então graças a Deus nunca nos faltava nada, tinha sempre de sobra.

Quando o colégio iniciou em 1955, havia algumas alunas internas, mas quando eu cheguei, muitas tinham ido embora porque não se adaptaram. Então, o Frei chegou em mim e disse: *Já que a senhora aceitou esse trabalho, a senhora aceitaria se eu*

enviasse algumas meninas da fazenda que pudessem estudar? Porque os pais vêm reclamar que não tem condição de pagar o colégio e nem de mandá-las, porque aqui tudo é longe, não tem nem estrada, são só caminhos, precisa de jipe para chegar nas matas. Eu falei: *Olha, por mim eu aceito, mas tem que falar com a superiora, a Irmã Adalgisa.* Eles conversaram e ela aceitou, pois disse que nós precisávamos fazer missão também, não era só ficar em casa, então vamos começar.

Nós tínhamos doze meninas internas que ficavam lá para estudar, mas não tinham condições de pagar. Então, eu pensei e falei para a superiora: *Irmã, os pais dessas meninas são todas pessoas que trabalham em sítio, eles devem ter milho, feijão... não sei o que dá nas terras aqui de Paranaíba, não conheço a alimentação deles, mas podemos pedir que nos tragam esses alimentos.* A irmã resolveu perguntar para o Frei o que se plantava em Paranaíba, pois fazia tempo que ele morava lá, deveria saber. O Frei respondeu que lá dava de tudo, era só plantar. Assim eu dei a ideia para a Irmã: *Mas então irmã, essas internas não vão precisar pagar o colégio, contanto que elas nos tragam o que a gente precisa.*

Olha, foi uma benção, meu Deus! A gente recebia tanto alimento que tinha que dar para outras pessoas para não estragar, de tanto que eles levavam. O frei comprava bastante coisa para a gente também. Se eu quisesse fazer doce de abóbora, açúcar tinha à vontade, ele nunca obedecia a minha lista, sempre trazia a mais. Se eu marcasse vinte quilos de açúcar ele levava quarente. Ele mesmo que comprava.

Chegavam para nós bananas maduras, mamões, eu aproveitava e fazia sobremesa. Fazia aqueles doces, mas precisava de vidro para colocar, então comecei a fazer amizade com os vizinhos e pedia os vidros. Quando eles não tinham, falavam que ia comprar para mim, para eu fazer os doces e dar às meninas internas. Olha, só sei que foi uma benção de Deus, eu fiquei lá cinco anos, cuidando, aí eu fui embora.

Nesse tempo as internas me ajudavam a fazer a limpeza, tudo que eu precisava elas me ajudavam. Elas arrumavam as camas e os quartos. Tinham umas, coitadinhas, que não sabiam fazer nada. Aquelas que moravam em barracos de chão não sabiam como passava um pano, como que limpava uma mesa, como que limpava uma janela, não sabiam porque nas casas delas não tinha.

Tinha meninas de oito até quatorze anos. Então, o que eu fazia ... Primeiro eu chamava todas e falava: *Olha, isso aqui a gente faz assim.* Do jeito que eu fazia eu mostrava para elas, depois perguntava: *O que vocês acharam? É difícil?* Elas respondiam que não. Perguntava para elas: *O que mesmo a gente tem que fazer quando*

quer bem limpinho o chão? A gente usa um balde só de água? Todas respondiam que não, pois só um balde não dava.

Lá a terra era muito vermelha, então eu falava: *A primeira coisa que vocês precisam fazer é fechar as janelas*, porque dia de segunda, quarta e sexta, três vezes na semana, passava a boiada atrás do colégio, era o único caminho que levava à estrada. Do outro lado era mata fechada. Então levantava aquela poeira.

Tinham internas que não era muito de trabalhar. As meninas que sabiam fazer o serviço não tinha paciência de ajudar as outras, quando eu pedia para elas ajudarem elas respondiam que eu já tinha ensinado, então eu explicava a elas que às vezes os outros me ensinam e eu também não aprendia. Para não dizer a elas que eram umas preguiçosas, eu falava: *Não é assim meu bem, às vezes a gente não aprende, não é porque a gente não quer, é porque não consegue, não está acostumada*. E elas falavam: *está bom irmã, então eu vou ajudar, vou ensinar*.

Algumas tinham jeito, todo mundo é assim, né. Tinham umas que eu ensinava e logo elas já sabiam, olha, era uma gracinha, logo elas limpavam, depois iam lá me chamar para ver se estava certinho. Às vezes não estava, mas eu falava que estava. Cada uma arrumava sua cama, as que não sabiam arrumar a cama era porque dormiam em barraco, nas redes, outras dormiam no chão, então quando foi para arrumar a cama como a gente arruma direitinho, elas não sabiam. Eu ensinava e perguntava: *você aprendeu?* Algumas respondiam: *Eu não. E você, aprendeu? Eu sim. Então você ajuda ela*. Isso fez com que elas mesmas se unissem, uma confiava na outra e isso foi muito bom porque depois elas tinham um grupo que uma ajudava a outra se precisasse.

Às vezes o Frei falava: *estou admirado*. Eu perguntava: *do que Frei?* Ele respondia: *Quando eu chego aqui que elas (as internas) estão varrendo aqueles corredores enormes*. E não era fácil não, tinha que pegar água no vizinho, enchia os barris com uma mangueira para a gente lavar aquilo. Isso foi da primeira vez, da segunda vez que eu fui já não era assim, já tinha poço, caixa, foi completamente diferente. Tinha geladeira. Na primeira vez que eu fui não tinha geladeira, mas o Frei falou para mim: *a senhora conhece geladeira a querosene?* Falei: *Frei, nunca vi isso na minha vida*. Ele disse que se eu quisesse ele compraria uma para mim, porque o povo de Paranaíba achava lá muito quente, por isso eles tinham dessa geladeira que era tocada a querosene. Eu falei: *Frei, o senhor quem sabe, se o senhor quiser comprar, compra que eu vou aprender a usar, eu chamo uma vizinha e ela vai me ensinar, certo?!*

Antes de a geladeira chegar eu fritava as carnes e guardava na banha de porco. Porque porco a gente tinha muito, então eu picava tudo, isso eu já fazia com minha mãe, nós morávamos no sítio e guardava carne assim, não tinha geladeira. Como eu já sabia eu fazia também no colégio, então a gente sempre tinha carne fresquinha, porque eu fritava e deixava na gordura. Quando queria comer, esquentava, fritava quase de novo um pouquinho. Quando ele levava bife, ele já levava cortadinho, eu já fazia tudo para não estragar. Depois, quando já tinha a geladeira, ele comprava aqueles pedaços de coxão duro para eu fazer bife recheado, picadinho com bastante tempero, azeitona, que ele comprava demais, palmito...

A irmã Adelgisa comprou uma máquina de moer carne para mim, eu moía e fazia aquelas carnes recheadas. Os freis adoravam, porque era uma coisa que não tinha lá. Eu fazia para as meninas também, elas falavam assim: *eu vou falar para o pai quando ele matar vaca trazer para a senhora esse pedaço, para a senhora fazer*. E eles levavam mesmo, e eu fazia, preparava para elas, para os freis e para nós. Não precisava preocupar porque sempre tinha, graças a Deus.

Além desses trabalhos eu acabei dando aula de catequese, na primeira e na segunda vez que eu fui. Na primeira vez, eu cuidava da igreja também, porque o Frei disse que precisava de uma pessoa lá, pois a tiazinha que ele tinha ficou doente e ninguém queria pegar o serviço, as mulheres de lá falavam que não iam cuidar da igreja porque não davam conta. Não sabiam lavar roupa, nem cuidar das toalhas da missa que põe no altar, elas não sabiam nada. Eu disse: *pode deixar que disso eu cuido, Frei*.

Depois que eu passei a cuidar da igreja o Frei pediu para eu cuidar do material de limpeza, porque ele só comprava em Três Lagoas, Paranaíba não tinha nada, o mercadinho era pequeno e só tinha vassoura, bacia, balde, essas coisas de limpeza não tinha. O povo não usava. Fui lá e comprei vassoura, bacia e balde. O Frei ria e falava: *a senhora achou tudo isso lá para comprar*. Para mim isso era novidade e ele achava graça. Ele perguntava: *está bom assim?* Eu falava: *não está frei, porque não tem um pano, não tem um sabão, um detergente...* Então ele falava para eu fazer uma lista que ele comprava.

Com a lista em mãos ele pegava o nosso jipinho de ir para o mato e comprava os produtos, para o colégio e para a Igreja. Antes, as mulheres que cuidavam da Igreja só varria o chão, que era de taboa, eu pensava: *meu pai do céu, mas essa sujeira eu não vou aguentar*. Cheguei nas outras irmãs e perguntei: *o que eu faço com aquela igreja? Dá dó gente*. Elas falavam: *uai, você não tem material de limpeza?* Como o padre havia

comprado eu tinha, mas eu sozinha tinha que lavar aquilo tudo? Tinha que carregar aqueles baldes de água... Então elas deram uma ideia: *o Frei conhece a juventude daqui, fala para ele conversar com eles, garanto que eles vão te ajudar*. Pensei: *será que vão mesmo?* Porque eles não eram acostumados, mas eu me arrisquei. Conversei com a dona que cuidava da casa do frei, ela disse que ia me ajudar, mas eu precisava de mais gente para dar uma lavada, e disse: *a senhora vai ver como esse chão vai ficar limpinho... dá para limpar*. Ela me perguntou se eu sabia limpar, disse que sim. *Então a gente ajuda irmã, eu vou chamar a mulherada, a senhora vai ver que beleza*. E foi mesmo! Elas ajudaram e ficou limpinho. O povo de lá era muito bom, eles tinham um coração bom. Não sei se ainda tem o povo daquela época, com certeza muitos já foram para o céu.

Olha, mas foi uma beleza. O frei disse: *olha, não acredito que essa igreja era aquela*. Eu comecei a dar risada e falei: *sim senhor, eu só fiz limpeza, não troquei nada nela*. A gente passava pano na segunda, na terça e no sábado. Ele ficou tão animado, que falou: *olha eu vou fazer uma campanha para pôr cimento aqui, que é mais fácil que taboa*. Falei: *melhor ainda, Frei*. Pois ele fez a campanha e colocou o cimento, ele mesmo ajudava com aqueles homens animados, sabe, sei que eles colocaram o cimento no chão tudo, ficou melhor para a gente, né. No colégio ele trabalhava também como carpinteiro, todos os dias. Trabalhava como qualquer outro.

Então, meus primeiros anos foram assim, foi difícil, porque a gente não estava acostumada. A gente saía lá de Agudos, tudo arrumadinho, e ia para lá, que não tinha quase nada. Mas eu pensava: *isso é missão*. A gente era irmãzinha nova, mesmo assim ninguém se arrependeu de nada do que fez, porque isso que é missão.

Quando eu saí de Paranaíba, em 1962, fui para Chopinzinho, depois fui para Garça, lá fui três vezes, ao todo quinze anos. Em Paranaíba fiquei dez anos ao todo, porque fui a primeira vez e fiquei cinco anos, aí fui para Garça fiquei quatro anos, depois uma irmã ficou doente em Paranaíba, ela até saiu da congregação, então a irmã disse: eu preciso de outra irmã, eu disse: *se precisa eu vou irmã*. Ela perguntou se eu aceitava ir novamente para Paranaíba. Respondi: *Aceito, agora deve estar bem melhor do que quando eu fui, oito anos atrás*. De fato, quando eu cheguei lá já tinha luz elétrica, já tinha outra geladeira, já tinha poço com motor, máquina de lavar roupa. A irmã Salete que estava fazendo esse trabalho, a irmã falou: agora eu preciso de você para fazer outra coisa. Eu preciso de você para a catequese, mas aqui no colégio mesmo. *Tudo bem né, só que agora eu tenho que recordar, porque em Chopinzinho eram crianças pequenas, e aqui são crianças do primário já estavam mais preparados*. Eu

falei: *irmã, eu tenho que me preparar primeiro*. Mas eu tinha o material. Então eu me preparei, acho que uns dez dias, porque era férias ainda. Eu dava em todo o primário, naquela época podia dar, fazia parte do currículo, dava em horário de aula.

Além da catequese no colégio, o Frei pediu para eu dar na Paróquia também, porque tinham poucas catequistas, e eu tive que ajudá-las. O Frei dizia que elas tinham boa vontade, mas não tinham muita capacidade nem experiência. Aí eu pensei: *ai meu Deus, agora complicou né, vou ter que ensinar as mulheres também!* Mas como eu havia aprendido, tinha que passar para os outros, não podia guardar só para mim. Mas foi muito bom, elas gostavam, nós ficamos muito amigas, qualquer coisa elas me procuravam. Teve algumas catequistas que quiseram dar aula no mesmo dia que eu, para pedir minha ajuda. Elas tinham as salas delas, mas antes de começar a aula elas me mostravam e perguntavam: *será que vai dar certo, irmã?* Eu falava: *vai sim, qualquer coisa eu estou aqui, me chama que eu te ajudo*. Mas era muito gostoso, foi muito bom. Quando eu saí de lá, saí triste. Fiquei mais cinco anos nessa segunda vez. Voltei para Garça, porque lá nós também tínhamos creche. Tudo que era nosso a gente que trabalhava. Eu tenho saudade de Paranaíba. Quando teve a festa de 25 anos eu fui lá, foi muito gostoso.

2.1.2 Therezinha de Paula Souza: Irmã Maria Rosa de Lima (1976)

Figura 3: Irmã Maria Rosa



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Meu nome civil é Teresa de Paula Souza, o nome religioso é Irmã Maria Rosa. Minha data de nascimento no registro é 12 de janeiro de 1931, mas na realidade eu nasci em 07 de novembro de 1931. Meu pai anotou minha data de nascimento em uma folha em branco de um de livro de oração, pois quase não tinha caderno. Eu nasci em Dom Viçoso/MS, uma cidadezinha pequena que não era nem município ainda. O nome da cidade era Dom Viçoso porque o bispo daquela região chamava Viçoso. Ele doou o terreno onde fizeram a igreja, assim contava minha família.

Essa cidade fica perto de São Lourenço/MG, um lugar onde há águas medicinais, tem outras cidades perto uma das outras, mas as águas de São Lourenço são mais usadas, porque lá é uma cidade maior, tem mais hotéis. Eu gostava mais de Cambuquira, porque as águas de lá são mais fortes, tem mais de cinco tipos de água... uma que é boa para o estômago, outra para a pele, rins, são medicinais mesmo.

Onde nasci ainda era zona rural. Essa cidade era chamada de Rosário, a padroeira de lá é Nossa Senhora do Rosário, depois ficou sendo chamado Dom Viçoso Velho e Rosário, por causa da padroeira. É uma cidade pequena, mas as pessoas gostam de morar lá porque não tem violência. Nós crescemos naquela região conhecida como Região dos Pintos, tinha esse apelido por causa de uma família com esse sobrenome que morava lá. Nessa região os moradores plantavam marmelo, ervilha, figo... aqueles que plantavam mais faziam doce. O pessoal também criava gado, tinha fábrica de leite, eu já tirei muito leite na minha vida.

A gente não falava que as pessoas tinham fazenda, falava que tinham terras em diversos lugares. Meu pai tinha umas terras, metade ele usava para plantar e uma parte usava como pasto, tivemos muitas vacas de leite, nós mesmo que trabalhávamos, eu tirava leite. Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos, meus pais tiveram oito filhos, seis mulheres e dois homens. Quando eu tinha dez anos meu pai se casou novamente com uma viúva. Ela tinha dois filhos, que não conheceram o pai legítimo, então, tinham o meu pai como pai deles.

Escolarização

Com sete anos de idade entrei no primário, numa escola rural no povoado de Dom Viçoso, onde fiz a primeira, segunda, terceira e quarta série do primário. Lembro que durante os quatro anos tivemos somente uma professora, a Dona Carelina. Na sala de aula tinha as carteiras com dois lugares, com o tinteiro e a caneta de pena. As provas

tinham que fazer com a maior atenção, pois não tinha como apagar. Durante as aulas se errasse passava o mata borrão, que sumia um pouco da tinta. Eu era bem caladinha. Na sala de aula era um silêncio absoluto, todos respeitavam a professora.

Depois que terminei o primário fui para o convento, com dezesseis anos. Em 1965, quando já era freira, fiz o ginásio, comecei em Garça e terminei a oitava série em Paranaíba, a irmã Regina foi minha professora de matemática.

Vocação e a vida religiosa

Eu tinha vocação para ser freira, pois resolvi ir para o convento da noite para o dia, preparei depressa as coisas para ir.

Fiquei sabendo das irmãs franciscanas de Siessen através de um Frei que pregava missões naquela região, um Frei alemão chamado Anastácio, era franciscano. Esse padre convidou as meninas para conhecer as irmãs franciscanas, e eu fui.

Eu já conhecia freira porque fiquei um ano em São Paulo e lá fui numa procissão, onde tinha freira de todo jeito e hábito. A gente quando é criança olha muito a roupa, não tem conhecimento de nada. Nenhuma roupa de freira que eu via eu gostava, mas quando vi o modelo das irmãs franciscanas de Siessen, eu gostei. Fui para o convento com dezesseis anos.

Meus pais diziam que eu não conseguiria ficar longe deles, mas quando eu li e entendi um evangelho que dizia: *Se você amar mais a sua família do que a minha, tem que deixar pai, mãe, mulher, filho, casa, por causa de mim, receberá cem vezes mais e a vida eterna*, soube que estava praticando o evangelho. Eu senti que era um chamado. Decidi ir para o convento sem nada, não tinha enxoval. O Frei disse que não precisava de nada disso, só de mim.

Depois que fui para o convento quase não visitava a família, pois era longe, tinha que andar de trem. Meu pai me visitou em 1955. Fiz a primeira profissão em 1951 e os votos perpétuos em 1954. Antigamente era uma festança, uma comemoração.

Quando entrei no convento, naquela época tinha muito trabalho, não tinha tempo de estudar. Eu e outras irmãs ficamos mais no trabalho. Em 1950 eu fiz o noviciado e em 1951 fui transferida para Garça, para trabalhar na creche. As irmãs receberam uma casa em Garça de doação de uma senhora chamada Leonor. Antes de ela falecer pediu para que doassem a casa. Que tinha um quarteirão de terreno, para pessoas que iriam cuidar de crianças pobres. Doaram para as irmãs esse terreno. Em 1949 as irmãs

começaram a cuidar de crianças nessa casa. Mas, para manter as crianças precisavam de renda, então elas começaram com curso de admissão para o ginásio. Em 1953 compraram um terreno na cidade e transferiram a pequena escola para lá, chamava Coleginho. Eu e outra irmã, que já faleceu, matriculamos cento e sessenta e duas (162) crianças nessa creche, e a casa não tinha mais espaço, era muita criança, os pais trabalhavam na roça, na colheita. No início quem foi para lá para cuidar das crianças fui eu.

Eu não tinha feito o magistério, mas cuidava e ensinava tudo que podia e sabia para as crianças. No início lá não tinha água encanada, era só poço, não tinha nem asfalto. Tinha muita árvore plantada, dava muitas flores. Embaixo dessa árvore fazíamos uns banquinhos para as crianças comerem e tudo de bom aprenderem, porque dentro da casa não tinha espaço.

Em 1955 fiquei doente, porque era muito trabalho só para mim e outra irmã, nós duas que cuidávamos das crianças, mas elas obedeciam a gente. Quando a gente mandava elas fazerem fila, elas faziam. A gente contava histórias para elas, ensinávamos boas maneiras, rezava, depois dava o banho. Fazíamos até roupas para elas se trocarem lá. Tinha criança a partir de dois anos. Ficavam lá até dar idade de ir para a escola.

Teve um tempo que tivemos internas, porque o pai de uma família estava preso por ter matado alguém, a mãe era cozinheira em uma fazenda chamada Paraíso, e as crianças não tinham com quem ficar, pois a mãe trabalhava durante todo o dia e dormia na fazenda por ser longe. Essas crianças ficaram internas na creche. Depois, uma senhora ficou doente com cinco filhos e essas crianças ficaram conosco também, o mais novo era o nosso no xodó, chamava-se Abraão.

Fui transferida para Agudos e lá fui operada. Em 1957 fiz uma visita para minha família, naquela época a gente ficava muito tempo sem ir para casa. Em 1958 fui transferida para Bauru/SP, onde trabalhei mais na paróquia, na catequese rural, ajudava no que precisava. Em 1964 fiquei doente de novo. Quando sarei, em 1986, fui para Garça novamente trabalhar no Asilo.

Então, não deu tempo de estudar... porque tinha muito trabalho naquela época. Quando fui para Garça em 1968 fiz o ginásio, até a sétima série, mas também não quis continuar com o magistério, porque eu gostava mesmo era de crianças pequenas, trabalhei quase trinta anos em Curitiba/PR, a partir de 1981, com as crianças pequenas, bebezinhos. Teve uma época que eu quis fazer enfermagem porque eu trabalhava com

os velhinhos, cheguei a fazer o cursinho, mas como era muito trabalho, não dava tempo de estudar.

Paranaíba

Fui para Paranaíba em 1976 e fiquei até 1981. No primeiro ano trabalhei no jardim da infância, no segundo ano eu juntei o pré junto com a Clotildes, depois eu trabalhei na Paróquia, pastoral e ajudava na administração da casa.

As crianças de que eu cuidava tinham de três a cinco anos. Lembro-me do filho do Juiz, o Eduardo, foi meu aluninho, ele gostava tanto de mim. A mãe dele o matriculou lá, mas ele não teve paciência de assistir a aula, então, ela teve que ficar na sala com ele nos primeiros dias. Depois de um tempo eu descobri que ele estava revoltado com a mãe porque nasceu outro neném e ela não havia o preparado. Um dia falei para ela: *Acho que seu filho não vai ficar aqui com você junto, ele sofre de ver a senhora aí.*

Um dia, antes de saber que ele estava revoltado com a mãe, eu inventei uma história. Dentro dessa história eu falava da minha mãe, que ela era muito boa, que eu chegava em casa e ela tinha feito pudim para mim. Depois da história o Eduardo me perguntou: *A senhora gosta da sua mãe?* Eu disse que gostava muito da minha mãe. Aí ele perguntou: *E da minha mãe, a senhora gosta?* Respondi que sim. Então ele perguntou se eu dava um beijo nela, disse que dava, mas não perguntei mais nada sobre isso, porque estávamos em aula.

Na hora de ir embora, quando a mãe dele chegou eu o entreguei e dei um beijo nela. Ela se assustou, porque lá em Paranaíba não era costume as pessoas se cumprimentarem assim com beijo. Eu falei para ela: *Amanhã eu conto para você.* Eu tinha prometido para ele, e cumpri. No outro dia essa mãe me disse: *Irmã, aquele beijo que a senhora me deu curou meu filho.* E o interessante é que naquele dia ela tinha feito pudim, e ele gostava muito de pudim. Achei tão interessante... como acontecem coisas sem a gente querer. Ela tinha feito pudim aquele dia, ele comeu o pudim e falou que a irmã Rosa tinha comido pudim também. Então eu dava muita atenção para ele, de contar e fazer história com bichinhos. Ele me imitava e contava para o irmãozinho quando chegava em casa. O irmãozinho falava que queria ir para a escola também, o pai falava: *quando você crescer vai ficar com a irmã Rosa também.*

Eu e a Clotilde, naquela época, tínhamos quarenta e quatro alunos, eles eram danadinhos. Ela mimeografava todas aquelas aulinhas e eu ajudava ela na sala, e a

contadora de história era eu. Eles gostavam muito da história dos três porquinhos, a história do cabrito, aquelas histórias antigas que hoje em dia não contam mais.

A história do cabrito é aquela que o lobo mal chega para comer os cabritos e eles se escondem dentro do relógio. O fim da história dos sete cabritinhos é que o lobo comeu os cabritos e quando a mãe chega abre a barriga do lobo mau para tirar os sete cabritinhos. Era história de mentira né.

Eu tive sorte que quando cheguei em Paranaíba tinha bastante livrinho de história de Monteiro Lobato, essas histórias que hoje em dia quase não se lê mais. E as crianças gostavam demais dessas histórias, contava uma dessas e depois eles falavam, agora conta a dos três porquinhos. Eles gostavam.

Além dessas atividades com as crianças eu trabalhava na Paróquia, cuidava da Igreja, fazia as toalhas que precisava, arrumava as flores quando tinha casamento enfeitando bem bonito a igreja. Também fazia celebração nas periferias e leitura nas missas. Naquela época a gente não dava comunhão, fazia só a celebração da palavra, mas eu levava comunhão para os doentes e quando morria alguém e não tinha padre eu que ia benzer os corpos. Fazia esse trabalho na paróquia e ajudava na comunidade.

Outras experiências

Em Curitiba trabalhei na creche *Menino Jesus* por seis anos. A irmã Geralda trabalhava comigo, ela tinha muito jeito para trabalhar com crianças também, aprendi muita coisa com ela. Às vezes eu tinha que cuidar das crianças sozinha, porque a Irmã Geralda ficava muito doente, subia a pressão, precisava ir ao médico, achava que tinha problema de coração, não sei se tinha, ficava na UTI. Tudo isso foi acumulando tanto que custei a me recuperar depois, eu nem dormia, fiquei num estresse até no último. Mas graças a Deus dei conta da minha criançada da creche, nunca aconteceu nada, minha responsabilidade era muito grande, eu tinha que ficar de olho.

As crianças gostavam tanto de mim que na outra creche que trabalhei por mais tempo, a creche São Judas Tadeus, as crianças me chamavam de pai. Certa vez, na creche Menino Jesus, precisei ir com a uma mãe até na casa da criança, porque ela queria ficar comigo. Acho que faltava muito carinho, tinha mãe que ia ver o filho só no sábado e no domingo. Às vezes tirava da cama sem trocar a fralda e levava para a creche, as crianças chegavam chorando, já tinha que ser atendida, era um trabalho muito grande.

2.1.3 Leonilda Zembrani: Irmã Maria Salete (1982)

Figura 4: Irmã Maria Salete



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Infância, família e escolarização

Meu nome de registro é Leonilda Zembrani. Meu nome religioso é Irmã Maria Salete. Nasci dia 08 de junho de 1938, em Concórdia, Santa Catarina, perto da divisa do Rio Grande. Quando nasci Concórdia estava começando, eu cresci junto com a cidade. Tinha um centrinho, mas eu nasci numa vila que chamava Capelinha São Paulo, era pertinho do centro, dava uns três quilômetros. Meus pais tiveram seis filhos, cinco mulheres e um homem. O pai de minha mãe veio da Itália com treze anos escondido dentro do porão de um navio, porque ele era imigrante menor de idade e estava sem os pais. Ele tinha outro irmão, depois que ele veio para o Brasil nunca mais viu o outro irmão que ficou na Itália. O pai do meu pai também veio da Itália, mas já era maior de idade. Tenho um primo que foi para a Itália faz quinze anos, meu pai deu dicas de onde ele poderia achar parentes por lá.

Meus pais sempre foram muito carinhosos. Meu pai nunca foi de bater, mas falava: *Façam as coisas direito porque se eu pegar não vai ficar bom*. Minha mãe às vezes dava umas palmadas. Uma vez meu pai ficou bravo comigo porque eu namorei um pretinho, aí eu apanhei. Mas eu falava que se um dia eu casasse seria com um preto. Meu pai não aceitava, naquele tempo ele achava que tinha que casar italiano com italiano, tudo certinho. Mas hoje em dia não é mais assim, minha irmã casou com

descendente de alemão, hoje já misturou tudo. As netas dele se casaram com morenos e ele aceitou. Eu só pensei em casar essa vez, mas na verdade era simplesmente uma brincadeira.

Até os onze anos de idade passei minha infância em Concórdia. Meu pai tinha dez alqueires de terra que ele ganhou dos pais dele de herança, lá a gente plantava, criava porcos, frango, alguns gados. Consumíamos e vendíamos para comprar algumas coisas, como açúcar branco, porque em casa fazia de cana. Comprava pano para minha mãe fazer nossos vestidos. Ela comprava três tipos de tecido, fazia os vestidos com detalhes de cada um. Para nós, meninas, ela fazia os vestidos e para os meninos fazia as calças e comprava os terninhos prontos. Fazia roupa para meu pai trabalhar também. Quando tinha alguma festa ela mandava para a costureira fazer as nossas roupas. Comprava também querosene, porque não tinha luz.

Depois mudamos para Coronel Vivida, no Paraná, pois meu pai comprou algumas terras para trabalharmos com agricultura. A família mesmo que trabalhava na plantação, eu ajudava a lavrar a terra, a plantar e a colher. Plantávamos de tudo, trigo principalmente, e era tudo colhido a mão: milho, arroz, feijão. O milho a gente mandava triturar no moinho, o arroz descascava no pilão, depois a gente vendia, mas consumia também. Comíamos de tudo um pouco: macarrão, frango, carne tinha todo dia, batatinha, polenta fazia na janta e o que sobrava cortava e colocava na chapa pra sapecar e depois comer. Tinha leite, ovo, omelete, essas coisas... Feijão nós não éramos muito de comer não.

As lembranças que tenho da minha infância são só de trabalho. Eu era a mais velha, então, tinha que trabalhar. Posso te contar uma coisa? Quando nós fizemos um teste com a psicóloga aqui, deu que eu nunca brinquei na infância, os resultados deram que eu não tive infância, não brinquei. Eu tinha que cuidar dos meus irmãos.

Teve um acontecimento que me marcou muito. Naquele tempo, tinha fogão à lenha, quando minha mãe colocava batata ou feijão no fogo eu tinha que cuidar para não pegar fogo. Um dia, eu resolvi brincar e quando minha mãe chegou o feijão estava cruzinho. Minha mãe falou: *Nunca mais você vai brincar*. Depois daquilo não brinquei mais, ficava na cozinha cuidando do fogo. Mas acho que ela não falou aquilo por querer, foi só na hora do nervoso. Mas, eu sou assim, levo tudo que me falam a sério. Então, eu não brinquei mais, só que eu pensava: *Por que minhas primas brincam e eu não posso brincar?* Só sei que nos testes deu que eu nunca brinquei ...

Com seis anos de idade eu quis acompanhar minha prima na aula, tinha uma escola no sítio mesmo, eram as quatro séries do primário juntas, era uma professora só. A professora falou que eu não poderia participar das aulas porque eu não tinha idade, era muito pequena para fazer matrícula, mas, como eu queria ir, minha mãe pediu para ela deixar, disse que logo eu iria enjoar e não voltaria mais na aula. Então, a professora deixou e comecei a ir com minha prima. Acabei enjoando mesmo, mas enjoiei quando peguei um jornal e comecei a ler. Minha Nossa Senhora, que alegria eu fiquei quando li o jornal.

Depois disso não queria ir mais para a escola, pois já sabia ler e minha mãe me ensinou a fazer os números até 100, mesmo sendo analfabeta. Tinha um gramado em frente de casa, meus irmãos e eu brincávamos lá, de repente chegava minha mãe com a tabuada para nos ensinar. Aprendemos tabuada com ela. Meu pai sabia ler, ele foi para a escola, mas minha mãe não, porque naquele tempo mulher não precisava estudar, os pais dela não deixavam. Mas, minha mãe fazia conta de banco na cabeça, ninguém passava a perna nela, não. Ela ia fazer compras e enquanto as moças cortavam o tecido ela já tinha feito as contas de quanto ficaria. Ela era muito inteligente, mas não pôde estudar. Ela tinha oito irmãs e só um homem, só ele estudou. Mulher tinha que aprender o serviço da casa e bastava aprender escrever o nome.

Meu pai não era assim. Todas as minhas irmãs estudaram, fizeram primário e o ginásio. Graças a Deus estão todas bem casadas, criaram os filhos muito bem. Tenho uma irmã que ficou viúva logo, ela criou os filhos sozinha com a pensão do marido, todos os filhos estudaram e fizeram faculdade. Eu não quis fazer nem o primário, pois meu negócio era aprender a ler, e isso eu já sabia, mas meu pai falava: *Você tem que ir para a escola, não sabe nem escrever seu nome.*

Eu sabia ler, mas não escrever. Então, voltei para as aulas, acho que eu tinha oito anos, aí aprendi a escrever. Eu não tinha muita vontade de aprender porque eu já sabia, se brincar era capaz de ensinar a professora. Naquele tempo as professoras, coitadas, não tinha muito estudo. Então meu estudo do primário foi só isso, acho que não deu dois anos. Logo me deu um problema nas vistas e meu pai não me forçou mais a estudar.

Quando já estava no convento eu fiz o ginásio, sem ter o primário. O diretor me perguntou se eu conseguiria responder a prova, disse que era muito fácil, que responderia tudo. Fiz admissão em Chopinzinho, depois fui transferida para Garça e em

1972 fiz o ginásio lá. As professoras nem acreditavam que eu não tinha feito o primário, sabia tudo, mas eu lia muito, ia para as bibliotecas e fazia muitas leituras.

Eu queria ser enfermeira, tinha loucura para ser enfermeira. A madre perguntou se eu queria fazer a faculdade, se eu quisesse ela me matricularia em Marília, disse para eu pensar. Mas, eu tinha dó das cozinheiras, porque só tinha um pouquinho, se eu fosse estudar ia ficar menos ainda, então eu não fui fazer. Mas nunca me arrependi. Eu tinha dó delas, as irmãs ficavam o dia inteiro na cozinha, feriado, domingo ... se eu fosse estudar elas teriam que ficar mais tempo ainda. Então, escolhi ficar na cozinha.

Vocação

Conheci a congregação quando a gente morava ainda em Concórdia. No dia que fui crismada eu vi três irmãs, mas eu não sabia quem eram, eu estava com minha família, e elas vinham assim com as mãozinhas debaixo do escapulário, eu não via a mão. E elas com aquele pano preto na cabeça. Eu perguntei: *Mãe, quem são aquelas lá?* Minha mãe disse que eram mulheres môngegas, ela falou em italiano. Depois eu perguntei o que elas faziam e minha mãe disse que elas só rezavam.

Depois disso não vi mais irmãs. Passou um tempo eu voltei com minha tia numa festa em Concórdia, a cidade já era maior e lá vi bastantes irmãs com muitas meninas internas. Nesse dia eu falei que queria ser igual a elas, e botei na minha cabeça que queria ser. Minha mãe falava que não. O tempo passou e quando fiz dezessete anos falei que eu iria para o convento, mas, minha mãe ficou muito doente e fiquei com dó de deixar ela. Não tinha como.

E eu sempre fiquei com aquela coisa de ser irmã. Minha mãe ficou muito ruim. Eu pensava: *Se minha mãe morrer, eu cato todos os meus irmãozinhos* – nós já morávamos no Paraná – *e eu vou lá para Concórdia morar perto dos meus tios*. Eu pensava que meu pai se casaria de novo e não ia querer nenhum dos filhos. Um dia eu cheguei nele e perguntei: *Pai, se a mãe morrer o senhor casa outra vez?* Ele não falou nada. Aí, minha mãe não faleceu, graças a Deus sarou, e eu comecei a falar de novo que iria para o convento.

Eu queria ser freira, mas só que todas as irmãs que eu via eu não gostava da roupa delas. Quando eu já estava com vinte anos, uma amiga me chamou para ir junto com ela para um convento. Mas, eu fiquei com dó de deixar minha mãe. Essa amiga foi para o convento e quanto ela voltou com roupa de freira, eu achei muito feia, não gostei da roupa, e disse que não queria ir para aquele convento, eram as irmãs Marcelina.

Eu via irmãs de uma congregação, de outra, e não era aquela que eu queira. Eu sonhava com as freiras. Minha mãe ficou muito mal outra vez, deu diabetes e quase morreu, eu pensei: *tenho que ir agora ou não vou mais*. Então, uma senhora escreveu para uma congregação no Rio Grande do Sul. Elas responderam dizendo que tinha que ter o segundo grau para entrar no convento de lá, e eu não tinha.

Então essa senhora falou: *Em Chopinzinho tem as irmãs franciscanas, eu vou escrever para elas*. Chopinzinho de onde a gente morava dava dezoito quilômetros, mas eu não conhecia a cidade. Ela escreveu numa sexta-feira, domingo elas já mandaram a resposta, na segunda-feira fui lá com meu pai conhecer e combinar com a irmã superiora para eu viver lá.

Quando cheguei ao convento e vi a irmã, pensei: *mas é bem essa mesmo, com esse véu, com essa roupa*. Eram as freiras com que eu sonhava. Bom, então a irmã falou que eu podia ir, meu pai perguntou se eu teria que ir logo. A irmã disse que o mais depressa melhor. Com cinco dias já estava com tudo pronto, era pouca coisa e lá era perto. Meu pai perguntou se eu poderia ir sozinha, a irmã disse que sim, pois eu já era maior de idade.

Fui em fevereiro, num sábado cedo, quando fui pegar minha mala já não tinha ninguém dentro de casa, meu pai estava indo lá longe na roça. Melhor ainda, porque não precisava despedir, ninguém ia chorar. Chegou o ônibus, era esses ônibus rurais, peguei e entrei com minhas malas, fui embora.

Quando cheguei lá, nossa, era tudo novidade. Vi outras freiras, conheci a cozinheira. Era sábado de paixão, nesse dia cobria tudo os santos da igreja. Depois fui ajudar a superiora no que precisava com as internas. Lá eu trabalhava na cozinha, lavava as roupas e ajudava a cuidar das crianças. Uma vez a irmã me levou para lavar a roupa no rio, mas estava tão frio que meus dedos congelaram. Acabamos rápido, pegamos os baldes de roupas e voltamos. Falei para a madre que meus dedos estavam doendo, ela ficou brava e disse para a outra irmã que quando estivesse frio não era para lavar roupa.

No domingo a saudade bateu. Nunca antes tinha saído de casa, nunca tinha vivido fora de casa. Entrei na sacristia, me deixaram lá, porque não podia chorar... Como na cidade era muito frio, peguei uma gripe que me derrubou. Não conseguia comer, emagreci ... a superiora chegou para mim e disse: *se você não comer você vai ter que ir embora*. Mas eu não conseguia comer, a gripe me pegou de jeito, deu dor de garganta, tossia... emagreci muito. Fiquei doente de saudade também. Mas logo sarei.

Quando foi em outubro a madre regional foi lá fazer visita para as irmãs e me falou: *vamos embora para Agudos, em São Paulo*. E a irmã cozinheira falou: *mas você não pode ir, você tem que ficar me ajudando a fazer os bolos da primeira eucaristia*. Respondi que iria embora sim. Falei com a madre superiora e ela disse que eu precisava pedir para os meus pais. Então eu falei: *vou até eles, pego algumas coisas que precisar, o dinheiro da passagem e mando notícias*. Quando eu cheguei em casa todo mundo assustou, porque não era época de ir em casa. Eu falei para minha mãe: *eu vim buscar dinheiro porque vou para São Paulo*. Minha mãe disse: *ih, o dinheiro que seu pai tinha ele emprestou, agora não tem*. Nisso meu pai escutou e falou: *não, mas eu vou pedir emprestado*. Ele deu o dinheiro e eu fui.

Paranaíba

Não me lembro certinho da data que fui para Paranaíba, acho que foi em 1975. Meu trabalho era cozinhar para as irmãs e para as internas. As internas não comiam verduras, não sabiam comer um pastel, um bolinho ... tinha que ser só carne, mandioca, arroz e feijão. Salada não comiam de jeito nenhum, nem obrigadas. Elas gostavam de biscoito, mas eu não sabia fazer, depois aprendi com a cozinheira de lá. Pão elas aprenderam a comer com o tempo. Feijão só comia se amassasse com aquela colher de triturar ... eu não comia de jeito nenhum, mas elas não comiam se tivesse o grão inteiro. Mas cada lugar tem uma tradição né. No sul quase não comíamos feijão.

As internas me ajudavam, eu ensinava elas a cozinhar e a fazer a limpeza. Se não aprenderam foi porque não quiseram, porque eu ensinei. Tinha dia que eu estava apurada na cozinha, dia de fazer compra, principalmente, uma das mocinhas chegava na cozinha, pegava a bacia, a farinha e já ia amassar o pão enquanto eu fazia a janta.

Lembro que quando cheguei em Mato Grosso eu tinha trauma de fazer café. Sempre fiz café, mas um dia uma pessoa me falou que meu café estava ruim, aquilo acabou para mim. Cheguei em Mato Grosso no sábado, no domingo a irmã Otília falou para mim: *Você tem que fazer três garrafas de café e colocar na sala dos professores*. Aquilo para mim foi a morte, mas como ela mandou e eu tinha acabado de chegar, como falar não? Então, eu fiz o café e coloquei na sala dos professores. Já tinha uns quinze dias que eu estava fazendo o café uma professora falou: *Que café gostoso que a senhora faz! Gostoso para comer com queijo*. Eu pensei: *Então eu sei fazer café*. Sarei o trauma do café em Mato Grosso.

Uma vez fiz uma hortinha, eu molhava, molhava... porque a chuva não vinha ... mas, os pardais não deixavam crescer nada, eles acabavam com tudo. Um dia eu fiquei com tanta raiva que pedi para o funcionário me comprar um veneno, acho que era de formiga. Ele me perguntou para que eu queria, mas só disse que precisava. Coloquei o veneno na horta e os pardais não apareceram mais, só que não vi nenhum morto. Aí não faltou mais alface ... Lá era muito difícil encontrar verdura, só tinha uma mercearia que era de um japonês e só podia comprar no sábado. Eu pensava: *mas aqui dá para plantar*, então, dei um jeito nos pardais. Depois dava verdura até para os outros.

Além das atividades no colégio eu participava das missas também. Certo dia, uma irmã pediu para eu fazer o culto para ela, eu falei que ia, mas antes perguntei se ia muita gente. Ela disse que era pouca gente. O culto era duas horas da tarde, eu fui... Aí eu falei para dona Loura: *a senhora me ajuda na hora do evangelho?* Ela disse que ajudava, mas que era para eu dar um sinal na hora. Quando eu cheguei à Igreja, eu Deus, o povo do centro estava tudo lá. Só olhei para cruz e falei: *Jesus, agora quem vai falar é o senhor*. Os jovens fizeram a leitura e cantaram. Então, eu li o evangelho todo sozinha, e a dona Loura falou que eu pedi ajuda mas falei tudo sozinha, eu disse: *não fui eu quem falei, foi Jesus*.

Eu tinha vergonha de falar em público, se tivesse outra irmã lá eu não conseguiria ter falado. É aquele tal negócio, a gente fica travada. Por isso que falo: *a gente nunca fala para uma criança que ela não dá conta de fazer alguma coisa, porque isso pode influenciar mais tarde em seu comportamento*.

Eu sempre gostei de cantar, um dia eu estava em um ensaio com as irmãs e uma irmã mais velha falou para mim: *fica quieta que você estraga tudo*. Eu fiquei uns vinte anos sem cantar. Uma vez veio uma irmã alemã que era música e ela fez um ensaio, eu fui, mas não cantei. Quando acabou ela falou: *por que você não cantou?* Eu falei: *porque eu não sei*. Ela me disse: *então você fica aqui que nós vamos aprender*. Eu cantei e ela disse: *de hoje em dia você abre a boca porque você sabe cantar sim e você é capaz!* Então, às vezes o que as pessoas falam estraga uma criança, ou adolescente. Talvez elas não falem por ruindade, mas marca.

Em Paranaíba eu também fazia trabalhos na comunidade, a irmã Regina levava comunhão para os doentes, um dia ela me pediu que fosse no lugar dela, era para ser um dia só, mas duraram seis anos. Eu levava comunhão para os doentes, ia até o sítio, saía sábado de manhã que era mais fresco. Fui ministra também. Fiquei sete anos em

Paranaíba, aprendi muita coisa lá, como fazer vários tipos de doce. Gostei muito do povo, era um povo simples.

2.2 Narrativa das Irmãs Franciscanas de Siessen em atividades curriculares

A seguir, estão dispostas as histórias de vida das irmãs que exerceram o magistério no Educandário. Algumas trabalharam apenas como professoras, outras acumularam funções de professora, diretora, coordenadora, secretária e catequista. A ordem das narrativas é de acordo com a data de transferência para Paranaíba, iniciando com a pioneira: Ir. M. Marta (1955) e encerrando com a última irmã que esteve em Paranaíba antes de a congregação vender o Colégio: Ir. M. Regina (1996).

2.2.1 Dianyra Leite - Irmã Maria Marta (1955)

Figura 5: Irmã Maria Marta



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Família, infância e escolarização

Nasci no dia 16 de janeiro de 1936, no mesmo ano em que as irmãs Franciscanas de Siessen vieram para o Brasil, elas vieram em março. Nasci para entrar na

congregação!!! Sou natural de Iacanga, uma cidadezinha perto de Bauru, São Paulo. Morei lá até os quatro anos de idade, depois mudamos para Garça/SP. Teve um tempo que moramos em um sítio, mas a geada queimou o café e meu pai o vendeu. Fomos para a cidade e ele tentou abrir um comércio, mas não deu certo, então ele trabalhava como guarda.

Meus pais tiveram oito filhos, seis mulheres e dois homens. Eu sou a última das mulheres e os homens são os mais velhos. Minha família é de descendência Portuguesa e Italiana. Tivemos uma educação muito séria, aprendemos a respeitar os mais velhos. Meus pais nunca nos bateram, mas bastava olhar para eles que sabíamos que não podíamos fazer tal coisa. Eles eram muito religiosos. Minha mãe estudou até o quinto ano, antes de se casar. Ela alfabetizava os sobrinhos e meus irmãos mais velhos em casa. Meu pai sabia ler e escrever um pouco. De casa, fui a única que conclui os estudos.

Tenho boas lembranças da minha infância, brincava muito, ajudava minha mãe em casa. Quando terminei a quarta série ajudava a arrematar as roupas que minha mãe fazia. Meu pai nunca mandou as filhas para a roça, só os meninos, as meninas ficavam em casa para aprender costura.

Quando tinha treze anos, o padre da nossa cidade me apresentou as Irmãs Franciscanas de Siessen, elas me propuseram ir para Agudos estudar e descobrir minha vocação. Por graça de Deus acabei indo para lá. A escola em Agudos era um internato para jovens vindas especialmente da fazenda ou de pequenas cidades onde não havia possibilidade de estudar após os quatro anos de primário. Em janeiro de 1949 fui para Agudos e comecei a trabalhar na casa, como forma de pagamento pelos estudos. Fiz o ginásio, depois o pré-normal e o primeiro normal. Quando abriu a escola em Paranaíba, em 1955, eu fui para lá como “professora”, mas ainda estava no curso normal, preparando-me também para a vida religiosa.

Vocação

Eu tinha o desejo de ser religiosa, pois já tinha visto e ouvido falar de freiras, de coisas semelhantes. Eu tinha parentes que estudavam em colégio salesiano, então, quando me falaram para eu ir com as irmãs conhecer o colégio, para ficar e morar, eu fiquei empolgada. Desejei antes ir com as irmãs Paulinas. Naquele tempo, elas andavam de casa em casa vendendo livros. Um dia, depois que cheguei da escola meu pai falou:

Olha, passaram umas irmãs aqui vendendo livros, comprei um para você. Elas são mulheres de Deus. Eu pensei assim: mulheres de Deus! Soa muito bem!!!

Pelo incrível que pareça ele comprou o livro de Santa Mônica e Santo Agostinho! Eu era uma criança, mas, não havia, ou não conhecíamos, essas literaturas bonitas para criança que há hoje em dia. No mesmo dia que ele me deu o livro, à noite fui para a Igreja e vi as mulheres de Deus, todas vestidas de preto. Achei bonito ser mulher de Deus.

Então, quando as irmãs franciscanas de Agudos abriam o colégio em Garça, o padre me apresentou a elas, foi quando eu estava na pastoral de adolescentes, chamada Cruzada Eucarística Infantil. Antes, o padre falou para todos da pastoral: *Estão vindo as irmãs X e elas vão fazer aqui uma casa para crianças. Quem gostaria de ir com elas estudar e conhecer a vida delas?* Eu, minha prima e mais uma menina nos apresentamos para esse desafio.

No início meus pais não queriam que eu fosse. Mas como já tínhamos familiares que estudaram em colégios de religiosos, eles concordaram. Madre Clara e Madre Sofia foram em casa, conversaram e explicaram tudo a eles. No início resistiram um pouco, mas cederam.

Entreí na congregação no dia 12 de janeiro de 1949, numa quarta-feira. Naquele ano me dediquei aos trabalhos domésticos e recebi formação espiritual franciscana que se prolonga até hoje, aos 82 anos! Meus pais não pagavam o colégio, só fornecia o enxoval e visitavam-me periodicamente, levando o que era de uso individual, roupa, calçado, etc.

A vida prosseguiu até que, aos dezenove anos, Madre Clara, superiora regional alemã, cultíssima, me chamou e disse: *Olha, minha filha, eu tenho um grande pedido e vai ser bem difícil para senhora... sabe, minha filha, a gente vai abrir uma escola em Mato Grosso e eu preciso pedir que a senhora vá para lá como professora, por um ano, com a Irmã Adelgisa, Irmã Maria das Graças, Irmã Fides e Irmã Edith.* Madre Clara nos chamava de senhora. Quando ela terminou de falar eu fiquei muito surpresa e contente com a novidade, pois iria trabalhar como professora, Madre Clara até questionou se eu não queria ser religiosa por causa do meu entusiasmo, mas expliquei que queria sim, ser irmã e professora. Após o pedido, fomos fazer os preparativos, pois a nossa ida para Paranaíba seria em fevereiro de 1955.

Paranaíba

A ida foi bem longa. Saímos de Bauru depois do almoço e pegamos um trem até Itirapina. Fizemos baldeação, se não me engano até São José do Rio Preto, onde chegamos a noite. Pegamos outro trem e fomos parar em Aparecida do Taboado. Chegamos ali à tarde. Havia um ônibus esperando a gente e Frei Pedro com seu grupo estava lá. Chegamos à noite no colégio.

O essencial do prédio escolar estava pronto, mas não tinha luz elétrica e nem água encanada. Depois daquela longa viagem achei que chegaria e tomaria um banho, mas, não tinha nada preparado, nem água, nem comida. No caminho para o colégio Frei Pedro passou em algumas fazendas para conhecermos. A cada fazenda que chegávamos nos ofereciam doces, não aguentava mais comer doce ...

Chegando ao colégio uma senhora, chamada Dona Ernestina, tinha levado uma travessa de salada de legumes grande e bem-feita! Comemos em uma mesa improvisada com caixas da mudança que já havia sido levada antes.

Um calor!!! Eu imaginava um chuveiro para tomar banho. Uma das irmãs não aguentava mais o calor, saiu lá fora e viu um latão de água e lá mesmo se lavou. No outro dia ficamos sabendo que o latão era de uso dos pedreiros. Ao amanhecer, fomos tomar café na casa do doutor Pedro, que era médico. Madre Clara e Madre Afonsa iam voltar para Agudos, pois foram só para nos levar.

A construção do prédio ainda não havia acabado, estavam construindo mais duas salas de aula para começar a funcionar o colégio logo após o carnaval. Frei Pedro mesmo era o pedreiro, os serventes dele quase não acompanhavam seu ritmo de tão rápido que ele era.

Do outro lado do colégio tinha umas casas de madeira, onde buscávamos água do poço para beber, fazer comida e para o tão sonhado banho!!! Tomamos banho frio mesmo, pois naquele calor, nem precisava de água quente. Havia uma parte no colégio reservada para a clausura das irmãs, outra para os dormitórios das internas, uma capela grande, as salas de aula, um salão de festas e a parte administrativa.

Nós ajudamos a pintar as salas de aula, a fazer os rodapés, fazer as listrinhas nas paredes, colocar os vidros que não tinham... A irmã Adelgisa era a nossa “mestre de obras”. Missão era isso! Eu estava empolgada!!!

Fomos preparadas para iniciar as aulas com duas salas de primeira série, pois Frei Pedro disse que tinha muita gente à procura. Então, seriam duas salas: uma primeira série para mim e a outra da irmã Maria das Graças, que já era freira e já

trabalhara com jardim da infância. Mas, aconteceu o melhor! O Dr. Walter Faustino, que foi o primeiro diretor do colégio, tinha um bendito filho chamado Marcos, que já tinha feito a primeira série. Por causa dele seria preciso começar as aulas com uma sala de segunda série também.

Fizeram pesquisa na cidade e encontraram trinta e oito crianças para essa classe de segunda série. Consequência: precisaríamos de duas salas de primeiro ano e uma de segundo. Mas, no final, foram abertas três primeiras séries e uma segunda série. Quatro turmas!!! Atraíram crianças da fazenda que queriam estudar.

Quando terminou o carnaval, já tinha matrícula para as três primeiras séries e uma segunda. Eu fiquei com a segunda série na parte da manhã, a Maria das Graças ficou com duas primeiras séries, sendo uma de manhã e outra à tarde. Selecionaram para a outra primeira série os alunos maiores que já eram alfabetizados, pois aprenderam a ler em casa, mas nunca tinham colocado os pés em uma sala de aula. Essa turma ficou para mim, à tarde.

Em Paranaíba havia uma única professora normalista que tinha feito curso normal completo. Ela se chamava Liduvina. Por ser professora normalista tinha uma escolinha particular. Quando, com o esforço comunitário, foi aberto o colégio Santa Clara, ela fechou a escola e colocou seu filho no colégio das irmãs, na segunda série. Todo santo dia Dona Liduvina vinha dizer algo para mim a respeito do que eu estava dando em sala de aula. Eu tinha que me precaver e me preparar bem para as aulas. Não tinha diário de classe da segunda série, só da primeira, pois a irmã Otília que dava aula em São Paulo mandava os diários dela e eu me baseava neles para fazer os meus. Os diários da segunda série eu tinha que adaptar.

Paranaíba era cheia de buracos, não tinha asfalto, não tinha luz que prestasse. Tinha que corrigir as atividades e as provas à noite, à luz de vela ou lampião, pois a luz que tinha era bem fraquinha. Aos poucos o povo foi se acostumando com as irmãs e ia nos ajudando. Fizemos amizade com as famílias mais ligadas à igreja e à escola. Tenho muitas lembranças de lá. Certa vez, na aula, durante um ditado, um menino me falou assim: *Professora, acabou a folha ... posso continuar escrevendo na cacunda?* Eu achei engraçado pois nunca tinha ouvido falar essa palavra e esse aluno nunca tinha entrado numa escola, apesar de já ser alfabetizado.

O colégio foi inaugurado no comecinho de julho, mas, as aulas iniciaram logo após o carnaval. Nós tivemos que nos preparar para a inauguração, pois iria gente

grande, políticos. Como eu era a “professora¹⁶³”, ensaiei com as crianças um teatro para apresentar no dia. Várias professoras participaram, ajudando. Também fizemos uma apresentação com música para celebrar aquele grande momento da inauguração. A pobre irmã Edith fez o almoço no fogão à lenha e a querosene para aquele tanto de gente!

Já no início, tínhamos alunas internas, elas ficavam lá. No começo havia umas dez, mais ou menos. Elas tinham aula de manhã e atividades como bordado, trabalhos manuais, entre outras, à tarde. No domingo eu ficava o dia inteiro na sala de aula corrigindo exercícios e fazendo os diários de classe.

Quando terminou o ano eu chorei para sair de lá. Voltei para Agudos em 1956, terminei o magistério, fiz o noviciado em 1957, em 1958 abriram uma casa em Bauru/SP, na vila Cardia. Fui trabalhar numa escola da paróquia, era conveniada com a prefeitura, que remunerava os professores. Nesse meio tempo, fiz faculdade de Letras Neolatinas em Bauru. Em 1967 voltei a Paranaíba para dar um cursinho de admissão para alunos que queriam ingressar no ginásio, pois precisavam passar por um “vestibularzinho”. Era exigência do MEC, penso eu. Fomos em duas irmãs. Eu ministrava aulas de Português e Matemática, a outra irmã as disciplinas de História e Geografia. Ficamos lá pouco mais de um mês.

Terminada a faculdade, em Bauru, de 1962 as 1969, voltei a residir no colégio de Agudos, me dedicando ao magistério. De 1970 a 1984 residi em Curitiba/PR, me dedicando ao magistério na escola pública até aposentar. De 1984 a 1997 residi no triângulo mineiro, indo diversas vezes visitar as irmãs em Paranaíba. Que bom era rever tanta gente boa e amiga.

De 1997 até a presente data, resido em Guaratinguetá/SP. Procuro ajudar na parte espiritual aos adictos (homens e mulheres) que desejam se recuperar de álcool e drogas, na Fazenda da Esperança. Já prestei ajuda temporariamente em Rio Brilhante/MS, Casca/RS e Pacatuba/CE. É isso, querida. Tudo valeu a pena. Se a alma não é pequena, tudo vale a pena.

2.2.2 Maria Laíde Alves: Irmã Maria Josefina (1957)

¹⁶³ Em sua fala, Ir. Marta se refere à palavra professora entre aspas, pois como ainda não havia concluído o curso normal, considerava-se uma professora leiga.

Figura 6: Irmã Maria Josefina

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Infância, família e escolarização

Nasci dia 18 de julho de 1935, em Minas Gerais, no município de Maria da Fé, região de batatas. Meu pai comprou um sítio de um senhor vizinho, que colocou à venda e ofereceu a ele. Uma parte da minha infância vivi lá, depois fui estudar em Lorena. No sítio tinha uma casa muito antiga de fazendeiros, da época da escravidão. Havia, também, uma escola da prefeitura, como na época eu não tinha idade para estudar, acompanhava os meus irmãos, pois a professora autorizou que eu participasse das aulas, assim, aprendi um pouco, tinha uns cinco anos.

Depois abriu uma escola grande da prefeitura e estudei lá até a terceira série, se não me engano. Essa escola se chama São José, existe até hoje, mas agora é maior, bem bonita, só que tem poucos alunos. Na minha época nessa escola tinha catequese, tinha festinhas, gostava de lá. Quando fui escolher o nome de religiosa quis Josefina, por causa de São José. Meu pai era muito amigo e devoto de São José e esse era o nome da escola.

Na minha casa era tudo simples, mas todo mundo muito unido, a criançada brincava tudo junto. Todo domingo reunia os alunos para a aula de catequese, para ler a bíblia e cantar bastante. A parte religiosa encantava muito, não tinha outra religião só a

católica mesmo. As professoras tinham estudado em colégio de freira e contava para a gente como que era. Na minha vida tive influencia religiosa tanto da família como da escola.

Tive uma professora que gostei muito, ela era filha de alemães, muito religiosa, uma disciplina muito boa. Tinha outra que gostava muito também, ela era de família amiga. Todos lá eram amigos, era uma vila. Era uma escola muito boa. Depois, minhas irmãs e eu ficamos internas em um colégio particular em Lorena, meu pai lutava para pagar colégio para as três filhas, mas nunca se arrependeu.

A história da nossa família é interessante. Conta-se que eles saíram do Rio Grande do Sul e foram para Minas Gerais levando a mudança e o dinheirinho que tinham. Era tudo mata e mina o caminho que percorreram. Quando entraram na mata ouviram o som de um trombone tocando tão lindo, eles foram andando com muito medo de assalto. Foram andando, andando, até que pararam nas terras que escolheram para viver, cultivar e plantar. Ninguém ficou rico, mas tinha sítio e casa na cidade. A família era grande, os homens trabalhavam na roça.

Meus avós paternos moravam no sítio bem na serra entre Lambari e o Bairro dos Pintos, onde a família tem sítio até hoje. Lá plantavam muitas batatas. Vivíamos de modo bem simples, não tinha dinheiro, mas tudo que precisávamos nós tínhamos. Minha mãe comprava os tecidos e fazia roupas para nós. Depois, os mais velhos passaram as roupas para os mais novos. Minha mãe sempre teve lavadeira e pajem para cuidar das crianças. Meu pai fazia questão, porque era muita criança pequena.

Meus pais eram primos, o bispo permitiu o casamento deles e graças a Deus não deu problema psíquico nos filhos. Meu pai sempre teve muita preocupação com minha mãe nos partos, ele sempre levava parteiras para ajudar, porque as estradas eram de barro, eram péssimas. Elas eram pagas com mantimentos: feijão, milho e elas ficavam contentes.

Vocação

Em 1948 o missionário Frei Anastácio convidou as moças da região para conhecer o colégio das irmãs em Agudos/SP. Eu e minha irmã Cristina fomos, gostamos e ficamos, pois achamos que era nossa vocação. Em Agudos eu fiquei no internato por um ano para estudar e decidi ficar para seguir a vocação de religiosa e lá fiz o magistério. Lá aprendemos muita coisa: disciplina, ordem e amor aos pobres. Quantos alunos pobres passaram pelas nossas escolas em Agudos e nas outras.

Paranaíba

Minha experiência em Paranaíba se deu por cinco anos, de 1957 a 1962. Lembro que a viagem de Agudos para Paranaíba era feita de trem, a gente passava por Três Lagoas. Muitas vezes a gente fazia a viagem de pé, segurando em cima, porque ninguém dava lugar para gente sentar, naquela época o pessoal era muito simples. Então, a gente andava pendurada, com medo de cair no colo de alguém.

Chegando em Três Lagoas tinha que dormir no hospital, no outro dia cedo a gente pegava o ônibus para Paranaíba, com uma mala de roupa de transferência, levando coisas para a casa também. Quando chegava perto da ponte do Rio Paranaíba, tinha que tirar todos os apetrechos do ônibus para atravessar. Como a ponte era fraca, o ônibus tinha que ir vazio, a gente ia a pé carregando as coisas. A gente atravessava com as malas na mão, com aquela alegria para chegar lá, conhecer o lugar, ser bem recebidas. Era interessante a nossa vida.

Em Paranaíba era tudo bem simples. Um lugar que me deu muitas lembranças boas. Eu me lembro de uma família do estado vizinho que mudou para lá, o pai era político, família muito grande, Pereira Lima, hoje os filhos têm fazenda, tem cargos bons. Uma filha deles que estudou comigo hoje é diplomata na Bolívia, a irmã mais velha estudou comigo no primeiro ano que eu cheguei, em 1957, e hoje é religiosa nossa, mora em Petrópolis, a irmã Eugênia.

No Educandário Santa Clara eu dava aula de manhã na quarta série e à tarde na terceira. Encontrava as salas de aula limpinhas, as carteiras arrumadas, eu gostava muito de lá. Paranaíba foi para a mim a escola em que os alunos mais gostavam de estudar, eles pediam tarefa para as férias, tabuada de dez a vinte, isso no primário, pediam conta de juros e porcentagem. Eu tinha o dever de tomar essa tarefa, de escutar o que eles fizeram. Nossa, era uma alegria, parecia um concurso cada um queria falar o que aprendeu, uma gracinha mesmo.

Eu preparava as aulas à noite quase no escuro, com uma luz bem fraquinha. Até as 22 horas eu corrigia as provas, todo dia tinha uma dissertação. Tem coisas que marcam a vida da gente. Eu me lembro de que a melhor redação sobre Independência escolhida seria lida na praça no dia 7 de setembro. O Dr. Walter fazia questão de ouvir os alunos falando da pátria. Eu lia todas as redações para a turma e eles escolhiam a melhor. No dia da festividade eles liam e o Dr. Walter ficava todo orgulhoso de ouvir.

Eu gostava muito de Paranaíba, mas, infelizmente, a estrada de tocar boiada que passava atrás do colégio era muito empoeirada. Os médicos me falaram: *A senhora não pode ficar aqui, tem que mudar de clima, se não a senhora não vai aguentar mesmo.* Então, eu fiquei só cinco anos.

Além de lecionar ajudava também no internato. O internato era muito interessante. Tinha gente de Paranaíba, de Goiás, do Triângulo Mineiro. As meninas geralmente ficavam internas e os rapazes de dezesseis e dezessete anos, ficavam externos. Muito interessante, tinha quadra de esporte lá, porque na cidade não tinha nada. Era bonito de ver. Os alunos combinavam e iam para lá usar a quadra antes de o sino bater, ficavam lá brincando, só os meninos.

As internas que estudavam no primeiro ano aprendiam nas tardes de domingo a fazer bordados e crochês. Eu consegui ensinar uma menina, a filha do Dr. Walter, que era canhoteira a fazer o crochê, é difícil ensinar alguém a fazer crochê do outro lado, mas eu consegui. Era uma alegria muito grande essas meninas virem de longe para estudar. Os meninos também, que era de fora, ficava na casa dos parentes. Quando falecia algum parente dos alunos, eu participava levando eles ao enterro.

As meninas internas ficavam com as irmãs e com elas aprendiam de tudo. Ajudavam em tudo, até na limpeza. Coisa que para nós era comum, às vezes era novidade para as alunas, como arrumar uma cama, passar um pano no chão...

Naquela época tinha muito jagunço na região. Muita violência, muita morte. Quando a gente sabia que eles estavam chegando, que era perigoso, a gente levava as crianças tudo para a capela, rezava, não deixava ninguém sair, salvo de qualquer perigo, as alunas ficavam com as irmãs na capela.

Aquelas famílias da cidade, dos fundadores, eram mineiros, nós tínhamos relação com todos, com os pobres, com os mais evoluídos na parte financeira, com os Garcia Leal, a gente procurava atender o povo todo. A gente fazia de tudo para ajudar os pobres. Não tínhamos tempo de ficar viajando, era um trabalho mesmo comunitário, em casa. Aos domingos saía um pouquinho, conhecia a região, fazíamos leituras espirituais... esse período me marcou muito mesmo.

A vida toda eu falei que nunca vi um lugar que se interessasse tanto pelo estudo e por tudo como Paranaíba. A disciplina era forte mesmo, mas nós entendíamos que era para o bem deles, e eles nunca reclamaram. Todo dia tinha que usar o uniforme, fazia fila na entrada, cantava o hino nacional. A nossa vida era muito simples. A gente

procurava entrar em todos os campos. Quando estavam brincando, cuidava para não se machucar.

Ajudávamos também na comunidade, indo ao cemitério quando morria alguém. Eu fazia velórios. Tudo isso a gente viveu, de modo simples, nada de pensar que tinha uma troca, era por amor mesmo. Mas lá era muito quente, aquele calor, e a gente de meia preta cumprida, sapato fechado. Água gelada não podia tomar porque não podia abrir a geladeira se não ela descarregava, a energia era muito fraca. Tínhamos que buscar água para tomar banho, tomar banho de joelho. A gente tinha força para enfrentar isso tudo.

Sempre gostei muito de lecionar e com carinho, nunca fui de dar castigo para meus alunos, nem expulsão. No Educandário não tinha castigos. Claro que os alunos não aceitavam tudo como a gente gostaria, mas eles contribuíram nesse sentido, na limpeza, na ordem, as carteiras no lugar, sem arrastar, sem fazer barulho, educação, essas coisas, uma disciplina moralista, mas nesse sentido de eles entenderem que a vida é muito melhor quando a gente tem regras de vida, respeita os outros.

Na parte da alimentação os alunos tinham horário de lanche, cada um levava o seu de casa, mas as internas comiam lá. Uma das irmãs dormia no quarto com elas. Tinha respeito, sem falar besteira, coisas grosseiras. Elas eram de famílias simples, sem cultura, mas famílias boas que queriam que elas se desenvolvessem e confiavam nas irmãs.

Para mim foi Frei Pedro o fundador dessa escola, ele era extraordinário, um missionário verdadeiro, aprendemos muito com ele, com sua doação de vida, ele não tinha tempo para ele. Ele mesmo trabalhou para construir o prédio, precisava de dois ajudantes para pôr os materiais de construção, porque ele trabalhava muito rápido, não perdia tempo não. Ele se interessava por todos, tanto pelos poderosos, fazendeiros grandes, como pelos pobres. A escola foi fundada com esse sentido, de ser uma ajuda para o povo, na parte religiosa, parte moral, social, tudo. O Frei tinha uma cabeça grande, pensava em tudo.

Tinha também o Frei Fredolino que dava aula de catequese, ele tinha passado pela segunda guerra na Alemanha, de vez em quando ele tinha algumas manias, coitado. Ele fazia questão de dar aula de religião com a gente assistindo, eu assistia, depois ele tomava lição. Às vezes a gente ficava com sono, porque acordávamos às quatro horas da manhã, as cinco tinha missa e a aula começava às sete.

A região era muito quente, interessante que com aquela rouparia toda a gente não pensava em ficar reclamando. Depois mais tarde mudou o hábito, era manga curta.

A gente tinha amizade com o povo. Naquela época eu tocava piano, eu ensinava no intervalo do almoço para algumas meninas, uma delas se chamava Nádia e a outra Sandra. Eu tocava aos domingos na missa. Mas essa parte de piano, de música mesmo ficou secundário na minha vida, não tinha tempo, minha vida era seguir as escolas. Quando eu tiver melhor, podendo andar, quero tocar. Tem piano aqui, mas eu não lembro muitas músicas de cor.

Quando fui à festa de vinte e cinco anos de aniversário do Educandário em Paranaíba, tinha tantos ex-alunos se encontrando com a gente, a doutora Lígia, tudo tão bonito, falando daquela época, tantas lembranças boas. Uma menina chegou e me falou: *Irmã, eu fiquei triste com a senhora uma vez, a senhora me falou isso, isso e isso e eu fiquei muito magoada.* Aí eu pedi perdão e falei: *Eu nunca pensei que tinha te ofendido, mas peço perdão, foi sem perceber. Você me perdoa?* Ela disse: *está bom.*

Sempre gostei muito de dar aula. Quando fui embora de Paranaíba eu senti muito, chorei e nem pude me despedir de ninguém, chorei mesmo, mas eu sabia que era preciso. Fiquei no colégio Santo Antônio em Garça por um ano, depois fui fazer faculdade em Bauru/SP por quatro anos. Vi que gostava e que tinha jeito para Geografia, pois sempre gostei da natureza, de viagens ... Quando eu era diretora fazia excursão direto com os alunos. Em Bauru, enquanto fazia faculdade, lecionei numa escola Paroquial, onde a sala de aula funcionava na minha casa, era como se fosse uma creche.

Naquela época os professores fumavam na escola, não na nossa que era proibido, mas no Estado de São Paulo não era proibido, era aluno fumando, professor fumando, eu não sabia que podia, mas peguei um câncer, mas estou aqui com a graça a Deus, passando dois anos difíceis. Fazendo muitos exames.

Já trabalhei com os sem-terra também. Na minha vida, tudo que eu fiz de serviço eu gostei... Graças a Deus ele me deu muita força em todo lugar. Às vezes na cidade tinha quarenta, cinquenta comunidades de sem-terra, a gente tinha que visitá-las para ajudar a animar o povo, era bonito de ver. Tinha dias que passávamos o dia com eles. Lá tinha pouca comida, levavam uma metade de ovo para gente de almoço, a gente tinha força. Era bonito de ver. Eu sempre gostei de iniciar uma coisa nova.

Quando fui para Chopezinho, no Paraná, as irmãs moravam numa escola, davam aula de manhã, a tarde e a noite, coitadinhas, era muito pesado. Nesse lugar havia um

salão da igreja, cada vez que tinha festa lá era muita dança e às vezes saía até morte. As irmãs falavam: *vamos mudar daqui*. Então, eu pedi dinheiro para a Alemanha, eles mandaram um pouco e nós demos o que faltava, assim construímos outra casa, que ficava perto de um bosque, tinha pinheiros, tinha abelhas, era bonito, eu gostava muito também.

Uma vez, lá no Paraná, o bispo pediu para as irmãs ajudarem com os sem-terra em Mangueirinha, eu me ofereci para ir, pois já conhecia bastante os povos dos sem-terra que às vezes iam para Chopezinho. Chegando lá, eles foram recebendo terras, tipo de chácaras pequenas, foram plantando milho, soja, abóbora, criava uns porquinhos, umas vaquinhas para começar. Tudo que era de sobra eles levavam para as irmãs, era muita fartura, então dividíamos com as outras pessoas também. Era muito bonito. A irmã enfermeira conseguia remédios e nós dávamos para os sem-terra. Por muitas vezes eu acompanhei a irmã enfermeira para fazer os partos, ela dirigindo a noite nas estradas lisa de geada, íamos para outras cidades, mas eu acho que fizemos o que podíamos fazer.

2.2.3 Maria Izabel Bez: Irmã Maria Teresinha Bez (1964)

Figura 7: Irmã Maria Teresinha Bez



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Família, infância e escolarização

Meu nome civil é Maria Izabel Bez e meu nome religioso é Irmã Maria Teresinha. Nasci no dia 06 de janeiro de 1938, fiz oitenta anos agora em janeiro. Nasci na cidade de Garça, estado de São Paulo, onde passei toda minha infância e adolescência bem feliz, Só saí de Garça com vinte anos de idade quando fui para o convento em Agudos-SP.

Sou descendente de família libanesa, apesar dos meus pais saberem falar árabe, eu nunca tive o interesse de aprender, mas sei que deveria. Minha mãe cuidava dos meus avôs paternos, que eram libaneses e por isso teve que aprender a língua deles para se comunicarem.

Minha mãe ficou órfã com cinco anos de idade, então ela estudou muito tempo em internato de freiras. Ela até quis ser religiosa, mas não deu muito certo a vocação dela, então ela se casou com o meu pai e o destino quis que eu me tornasse irmã, não deu certo com ela, mas comigo sim. Meu pai era um homem muito inteligente, mas não estudou além do segundo ano do primário. Pela inteligência dele nem parecia que não era estudado. Ele entendia de tudo, lia jornal...

Minha irmã, que estudou direito, pedia explicações para ele sobre as estrelas, geografia, sobre outras coisas também, e ele explicava tudo. Ele era tão inteligente que começou sua vida econômica do nada. Juntamente com minha mãe, eles lutaram e começaram com uma casa de comércio de secos e molhados. Depois, comprou uma fazenda, que era perto da cidade uns cinco quilômetros. Meu pai ia e voltava até duas vezes por dia nessa fazenda. Ele até quis mudar para lá, mas minha mãe não aceitou por causa da escola, era mais fácil na cidade para meus irmãos e eu estudarmos, nós somos cinco, três mulheres e dois homens.

Eu ia para essa fazenda dar aula de catequese para as crianças que moravam por perto, não tinha sala, então eu dava aula no quintal mesmo, porque eu sempre gostei de ser catequista. Eu brincava de escolinha e falava que queria ser professora. Bom, depois meu pai teve uma indústria de seda, fabricava fio para depois fazer a seda, uma fábrica grande com muitos operários. Ele mesmo que fazia a contabilidade, ele fazia tudo. Como que pode, né?! Nossa família é muito inteligente. Todos nós estudamos, eu fiz Pedagogia, uma irmã minha fez direito, a outra fez o magistério e começou a dar aulas, um irmão fez só o comércio e tem um irmão que não quis estudar muito, mas também é

muito inteligente, sempre foi muito trabalhador, atualmente ele tem uma empresa. Todos meus sobrinhos e filhos deles estão se saindo muito bem. É de família.

Comecei meus estudos na cidade em que morávamos, em Garça/SP, lá fiz o primário em uma escola municipal. Lembro pouca coisa do primário, quase nada. De 5ª a 8ª série estudei no colégio das irmãs Franciscanas de Siessen, fui da primeira turma da escola das irmãs em Garça. Eu queria estudar em colégio de freira, pois achava que o ensino era melhor. Depois, como nas irmãs não tinha o segundo grau, que a gente chamava de clássico científico, fui para Bauru/SP, onde fiquei no pensionato das Irmãs Apóstolas do Coração de Jesus para fazer o segundo grau, fazia magistério a tarde e o clássico a noite. As Irmãs Apóstolas do Coração de Jesus me convidaram para ser irmã delas, mas eu já sabia que queria ser uma Irmã Franciscana de Siessen.

Quando me formei no magistério, voltei para Garça e fui dar aula no colégio das irmãs. Na verdade, eu lecionei lá para ganhar um salário e com ele ir comprando minhas coisas, pois queria ir para o convento. Meus pais eram de família rica, eles poderiam comprar para mim, mas eles não deixavam eu ir para o convento, então eu fazia escondida, aprendi a costurar e fazia trabalhos de costureira para ganhar dinheiro e comprar as roupas. Na verdade, meu pai era muito apegado com os filhos, ele não se conformava com a ideia de eu ser irmã, pois libanês quer ter família, quer que tenha novas gerações. Mas eu tinha vocação, fiquei com essa ideia por oito anos, aí ele aceitou. Ele não queria que tocasse no assunto, mas quando ele viu que não tinha mais jeito de me segurar ele foi me levar, mas ele chorou muito, coitado, era muito amor. Fui para o convento com vinte anos, esperei por muito tempo.

Vocação

Depois que eu já era freira formada, um dia minha mãe contou-me sobre minha vocação. Quando eu era criança, lá em Garça teve uma epidemia, uma doença que na época não tinha cura, já tinham morrido nove pessoas e eu peguei essa doença. Minha mãe conversou com Nossa Senhora Aparecida, pois eu já estava desenganada, então ela disse: *mãe Aparecida, você me entende, você é mãe, eu te peço pela saúde de minha filha e eu te entrego ela para Jesus*. Minha mãe tinha muita fé, era muito religiosa, então ela me entregou para Jesus e ele aceitou. Ele me concedeu as duas graças: a saúde, porque o médico já não entendeu nada, de repente já fiquei boa, por milagre, a graça não tem explicação ... e a grande graça que ela me entregou para Jesus, a graça de me

tornar irmã. Mas, ela não quis me contar isso até eu ser irmã, pois ela não queria que eu me decidisse por causa da promessa dela. Então ela esperou eu me formar para depois me contar. Minha vocação foi por vontade de Deus, Deus me deu a graça.

Sempre gostei muito de tudo que era da igreja, de ser catequista. Minha mãe tinha muita fé, e deixou para nós como herança essa fé. No convento eu fiquei feliz, porque era minha vocação, eu sempre fui feliz, toda a vida. Até hoje sou. Tudo que faço, gosto. Se tem alguma coisa que eu não gosto, eu tenho que fazer diferente, do jeito que eu acho que precisa, não o outro.

Depois que eu entrei no convento, fiz faculdade de Pedagogia. Na época em que morei no Paraná para trabalhar no colégio de Chopinzinho, ia para Palmas fazer faculdade. Eu e um grupo de irmãs íamos em uma semana, recebia tudo que tinha para receber de conteúdo, estudava, colocava em dia toda a matéria que os outros alunos tinham todo dia e, tinha que fazer as provas do mesmo jeito que os outros. Tínhamos uma turminha de irmãs que fazia assim, nos preparávamos, estudávamos juntas, nos interessávamos muito. Eu gostava dessa área da educação. Ao mesmo tempo em que fazia faculdade dava aula para o magistério, eu já dava aula de didática, de psicologia, então, uma coisa ajudava a outra. Eu incentivei muitas das minhas alunas de magistério e elas foram fazer faculdade em Palmas, porque lá em Chopinzinho era tudo começo, depois a cidade foi só progredindo, os estudos, a educação, tudo ... quando a gente quer, a gente se dá por inteiro.

Eu dei aula e trabalhei na educação por quarenta anos, depois aposentei no Paraná. Quando voltei para Guaratinguetá, recebi um convite para fazer uma experiência na Fazenda da Esperança, um lugar destinado à recuperação de menores viciados. Fiquei na Fazenda da Esperança por doze anos, lá no bairro das Pedrinhas, uma fazenda masculina. Depois vim para a sede¹⁶⁴, daqui fui para uma missão na Bahia, mas fiquei doente e voltei. Eu saí de Pedrinhas em 2011, mas continuei dando catequese na fazenda do centro masculino, atualmente ainda sou voluntária. Hoje mesmo já fui lá, rezei com eles, a gente reza terço, explica o evangelho. Agora trabalho no Sol Nascente, casa dos aidéticos, já faz seis anos. Vou três vezes na semana, rezo terço, faço partilha e explico o evangelho, hoje fui lá fazer a via-sacra porque é quaresma. Tem missa na quinta-feira e no sábado para os recuperandos, a gente acompanha a parte religiosa

¹⁶⁴ Guaratinguetá/SP.

deles, sou voluntária. Catequese dei desde criança até ... acho que dei uns sessenta anos de catequese. Eu gosto muito de catequese.

Paranaíba

Minha experiência em Paranaíba, no Educandário Santa Clara, se deu nos anos de 1964 e 1965. Fiquei apenas dois anos lá, depois fui transferida para o Paraná, onde permaneci por vinte e seis anos. Quando as irmãs falaram que eu teria que ir para o Mato Grosso chorei bastante, fiquei com muito medo, porque a gente ouvia muita história de que por lá havia muitos jagunços, que matavam o povo, eu fiquei com medo. Chorei para ir, mas depois chorei para sair. Só fiquei dois anos em Paranaíba porque não me fez muito bem o clima, não me acostumei com o calor intenso, lá é muito quente. A superiora me transferiu para o clima frio que é no Paraná.

Quando fui transferida para Paranaíba, meu trabalho era ser professora. Na época eu não tinha feito faculdade ainda, tinha só o magistério. Fui professora da quarta série, era a professora da sala, dava de tudo, todas as matérias. Lembro-me de um fato que ocorreu na escola de Paranaíba muito interessante que não me esqueço. A irmã que era diretora pegou umas crianças da periferia ... eram umas crianças abandonadas, pobres, sem nada, assim... não tinha educação, tinham nada, eram bem difíceis. Sei que eu fiz uma turminha só com eles. Nossa! Eu nunca mais esqueci daquela turma... eu tinha o maior amor e carinho, paciência e tudo com eles, porque eles não sabiam nada, se você perguntasse, por exemplo: *você é católico?* Eles não sabiam responder... coisas assim, básicas, não sabiam. Eles também eram de brigar, a gente tinha que ficar controlando tudo. Certa vez, encontrei debaixo das carteiras algumas pedras, então perguntei: *para que são essas pedras?* E um deles respondeu: *é que na saída eu vou brigar!*

Eles eram muito carentes, teve um que lembro que colocou o pé em cima da carteira. Eu perguntei: *por que você está com o pé na carteira?* Ele disse: *ah, professora é porque eu estou de bota nova, é para todo mundo ver...* Achei muito interessante, muita coisa aconteceu lá.

Eu gostei muito de Paranaíba. Na outra quarta série que eu dei aula, os alunos eram muito inteligentes, com muita vontade de saber as coisas, queriam sempre mais, eles me incentivavam sempre a dar mais conteúdo. E como religiosas nós sempre trabalhávamos com as famílias dos alunos. Trabalhávamos com eles também na Igreja, para preparar a catequese. Além da sala de aula, eu também ajudava na pastoral, tocava

órgão na igreja ... Eu era nova, tinha bastante energia. Gostei muito de Paranaíba, a gente era muito amiga de todos, dos professores, dos funcionários, das famílias, só não acostumei com o clima.

Outras experiências

Fui professora por muito tempo em Chopinzinho, fica no Sul do Oeste do Paraná, lá tinha a escola das irmãs, o prédio era delas, mas a escola era estadual, nós, irmãs professoras, fizemos o concurso para trabalhar lá, então recebíamos do Estado. Eu fazia todos os cursos que apareciam, pois assim eu subia de nível, até chegar ao último, assim era melhor para aposentar. Por quarenta anos trabalhei nas escolas das irmãs, mas além das nossas escolas a gente dava aula de religião em outras escolas também. Depois que eu aposentei teve uma época que eu trabalhei com os sem-terra lá no Paraná, perto de Chopinzinho no município de Mangueirinha. O bispo pediu às irmãs que fossem até lá com a intenção de ser a presença da Igreja, porque lá havia muita confusão, e eu fui como missionária. Ah, eu gostava de trabalhar. Eu sempre fui feliz, sempre gostei do que fiz, e sou feliz.

Hoje eu acho que a educação está muito mais difícil, porque antigamente era muito tranquilo. Um tempo que não tinha nem drogas, as famílias cuidavam melhor dos filhos, tinha família com mais estrutura e base religiosa também. Agora está faltando muita religião, Deus! Cresceu violência e outras coisas que não precisava. A gente vê nos meios de comunicação como é sofrido para os professores, os alunos não respeitam.

Eu nunca fui uma professora que dava castigos, eu tinha o diálogo, conversava, tinha muito carinho, educava mais pelo carinho, pelo amor, pela compreensão, assim conquistava os mais difíceis e não precisava do castigo, porque esse era o meu estilo, meu jeito. Em Paranaíba não lembro se as professoras castigavam, mas quando fui para Chopinzinho, lembro-me que lá ainda tinha essa prática, mas com o tempo eu fui modificando isso, como professora, depois como diretora, essas coisas de ficar de joelho no milho, essas coisas antigas... Pensando bem, parece que em Paranaíba tinha castigo sim, um quarto escuro para onde mandavam os alunos... Os meus alunos nunca foram, Deus me livre, eu não era de acordo, de jeito nenhum.

Acho que é porque eu sempre fui tratada com muito carinho e amor pela família, então eu tinha muito amor para dar. Minha história de família é muito boa e isso ajuda muito. Vejo que tem muitas pessoas, até da nossa convivência, que não teve a mesma sorte de ter uma família assim, aí traz feridas que quando vai para um especialista,

terapeutas, dá para curar, se a pessoa quiser, com a ajuda de Deus, mas se não chega uma idade e vem à tona muitas coisas. Eu não sofro isso, então tenho que ver as que sofrem com outros olhos, de misericórdia e bondade, porque olha... como é importante a infância, principalmente agora para a velhice. Eu não tenho tanto peso para carregar.

2.2.4 Maria Clara Alves: Irmã Maria Cecília Alves (1966)

Figura 8: Irmã Maria Cecília Alves



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Família, infância e escolarização

Meu nome é Maria Clara Alves, quando me tornei religiosa passei a chamar Irmã Maria Cecília. Nasci em 11 de março de 1939, no município de Maria da Fé, sul de Minas Gerais, numa comunidade bem no interior, na Serra da Mantiqueira, bairro do Pintos dos Negreiros. Passei minha infância bem bonita, bem simples e feliz nesse lugar. Lá tinha pinheiros, bastante minas de água, tinha moinho, monjolo, criação de galinha, de porcos, plantação de milho e batata. Como era comunidade rural, um pouco isolada, não tinha assistência do governo, cada família procurava ajuda de outra família.

Tínhamos uma Igreja que era como um farol, construída com a colaboração da comunidade, liderada por uma determinada família. As professoras que davam aula eram todas católicas, filhas dessa família que construiu a igreja e a escola.

As famílias dessa comunidade, em geral, tinham suas propriedades e ajudavam através de mutirão a construir casas para os quem não tinham, como as viúvas, pessoas sem família e pessoas mais pobres. Minha família tinha sua propriedade. Somos uma grande família, meus pais tiveram onze filhos, uma das minhas irmãs morreu com quatro anos, então dez sobreviveram, era uma vida bem simples. Meu pai sempre falava: *olha, a única herança que eu quero deixar para vocês é a boa educação. Vocês tendo uma boa educação vão se defender na vida.* Ele tinha um ideal que seus filhos fossem só de Deus.

Um dia, quando eu já era irmã, nós visitamos uma Igreja lá de Cristina, onde meu pai frequentava na sua infância e juventude. Ele colocou sua mão no meu ombro e falou assim: *Olha minha filha (mostrou Santa Teresinha) foi aqui que rezei para vocês, quando eu era solteiro, falei que se um dia eu casasse e tivesse filhas eu gostaria que elas fossem consagradas a Deus.* Me mostrando para Santa Teresinha ele disse: *Santa Teresinha, eu rezei para você e ela está aqui.* E me disse: *Minha filha, sua madrinha do céu é Santa Teresinha.*

Eu achei muito bonito a atitude dele, porque ele nunca contou isso antes, só depois que eu era irmã. E Deus atendeu a sua oração porque somos em três irmãs religiosas. Uma já está confirmada no céu, a irmã Cristina, tem a irmã Josefina que agora está enferma, e eu. Nos três trabalhamos em Paranaíba. Então, das oito filhas que meus pais tiveram, três se tornaram freiras, conforme sua vontade. Dos dois homens, meu irmão mais velho, o José, saiu de casa com onze anos e foi para o seminário, percorreu diversos e chegou a ser noviço, mas voltou para casa. Depois se casou, foi para Brasília, antes da sua fundação, se tornou juiz de direito federal, agora aposentado mora em Brasília até hoje.

Fiz o primeiro ano do primário num grupo escolar que tinha na comunidade em que morávamos, era uma escolinha da roça, mas não me lembro de aprender ler e escrever, só me lembro de cantar e rezar. Ler e escrever mesmo não lembro. Lembro do primeiro dia de aula... a professora entrou na sala e escreveu o alfabeto do A ao Z, depois queria que a gente lesse ele de trás para a frente, mas como? Eu não conhecia aquelas letras, nunca tinha visto. Eu não conseguia aprender, mas as minhas irmãs aprenderam.

Lembro que todo dia chegávamos mais cedo na escolinha para jogar tento. Esse jogo foi o princípio para eu aprender matemática, porque tinha que jogar dez pedrinhas, que eram chamadas de tento. A gente passava pelo rio, pegava as pedrinhas mais bonitas, jogava para cima, quem conseguisse pegar mais quantidade de pedras, ganhava o jogo. Além disso, brincávamos também de roda, lenço atrás, pique, pegador...

Graças a Deus tive uma infância feliz. Não tinha brinquedo comprado, então a gente confeccionava em casa boneca de pano, era tão bonitinha, com os olhos bordados de linha preta e a boca de linha vermelha, era de trapo, mas era bonitinha e, também, boneca de sabuco de milho. Quando o milho estava na palha, tinha aqueles cabelinhos, ah, aquilo era boneca bonita! Quando minha irmã Marta nasceu nós estávamos brincando de boneca com uma planta chamada Saia Branca, inclusive é até venenosa. Então, nós fomos chamadas para voltar porque tinha nascido um neném. Ficou associado o nascimento da Marta com Saia Branca. Tenho só boas lembranças da infância.

Quando eu era criança ajudava minha mãe em alguns trabalhos da casa, como a buscar água na bica, pois não havia água encanada, era poço. Onde minha família morava era muito bonito, tinha plantação de pinheiros, de marmelo, pomar... A casa era bem antiga, construída no tempo da escravidão, depois que a família saiu, foi demolida. Hoje restam as muralhas de pedras.

Até hoje tenho família que mora lá, e às vezes vou visitá-la, pois precisamos beber água da fonte para enriquecer as raízes, nós nunca podemos esquecer as origens. É tão bonito visitar os moradores, relembrar os tempos de infância onde cada coisa tem a sua história.

Morei em Minas Gerais até os onze anos de idade, quando fui para São Paulo estudar no colégio das Irmãs de Sion e depois, aos quatorze anos entrei no convento das Irmãs Franciscanas de Siessen como juvenista em Agudos/SP.

Fiz meu o magistério no colégio das Irmãs, no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Agudos/SP. Lembro-me bem das professoras. Tinha a professora de matemática e música, a madre alemã Alfonsa. Ela era muito sábia, silenciosa e modesta. Lembro-me, também, da professora de português, Dona Catarina Torres, que nos ensinou muito bem a gramática. Outra professora que deixou marca foi a Glorinha de Rosa, ministrava as disciplinas de Psicologia, Pedagogia e História da Educação. Ela era boa professora, tinha uns que tinha medo dela, porque era muito exigente. Certa vez, ela deu um trabalho para a turma com o título “Não se pode esculpir o pau podre”,

relacionada a educação, eu fiz e tirei nota dez! Tirar nota dez com aquela professora era o máximo. Ela não era freira, mas era uma pessoa muito culta, amava as ciências e é autora de livros de História da Educação. Ela também estudou no colégio das irmãs; não era rígida, e sim amiga dos alunos; como sabia muito, ensina bem e queria que aprendêssemos estas matérias tão lindas: pedagogia, psicologia e história da educação. Quando alguém tirava nota baixa com ela, não tinha castigo, mas a vergonha e o medo de ser reprovado eram tão grandes que acabava sendo o castigo para quem não conseguia boa nota.

Depois que me formei no magistério logo comecei a lecionar, após sete anos como professora primária, fiz faculdade de Estudos Sociais, Licenciatura curta, em Bauru/SP.

Vocação

Desde pequena eu sentia que tinha vocação para a vida religiosa. Minhas irmãs mais velhas, que estudavam em colégio de freiras, vinham passar férias em casa e traziam alguns folhetos com estampas de missionárias trabalhando com crianças na África, carregando tijolos para construir casas. Eu achava bonitas aquelas imagens.

Um dia, fui buscar água na bica e veio um som bonito no meu ouvido: “missionária”, então, senti vontade de ser uma missionária. Depois de me professar religiosa e professora, fiz da sala de aula meu campo missionário, pois a nossa província não trabalhava em missões na África.

Entrei na congregação cuja missão era a educação para juventude. Então as jovens candidatas eram encaminhadas para o magistério, assim como eu fui. Nas escolas onde lecionei fiz da sala de aula meu campo missionário, evangelizando com a vida e doutrina de Jesus.

Paranaíba

Quando fui trabalhar em Paranaíba, em 1966, no Educandário Santa Clara, fiz minha experiência de magistério exercendo lá minha missão de educadora. No começo dava aula só no primário. Recebi uma sala de segunda série, dava todas as matérias, português, matemática que era denominada aritmética, desenho, trabalhos manuais... Dos trabalhos manuais me lembro até hoje dos alunos Valter Brito e do Ademar. Eles fizeram umas capelinhas de madeira bem bonitas. Passa o tempo, mas as experiências ficam gravadas. Quando ainda estava no Educandário Santa Clara, criou-se uma escola

normal regional, para aqueles que concluíam o curso ginásial, onde dei aula de português, educação física e, além das atividades em sala de aula, também trabalhava na secretaria.

As Irmãs Franciscanas de Siessen foram convidadas pelo Frei Pedro Holz para lecionarem nesse colégio que ele mesmo havia ajudado a construir, trabalhando como pedreiro. Dizem que ele era tão rápido que precisava de dois serventes para manter o material perto dele. Ele tinha muita esperança que com a atuação das irmãs no colégio iria aumentar o nível de cultura do povo paranaibense, mas isso não aconteceria de forma imediata, ele falava: *Olha, vocês não vão ver o resultado do trabalho que fizerem agora, vocês estão educando meninas que vão ser futuras mães, então, será através dos filhos delas que vamos ver o resultado.* Ele tinha essa esperança de que com o trabalho das irmãs melhoraria a condição das famílias, portanto da cultura do povo.

Em 1955 foram para Paranaíba assumir as atividades do colégio a Ir. Maria Adelgisa, coordenadora da comunidade, as irmãs Ir. Maria das Graças e Ir. Fides e algumas juvenistas, entre elas a Dianyra Leite, futura Ir. Marta.

Além de lecionar, as irmãs cuidavam com todo zelo das meninas internas e da limpeza do prédio. Muitas vezes, era necessário buscar água no vizinho, pois o enorme poço havia ruído. As alunas internas eram pequenas, cursavam o primário. Eram de famílias simples, provindas da fazenda e o lugar onde elas moravam não tinha escola, por isso os pais colocavam no colégio para estudar. Após a aula elas tinham todo tempo livre para estudar, fazer as tarefas, brincar e conversar com as irmãs. Tudo era uma festa, apesar de tanta simplicidade e dificuldade com a falta de energia elétrica e água.

Quando fui para Paranaíba, além de lecionar também fazia a limpeza do refeitório das internas, lavava com escovão de madeira. A cidade tinha carência de água. Estávamos acostumadas com seis meses de chuva seis meses de seca, eu sonhava com a chuva. Na primeira temporada que eu estive lá tinha um poço enorme que desmoronou. Dificultou muito. Tínhamos que buscar água no vizinho para nós e as meninas tomarem banho de balde, de canequinha. Fizemos um fogãozinho fora da cozinha porque o fogão de lenha continha uma serpentina para esquentar a água, que depois passava para uma caixa.

No final de semana nós limpávamos o colégio e nas férias fazíamos as grandes limpezas de todo o prédio: salão de festa, capela, salas de aula, dormitórios, etc., tudo com aquela alegria e disposição, porque éramos jovens, estávamos começando a carreira, tudo era festa. Quando pegávamos a vassoura e o rodo, virava festa. Não

tínhamos ambição de viajar nas férias, era só servir mesmo a missão de educar as meninas internas, que eram o foco das nossas atenções, por isso nós não tínhamos trabalho de pastoral fora do colégio, como a catequese. Nossa catequese era conviver com as meninas.

O que mais me marcou no tempo que vivi em Paranaíba foi aquela vida simples e alegre. Vivíamos na simplicidade. Tínhamos uma alimentação sóbria, não havia verduras nem frutas, mas muita mandioca, vivíamos naquela alegria! As irmãs eram todas jovens, cheias de ideal, viviam sua consagração a Deus, servindo as meninas internas. A gente gostava daquela vida fraterna, pois dedicávamos inteiramente à educação das meninas internas, que eram nossas companheiras. Então, o que marca é essa vida fraterna de convento, bem simples, na alegria, simplicidade da missão: da infância e juventude. Vivendo os grandes valores do evangelho junto delas, contribuindo para a educação.

As internas tinham sede de aprender sempre mais. Em geral, todos os alunos tinham orgulho de saber mais do que era ensinado, coisa interessante. Eles falavam: *Irmã, dá conta para gente de três Algarismos na chave, dá porcentagem para nós.* Imagine, na segunda série dar porcentagem, juros... Eles estudavam para a prova, tiravam notas boas, o interesse deles era aprender. Era necessário estar sempre se desdobrando para corresponder aos seus desejos de aprender. Essas coisas me marcaram.

No primário todo mês aplicávamos uma prova. Num dia era prova de português, no outro de matemática. Os alunos que não conseguiam a nota necessária repetiam o ano, porque não tinha essa questão de recuperação, então eles tinham que fazer de tudo para tirar uma nota boa. As notas acumuladas durante o ano não eram contadas, era só a nota da prova. A gente estudava, apertava, porque não sabia quais perguntas iria cair na prova.

Lembro-me, também, que ao entrar na sala de aula cantávamos na fila cânticos cívicos, patrióticos e cantos infantis. Depois do almoço e do pequeno recreio, as internas faziam suas tarefas sob a vigilância de uma irmã. Depois tomavam banho, muitas vezes de canequinha, pois o grande poço desmoronou. Mas as meninas não reclamavam de nada, pois em suas casas não havia algo melhor.

Tenho uma lembrança bonita dessa época no Educandário... Um dia encontrei uma ex-aluna que me falou: *Irmã, teve uma vez que eu não passei de ano, e lembro que a senhora foi lá na minha casa me levar um pedaço do bolo da formatura.* Eu não

lembrava disso, mas ela não esqueceu. Ela não participou da festinha, mas eu fui levar um pedaço de bolo para ela. Era Umbelina o seu nome. Ela tinha uma irmã chamada Urcelina, que passou de ano, mas a Umbelina não. Porém, ela não ficou revoltada, porque viu que não podia ser promovida sem saber o conteúdo. Mas é muito duro a gente reprovar aluno, é muito ruim.

Gostei muito de Paranaíba, mas tive que fazer um esforço para me adaptar ao clima quente, porque o colégio não era muito arejado, as janelas eram pequenas, havia muitos pernilongos e baratas. Hoje em dia há tantos produtos para combater insetos, mas na época não havia. O clima era muito quente, e ainda usávamos o hábito preto mais fechado do que hoje. Na capela que tinha dentro do colégio as janelas não abriam, não tinha lugar para respirar, só umas frestinhas, não sei por que era assim, mas depois eles arrumaram, mas no começo era assim, não peguei a reforma boa. A gente saía quase meio dia da aula e ia fazer oração na capela, com aquele calor do meio dia! Mas, com esforço permanecemos fiéis.

Nós sofremos um pouco com o clima. Ficava uma longa temporada sem água, sem chuva, foi duro, mas a gente não se deixava abater por isso não. Eu fiquei seis anos lá. Eu tenho intolerância a lactose, mas eu não sabia, eu passava mal sem saber o que era, e lá o leite era gordo, mas aguentei bem, fiquei seis anos, não pedi para sair, fiquei firme. Deu para ficar, graças a Deus. Foi uma batalha, mas Deus vence com os fracos.

Só saíamos da cidade uma vez por ano para fazer um retiro em Agudos, onde encontrávamos com as outras irmãs, reabastecia, tomava alguns medicamentos, ficava forte para voltar. E as viagens, meu Deus ... aqueles ônibus antigos, o pessoal fumando lá dentro, e a gente fraca depois de um ano de trabalho tendo que passar por aquilo. A estrada era de chão, era barro ou era poeira. O ônibus sem conforto, não tinha sanitário, quando tinha não dava coragem de usar, tinha que segurar, ainda bem que naquela época erámos todas jovens, o organismo era forte, hoje em dia não daria mais. É impensável fazer uma viagem longa naquele desconforto. Hoje em dia está tudo asfaltado, existem boas empresas que nos prestam serviço. Mas, naquela época os ônibus quebravam muito no caminho, o motorista parava para pôr água não sei onde, porque tinha que esfriar o motor. Uma dessas viagens ficou bem na lembrança... nós estávamos indo de Três Lagoas para Paranaíba, passou por nós um caminhão boiadeiro que estava com uma carga de porcos gordos, um porco caiu, o motorista foi lá, pegou o porco e colocou junto com nós passageiros. Levou o porco para a casa dele! A gente

não esquece disso. Eu escrevi na carta para as irmãs e quando cheguei lá elas comentavam: *Então viajou com o porco?!*

Além dessas viagens, uma vez eu participei de uma peregrinação em Assis, promovida pela família franciscana. Nós passamos pela terra de São Francisco, onde ele nasceu, percorreu aquelas vilas, povoados, abraçou o leproso, fez o sermão para os passarinhos, idealizou o presépio em Grécio. Nós fomos aos lugares onde ocorreram fatos narrados nas fontes franciscanas. Lemos textos nas fontes franciscanas, cantávamos e rezávamos para poder renovar a nossa caminhada. A última etapa foi no monte Alverne, onde ele recebeu as chagas de Jesus, bem no alta da montanha. Ficamos hospedadas no convento e todos os dias íamos fazer a celebração das chagas. Era bem bonito. Depois de lá cheguei até Siessen, sede da Congregação, onde fiquei três semanas. Foi a única vez que viajei para o exterior.

Hoje em dia, já aposentada, faço minha contribuição com os recuperandos da Fazenda da Esperança, pois nós fizemos uma aliança com ela. Nós nos comprometemos a viver o carisma da unidade com a Fazenda, é uma ajuda recíproca. Eu morei treze anos na fazenda masculina. Passei por Manaus, Garanhuns, em Pernambuco e Pacatuba no Ceará. Depois vim para Guaratinguetá. Nossa presença na vida dos recuperandos é para lembrar Maria, a mulher consagrada que sabe o que quer da vida, porque eles só conhecem o outro tipo de mulher, a que levou muitos à droga, à prostituição.

Nossa missão é ser presença de Maria e contribuir para a formação religiosa deles. Ontem mesmo dei meu segundo encontro de catequese, preparando para o sacramento, batismo, crisma, confissão. Além disso, tem as irmãs que dão formação litúrgica, ensina a cantar os cantos da igreja. Estamos aí sempre atendendo quem precisa de nós. Como a maior parte das irmãs são idosas, a ajuda delas acontece a partir do testemunho de vida. Ou seja, estamos contribuindo com a educação, com o testemunho, com o exemplo de vida e com a oração.

Ontem, na catequese, falamos que os mandamentos dizem que devemos honrar pai e mãe, e que existe uma promessa: *Quem honra pai e mãe terá vida longa*, então, acho que as nossas irmãs honraram muito bem pai e mãe, porque estão ficando tão velhinhas ... cheguei a essa conclusão.

2.2.5 Lúcia Caliani: Irmã Maria Marcelina (1967)

Figura 9: Irmã Marcelina

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Meu nome civil é Lucia Caliani, depois de religiosa ficou Irmã Maria Marcelina. Nasci em Getulina/SP, no dia 10 de março de 1946. Nasci na zona rural e morei na fazenda do meu avô até os seis anos de idade. Depois, fui para a cidade estudar num grupo escolar, era muito legal, eu era muito sociável, gostava de brincar. Tenho quatro irmãos, sou a única filha mulher. Tive uma infância muito feliz, junto com meus pais e irmãos.

A história da minha vocação é um pouco misteriosa, eu não conhecia freira e não sabia que existia colégio de freira, eu não sabia de nada. O padre falou com mamãe e com papai e logo fui levada para o convento de Agudos.

Até hoje não me arrependo, mas eu não conhecia nada, foi tudo Deus que escolheu, eu não pensava muito nisso, caiu do céu. Não sabia como as irmãs viviam, o que elas faziam, caiu do céu o convite e eu fui, nunca mais voltei para casa. Meu pai perguntava se eu queria ficar no convento, escolhi ficar, não faltava nada, meu pai mandava tudo que precisava. Eu sou feliz com minha vocação, pois é um chamado que não tem explicação. Eu participava de tudo na cidade, das festas em praça, mesmo assim fui para o convento e não me arrependi. Quando fui pra lá meu pai falou para a mãe que eu gostava muito de brincar, de ir em festa, aí ela falou que para ser franciscana é preciso ser assim mesmo.

Entre na Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen em Agudos/SP. Fiz o Curso Ginásial e o Magistério. Quando fiz os primeiros votos fui transferida para Chopinzinho, para lecionar em diversas matérias e na pré-escola. Depois de quatro anos fiz o curso de Pedagogia, em Palmas/PR. Fiquei treze anos lecionando em Chopinzinho. Fui transferida para Garça/SP, para atuar também como professora. Fiz o curso de especialização em pré-escola e alguns anos mais tarde optei por fazer especialização em orientação educacional, na cidade de Marília/SP. Desde esse tempo exerci o serviço de orientação educacional nas escolas de Garça e Agudos.

Paranaíba

Quando terminei a oitava série ginásial fui convidada para dar aula no primeiro ano do primário em Paranaíba/MT. Eu era juvenista, mas como estava faltando duas professores de primeiro ano lá, eu e outra irmã fomos. Quando eu fui ainda era na direção do Dr. Walter. Fui muito bem recebida, me identificava com a turma e nem era professora formada ainda. Eu gostava de dar aula, não tinha muito recurso, mas eu fazia.

Permaneci nesta escola de Paranaíba por um ano. Exerci boas experiências no campo da alfabetização. Tinha muita afinidade com meus alunos. Passei pouco tempo lá, mas foi um tempo rico de experiências e me ajudou muito na escolha da profissão de professora.

Quando estava cursando o segundo ano do magistério em Agudos/SP, fui convidada para voltar a Paranaíba, para colaborar no curso de férias de admissão, onde lecionei as disciplinas de História e Geografia. Eu me preparava bem para as aulas, estudava bastante. Lembro que estudava num livro chamado Débora, não sei onde comprava. Nas aulas lembro que para entrar na sala fazia fila e cantava o hino nacional, o professor ficava na frente.

Depois fui para Paranaíba na festa de vinte e cinco anos do Educandário, todas nós fomos, foi muito legal. Eu gostei de Paranaíba, mas, nossa... tinha muita barata naquela casa, voava barata para cá, voava para lá... Eu peguei medo de barata por causa de Paranaíba. Lá era tudo simples só a igreja que era bonita. Tinha muita gente sentada em bar tomando pinga, muito feio. O importante é que eu me identifiquei, pois sempre fui professora.

Lembro-me de uma menina que não saía do segundo ano, quando foi minha aluna ela saiu e hoje é advogada, tenho muito orgulho. Tenho muito orgulho de ser professora. Quando fui dá aula os alunos eram quase maiores do que eu.

Depois que terminei o curso de magistério ingressei nas nossas escolas. Gostava muito de servir nas escolas como educadora. No serviço de orientação educacional adquiri muita experiência no atendimento de alunos e família. Eu me realizava como professora e educadora. Atualmente, trabalho na fazenda da esperança, nas Pedrinhas em Guaratinguetá/SP. Todas as experiências que adquiri nesses anos de trabalho nas escolas me ajudaram muito no atendimento aos acolhidos.

2.2.6 Theresinha Rodrigues: Irmã Maria Otília (1970)

Figura 10: Irmã Maria Otília



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

A história da minha família começa assim

Numa cidadezinha do interior do Estado de São Paulo, chamada Taquarituba, morava um casal que tinha uma casa de comércio, lá tinha de tudo, arroz, feijão, açúcar, óleo, querosene, tecido, etc., pois era a única existente. Para ajudar foi contratado um juvenzinho, pobre, humilde, mas muito inteligente, responsável e honesto, chamava-se Joaquim. De repente, sem saber como, surgiu naquele lugar uma epidemia que já estava até matando algumas pessoas.

O dono deste comércio, o senhor João da Silva, também foi contaminado. Por esse motivo recebeu a visita de uma cunhada, que morava bem longe, pois era grande amizade entre as famílias. Essa cunhada trouxe uma filha de companhia e deixara outras cinco em casa. Como as distâncias eram grandes e os meios de comunicação superdifíceis as visitas eram bem demoradas. Assim, aconteceu também. Quando a visita resolveu ir embora, pois graças a Deus o doente já estava bem melhor, tanto o senhor João quanto sua esposa pediu para que a cunhada deixasse sua menina, pois eles não tinham filhos e a menina lhes dava muita alegria, ajudava bastante. Enfim, era uma ótima companhia. Otilia, assim se chamava, se sentia muito feliz, pois era muito bem tratada.

A mãe meio sem jeito a deixou ficar, mas depois de algum tempo escreveu dizendo que iria buscá-la. Todos ficaram meio alvoroçados, pensando como segurar a meninas ali. Ela também estava contente e gostaria muito de ficar. Depois de tanto pensarem no caso, veio uma ideia: *Vamos fazer o casamento da Otilia com o Joaquim, assim, está resolvido o problema.* Todos acharam ótima a ideia e assim aconteceu. Otilia e Joaquim se casaram no dia treze de novembro de 1886. E que casamentão! Muita gente acompanhando os noivos, uma verdadeira procissão.

Quando chegaram à igreja, muitos fogos estourando no ar, até que chegaram ao altar. E muita festa como era de costume. E agora vida nova. Assim, minha família começava. Muita pobreza, muita simplicidade, mas Deus tinha um espaço muito grande naquele lugar. E por isso havia sempre muita alegria, paz, amizade e grande estima com todos. Dois anos depois nasce a primeira filha do casal, e como agradeceram a Deus. Passaram-se mais dois anos e em 1900 veio um filho. E a família foi aumentando, cada um que nascia era sempre uma festa e louvor a Deus. A vida continuava naquela simplicidade, enfrentando as dificuldades, mas vencendo-as com as graças de Deus, esforço e responsabilidade de cada um.

No dia dois de agosto de 1928, numa quinta-feira quase a meia noite, nasceu a 21ª filha, que recebeu o nome de Therezinha Rodrigues, pela devoção que a mãe tinha a essa santa. E hoje eu agradeço a Deus e aos meus pais porque nasci. Sabe por quê? Por poder partilhar a bondade de Deus, que sem mais e nem menos, sem a gente saber por que, nos chama e nos ajuda a ser feliz.

Meu pai era uma pessoa que quando estava faltando alguma coisa na cidade procurava começar a fazer. O pessoal da cidade era muito analfabeto e como ele tinha aprendido a ler e escrever com seu padrinho, falou para os companheiros e amigos:

Olha, eu não sou professor, mas se vocês quiserem eu ensino. Ele passou a ser chamado de Joaquim mestre, pois ensinou a “homarada” tudo a ler.

Quando as pessoas começaram a comprar carro, não tinha gasolina na cidade. Meu pai botou uma bomba de gasolina na frente de nossa casa, lembro até hoje da bomba. Depois, as pessoas precisavam de fotografia para documento, meu pai aprendeu a tirar, e começou a tirar daquelas fotografias que antigamente cobria a cabeça. Então, meu pai era assim, precisava de alguma coisa na cidade, ele mandava brasa! Ele sempre dizia: *Nós não podemos dar jeito somente para a morte, o resto a gente vai tentando.* Ele iniciou também o cartório da cidade, onde trabalhou por sessenta e cinco anos, até se aposentar, acho que uns quinze dias antes de ele morrer.

Sabe como foi meu chamado?

Na mesma cidadezinha, agora bem maior e melhor fiz o meu primário e quando estava estudando para fazer o meu último exame recebemos inesperadamente a visita de um padre, muito amigo, cuja família morava numa cidade próxima. Conversando comigo perguntou se eu gostaria de continuar os estudos e fazer o ginásio, pois ele era diretor de um colégio dirigido por irmãs, onde estudavam muitas meninas, muitas moças que iam de diversos lugares que não havia ginásio.

Era um internato muito simples, mas muito bom. Ouvi aquele convite, mas logo chegou a hora do almoço e ele seguiu sua viagem. Contei para a minha mãe, que não respondeu nada, pois ninguém da minha família havia estudado além do primário. Nós não éramos miseráveis, mas pobres. Não saía da minha cabeça aquela ideia. O ano 1939 terminou e o de 1940 começou. O entusiasmo crescia, até que um dia falei novamente com minha mãe. Ela apesar de já saber que não iria conseguiu nada, fez a minha vontade e falou com meu pai, que respondeu da seguinte maneira: *Você acha que isso é possível? Therezinha não larga de você, come até no mesmo prato.* Mas... afinal, resolveu conversar comigo. Me chamou e foi logo ao assunto: *Então você está querendo ir estudar? O colégio é distante daqui. Você vai ficar longe da sua mãe e de todos nós? Se você quiser mesmo e fizer um compromisso comigo, quem sabe dará certo.*

Perguntei: *Qual é o compromisso?* (Eu com onze anos nem sabia bem o que era um compromisso). Então, com muita seriedade meu pai me falou: *Nós somos pobres, você sabe muito bem disso. É preciso pagar o colégio, para isso precisamos fazer*

muitos sacrifícios para quando chegar o fim do mês mandar o dinheiro direitinho. Você entende que isso não é fácil, não é?

Sei! Respondi. Ele: Pois bem, agora vem a sua parte. A primeira vez que você sair de casa chorando, que reclamar que precisa levantar muito cedo, que a comida não é boa, apresentar boletim com reprova, ou boletim do internato com mau comportamento, pontualidade com notas baixas, se reclamar das irmãs, dos professores, das colegas, etc., não vai mais. Me assustei um pouco, mas como a decisão era minha, respondi: Tudo certo!

Então, os preparativos começaram. Meu pai comprou uma mala, mais pequena do que grande, pois não havia muita coisa para encher. Minha mãe começou a fazer algumas roupas novas e consertar as que estavam mais ou menos. Meu pai comprou um livro grosso com as seis disciplinas que eu precisava estudar para prestar o exame de admissão, necessário para entrar no ginásio. Como todos nós ao entrarmos na escola já estávamos alfabetizados pelo meu pai, esse novo estudo não foi tão difícil. Meu pai não me dava sossego. Mas tudo bem, pois afinal, a decisão de ir para colégio era minha.

Chegou o grande dia! Aquele alvoroço em casa para não esquecer nada. Recomendação em cima de recomendação. Coloquei um vestido novo de organdi cor de rosa, com um laço de cada lado da cintura, duas trancinhas fininhas (parecendo dois rabos de gato) com uma fita cor de rosa, a bendita mala... despedidas, a benção da minha mãe (eu sorrindo porque o compromisso era de não chorar) mas, fazer o que, a decisão era minha.

A jardineira (o que chamamos hoje de ônibus) parou de frente a minha casa. Meu pai e eu entramos, abanamos a mão e seguimos. Tudo era novidade e lindo. Apesar de que a bendita jardineira era muito velha.... De repente, o tempo escureceu e começou a chover. Como não era de esperar outra coisa começou a chover em nós, foi preciso armar o guarda-chuva dentro do ônibus. Mas tudo bem ... porque a decisão era minha.

Chegamos a Avaré/SP e lá precisamos tomar o trem, outra novidade para mim. Chegando a Agudos o padre, nosso amigo, nos esperava na estação com seu carrinho. Foi aquela alegria toda! Dirigimos-nos para o colégio, era um prédio grande, bonito. Quando entramos a irmã que trabalhava na portaria nos recebeu muito bem, nos levou para uma grande sala de visitas, muito linda, meus olhos logo bateram num quadro (uma tela) grande, onde estava pintado São Francisco abraçado com o crucifixo, achei lindo. Parece que aquela imagem abalou meu coração. Fiquei sabendo depois que era São Francisco, pois até então não conhecia aquele santo.

Comecei meus estudos. Gostava de todas, de todos e de tudo. Éramos quase cento e oitenta (180) internas. As irmãs todas alemãs, mas muito carinhosas, compreensivas, mas levavam tudo a sério. As meninas que moravam perto iam para a casa nos feriados maiores ou por motivo justo. Mas, algumas onde eu estava incluída, por morarmos longe, só íamos para casa nas férias de junho, que era um mês, pois as aulas iniciavam em fevereiro e em dezembro.

Tudo bem conforme o compromisso, com exceção da saudade que de vez em quando batia forte. As lágrimas ficavam guardadas e o segredo foi revelado sete anos depois, quando me formei.

Bem, como as irmãs vieram da Alemanha e pertenciam à Congregação das Franciscanas de Siessen (Siessen é uma aldeia da Alemanha onde a congregação foi iniciada, por isso recebeu esse nome), depois de mais ou menos oito anos da chegada ao Brasil, resolveram fundar um convento em Agudos, onde moravam.

A construção começou, e é claro, a pastoral vocacional também. Muitas vezes a tarde, após o jantar, a superiora ia ver como estava a construção. Três colegas e eu pedíamos para ir junto. Ela percebendo o nosso interesse sempre nos levava e com certeza pensava: *Talvez elas estão pensando em ser religiosas*. Mas ... coitada! Estava muito enganada. Nós queríamos mesmo era sair do colégio e atravessar a rua. Mas, tudo bem.

Na minha família o dom da música era um presente de Deus. Meu pai era regente de banda, na qual todos meus irmãos participavam. Ele também tocava na igreja e todos nós suas filhas, inclusive a minha mãe, cantávamos juntas com outras pessoas da cidade. Na minha casa o dinheiro era pouco, mas a alegria era grande demais! Às vezes até virava confusão. Louvado seja Deus por tudo isso. Quando eu entrei no colégio, via muitas meninas estudando piano. Tinha vontade de estudar também, mas me limitava a aprender as melodias que elas tocavam, porque reconhecia e aceitava que meu pai não tinha condições de pagar mais isso. Paciência!

Mas, como nos diz um provérbio: “Com esperança tudo se alcança”. Quando eu estava no 1º ano do magistério, meu pai me deu uma notícia maravilhosa. Se eu quisesse estudar piano estes dois últimos anos de colégio, eu poderia, pois as condições financeiras tinham melhorado, graças a Deus. Nem precisa falar da minha alegria.

Depois dos primeiros métodos com exercícios, a professora perguntou se eu gostaria de tocar uma música e se eu tinha alguma preferência. Respondi que gostaria de aprender a Valsa da despedida. Estava super feliz.

Uma noite, eu estava estudando e as irmãs terminaram de rezar na capela que era perto e, de repente, a irmã superiora foi até onde eu estava, me pediu para tocar um pouquinho, começou a conversar comigo e depois me perguntou se eu gostaria de ser religiosa. Prontamente respondi: *Acho muito bonito, mas não tenho coragem de deixar minha mãe, meu pai e minha família.*

Ela deu um sorriso e disse: *Achar bonito é o primeiro passo para qualquer vocação. Olhe os casais, a primeira coisa é achar um ao outro bonito. Depois um procura conhecer o outro, vem uma amizade, um namoro, um amor mais profundo, o noivado e o casamento. Já que você acha bonita a vida religiosa, vamos começar a rezar nessa intenção?* Respondi: *Vamos!* Mas pensei comigo: *Rezar, não custa nada, mas ser irmã, nunca!* Mas, comecei a rezar. E a oração é poderosa mesmo, bem dizia Santo Agostinho: a oração é a força do homem e a fraqueza de Deus.

Sem perceber, comecei a achar a vida das irmãs mais bonita, queria saber uma coisa, ora outra, de vez em quando sonhava acordada, me via fazendo o que elas faziam, rezando, dando aula, trabalhando, conversando com as famílias, com as demais meninas. Enfim, do conhecimento já estava na etapa da amizade e me preparando para o namoro daquela nova vida, o que não demorou muito, mas guardava muito silêncio sobre tudo o que estava acontecendo. Até que um dia conversei seriamente com a superiora, contei o que estava pensando e ela ficou muito feliz. Daí em diante as coisas foram se tornando cada vez mais sérias.

Todos os domingos eu escrevia para casa e todas as quarta-feira eles recebiam minhas notícias. Num desses domingos, pois já estava no último ano de colégio, resolvi dar a grande notícia para meu pai, que eu estava pensando em ser irmã. Pensei que eles iriam ficar contentíssimos! A resposta chegou. Ah! Pura decepção. Lá estava escrito: *Se você pretende escrever essas coisas, não precisa escrever mais.* Virgem Maria, pensei: *está pegando fogo no circo!* Por esta eu nunca esperava. Mas, por que isso? Todos meus outros irmãos quiseram se casar, casaram, e eu não posso seguir meu ideal? Mas... vamos devagar. Não toquei mais no assunto, é claro. Mas, na minha cabeça e no meu coração aquela ideia fervia.

Até que um dia tive uma ideia e falei com a madre superiora: *Em dezembro terminarei meus estudos, meu pai vem me buscar e a senhora fala com ele, e, eu já fico por aqui.* Tudo combinado. Chegou o dia do meu último exame, meu pai viria me buscar nesse dia. Imagine como estava minha cabeça. Entrei na sala de aula para meu último exame, me sentei na última carteira. O que caiu não foi difícil, até sabia algumas

coisas, mas começava a escrever e parava, pois estava quase na hora do trem chegar. De repente ouvi o apito do trem. Nossa Senhora, quase caí da cadeira, sumiu tudo da minha cabeça. Só imaginava meu pai descendo do trem, tomando um táxi, chegando ao colégio... Parei um pouco, me animei, dei uma olhada pela sala, minhas colegas já tinham saído quase todas e eu plantada lá no fundo da sala.

Quando percebi isso falei para mim mesma: *vamos, acaba logo, pois o tempo está terminando*. Dei uma respirada, mas nem cheguei ao fim do respiro a campainha da entrada tocou. *É ele meu Deus do céu! Ah, São Francisco, você que é o culpado de toda essa encrenca, de toda essa revolução dentro de mim. Me ajude!* Pensava. E sabe que ele me atendeu? Acalmei-me um pouco e já estava terminando a prova quando a madre superiora, que era a diretora da escola naquela época, entrou na sala e me deu uma olhada e já percebi que ela tinha encontrado com meu pai.

Terminei a bendita prova, entreguei e quando saí da sala a madre me acompanhou. Já fui logo perguntando: *Meu pai chegou?* Ela: *Sim*. Eu: *E ele?* Ela com toda calma respondeu: *Ele disse que se for destino, um dia a senhora virá, mas agora sua mãe está sofrendo pressão muito alta e não pode ficar nervosa e ainda sem a sua companhia*. Segunda decepção. Fazer o que? Voltei para casa, todos se alegraram muito, mas ... como diz a letra da música: a voz do vento me chamava sem cessar.

Às vezes esse vento virava uma ventania. Ninguém de casa, ninguém da minha família, ninguém queria que eu seguisse a vida de religiosa. Achavam que era influência das irmãs, mas que eu não tinha vocação. Falavam que eu nunca daria para isso, pois era muito alegre, tinha amizade com todo mundo, gostava de dançar, cantar, tocar violão, imagine, isso não dá freira de jeito nenhum. Nem o padre da cidade acreditava na minha vocação.

Imagine só, aquela gentarada puxando de lá e eu puxando de cá. Minha casa virou um verdadeiro Iraque. Briga em cima de briga. Certo dia chegou uma carta da secretaria do colégio me chamando para assinar e retirar o diploma de professora. Pensei: *Desta vez ninguém me pega! Vou lá, fico e pronto*.

Arrumei a minha bolsa que era de escola, coloquei umas peças de roupa que para o começo daria muito bem, depois eu iria me arrumando. Claro que meu pai iria comigo. Chegou o dia lá fomos nós e eu certa do meu propósito, afinal, a decisão era minha. Meu pai já levou minha sobrinha junto, não quis dormir em Agudos onde ficava o colégio, fomos dormir em Bauru para ir no dia seguinte. Eu fiquei danada, chorei e

falei para minha sobrinha: *Não se assuste, porque amanhã eu não quero nem saber, eu não saio do colégio, vou ficar lá de qualquer jeito, aconteça o que acontecer.*

Bem, chegamos lá, enquanto ele foi à secretaria fazer nem sei o quê, falei firmemente do meu propósito para a madre. Mas, ela me respondeu: *A senhora não pode fazer isso porque o seu pai pode ir na justiça. Quando a senhora completar vinte e um anos já é maior de idade, pode vir de qualquer jeito.* Fazer o que? Voltar para casa e esperar.

Um dia, não me lembro mais se foi fim de 1946 ou começo de 1947, depois de uma discussão, minha mãe se ajoelhou na minha frente chorando e pediu para que eu deixasse dessa ideia de convento. Ajudei-a se levantar e falei: *Mãe, esqueça-se de tudo o que passou, esqueça até da palavra convento.* Saí dali, tomei um banho, me arrumei, passei um batom bem vermelho, botei uns brincões e desde esse dia não falei mais nada e nem a palavra convento. O clima mudou da água para o vinho.

Paz! Para eles eu tinha voltado a ser a Therezinha que eu era. Vocaçãõ, já era. Coitados! Eu continuava me correspondendo com a madre e ela me animando sempre. Até que de repente eu não recebia mais cartas. Pensei: *O que será que aconteceu?*

Telefone graças a Deus não existia na nossa cidade. Fui à casa de um irmão que morava na cidade de Avaré e de lá telefonei para a irmã. Ela me disse: *A senhora não sabe? O seu pai pegou uma carta minha (a minha casa era correio) abriu e leu. Escreveu-me pedindo que parasse de escrever se não ele viria aqui e não sabe o que iria acontecer. Por isso, não escrevi mais.*

Desta vez recorri ao Espírito Santo, pedi que me iluminasse, me desse forças, pois a decisão não era deles, a decisão era minha. E a luz veio... O meu irmão que morava em Avaré tinha uma filha e ela namorava o motorista do ônibus que fazia a linha Avaré à Taquarituba (minha cidade). Esse rapazinho foi meu colega de escola. Tudo feito! Os dois adoraram a ideia. E mais do que claro minha vida mudou um pouco. Como? Eu escrevia para a Madre, entregava para o Fausto (o motorista), ele levava para minha sobrinha Célia, e ela colocava no correio. A madre respondia no endereço da Celia, que entregava para o Fausto e ele levava para mim.

Todos os dias, às dez horas lá estava eu empoleirada no muro do jardim da minha casa esperando o ônibus que passava ali, no próximo quarteirão era o paradeiro dele. Quando tinha carta ela buzinaava três vezes. Assim, a gente fazia. Eu corria até o ponto, esperava o pessoal descer, entrava no ônibus como ninguém não quer nada com nada e ele me entregava a carta. Lá em casa escondia debaixo do colchão, respondia

altas horas da noite, depois entregava para ele colocar no correio de Avaré. Assim a vida ia continuando.

Às vezes eu pedia para visitar meu irmão que morava em São Paulo, mas quando eu chegava a Botucatu fazia baldeação e ia para o colégio. Muitas vezes precisei ficar escondida no hospital, onde algumas de nossas irmãs moravam, outras no próprio convento que já havia começado, pois várias meninas da minha cidade, inclusive duas sobrinhas, estudavam no colégio. A minha sorte era que minha cunhada de Avaré era funcionária da Ordem Terceira Secular e seu esposo, meu irmão de São Paulo, me apoiavam.

Depois que me formei nunca deixei de lecionar um dia sequer. As aulas começavam em fevereiro, dia primeiro já tinha minha sala de aula, que era para ser em uma fazenda, pois era de costume naquela época as professoras lecionarem nas fazendas, mas, consegui uma sala de aula na cidade. Depois, passei no concurso do Estado. Eu tinha uma cunhada que se aposentou alfabetizando, ela compartilhava as técnicas dela comigo. Trabalhei doze anos como professora, alfabetizei durante sete anos e por cinco anos lecionei em classe de quarto ano.

Em 1948 escolhi para trabalhar uma escola na Alta Paulista, hoje Pacaembu. Lá estava mais à vontade, porque escrevia e recebia carta da mãe. Contava os dias para completar vinte e um anos. Nas férias de julho do ano de 1949, no dia 31, passei em Garça onde me encontrei com a mãe rapidamente e toda feliz lhe falei: *A senhora está lembrada do nosso combinado? Daqui dois dias estarei completando vinte e um anos. No final do ano já não volto mais para casa, fico no convento, não é? O rascunho da carta para meus pais está prontinho. Sabe qual foi a resposta que ela me deu? Minha filha, vamos entregar tudo nas mãos de Deus. Ele sabe como e quando tudo deve acontecer.* Foi a maior decepção da minha vida. Nem deu tempo de mais explicações, porque já estava na hora de seguir viagem.

Mas, apesar de tudo isso, a voz de Deus me chamava e a decisão era minha. Esperei dez anos e meio. Todos, inclusive minha mãe, achavam que eu já nem pensava mais em ser religiosa, pois já estava ficando velha e ninguém a não ser a mãe, acreditava na minha vocação. Procurei ser uma filha carinhosa e paciente, principalmente com a minha mãe, cuja saúde não era muito boa. Sempre com pressão alta, por isso ninguém queria deixá-la nervosa. E assim, dia quatorze de maio de 1957 ela faleceu de repente, questão de vinte minutos, nos meus braços. Ficamos eu e meu pai só, que estava com oitenta e poucos anos. Todos os dias eu ia ao túmulo da minha

mãe junto com uma amiga que acompanhou toda a minha história e lá eu rezava e pedia: *Mãe, eu quero ser religiosa, me ajude. Mas eu pensava: Meus Deus, como?*

No dia treze de junho, portanto faltando um dia para completar um mês do seu falecimento, chegou uma carta do meu cunhado onde ele explicava ao meu pai que durante vinte e um anos de casado pôde perceber que minha irmã (sua esposa) era uma pessoa honesta, fiel, responsável, econômica, mas que o gênio dos dois não combinava. Durante todo esse tempo não falaram e nem resolveram nada em respeito a pressão arterial muito alta da minha mãe. Mas, agora não dava mais. Claro que não foi um acontecimento muito bom para todos, mas meu pai respondeu: *Não somos os primeiros a passar por isso e nem seremos os últimos, vamos buscá-la.* Minha irmã veio para nossa casa, acolhemos ela muito bem e achei que a minha solução tinha sido encontrada.

Aí eu pensei: *Agora ninguém me segura! Hoje falo com meu pai.* Mas, não tive coragem. Então, eu iria aproveitar o dia que fosse levar minha sobrinha para São Paulo para ficar no colégio e não voltar mais. Pediria afastamento por dois anos da escola em que eu era concursada, iria gozar também de duas licenças prêmios que nunca tinha tirado, porque se não desse certo lá no convento eu tinha como voltar. Assim eu fiz.

Cheguei em Agudos no dia treze de julho de 1958, ao meio dia. Escrevi uma carta para meu pai falando que estava no convento e disse: *Se o senhor deixar, eu serei muito grata e feliz, se o senhor não deixar, estou disposta a obedecê-lo.* Minha amiga levou a carta e minha irmã leu para ele. E o medo da resposta ... minha amiga ficou de me ligar. Quando ela me ligou passou o telefone para meu pai, que falou: *Já está de farda?* Respondi que não era assim que funcionava, que não ia chegando lá e colocando... Então ele disse: *Olha Theresinha, não era novidade para nós. Nós sabíamos que era isso que você queria.* Passou um mês ele foi me visitar. E foi assim que consegui entrar para o convento.

Antes da cerimônia de vestição a madre me perguntou qual nome escolheria no dia de receber o hábito, pois todas teríamos que ter um nome religioso. Eu disse para ela que queria ser freira de qualquer jeito, então ela poderia colocar qualquer nome em mim. Depois, quando eu cheguei à capela falei para Jesus: *Olha só a besteira que eu fiz... existe tanto nome esquisito, Irmã Lucrecia, Irmã Bonita, e se me colocarem um nome desses?* Pedi para Jesus que me colocassem qualquer nome, desde que fosse de um santo que se comemore no dia treze, porque dia treze marca a minha vida, meus pais se casaram dia treze, eu fui batizada dia treze, eu cheguei ao convento dia treze...

Chegou o grande dia. Na época era uma grande solenidade, a gente se vestia de noiva, entrava com o padre, tinha missa, depois que acabava a comunhão era a cerimônia, a gente deitava no chão, cantava, levantava. Depois ia vestir o hábito, era tanta coisarada, nem sei quantas peças. Chegou a hora de receber o nome e aquilo meu coração disparava, porque eu não sabia o nome que iria receber. Então falou: *Minha filha, de hoje em diante não se chamarás mais Theresinha Rodrigues, mas Irmã Maria Otília*. Eu não achava lugar de colocar as mãos de tanta emoção e felicidade, minha família tudo chorava, pois era o nome da minha mãe.

Paranaíba

Minha primeira transferência para Paranaíba aconteceu em 1970. Cheguei lá no dia doze de fevereiro de 1970, ao meio dia. No período matutino dava aula de religião e educação artística no ginásio, a tarde eu tinha uma sala de primeira série. No último ano que fiquei lá tive um quarto ano de manhã e a tarde uma sala de primário. Foi a minha primeira transferência.

Na nossa escola desde o pré tinha ensino religioso. A gente recebia aluno de toda crença, mas quando chegavam lá para fazer matrícula a gente explicava: *A nossa escola é de filosofia católica, com religião tem que ter respeito, nós respeitamos a religião de vocês. Na aula de ensino religioso se seu filho não quiser assistir a aula, tudo bem, ele pode ir para a secretaria, ou biblioteca estudar, mas no final do mês nós pedimos um trabalho do seu pastor ou da sua igreja e colocamos a nota no currículo. Nós respeitamos e queremos respeito também.*

Eu sempre dei aula de religião e de educação artística, nessas aulas a gente tem que ficar em cima, eu era rígida. Lembro-me de um aluno, o Damião, que sempre precisava chamar a atenção dele, porque conversava demais. Além dessas disciplinas eu também iniciei aulas de iniciação musical. A gente pegava o disco e ensaiava nas aulas. No domingo, um aluno ia cantar na missa. Assim, eles aprendiam a cantar, a ir à missa e aprendiam a liturgia. Sinceramente, meu coração está em Paranaíba. Eu trabalhava muito com os pobres, na comunidade, tocava nas missas. Eu tenho saudade da cidade, da escola, das amigas.

2.2.7 Carlota Casagrandi: Irmã Maria Aparecida (1971)

Figura 11: Irmã Maria Aparecida

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Infância, família e escolarização

Meu nome é Carlota Casagrandi. Sou a Irmã Maria Aparecida. Nasci em 1925, vou completar 93 anos dia 27 de julho. Nasci em Laranjal Paulista/SP, onde vivi parte da minha infância na fazenda. A propriedade era do meu padrinho de batismo, meu pai e meus irmãos trabalhavam nela. Meu padrinho tinha casado com uma filha de fazendeiro, por isso tinha terras e deu um pedacinho para meu pai cultivar, criar porco e vaca. Em 1946 mudamos para Santo André, onde minha família está até hoje. Meus pais tiveram oito filhos, seis homens e duas mulheres, dois homens faleceram.

Em Laranjal Paulista frequentei o primário em uma escola rural, lá aprendi a ler e escrever. Depois em Agudos, com as professoras que eram as irmãs, fiz o ginásio e o curso normal. Quando me tornei religiosa fiz faculdade de Pedagogia, fui da segunda turma do curso em Bauru/SP.

Vocação

Desde pequena sempre quis ser irmã, porque sempre tive contato com freira, fui preparada para a primeira comunhão e tudo... Então, em 1948 vesti o hábito, em 1949 fiz profissão religiosa e depois os votos perpétuos.

Minha primeira transferência depois de religiosa foi para Garça, onde fiquei por oito anos no início, depois fiquei mais quatro anos. Nesse período me dedicava mais ao curso normal. Quando faleceu a diretora do ginásio eu fiquei no ginásio também.

Depois fui para o Paraná, de lá para o Mato Grosso, depois Agudos novamente e de Agudos para São Paulo, fiquei três anos em São Paulo e voltei para Garça, de Garça para Agudos e agora vim para cá¹⁶⁵, no meio do mato.

Paranaíba

Minha transferência para Paranaíba foi em 1971, onde fiquei durante oito anos consecutivos. Fui para trabalhar como diretora, mas também dava aula. Minha especialidade não era o ginásio, era o normal, mas eu podia dar aula de história e matemática. Em Paranaíba eu dei aula de Educação Moral e Cívica, naquele tempo participou do currículo, depois mudou tudo.

Quando cheguei ao Educandário havia duas classes de colegial a noite, mas foi uma dificuldade, ai meu Deus! Não tinha luz suficiente, ficava tudo escuro porque faltava luz o tempo todo. Eu mesma falei: *por favor, tranca esse curso aí, não resolve nada para nós, é só aborrecimento*. Então transferiram os alunos para outra escola. Não dava para continuar com o curso, era muito difícil. Tinha noite que havia só eu de professora. Enquanto eu dava aula para uma turma, tinha que dar ocupação para outra, era assim, foi dificultoso de viver o primeiro ano lá.

Enquanto diretora, eu via uma escuridão naquele colégio. Olhava para cima e para as paredes, era tudo escuro. A primeira parte do prédio tinha uma abertura de trincado que dava para ver a outra sala, acho que não foi bem construído, foi feito com massa ruim. O pedreiro que eu contratei para a reforma precisava fazer aqueles grampos de ferro e colocar para depois tampar os buracos, aí tampava com massa certa.

Aquela primeira parte da escola era do primário, a outra parte que foi construída depois era o ginásio, que era uma escuridão também. Ficava de luz acesa o dia todo. Então eu falei: *vamos abrir um janelão aqui, porque não dava certo do jeito que estava, era tipo de um vitrô*. A última coisa que fez lá antes de eu sair foi abrir esse janelão. Mas eu mandei pintar o teto de cor gelo, pintei em todo lugar, as portas, corredor, as classes eram limpinhas, tinha o jardim, aí ficou bonito o colégio. Antes era pintado de marrom, cheio de riscado, eu pintei de azul claro. Pedi para fazer também uma escada entre um prédio e outro, para encurtar o caminho.

Quando cheguei ao colégio fui dar uma volta nos banheiros, fiquei horrorizada. As portas dos banheiros eram escuras, atrás da porta, do lado dos vasos tinham muitas

¹⁶⁵ Sede da Congregação em Guaratinguetá-SP.

coisas escritas, isso no banheiro das meninas, muita imoralidade, tinha nome de padre e de freira escrito lá. Aos poucos falei para o empregado tirar porta por porta, ele tirara, lavava com soda aquela parte toda nojenta, depois pintava tudo de cor clara. Depois que estava tudo pronto a parte de limpeza, fiz uns quadrinhos à mão mesmo e fui colocando pelo lado de fora, porta por porta. Dei instrução para as meninas cuidarem. Depois que saí de lá não tinha mais coisa escrita.

Os alunos escreviam muito nas carteiras. Quando cheguei lá lixamos e envernizamos tudo. Conversei com os alunos do ginásio e falei: *vocês vão trazer toalhinhas plásticas, faz parte do material escolar, se quiserem escrever podem escrever no plástico de vocês, mas coisas que não agride ninguém*. Eles levavam, então melhorou, não escreveram mais nas carteiras.

O tempo que fiquei lá coloquei as coisas em ordem. No primário, então, as crianças já sabiam, quando começava a aula eu ia à sala já com os pacotinhos de bombril. Entregava o bombril e falava que se sujasse tinha que limpar. Ai melhorou, ficou tudo mais claro.

Quando fui para lá tinham poucas meninas no internato, então paramos com o internato.

Outro negócio que tinha quando cheguei lá era suspender aula. Se morresse um parente de um aluno suspendia aula para todo mundo, como se fosse feriado. A primeira vez que recebi uma notícia de morte entrei nas classes e falei: *tem algum parente aqui de quem faleceu? Então vocês podem ir e os outros vão ficar aqui*. Ai eles reclamaram: *ah, não vai suspender aula?* Então expliquei que era proibido por lei suspender tanta aula assim e disse que nós iríamos rezar pelo falecido. Nunca mais suspendeu aula.

Esse negócio de grêmio estudantil eles tinham também, logo que cheguei lá vi que o presidente vendia carteirinha estudantil para quem não era aluno. Recolhi todas as fichas, fui ver não tinham local de diretor assinar, aí eu peguei um carimbinho... Antes de plastificar eu assinei carteirinha por carteirinha. Depois ainda fui ao cinema e falei na bilheteria: *olha, se aparecer alguém com a carteirinha sem carimbo de diretor não é nosso aluno*. Fiz isso! Olha, no início lá era ruim.

Fui a primeira diretora depois do Dr. Walter. Ele ficou desde a fundação, em 1955, até 1972. Em 1971 eu já podia assinar como diretora porque eu tinha o título, tinha tudo, mas eu dei preferência para ele por causa do respeito. Ele continuou porque lá era assim, aquilo lá não pertencia a congregação, a escola tinha registro e fundação própria, ela não pertencia como filial, então ele continuou como diretor da

Mantenedora, porque era separada de Agudos. Depois que foi acertado em 1982, por aí, foi quando tudo passou a ser da Congregação, mas no início era mantenedora separado de Agudos, tinha registro próprio. Só que o pessoal de lá não tinha nenhum professor registrado, tudo com autorização, assim sabe, eu fiquei com tanto medo de ir uma fiscalização lá, aí o que íamos fazer?

Eu fui para Cuiabá levando um só papel para cadastrar a escola no serviço social, eu consegui com apenas um papel, enquanto os outros iam com uma pasta cheia. Em Brasília, coloquei a escola com fins filantrópicos, porque aí a gente isentava de pagar aquela nota de proprietário. Então, começamos a registrar todos os funcionários, eles gostaram, Nossa senhora! Dezoito anos sem nenhum registro, ninguém registrado na escola. Desde o início até 1973 sem registro. Fizemos o acerto certinho, eles ganharam o fundo de garantia atrasado.

Nós tínhamos uma funcionária, ela era negra, coitada, ela tinha vários filhos, depois que ela recebeu o fundo de garantia ela queria comprar uma máquina de costurar, então fui com ela nas Pernambucanas e ela comprou a máquina. Os funcionários receberam também o salário família atrasado, tinha que pagar tudo. Tinha que pagar separado do atual. A escola pagou porque tinha ajuda da Alemanha também. Depois disso não teve mais problemas de registrar professores, quando entravam já regularizava. Nós irmãs que íamos dar aula não podíamos ter registro, dávamos aula sem remuneração. A gente entrava lá com uma economia e recebia ajuda de parentes também, assim dava para a gente viver bem até. Mas no começo foi difícil viu.

Lá na escola vivia um empregado com sete filhos, desde o início ele estava lá. Quando chegou a hora de registrar ele não aceitou o acordo, ele queria que somasse toda a despesa com o salário atual dele. Falei: *Ó seu Juvenal, precisamos vender a escola para pagar o senhor então, o senhor pode ir e procurar os seus direitos.* Ele foi e recebeu uma ajuda, porque o que ele queria não dava para pagar. Ele saiu de empregado e depois fiquei sabendo que ele se arrependeu do que fez. Os filhos deles eram todos inteligentes, ele mudou para o fundão de Mato Grosso. Ele mudou para lá a filha já era casada, era professora em Paranaíba. Depois o menino mais velho foi para Curitiba, ele tinha um defeito, o braço dele era assim (para dentro), não podia abrir. A doutora Lígia deu um jeito de marcar médico para ele em Rio Preto. Nós o levamos. Depois ele virou advogado. Levou o pai para cuidar. Só teve um que era malandrinho, era gêmeo com o outro. Todos os filhos estudaram lá.

Lembro que a prefeitura promovia alguns concursos, as meninas do ginásio participaram de um sobre a bandeira do Brasil, então dei uma mãozinha para elas, fui orientando como faziam e elas ganharam em primeiro lugar. A secretária do prefeito foi lá fazer a cerimônia.

Os pais dos alunos pagavam uma mensalidade, mas tínhamos também alunos pobres, que não podia pagar quase nada. Como a escola era filantrópica tinha que ter uma parte de abatimento para os pais que não podiam pagar. Então ajudavam como podiam, levando arroz, batata, feijão. Tinham aqueles que não davam nada. Por exemplo, os filhos desse funcionário que não aceitou o registo a partir daquela data, a gente recebia os filhos dele como alunos, dava alimentação, uniforme, roupa, tudo eles ganhavam.

Eu gostei de Paranaíba no fim, mas, no início, Nossa Senhora! Depois que a gente vê que quando a gente faz as coisas com carinho e capricho tudo fica bom, ficou melhor lá. Eu até recebi os parabéns do Dr. Walter, ele deu os parabéns para mim porque deixei tudo em ordem... até asfalto tinha em volta do colégio. A frente da escola fui eu concretei, era tudo terra.

Teve até uma aluna lá, a Alcione, que escreveu um bilhetinho para mim dizendo: *Olha irmã, fique sabendo que seu nome ficou na história da construção do Educandário Santa Clara, não a construção do prédio, mas a pedagógica.* Eu coloquei e fiz muitas coisas lá. Lá não faziam reunião de professores, não tinha nem conselhos de classes, não tinha nada, eu organizei tudo.

Eu fiquei realizada, porque encontrar a escola do jeito que estava e poder melhorá-la, agradeço a Deus por ter me ajudado.

2.2.8 Aurelina Pereira de Lima: Irmã Maria Eugênia (1978)

Figura 12: Irmã Maria Eugênia

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Família, infância e escolarização

Meu nome civil é Aurelina Pereira de Lima. Para o nome religioso escolhi Eugênia. Nasci na cidade de Iturama/MG, no dia 22 de outubro de 1942. Até os onze anos de idade morei na fazenda. Foi muito bom esse período em que morei na zona rural. Foi uma maneira diferente de viver, fazendo aquela experiência de conviver com a natureza. Eu fui criada cultivando horta, ajudando a tirar leite, cuidando de galinha, tratando de porco, isso quando já era maior. Na infância mesmo era aquela brincadeira gostosa, subir na cerca, subir na mangueira, comer a manga e jogar para os porcos comerem... era uma coisa muito gostosa.

Meus pais tiveram quatorze filhos, eu sou a segunda, uma faleceu, somos em treze vivos. Naquela época a meninada brincava, sobe e desce em árvore... Nossa, a gente brincava muito, nós, os irmãos e os amiguinhos também.

Como onde morávamos não tinha escola, meu pai levava professores para a nossa casa. Juntava algumas crianças da região e iam para e lá estudar. Não tinha quadro negro, a gente escrevia no papel mesmo. No primeiro ano do primário nosso professor foi o Senhor Francisco Galdino, ele era todo especial porque tinha um dedinho pendurado na mão direita, nós gostávamos de ficar puxando aquele dedinho dele. Ele foi muito bom na alfabetização do primeiro ano. Aprendi muito com ele. O

segundo ano fizemos com uma professora chamada Nágila que veio de Barretos/SP para nos dar aula.

Depois, minha irmã foi estudar interna em colégio de Irmãs em Campina Verde, isso deve ter sido em 1954. Em 1955 ela voltou do colégio e em 1956 meu pai nos colocou internas no colégio em Paranaíba/MS, no Educandário Santa Clara, onde fiz o terceiro ano do primário.

Como interna a gente usava aquele uniforme xadrez. Ajudávamos nas atividades como cuidar do refeitório. Depois do café da manhã íamos para as aulas, quando acabava tinha o almoço. Depois, a gente ajudava a lavar a louça. A tarde fazíamos nossas tarefas na sala de estudos. Em relação a parte religiosa a gente rezava de manhã, antes das refeições e tinha missa no sábado e no domingo. Agora me falhou a memória se tinha missa todos os dias. Outra coisa que fazíamos também era rezar no começo das aulas e cantar o hino nacional. Tinha terços também. Depois fazia a oração da noite e ia para o dormitório, tinha um dormitório das meninas maiores e uma das menores. Dormia uma irmã com a gente, ela dormia num lugar que chamava cela.

A comida era gostosa. Interessante, eu era acostumada a comer verdura, mas muitas internas não tinham esse costume. Mas tinha que comer. Normalmente a regra era essa: comer tudo que vinha no prato. Lembro que quando a irmã dava uma escapadinha algumas meninas colocavam a verdura no prato das outras. A norma era comer, tinha regra lá. Não podia deixar sobrar comida no prato. Como eu gostava de verdura ia parar muita comida no meu prato, mas como eu já sabia que queria ser irmã, eu era muito séria com as normas, seguia as regras direitinho, então fazia elas pegarem de volta a comida.

Eu não me lembro de castigos muito severos. A gente tinha punições sim, mas era lavar o corredor, palmatória, bom, palmatória eu lembro que tinha na escola da fazenda, na década de 1950, final de 1940, quando eu tinha oito anos. Era comum. No colégio já não tinha. Os castigos eram de lavar corredor, ficar na sala sem recreio.

Tem algumas pessoas que falam que tem medo de freira, falam que já apanhou muito de freira, principalmente lá no Rio tem muito disso. Isso em Paranaíba não tinha não. Elas podiam ficar bravas, de cara feia, mas bater, dar tapa, não. Era rigoroso sim, tinha que fazer os deveres, agora essa questão de bater nas crianças, deixar de castigo no milho, isso não me lembro. Na minha turma tinha uns meninos muito *baguncentos*, aí a irmã Josefina que era minha professora, me colocava no meio deles para dar uma equilibrada, porque eu era muito santinha. Eu via que ali já tinha outra mentalidade

diferente de educação. No nosso colégio quando eu era juvenista também não tinha esse tipo de coisa, castigo exagerado. Agora ficar brava, falar alto, dar uma repressão, deixar na sala fazendo o dever, isso acontecia.

Em 1957 voltei para Iturama com meus pais. Em 1958 meus pais se mudaram para Paranaíba, então meus irmãos e eu passamos a estudar lá no Educandário, mas não como internos. Minha irmã e eu fazíamos o quarto ano do primário juntas. Nossa professora foi a Irmã Josefina.

Em Paranaíba morávamos na cidade, na rua dos boiadeiros, mas quando a gente morava na fazenda era gostoso. Em 1959 abriu a quinta série no colégio José Garcia Leal. O quinto ano que era o ginásio levava o nome de Wladislau Garcia Gomes. Como no colégio das irmãs não tinha o quinto ano eu fui estudar no Wladislau, mas continuei ligada ao colégio. Acredite se quiser, mas com dezesseis anos eu dava aula no colégio das irmãs para o prezinho, eu estudava na quinta série e dava aula.

Hoje em dia no pré tem aquelas cadeiras menores para as crianças, na época não tinha. Eles começavam a fazer bagunça e eu não tinha muito jeito. Tinha um que corria, e cantava: *tomo banho de lua ... fico banca como a neve ...* e corria para de baixo da mesa, eu corria para pegar ele e eu não conseguia. Eram pequenos, de 5 a 6 anos. Mas a irmã Adelgisa ficava muitas vezes comigo para me ajudar, ela era muito rígida, mas me ajudava muito. Eu sempre gostei muito de ser professora. Nesse tempo que eu estava trabalhando no colégio que foi surgindo o despertar da minha vocação.

Vocação

Por causa do contato que eu tinha com as irmãs, da orientação e formação religiosa que recebia fui descobrindo minha vocação. As aulas de ensino religioso, na época, quem dava eram os freis Fredolino e Mateus. As irmãs eram as professoras e quem dava a aula de religião eram os freis. As aulas de ensino religioso me tocavam muito, e a partir daí foi despertando o desejo de ser irmã. Em 1959 e 1960 eu dei aula no Educandário. Em 1960 eu fiz a sexta série no Wladislau e continuei dando aula no prezinho. Em 1961 eu fui para o convento, já decidida a ser irmã.

No começo, meu pai não queria que eu fosse religiosa. Desde os quatorze anos eu falava para ele que queria ir para o convento, mas ele disse que eu só iria então com dezoito anos. Quando eu completei os dezoito anos falei para ele: *Pai, completei dezoito anos, agora posso ir para o convento.* Ele perguntou se eu não tinha esquecido disso, falei que não.

Então, as irmãs pediram para preparar toda a documentação e levar um atestado médico. Meu pai era amigo do Doutor Sinésio, da Santa Casa, ele me levou lá, já fez a cabeça do médico... O médico falou: *Escuta Aurelina, por que você quer ser freira? Eu já trabalhei com freiras, elas sofrem muito.* Eu falei: *Eu não vou ser freira enfermeira, vou ser freira professora e quero ser freira porque desejo servir a Deus diretamente, não através do homem, quero servir diretamente a Ele.* Então, ele olhou para o meu pai e disse assim: *O senhor não segura sua filha não!*

E assim, no dia vinte e um de fevereiro de 1961, fomos eu e mais duas colegas, a Aparecida Lemos e a Nega, para o convento em Agudos. Duas irmãs que nos levaram. Fomos para lá, mas o relacionamento com o colégio continuou. Minha família continuou morando em Paranaíba até 1972, eu voltei algumas vezes para visitá-los.

No convento de Agudos fiz a sétima e a oitava séries e o curso normal. Depois, fui transferida pra Curitiba, onde fiz na Universidade Católica um curso que hoje não tem mais esse nome, era História Natural, que habilitava a dar aula de Biologia. A gente saía daquele curso com cinco habilitações: Biologia e Ciências para o primeiro grau, Química, Física e Matemática para o segundo grau. Isso tudo numa graduação de quatro anos. Terminei a faculdade em 1976. Durante a faculdade eu estudei e trabalhei em Curitiba. Lá eu trabalhava no colégio do Estado. Depois eu fiz faculdade de Pedagogia e especialização em psicopedagogia a nível de mestrado. Sempre gostei muito de estudar.

De volta a Paranaíba

Em 1978 fui transferida para Paranaíba. Minha missão no Educandário Santa Clara era ser coordenadora pedagógica e também professora de Ciências, de Matemática e de Ensino Religioso. Lecionava de quinta a oitava série, mas fiquei só um ano lá.

Foi uma coisa fabulosa voltar lá como professora, encontrar meus colegas de sala de aula do quinto e sexto ano... Encontrar o Dr. Walter e ver ele dentro daquele colégio ... foi muito interessante.

Em 1978 a gente fez um trabalho muito bom com a juventude de Paranaíba, eu sempre fui ligada com a pastoral da juventude, sempre dei aula de catequese. Dava catequese, participava da pastoral da juventude, com os jovens. Fazia encontro com eles. Em 1978 eu participei da abertura de uma capela, que fica na saída de Cassilândia. Eu trabalhei muito naquela capela. O povo de Paranaíba recebeu muito bem as irmãs, mas também o Frei Pedro preparou muito bem eles. Marcou muito a história do Educandário.

Paranaíba está dentro de mim, minha vocação é paranaibense. De Paranaíba vieram oito para o convento, só eu fiquei. É a vocação mesmo. A participação do colégio foi muito grande para minha escolha. Aquele pessoal que hoje é advogado, dentista, comerciante, estudou lá. Tem muitos ex-alunos meus aposentando já. E colegas também. O colégio tinha uma aceitação muito grande. O pessoal de Minas ia muito para lá, como eu fui, meu pai pagava em dinheiro as mensalidades. O colégio de Paranaíba atendeu muito a região, por causa do internato.

Outra coisa que a gente tem a elogiar no colégio é a ordem, a presença dos pais, eles eram presentes. Ponto forte: disciplina, ordem, formação religiosa, isso era muito forte, limpeza do colégio também, e a interação das irmãs com os pais.

2.2.9 Maria Francisca Ribeiro: Irmã Maria Francisca Ribeiro (1979)

Figura 13: Maria Francisca Ribeiro



Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Infância, família e escolarização

Meu nome é Irmã Maria Francisca Ribeiro. Nasci no interior de Paranaíba/MS, mas fui registrada em Bela Vista, sul de Mato Grosso do Sul, mas nasci realmente no município de Paranaíba, no dia 08 de maio de 1947.

Passei minha infância na fazenda. Comecei a fazer o primário com quinze anos, porque na fazenda onde morávamos não tinha escola. Cheguei a entrar na escola com a idade certa, pois tinha uma professora que dava aula para um grupo de crianças na sala da casa do dono da fazenda, e eu ia, mas foi só por três meses. Então, deu só para aprender o alfabeto e a ler um pouco. Aprendi a ler, mas não tinha capacidade de interpretar. Não digo que fui alfabetizada porque eu não sabia interpretar, eu só lia. Até lembro bem que depois que nós mudamos lá para o Sul do Mato Grosso às vezes meu pai saía para ir ao vizinho à noite, eu sentava na cama com a minha mãe e lia para ela um livro que tinha recebido da professora de presente, chamado *Livro Dois*, nele tinha muitas histórias que para mim era muito interessante. Lia para minha mãe ouvir, porque minha mãe não sabia ler, eu lia e ela interpretava para mim, porque eu ficava preocupada em como ia ler tal palavra e não prestava atenção no sentido. Nessa época ninguém em casa sabia ler. Meu pai sabia um pouquinho, não muito, só um pouquinho. Nós éramos em nove filhos, cinco mulheres e quatro homens, só meu irmão mais velho que tinha frequentado uma escola, mas também por pouco tempo.

Naquele tempo a família era numerosa. Todos ajudavam em casa. Os meninos quando tinham idade de ajudar, iam para a roça com meu pai, as meninas ficavam em casa ajudando a mãe nos trabalhos de casa. A gente fazia muitos remendos naquele tempo, como gastava muita roupa tinha que remendar, e minha mãe me ensinava a fazer, na mão mesmo. Eu aprendi a costurar depois, porque minha mãe nem máquina tinha, nessa época a gente remendava na mão. A vida não era fácil não, mas também era tão gostoso, não tinha essa correria de hoje. Hoje quando você vê o tempo já passou, naquele tempo não.

Mudamos para a cidade em 1964, lá fiz o primário no Colégio Educandário Santa Clara. Estudei três anos, pulei a terceira série, porque naquela época era permitido passar para frente, e eu já estava com a idade avançada. Então eu fiz os três anos do primário como aluna externa, porque eu trabalhava de doméstica em uma pensão chamada Santos Reis. Não sei se já mudou de nome e talvez nem exista mais. A partir da quinta série, que naquela época era a primeira série do ginásio, passei a estudar no colégio como interna, fiz a quinta e a sexta série do ginásio lá. O internato era pago, mas eu nunca paguei porque eu era ... no meu tempo a gente não tinha um nome específico, mas depois de mim veio um termo chamado de doméstica, que ajudava nas tarefas da casa porque não pagava, então trabalhava mais um pouco do que as outras internas. As demais internas faziam pequenas coisas, como limpar o corredor aos sábados que não

tinha aula. Agora, nós que não pagávamos ajudávamos a fazer o café da manhã, a arrumar a cozinha, enfim, ajudava naquilo que precisava na cozinha, estávamos sempre por ali. O internato era só de meninas, para os meninos tinha o Patronato São José. Mas, nas salas de aulas tinha meninos também, as turmas eram mistas.

Lembro que as internas rezavam muitos terços, pois precisavam ter outra atividade além das tarefas da escola. Eu, como doméstica, ficava mais envolvida no serviço, tinha certas atividades que eu não participava, mas as outras meninas sim, porque elas pagavam os estudos e o internato, então elas não tinham essa obrigação que nós domésticas tínhamos.

Eu convivía com as outras internas no refeitório, nas brincadeiras, na limpeza do corredor aos sábados, nas missas de domingo que íamos todas juntas. De vez em quando saíamos para um passeio, no campo, no mato, às vezes a pé mesmo nas redondezas. Na hora de dormir tinha dois dormitórios grandes com camas bem arrumadinhas. Lembro-me de algumas irmãs de quando estudei lá, a Irmã Silvia, Ir. Madalena, Ir. Clara, Ir. Alfa, Ir. Júlia, Ir. Márcia, Ir. Vicenta que já é falecida. Algumas saíram da congregação.

Em 1969 fui para Agudos como aspirante para vida religiosa, lá fiz a sétima e a oitava série no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração. Depois estudei os estudos necessários para me formar professora do primário. Fiz o curso normal, pois naquele tempo tinha a lei que permitia dar aula com o curso normal de quatro anos, dava o direito de dar aula até a sexta série. Mais tarde fiz faculdade de Letras, em Paranaíba e depois fiz complementação pedagógica em Marília. Trabalhei uns tempos em Agudos e em 1979 fui transferida para Paranaíba para trabalhar como professora, já como freira.

Vocação

Minha vocação foi descoberta quando comecei a estudar no colégio das irmãs em Paranaíba, através do contato diário que tinha com as irmãs. Então, fui motivada diante dessa situação. Com vinte e dois anos resolvi ir para o convento como aspirante. Chegando lá, a gente teve aulas de formação com as irmãs responsáveis. Recebemos as preparações, vivendo em comunidade com diversas moças, às vezes, naquela época iam até meninos, agora hoje, são só moças. Elas iam para viver em comunidade, nós chamamos de fraternidade, vida fraterna, viver como irmãs e ali fomos recebendo a formação para a vida religiosa, dentro do convento. Depois a gente foi conhecendo a história da Congregação para se perguntar: é isso mesmo que eu quero?

Nós estudávamos sobre a congregação, a história da Igreja, aquilo concernente a religião. Estudo da bíblia e alguns documentos da Igreja.

De volta a Paranaíba

Na primeira vez que fui transferida para Paranaíba fiquei de 1979 a 1987. Entrei no colégio para trabalhar como vice-diretora, professora e ajudava na cantina da escola e, claro, nos trabalhos da casa, porque nós morávamos no colégio. O colégio era escola e a nossa casa ao mesmo tempo.

Quando cheguei lá dei aula de ensino religioso, que era permitido e qualquer professor podia dar. Dei aula, também, de educação artística, até a oitava série. Não sou formada em educação artística, mas, Paranaíba tinha muita falta de professor nessa época. Eu tinha só o magistério de quatro anos, mas devido à falta de professor a gente fazia um pedido de autorização à secretaria de educação para poder lecionar em tais e tais disciplinas.

Depois, minha segunda transferência para o Paranaíba se deu em 1989 e fiquei até 1991. Voltei como coordenadora da comunidade, tudo que a diretora da escola fosse fazer, tinha que reportar-se a coordenadora da comunidade. Também fui auxiliar da tesouraria da escola. Nessa época a direção da escola era da Ivete, depois que saí de lá, a irmã Regina foi para assumir como coordenadora da comunidade. Em 1997, quando vigorou o sistema Prevê Objetivo, fui para lá ajudar a irmã arrumar as coisas para vir embora.

Eu gostava muito de Paranaíba. Sempre gostei de realizar o trabalho com as crianças e adolescentes, porque minha vocação profissional era ser professora, trabalhar na escola, e eu gostava muito. Quando fui para Paranaíba tive que aprender a trabalhar com os adolescentes também, pois até então nunca tinha dado aula para eles, então, a gente tem que aprender junto com eles, pois são diferentes das crianças.

Sempre fui uma professora que exigia muito dos meus alunos. Era muito exigente porque se eu deixasse a turma fazer o que quisessem não tínhamos aproveitamento. Eu conversava com eles, não é que eu impunha sem esclarecimento, eu esclarecia para eles por que disso, disso e disso. Geralmente, eu não dava muito castigo, quando dava era ficar um pouquinho na hora do recreio.

Às vezes tenho saudade de lá. Lembro que uma vez peguei uma sala de quarta série, a turma tinha um líder, mas a liderança era meio bagunçada. Eu ajudei arrumar isso. Uma vez eles queriam organizar uma festa no final do ano. Eu deixei que eles

preparassem tudo, mas claro que, não deixei que preparassem sozinhos, eu estava sempre pelos bastidores, mas foi uma festa tão bonita por ser organizada por alunos da quarta série, acho que deveriam ter uns onze anos por aí. Isso daí às vezes me dá até saudade. Isso me marcou. Outra coisa que me marcou foi quando peguei uma sala de segunda série para substituir e a sala era muito dinâmica, bagunceira, não era falta de inteligência, eles eram muito inteligentes. Eu comecei a levar exigências.

Os alunos dessa sala sempre tiveram muita dificuldade em aprender tabuada, então, lancei um concurso de tabuada. Propus que quem ganhasse teria prêmios. Eu chamava um por um, quem não soubesse não iria ter castigo, eu só iria marcar os pontos. Mas foi uma beleza! Fiquei surpreendida com o tanto que eles estudaram. Depois fiz uma festinha para eles no dia das crianças e entreguei os prêmios. Fiquei muito feliz de ver como aquelas crianças tão levadas aprenderam, mas era falta de a gente conduzir e motivar eles. A motivação fez eles aprenderem, sem atropelo, sem preocupação se ia receber castigo ou não...teve prêmio para eles e para mim.

Outras experiências

Além de Paranaíba, trabalhei no colégio de Garça/SP, que não é mais nosso, assim como o de Paranaíba. Bom, só conheci dois lugares, porque saí de Agudos fui para Paranaíba, saí de Paranaíba fui para Garça, saí de Garça fui para Agudos, mas em Agudos nessa época não dei aula, aí voltei para Paranaíba de novo, mas já tinha mudado as atividades, a gente não voltou tanto para as aulas, ia mudando de atividade conforme a necessidade.

Dentro do convento geralmente tem muitas atividades para fazer, ainda mais com uma escola dentro do convento, você tem que tomar conta da escola. Tem a diretora que faz a parte pedagógica e a parte administrativa relacionada com a escola, mas a gente ali dentro da escola é responsável por ela.

Hoje em dia moro em Garça/SP, num convento dentro de uma creche, mas não trabalho diretamente com as crianças em sala de aula. As crianças chegam às 7 horas, nós as levamos para o pátio, até dar hora do café, conversamos com elas, ajudamos a cuidar delas ali no pátio. Elas vão tomar café, eu ajudo a servir, depois elas vão para a escolinha da prefeitura, eu e outras irmãs as acompanhamos até a escola. Elas ficam um período lá na creche e outro na escola. A gente leva, deixa as crianças lá, depois vão outros funcionários no ônibus buscá-las quando já terminou o período da escola. São mais ou menos cento e cinquenta (150) crianças. Lá tem projetos do

governo que nós fazemos parte, mas não são específicos do convento. A creche chama-se Centro de Convivência Maria Leonor, é mantida por esses projetos do governo, de particulares que a gente consegue.

A educação nos dias de hoje

Acredito que hoje em dia se eu for para uma sala de aula não consigo acompanhar mais as crianças. Não só eu, mas todo mundo que sai da escola e não volta mais não consegue acompanhar o desenvolvimento da criança e do adolescente, porque a gente trabalha em uma direção e eles estão em outra. Perdemos o contato com eles e não sabemos como eles estão se comportando hoje, não sabemos como nos dar com eles, e isso se torna um problema no meu ponto de vista. Saí da escola por dois anos e quando voltei tive dificuldade para me adaptar. Agora, com as crianças é mais fácil, mais acessível.

Essa questão de que hoje em dia não pode ter o ensino religioso nas escolas é uma filosofia para levar a nossa sociedade para aquilo que está quase lá. Então, perde o respeito, perde a sensibilidade de como sentir o outro, cresce muito o egoísmo. Vejo que hoje em dia os pais estão meio perdidos, eles não sabem o que fazer, e isso não é culpa deles, é culpa do sistema. Eu vejo que o Estado deixou as escolas muito abandonadas. A gente percebe que tem escolas que trabalham, que dão de tudo, que se sobressaem, mas o apoio do Estado não tem. São diretores e professores que vestem a camisa e faz a coisa acontecer, mas é muito desleixo por parte do Estado. Se dessem o apoio econômico, as escolas iam para frente e, se não impusessem certas coisas como retirar o ensino religioso. Não precisa ensinar a religião católica, a evangélica, mas ter esse conhecimento que existe um ser superior e que é esse ser superior que rege tudo isso, e por causa desse ser superior que devemos amar um ao outro, respeitar o outro, viva o evangelho e pronto. Agora tirar tudo que é de religioso das escolas, isso não é correto. Nós estamos tentando mudar essa posição na creche, começar a trabalhar mais, não é doutrina, a criança tem que ter amor ao outro, respeitar o outro, aí vem a paz, trabalhar contra o egoísmo que reina muito. Pode ver que os problemas que acontecem nas famílias são por falta de respeito, egoísmo, falta de limite, os pais estão perdidos. A família não é mais prioridade.

Figura 14: Irmã Maria Regina

Fonte: Acervo iconográfico de Sales, 2018

Infância, família e escolarização

Meu nome civil é Laudelina Ferreira de Melo e o religioso é Irmã Maria Regina. Nasci no dia 30 de dezembro de 1941, numa cidade pequena do interior de Paraná chamada Sertanópolis. Com onze anos de idade meus pais mudaram para Londrina, onde agora moram quase todos os meus familiares. Meus pais tiveram oito filhos, cinco meninas e três meninos, eu sou a quarta. Dois irmãos já faleceram, duas irmãs moram em Londrina, uma em Maringá, uma em Bauru e um irmão em Agudos/SP. Os meus avós maternos nasceram na Itália, os paternos em Portugal e minha bisavó era indígena.

Passei minha infância na zona rural, pois meus pais eram trabalhadores rurais. Quando os filhos foram crescendo adquiriram a própria propriedade mais para o Sul do Oeste do Paraná, Céu Azul, numa cidade mais próxima Vera Cruz do Oeste, próximo a Foz do Iguaçu. Somente dois irmãos permaneceram ajudando meu pai na propriedade, os outros não quiseram mais a vida do campo e partiram para a cidade.

Eu fiquei em casa só até os dezesseis anos e meu trabalho era mais caseiro, arrumar a casa, a cozinha, ajudar a tratar das criações de porcos e galinhas. Eu não trabalhava no campo. Estudava meio período e no outro ficava em casa para ajudar nessas tarefas domésticas.

A minha infância foi muito feliz, eu gostava muito do campo, dos animais e gostava mesmo das paisagens. Nós morávamos perto de uma montanha, gostava muito de brincar, de correr e subir na montanha junto com meus irmãos. Morávamos perto de um rio e aos domingos a gente passava a tarde inteira pescando. Era muito gostosa a nossa infância.

Nós não éramos ricos, mas tínhamos de tudo. Era uma vida simples, vida de camponeses, alimentação saudável, pois a gente plantava de tudo: arroz, milho, feijão, café. Meu pai fazia as roças e a plantação de café. Consumíamos e meu pai vendia também. Frutas e verduras nós tínhamos bastante. Meu pai fazia criação de porcos, carne de vaca tinha raramente. Meus pais gostavam muito de porcos. Tinha muitas galinhas também, vendíamos e comíamos. Eu nunca gostei de matar as criações, eu queria que os animais vivessem.

Quando morávamos no interior de Sertanópolis, com oito anos de idade fiz a primeira série numa escola rural. Depois, mudamos para o interior de Londrina/PR, e lá não tinha escola, mas como havia várias crianças na região abriram uma escola rural, onde estudei o segundo, terceiro e quarto ano do primário. A escola ficava mais ou menos a um quilometro de casa. Interessante que nós tínhamos primeiro, segundo, terceiro e quarto ano na mesma sala de aula e com a mesma professora. Era multisseriada. Tínhamos uma professora muito boa e uma boa base na educação. Quando eu entrei no convento tinha que fazer admissão para entrar no ginásio, não fiz um mês de cursinho e passei em primeiro lugar. Sabia tudo. Fui alfabetizada nessa escola rural, aprendi matemática, tinha os problemas, tinha tudo. Depois, fiz o ginásio quando entrei no convento em Agudos/SP, onde fiz também o primeiro ano de magistério. Quando fui transferida para Garça/SP terminei o magistério. Em Tupã eu fiz o 3º grau, faculdade de Matemática.

Vocação

Desde os treze anos eu descobri que a minha vocação era para a vida religiosa, através de uma aula de ensino religioso. Minha professora era cristã, ela dava aula de ensino religioso, catequese. Na aula de religião ela mostrou a foto da prima dela que tinha entrado no convento e falou: *Quem sabe uma de vocês não se torne uma freira*. Eu fui a primeira a levantar a mão. Interessante né. Eu fui alimentando aquele desejo.

Foi interessante porque eu não conhecia as irmãs pessoalmente, mas queria ser religiosa. Tinha visto freiras em Londrina, mas não tinha conversado com elas. Quando

a gente ia à Igreja tinha as freias e eu ficava encantada com elas, mas eu não ia conversar com elas.

Meu pai achava que eu era muito nova para ser freira, ele dizia que eu tinha que ficar mais tempo em casa. Um dia trocaram de pároco da cidade onde participávamos da missa e o novo pároco era franciscano, chamava Frei João da Cruz. Meu pai contou para ele que tinha uma filha que queria ser irmã. Ele disse: *Vocês não vão impedir ela de ser irmã*. O Frei conhecia as irmãs franciscanas de Agudos, ele mesmo escreveu uma carta para a madre Francisca, que logo me respondeu. Rapidinho eu arrumei minhas coisas e fui de mudança para lá, com dezesseis anos, três anos depois que já sabia da minha vocação, tive que esperar porque meu pai não deixou eu ir antes.

Chegando a Agudos eu me acostumei bem, fiz o ginásio no colégio das irmãs. Depois fiz o primeiro ano de magistério também em Agudos, só que depois fiz o noviciado, os primeiros votos e fui transferida para Garça, onde terminei o segundo e o terceiro ano de magistério e comecei a lecionar por treze anos. Gostava muito de matemática e de ciências, então, fiz faculdade de matemática em Tupã e lecionava em Garça.

Paranaíba

Fui transferida em janeiro de 1979 para trabalhar como professora na escola de Paranaíba. Nessa época, o Educandário Santa Clara era conveniado com o Estado, então fui registrada pelo Estado pela CLT, de 1979 a 1982, depois, veio uma lei que toda professora da CLT deveria fazer o concurso na área que lecionava.

Então, teve o concurso do estado para professores de primeiro grau de matemática. Eu fiz porque era o único jeito de permanecer na escola, nós tínhamos uma vaga na nossa escola para professora de matemática, se eu não passasse em primeiro lugar eu perderia aquela vaga e não poderia lecionar lá. Eu tive, graças a Deus, a sorte de ser a primeira da região e entrei no próprio Educandário como professora de Matemática, e a irmã Francisca passou em primeiro lugar também como professora do primário.

Fiquei em Paranaíba de 1979 até janeiro de 1984, cinco anos. A pedido da superiora fui fazer um curso de espiritualidade franciscana em Petrópolis, o ano todo de 1984. Pedi afastamento do estado para fazer esse curso, mas quando terminei o curso não voltei mais para a escola de Paranaíba, a irmã me transferiu para Curitiba para fazer parte da equipe de formação das novas religiosas.

Então, tive que deixar a matemática, mas eu gostava muito do trabalho que fazia. Em Curitiba fiquei somente um ano, depois fui transferida para Chopinzinho, sul do oeste do Paraná. Eu era coordenadora de comunidade e fazia parte da escola, tínhamos uma escola conveniada com a prefeitura, eles pagavam os professores e as irmãs, mas a direção era da congregação, o Frei João era o diretor e eu vice-diretora dele, de 1987 até 1990.

Em 1991 fui transferida para Agudos, fiquei um ano lá, ficava mais na vida da fraternidade, comunidade, auxiliando as irmãs que precisavam de ajuda na saúde, fiquei até 1992, depois fui transferida novamente para Paranaíba, para atuar na parte financeira, na tesouraria. Depois passei a ser diretora do colégio. Nós vendemos a escola para o prevê Objetivo em 1996, eu era a diretora atual.

Fui a última diretora enquanto o colégio era das irmãs. Eu amava aquela escola e o povo. Eu lecionei cinco anos lá, depois assumi a coordenação, auxiliando a irmã Otília que era a diretora, depois foi a Ivete a diretora, eu entrei no lugar dela. Fazíamos um trabalho muito bonito, porque não ficávamos só no acadêmico, nós tínhamos também a educação integral do aluno, tinha reunião com os pais, o cuidado para que os alunos crescessem na fé, não só na parte de ler e escrever e sair alguém de lá, mas também na parte religiosa nós tínhamos esse carinho para com os alunos. Os alunos estudavam meio período e no outro fazíamos um trabalho direto com eles. Cuidávamos da parte da disciplina, fazíamos reuniões com eles, orientação na biblioteca, sempre teve muitas pesquisas.

Quando fui para Paranaíba a escola já tinha convênio com o estado, por isso tínhamos alguns alunos bolsistas, não me lembro da porcentagem, mas tínhamos que garantir a gratuidade para o Estado manter a convênio conosco. Nós colocamos o método objetivo para melhorar o nível do estudo. Colocamos também o segundo grau, os professores de química e biologia eram de fora, pois contratávamos professores de renome. Nós levantamos o nível cultural da escola, quando saímos de lá estava muito bem. A quadra de esporte foi feita na época da irmã Francisca, na minha época construimos a piscina, tinha hidroginástica para as meninas e outras atividades extraclasse, era uma escola bem-conceituada, todo mundo queria estudar lá. Mas, só estudava quem tinha condições de pagar as mensalidades. Tínhamos muitos bolsistas, bolsa integral, ou de 50%, 40% de acordo com a possibilidade da família. Os pais preenchiam uma ficha com os dados, informando o salário, as possibilidades e condições, às vezes tinha até pais com posse, mas tinham três filhos, então geralmente

um deles ganhava bolsa integral, outro meia... nosso objetivo era ajudar na educação integral dos filhos, ajudar os pais, não tínhamos essa ganancia de lucro para a escola.

O retorno era para investir no próprio prédio, na própria educação, sempre que nós podíamos ajudar os pais ou os próprios alunos, a gente estava sempre aberta para um diálogo, para uma conversa. Eu senti muito sair de lá porque a gente tinha muita amizade, muitos amigos. O povo acolheu muito bem as irmãs, e também nós não ficávamos presas só na nossa escola, a gente procurava aos domingos ceder a nossa casa para a Paróquia, para os encontros, para as pessoas que precisavam do espaço. Na época a cidade não era tão grande, não tinham tantos lugares, então procuravam o nosso colégio para fazer cursos e encontros de casais.

Outras Experiências

Trabalhei em Chopinzinho, no Paraná, numa escola da prefeitura, depois passei no concurso. Quando nós fechamos as escolas eu me candidatei para ir para as missões, fui para a África do Sul em 1998, fiquei quatro anos trabalhando com os refugiados de guerra da Angola. Fui com a irmã Teresinha Rozante, foi uma experiência muito rica, muito rica mesmo, tinham pessoas muito sofridas pela guerra, era muito triste a história deles. Voltei em 2002 para Guaratinguetá/SP e fiquei como coordenadora da comunidade até 2008. Em 2012 fiquei como auxiliar administrativa, no início desse ano vim para o Sol Nascente, trabalhar na parte da coordenação dos aidéticos.

CAPÍTULO III

VIDAS QUE SE CRUZAM: formação identitária das irmãs Franciscanas de Siessen

“Tudo valeu a pena, pois se a alma não é pequena, tudo vale a pena!” (Ir. Maria Marta, 2018).

Este trabalho foi construído tendo como suporte as narrativas das histórias de vida de um grupo de freiras franciscanas, selecionadas por terem feito parte da história local da cidade de Paranaíba/MS. De acordo com Bosi (2003) “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.¹⁶⁶ Como pontua a autora, as histórias de vida trazem consigo muito mais que suas próprias histórias, pois também relatam, descrevem o seu ambiente, sua formação e as relações que estão intrínsecas em sua própria personalidade. Acreditamos que com as reconstruções memorialísticas das irmãs franciscanas podemos trazer indícios significativos para entender a representatividade que tiveram em Paranaíba, no período em que dirigiram o Colégio Educandário Santa Clara.

Para compreendermos um determinado tempo histórico e seu passado é preciso acessar as memórias de quem o vivenciou e sabemos que os idosos são a base de uma cultura presente, mas que está perdida no passado e apenas eles podem encontrar o caminho das pedras para a compreensão das relações sociais praticadas no hoje. Dessa forma, as irmãs franciscanas de Siessen, hoje idosas, fizeram e fazem parte de uma sociedade, e é por meio do passado delas que teremos condições de percorrermos juntos a sua formação identitária. Suas narrativas nos fizeram buscar indícios para responder quem foram essas mulheres, como se constituíram enquanto religiosas e profissionais.

As irmãs entrevistadas para este trabalho não pertencem à mesma faixa etária, portanto, levantamos a hipótese de que, possivelmente, há particularidades em seus respectivos períodos formativos, como a infância, a formação familiar, a escolarização e a formação religiosa recebida no convento. Como pode ser observado nas entrevistas disponíveis no Capítulo II e mais claramente no Quadro 1 da página 98, a data de nascimento das irmãs concentra-se no período de 1925 a 1947, ou seja, a mais nova está com 72 anos de idade, enquanto a mais velha, já falecida, estaria com 94 anos. Logo, lidamos com histórias de vida de pessoas que passaram por momentos históricos sociais e culturais de três décadas distintas.

Procuramos, neste capítulo, apresentar elementos que nos permitem traçar o perfil de cada irmã, sugerindo o que há de comum e de diferente entre as treze histórias de vida apresentadas. Foram considerados os aspectos culturais de suas respectivas famílias e as normatizações de ensino nos períodos formativos. Apesar de não termos

¹⁶⁶ Bosi, 2003, p. 69 *apud* Ades, 2014.

obtido vastas fontes sobre a história da Congregação, notamos a necessidade de escrever sobre a sua fundação e características. Dessa forma, buscamos, ainda, nas constituições gerais e normas executórias da comunidade franciscana os aspectos relativos às fases pelas quais as irmãs passaram: vestição, 1ª profissão e profissão perpétua.

A fim de cumprir com o objetivo de articular as memórias das irmãs à educação oferecida em Paranaíba pela congregação, dedicamos um tópico sobre o Colégio Educandário Santa Clara, trazendo elementos de sua fundação, alunos atendidos, professores e diretores que fizeram parte da história do colégio.

3.1 Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen no Brasil e em Mato Grosso

O objetivo de escrever sobre a história da Congregação das Franciscanas de Siessen não foi tarefa fácil. Primeiramente, porque nada foi escrito, até o presente momento, sobre essas religiosas. Quando conseguimos entrar em contato com a Madre Provincial da Congregação, situada atualmente em Guaratinguetá/SP, surgiu a esperança de localizarmos as fontes primárias, como livro de crônicas, atas, fotografias, etc. No entanto, o acesso ao acervo documental não foi possível, visto que a atual responsável pela Congregação no Brasil desconhece a localização dos arquivos documentais. Em visita ao convento, a irmã nos informou que, possivelmente, poderia se encontrar algo no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, colégio mantido pelas Irmãs em Agudos/SP, entre 1936 a 1996, onde era anexado o convento. Entramos em contato com os responsáveis pela escola, atualmente pertencente ao grupo Prevê Objetivo, os quais nos responderam afirmando que nenhum tipo de documentação relacionada às irmãs ficou arquivada na Instituição. A secretária nos informou, ainda, que alguns livros, jornais e fotografias referentes às franciscanas foram encaminhados para o Espaço Histórico de Agudos/SP. Em busca dessas fontes, procuramos os responsáveis pelo referido museu. Em contato com a diretora, conseguimos apenas um jornal que conta a história do Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, o qual enfatiza a chegada das Irmãs Franciscanas de Siessen ao Brasil e partes de um livro publicado em comemoração ao aniversário de 100 anos da cidade de Agudos/SP¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Trata-se do livro intitulado “*Agudos: 100 anos de História: 1898-1998*”, escrito pela professora Maria Lya de Rosa, em que um tópico é destinado a história da construção do INSSC, onde as Irmãs Franciscanas de Siessen se instalaram ao chegarem no Brasil. Nenhuma outra referência bibliográfica foi localizada sobre as irmãs.

Apesar das escassas fontes localizadas sobre a Congregação, foi possível conhecer e escrever parte da história das Franciscanas de Siessen a partir do livro escrito pela Irmã Maria Cristina Alves Campos¹⁶⁸ intitulado *Em busca do absoluto*, publicado no ano de 1986 em comemoração ao cinquentenário da Congregação no Brasil. No decorrer do texto Ir. M. Cristina faz referência ao livro de Crônicas, utilizando-o como fonte para a escrita de seu livro.

Sobre a origem da Congregação de Siessen, Campos (1986) cita que sua história remonta aos anos de 1241, quando tudo se iniciou com a fundação de um convento em Dillingen, na Alemanha Ocidental. Alguns séculos depois, em 1829, o convento deu início a um Instituto de Ensino fundado pelos seus membros, admitindo para a ocasião duas postulantes. A então Comunidade foi dirigida pela Ir. Theresia Haselmayr, a partir de 1836, a qual, em 1853, recebeu convite do inspetor escolar padre Joseph Kuonz para instalação de um convento feminino no Estado de Württemberg. Em resposta a esse pedido, Madre Theresia enviou uma carta ao padre informando as características fundamentais de sua Ordem:

- 1.º - Quanto à sua tarefa: 'EDUCAÇÃO E ENSINO'
- 2.º - Quanto a sua maneira de ser: 'POBRE E MENOR, NO ESPÍRITO DE SEU SANTO FUNDADOR, O SERÁFICO PAI FRANCISCO DE ASSIS'. Daí o seu fundamento: 'SIMPLICIDADE DO OLHAR CONFIANTE EM DEUS, NO SEU PODER E CUIDADO'.
- 3.º - Quanto a seu relacionamento com o Instituto de Origem: 'INDEPENDENTE'. Que haja apenas relacionamento fraterno e nada mais. Dependentes somos todos de Deus, que é pai e não nos quer escravos de ninguém, nem que a ninguém escravizemos.¹⁶⁹

Nota-se que a congregação nasceu com a necessidade de contribuir para o campo da educação, sendo fiel ao modo de ser do seu santo fundador Francisco de Assis, o qual, porém, não centrava sua preocupação no ensino das letras, pois para ele a oração deveria sempre prevalecer, olhando para o estudo apenas como uma maneira de transmitir o que se aprendeu aos outros, mas apenas o que convém à Ordem¹⁷⁰. Não se pretende aqui discorrer sobre o modo de vida e objetivos de São Francisco, pois tal debate necessitaria de outro espaço e tempo pertinentes. Sugerimos apenas que a ramificação feminina da Ordem Franciscana, desde o início, preocupou-se e com a

¹⁶⁸ Therezinha Alves Campos é o nome civil da Irmã Maria Cristina, que nasceu no dia 24 de julho de 1933 e faleceu na cidade de Agudos/SP, no dia 15 de setembro de 1987, um ano após a publicação de seu livro.

¹⁶⁹ Campos, 1986, p. 7.

¹⁷⁰ São Boaventura, *Biografias III*. Legenda maior (LM), s/d.

fundação de institutos de ensino, pautados em uma educação a partir dos princípios franciscanos.

No ano de 1854, com objetivos educacionais, quatro irmãs franciscanas foram enviadas para a comunidade católica da cidade de Oggelsbeuren, no estado de Württemberg, ocupando um antigo convento, quase em ruínas. “A vida da recém-fundada comunidade teve início bem franciscano. Todas as irmãs tratavam de economizar, de se ajudarem, mutuamente, nos diversos trabalhos, exercitando-se na paciência e na confiança em Deus”.¹⁷¹ Todo esse esforço deve-se ao desejo das irmãs em ensinar por meio do exemplo, em pobreza e humildade, consagrando-se, de corpo e alma para o bem da educação da juventude.

Com o passar do tempo, a casa em Oggelsbeuren ficou pequena para atender o crescente número de educandas que as irmãs acolhiam em regime de internato, de tal modo que foi necessário adquirir uma casa maior em Siessen, transferindo a nascente comunidade para o município de Saulgau, no dia 24 de maio de 1860, quando o Convento de Siessen¹⁷² tornou-se, enfim, emancipado. Nesse contexto, o convento adentra o século XX num rápido crescimento, dado o desejo das Paróquias em terem Irmãs em suas escolas. É pertinente destacar que o ‘rápido crescimento’ (no início do século XX) desses conventos e o desejo das Paróquias em terem a presença das irmãs em suas escolas, está diretamente relacionado ao contexto do catolicismo ultramontano.

Sendo o ultramontanismo um movimento de orientação política, nascido no continente europeu, no interior da Igreja Católica, fomentando a criação de muitas congregações cristãs no mundo, certamente a emancipação e expansão da Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen estão inseridas nesse contexto. No campo das discussões, o movimento ultramontano aparece cravado como uma reação ao mundo moderno, ao capitalismo, ao iluminismo, ao liberalismo e a todo o conjunto de novas ideias que, começando a se esboçar nos séculos XV e XVI, adquiriram contornos definitivos após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Desse modo, pode-se ressaltar que há quatro pontos básicos da filosofia da história do catolicismo ultramontano:

¹⁷¹ Campos, 1986, p. 8.

¹⁷² Com a transferência do convento das irmãs para Siessen elas passaram a serem chamadas de Irmãs Franciscanas de Siessen. Até os dias atuais, a Casa-Mãe da congregação localiza-se em Siessen.

[...] 1) a negação católica do conceito de progresso humano, quando referido aos avanços materiais; 2) a não aceitação do conceito moderno de termo e o significado dessa não aceitação; 3) a condenação do conhecimento racional, considerando causa da perdição humana; 4) a tese da necessidade de paralisação do movimento histórico e a volta aos padrões medievais como fundamentos da salvação humana.¹⁷³

No contexto e no modelo ultramontano também estava incluído um projeto educacional, o qual surgiu como uma estratégia da Igreja para disseminar e alcançar seus ideais. Dessa forma, o interesse das paróquias em ter irmãs em suas escolas, à frente da educação feminina, fazia parte desse projeto ultramontano, visto que as mesmas estariam disseminando a fé católica durante suas aulas. Este cenário de interesse pela presença das irmãs em escolas paroquiais passou por mudanças e dificuldades em um determinado momento.

Após a crescente procura pelos ensinamentos das irmãs nos colégios, houve certa dificuldade por parte do Estado, o qual passou a impor barreiras impedindo a entrada de novos membros no Instituto. O motivo dessa imposição foi a chamada “Luta Cultural” – Kulturkampf.¹⁷⁴ Depois desse acontecimento, os resultados da Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, dificultaram ainda mais a situação do Instituto, pois as irmãs franciscanas de Siessen foram exoneradas de seus cargos nas escolas do Estado, devido ao cenário de profundas mudanças políticas no período pós-guerra.

Desse modo, as irmãs foram forçadas a ampliarem seu campo de trabalho, momento em que passam a atuar na enfermagem. Outro momento marcante na história da congregação é a década de 1930, quando o Socialismo Nacional, já com Hitler, fecha as escolas das irmãs. É nesse contexto que entra em cena a pequena cidade brasileira Agudos, no Estado de São Paulo. Portanto, a fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen no Brasil, advém desse cenário de perseguição à Igreja Católica Romana na Alemanha, na primeira metade do século XX.

As primeiras irmãs foram enviadas para o Brasil após um convite feito pelo padre brasileiro João Batista de Aquino, diretor da escola Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração (INSSC). Padre João Aquino, também vice-provedor do Hospital da cidade de Agudos/SP, buscava a presença de irmãs nesses dois estabelecimentos: na escola e no hospital. Ao procurar as Irmãs Beneditinas no Brasil, a Madre Geral

¹⁷³ Manoel (2004, p. 23).

¹⁷⁴ Definição de kulturkampf no dicionário alemão: Disputas entre o Estado prussiano e a Igreja Católica de cerca de 1871 a 1887. Combate de certos grupos culturais uns contra os outros. Discussão de questões culturais, éticas, sociais e culturais. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-de/kulturkampf>>.

respondeu que não poderia atendê-lo e sugeriu ao padre que fizesse o convite às Irmãs Franciscanas de Siessen, na Alemanha, por serem uma congregação de ensino. Assim foi feito e “No ano de 1935, recorreu Padre Aquino à Madre Maria Gertrudis Bosch, na Alemanha, então superiora Geral da Congregação. E encontrou nela um coração verdadeiramente católico, que abraçava o mundo inteiro”.¹⁷⁵

Figura 15: Padre João Batista de Aquino



Fonte: Arquivo do Espaço História de Agudos/SP

A Madre Superiora expôs o pedido do Padre brasileiro ao Conselho e após acordo entre as conselheiras, encaminhou uma carta circular a todas as casas filiais solicitando inscrições das irmãs que dispusessem a atuar no Brasil. Assim, no dia 31 de janeiro de 1936, “quatro religiosas Franciscanas de Siessen, impelidas pelo dinamismo desse espírito que não as deixa acomodar, despedem-se de seus amigos e conterrâneos, partem de sua terra natal, rumo a uma outra terra que Deus lhes vai mostrar”.¹⁷⁶ As quatro irmãs que iniciaram os trabalhos no Brasil foram: Madre¹⁷⁷ Ida (coordenadora), Madre Henrica (secretária), Madre Conrada (cozinheira) e Madre Goswina (enfermeira). Percebe-se que, inicialmente, não estava presente entre as pioneiras, as irmãs professoras. A viagem foi feita de navio e durou três semanas. As quatro irmãs

¹⁷⁵ Campos, 1986, p. 10.

¹⁷⁶ Campos, 1986, p. 11.

¹⁷⁷ Campos (1986) explica que o título Madre foi dado pelo povo de Agudos às irmãs que chegam da Alemanha, pois consideram uma forma carinhosa de chamá-las.

franciscanas chegaram ao Porto de Santos/SP, no dia 22 de fevereiro de 1936. Quem as recebeu foi uma irmã Beneditina, também alemã, que as encaminhou para o Colégio Santa Escolástica em Sorocaba/SP, onde contaram com uma intérprete, pois nenhuma dominava a língua portuguesa. No dia 26 de fevereiro, as irmãs, juntamente com a intérprete, seguiram viagem para Agudos/SP, e foram recebidas pelo padre Aquino e duas internas do Colégio INSSC.

Figura 16: Edifício onde funcionou o INSSC até 1996



Fonte: Espaço Histórico de Agudos/SP

Ao chegarem a Agudos/SP, assumiram as tarefas do colégio e do hospital. Mesmo antes de aprender a língua portuguesa passaram a cuidar do internato das meninas, o qual contava com 44 alunas (a maioria oriunda do interior). Na época, o INSSC atendia 150 alunos, entre meninos e meninas; era o único colégio religioso misto de toda a região que ofertava o curso normal para a formação de professores primários. A Madre Goswina, que era enfermeira, residia no Colégio, porém prestava serviços no Hospital Regional da cidade, auxiliando os médicos nas cirurgias.

A diretoria do hospital pretendia que as irmãs assumissem os trabalhos daquela entidade. Para tanto, a Casa-Mãe atendeu às solicitações do grupo enviando mais quatro irmãs religiosas ao Brasil. Entre as quais vieram duas irmãs professoras, Madre Maria Clara e Madre Maria Joachina; uma enfermeira, Madre Maria Leodegar, e uma doméstica, Madre Maria Fides. As quatro irmãs, do segundo grupo enviado ao Brasil, chegaram no dia 21 de agosto de 1936 e foram recebidas da mesma maneira que o

primeiro grupo. No dia seguinte, foram encaminhadas para residirem no hospital as duas irmãs enfermeiras e a irmã doméstica, e a partir de então, começaram a coordenar os trabalhos naquela entidade. Duas semanas após a chegada das irmãs, o hospital estava sobrecarregado de pessoas doentes. As irmãs distribuíram entre si as tarefas que as tarefas a serem desempenhadas durante a carga horária de 24 horas de trabalho, medicando os pacientes e atendendo à comunidade.

No colégio, o trabalho com as internas também era exaustivo e abundante. As tarefas incumbidas às irmãs eram diversas. As atividades destinavam-se à “orientação das alunas internas na sala de estudos, dormitórios, recreios, etc., além dos trabalhos da casa, copa, cozinha, lavanderia e passaria, e outros”.¹⁷⁸ À frente desse trabalho ficaram as professoras Madre Joachina e Madre Clara, a coordenadora Madre Ida, a secretária Madre Henrica e a cozinheira Madre Konrada. No dia 30 de outubro do mesmo ano chegaram mais quatro irmãs da Alemanha. O terceiro grupo formado por duas professoras: Madre Alfonsa e Madre Francisca, uma cozinheira: Madre Anastasia e uma enfermeira: Madre Edelina, veio para ajudar nas atividades do colégio, com exceção da irmã enfermeira, que foi designada para o hospital.

De acordo com as narrativas presentes em seu texto, Campos relata que, apesar das abundantes e exaustivas tarefas destinadas às irmãs, todas desempenhavam as funções de forma eficiente, com ternura e carinho maternal e devido a essa dedicação a população agudense era grata pelo trabalho desenvolvido, chamando-as de “anjos de Deus”. As irmãs eram consideradas Missionárias na prática, não apenas tinham o título de missionárias, mas realmente eram vistas como pregadoras do Evangelho. Todo trabalho realizado foi feito sem visar “a lucros, a cargos, a fama ou glória e, muito menos a satisfação de instintos, com prazeres fáceis”¹⁷⁹, os interesses das irmãs voltavam-se para a disseminação dos dogmas religiosos, atuando nos setores considerados mais necessários à sociedade.

No caminho para alcançar os objetivos no novo território de missão, as irmãs passaram por muitas dificuldades, mesmo após um ano da chegada do primeiro grupo ao país, já com doze irmãs (oito no colégio e quatro no hospital) os desafios permaneciam. Entre eles, tiveram que enfrentar os conflitos e choques culturais principalmente com relação à língua.

¹⁷⁸ Campos, 1986, p. 19.

¹⁷⁹ Ibid., p. 17.

*As dificuldades iniciais não diminuíram. Ao contrário. Nos primeiros tempos, as meninas brasileiras mostraram apenas o seu lado bom. Mas, aos poucos, apareciam também os defeitos. A língua portuguesa, tão difícil, era muitas vezes, causa de muitos equívocos. O pouco que havíamos decorado em livros não bastava para compreender o alarido e a eloquência das meninas. As suas palavras caíam sobre nós como torrente de água. E no momento em que elas percebiam que nós não as entendíamos, supunham a permissão para ‘enforçar aulas’, para fazer compras na cidade, ou para ir dormir. Pela experiência, a gente passa a entender e logo compreender a esperteza delas. Então elas dizem: ‘O alemão é muito inteligente’.*¹⁸⁰

Pelo explícito no trecho acima fica claro que as alunas não demonstraram empatia, nem mesmo respeito à pessoa humana, na medida em que se aproveitaram do desconhecimento da língua portuguesa das irmãs para benefício próprio.

O primeiro ano letivo das irmãs no INSSC encerrou-se em 1936, com uma festa de formatura. No evento, as irmãs fizeram entrega de prêmios de comportamento, de ordem, de cortesia, aplicação e assiduidade para as alunas. Essa prática de premiação por comportamento fazia parte da cultura escolar daquele espaço de ensino confessional à época. O ano letivo encerrou-se e com a temporada de férias, de três meses, quando as internas retornavam para suas casas. Quanto às irmãs, foram-lhes atribuídos outros afazeres:

*Havia serviço em abundância, porque o diretor da escola, Padre Aquino, mandou embora as empregadas. Assim, toda a limpeza, todos os trabalhos de faxina do prédio ficaram por nossa conta: dormitórios, salas de aula, de estudo, afinal, tudo! E, além da faxina, havia a pintura das paredes, das janelas, que também nós devíamos fazer.*¹⁸¹

Percebe-se que a missão das irmãs alemãs, no Brasil, ultrapassava as atividades relacionadas ao ensino e à saúde. Sem autonomia, elas precisavam desenvolver as tarefas solicitadas pelo padre diretor da escola, uma questão relacionada ao poder hierárquico dentro das instituições religiosas. As primeiras férias de verão das irmãs foram destinadas ao trabalho doméstico do colégio, restando pouco tempo para conhecerem a cultura da nova Nação e para estudarem a língua portuguesa.

Ao encerrarem o período de férias, o trabalho só aumentou, pois o número de alunas internas crescia, em 1937 já havia cinquenta e duas. A partir daquele ano, as irmãs passaram a atuar, de forma mais direta, no campo do magistério, lecionando as disciplinas de Biologia, Química, Física, Matemática, Francês, Trabalhos Manuais e

¹⁸⁰ Ibid., p. 20. Grifo do autor.

¹⁸¹ Ibid., p. 21-22. Grifo do autor.

Desenho, no curso ginasial e na escola normal. Além da docência, as irmãs passaram a ser responsáveis, também, pelos trabalhos da secretaria.

Havia a dificuldade com a língua portuguesa e o estranhamento com algumas atitudes das jovens e adolescentes do colégio, consideradas audaciosas, hábitos como o de “colar” nas provas, indisciplina, falta de interesse na aprendizagem, demonstrando importância apenas para o diploma que iriam adquirir no final do ano, ou, estudavam apenas para agradar aos pais. Cientes que estavam inseridas em outro tipo de cultura, as irmãs se empenhavam na causa da educação da juventude, mas sem impor sua cultura, trabalhavam respeitando a índole do povo que as acolhiam. Dessa forma, passaram a educar a partir da concepção de Educação Libertadora, que segundo elas, era o método de trabalho solidamente estruturado no respeito à pessoa humana. Apesar das dificuldades encontradas no início, Madre Alfonsa¹⁸² afirma para Campos (1986) que todo esforço realizado valeu a pena:

*Nós estávamos contentes com tudo. Havia muito trabalho, é certo. Mas também havia muita alegria em nossa convivência fraterna. Entre nós reinava grande harmonia! Isso era para nós uma grande força. Uma procurava sempre ajudar a outra em todos os serviços e em tudo que podia. Nunca havia a menor briga entre nós! Todas éramos iguais. Era uma vida bonita.*¹⁸³

Mesmo afirmando que eram contentes com tudo, Madre Alfonsa não deixa de lembrar as dificuldades que passaram no colégio, como por exemplo, quanto à alimentação:

*A nossa comida, como a das internas, era bem simples! Quase só feijão, arroz, com um pequenino pedaço de carne, mas não todos os dias. Sobremesa, nunca havia. Aos domingos, Padre Aquino trazia doces, mas só para as internas... para nós, as Irmãs, não. Também não havia frutas, nem manteiga, ovos, só para o Natal. Arroz e pão, isso havia bastante. Podíamos comer à vontade. E nós estávamos contentes, pensávamos que ‘missões’ é assim mesmo.*¹⁸⁴

Diante de tal narrativa percebe-se novamente a questão do poder hierárquico assumido dentro das instituições religiosas quando, por exemplo, o padre não permitia que as irmãs comessem os doces levados para as internas. Nada mais justo seria as

¹⁸² Ir. M. Cristina realizou entrevistas com algumas das irmãs pioneiras no Brasil, inserindo partes das narrativas em seu livro.

¹⁸³ M. ALFONSA, *apud* CAMPOS, 1986, p. 26. Grifo do autor.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 26.

irmãs terem os mesmos direitos que as alunas, já que todo trabalho realizado por elas na instituição não era remunerado. Outra situação desconfortável pela qual as franciscanas passaram foi a proibição de comerem o fruto das mangueiras do quintal do próprio colégio. O padre Aquino afirmava que era uma fruta perigosa e fazia mal. Certo dia, Madre Joachima resolveu experimentar a manga mesmo correndo risco, depois de comê-la achou muito saborosa. Percebendo que não havia acontecido nenhum mal a ela, todas as irmãs passaram a comer o fruto.¹⁸⁵

Mesmo diante dessas situações e dificuldades, as irmãs permaneceram à frente das atividades do INSSC que, com o tempo passou a receber uma grande quantidade de internas.

O ano de 1939 iniciou com oitenta meninas, em 1940 subiu para 118 e em 1941 chegaram a 150. Em 1939, vieram da Alemanha outras duas irmãs, a Madre Maria Sofia, para atuar como diretora no hospital e a Irmã Maria Edite, para auxiliar nos trabalhos do colégio. Juntamente com elas, foram enviados os primeiros donativos da Casa-Mãe, para a escola de Agudos entre eles, havia aparelhagem para o laboratório de Química e Física, itens para a capela, enxoval para as irmãs, máquina de costura e máquinas de escrever.

Em 1939, devido ao número crescente de alunas internas, houve a primeira ampliação do colégio INSSC: a Capela, que a partir de então passou a ser pública. Em 1940, foi realizada a segunda reforma: a construção de mais salas de aula e dormitórios para as internas. Tal ampliação significava que a escola estava crescendo e que haveria mais espaço, porém, para as irmãs significava o aumento de trabalho. De tal modo foi que a coordenadora do colégio, Madre Ida foi diagnosticada pelos médicos com excesso de cansaço. Prescreveram para ela descanso absoluto, no entanto, com 118 internas, era impossível tal remédio. Assim, continuou trabalhando e contribuindo com as ampliações.

Em 1941, houve nova reforma no prédio escolar. Em 1942, as irmãs tiveram a oportunidade de desfrutar das primeiras férias no Brasil. Padre Aquino as levou para sua fazenda, situada na própria cidade de Agudos. Lá, as irmãs puderam saborear da paz e do ar puro de uma fazenda brasileira. Infelizmente, um fato inesperado levou, algum tempo depois, à morte da coordenadora Madre Ida. Um pequeno inseto picou seus lábios, abrindo uma ferida que não cicatrizou. Ao retornar para a cidade, Madre Ida não

¹⁸⁵ Campos, 1986, p. 26.

aceitou ir ao médico, pois acreditava que seu sangue alemão resistiria e se regeneraria por si mesmo. No dia 7 de junho de 1942, Madre Ida não resistiu e faleceu.

Madre Clara foi escolhida para substituí-la, porém, não consultaram a Casa-Mãe para essa decisão, devido a Segunda Guerra Mundial, momento em que a comunicação era muito difícil. Dessa forma, Madre Clara foi resolvendo os problemas conforme era de seu alcance, mesmo sem o contato com Siessen.

Após a morte de Madre Ida e devido ao número reduzido de irmãs para a quantidade de atividades desenvolvidas, a comunidade das franciscanas de Siessen no Brasil resolveu aceitar vocações brasileiras, para assim darem continuidade à obra de Madre Ida e *produzir ótimos frutos para a glória de Deus e a salvação das almas*. Contudo, assim como ocorreu com os franciscanos da Missão de Mato Grosso, durante a Segunda Guerra Mundial, as irmãs alemãs presentes no Brasil foram impedidas de manterem contato com a Casa-Mãe, na Alemanha, o que impossibilitou o envio de novos membros para a comunidade brasileira.

Dessa forma, as irmãs tiveram que procurar outros meios para que a comunidade sobrevivesse. A alternativa foi iniciar a formação de religiosas brasileiras, porém, o INSSC não oferecia condições físicas, sendo necessário, então, a construção de uma casa para essa finalidade.

Na oportunidade, as irmãs compraram um terreno próximo ao colégio para a construção da futura casa de formação. Em reunião conventual foi registrado em ata o início da obra: “Aos 7 dias do mês de junho de 1943 [...] reúnem-se as Irmãs do Conselho [...]. Começaram hoje os trabalhos de construção da casa que deve servir de berço brasileiro ao Convento das Irmãs Franciscanas de Siessen, em Agudos/SP”.¹⁸⁶

Assim sendo, no dia 4 de novembro de 1943 o Convento São Francisco recebeu as bênçãos de D. Frei Luiz M. Sant’Ana e do Bispo Diocesano de Botucatu. No final do mesmo ano, as irmãs receberam as primeiras candidatas brasileiras para a vida religiosa, que foram: Thereza Furigo, Rosa Agostinho, Florinda Chinelli e Carlota Casagrandi.¹⁸⁷

No dia 15 de agosto de 1944 foi fundada a Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, de caráter jurídico, efetuando, posteriormente, seu registro no MEC. A primeira diretoria da Associação foi formada pelo Padre Aquino, diretor geral; pelo Padre Aurélio de Almeida, vice-diretor e pelo pároco de Agudos José Maria da Silva Paes.

¹⁸⁶ Campos, 1986, p. 36.

¹⁸⁷ Futura Irmã Maria Aparecida, cuja entrevista concedida encontra-se disponível neste trabalho.

Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, iniciaram-se no Brasil os trabalhos dos Frades Menores, vindos da Alemanha para a construção de um grande seminário em Agudos. Com a presença dos franciscanos as irmãs ficaram realizadas, pois sentiam falta da família franciscana e da sua espiritualidade própria. Dessa forma, começou uma “assistência espiritual mais franciscana e regular às irmãs e alunas internas, com missa diária na Capela do Colégio, celebrada pelos franciscanos”.¹⁸⁸

No mesmo ano, as irmãs receberam a doação de uma casa antiga, muito grande, situada em Garça/SP. A única condição da doadora era que a propriedade sempre se destinasse a fins beneficentes para crianças pobres. Atendendo ao pedido, as irmãs fizeram dessa casa uma creche, que recebeu, posteriormente, o nome de Instituto Educacional “Dona Maria Leonor”.

A formação de novas vocações deveria começar logo no Convento de Agudos, para tanto, a colaboração do Frei franciscano Anastácio Hachmann foi muito importante. Por meio de missões populares realizadas no Sul de Minas Gerais e no Norte do Paraná, Frei Anastácio descobriu algumas vocações e as encaminhou até o convento:

São vocações dos anos de 1947 e 1948, por ele encaminhadas a Agudos: Irmã M. Zélia Cardoso, [...], Irmã Maria Edith de Lima, Irmã M. Rosa de Paula, e as duas irmãs: Ir. Maria Cristina Campos e Ir. Maria Josefina Alves. Todas essas do Sul de Minas Gerais, Município de Maria da Fé e Dom Viçoso. Do Paraná vieram as Nunes de Freitas: Irmã M. Bernadete e Irmã Gabriela, além de Ir. Maria Celina Pezotti.¹⁸⁹

Frei Anastácio está presente nas narrativas de quatro irmãs entrevistadas neste trabalho. Ir. M. Rosa, Ir. M. Cristina, Ir. M. Josefina e Ir. M. Celina conheceram o Frei durante suas missões populares, o qual descobriu suas vocações e as encaminhou para o Colégio das Irmãs Franciscanas de Siessen. Com o tempo e com o auxílio de mais três religiosas enviadas ao Brasil, após o término da Segunda Guerra Mundial, as irmãs ampliaram suas missões educacionais. No dia 3 de maio de 1949 inauguraram, na casa que receberam de doação, o Instituto Educacional “Dona Maria Leonor” (IEDML).

Madre M. Sofia (coordenadora) juntamente com as irmãs M. Adelgisa (auxiliar), M. Vicente (cozinheira), M. Geralda (responsável pelo jardim de infância) compuseram a primeira comunidade dessa casa, que tinha por objetivo atender crianças (de idades variadas) pobres, oferecendo educação, alimentação e moradia, em forma de internato

¹⁸⁸ Campos, 1986, p. 38.

¹⁸⁹ Ibid., p. 40.

para aqueles mais necessitados. Em 1950, a pedido das famílias católicas, as irmãs resolveram ampliar suas atividades, instalando o curso ginásial para meninas no IEDML, que em 1953 foi transferido para seu prédio próprio, o Colégio Santo Antônio, inaugurado no dia 14 de maio de 1953. Em 1969, novamente atendendo ao pedido das famílias católicas, alunos do sexo masculino foram admitidos no curso ginásial. Em 1955, conforme já discutido anteriormente, as irmãs partem para Paranaíba/MT, a fim de assumirem as atividades educacionais do Colégio Educandário Santa Clara.

3.1.1 Constituições Gerais e Normas Executórias

Este tópico destina-se à apresentação de algumas regras estabelecidas pelas Constituições Gerais da Congregação das Franciscanas de Siessen, sua finalidade, missão, vocação, normas, entre outros aspectos. O intuito é conhecer a realidade em que as irmãs franciscanas de Siessen, entrevistadas nesta pesquisa, estavam e ainda estão inseridas. Por meio das Constituições Gerais, pode-se compreender como se deu a formação da identidade das irmãs, pois a partir do momento que escolheram a vida religiosa para seguir, suas identidades precisaram ser moldadas conforme as exigências da congregação.

De acordo com as Constituições Gerais (2001), o fundamento de vida espiritual, em comunidade, para toda a Congregação das Franciscanas de Siessen, é a vida segundo o Evangelho, como foi estabelecido em seu projeto de vida, pelo documento *Regra e vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular (T. O. R.) de São Francisco*, elaborado com base nas fontes franciscanas e aprovado oficialmente pela Igreja no dia 8 de dezembro de 1982. A atualização da Regra para a vida em comum das Franciscanas de Siessen acontece mediante as Constituições. Além das Constituições, existem as Normas Executórias, determinadas para as Irmãs das Casas Filiais, diretamente subordinadas ao Governo Geral pelo Capítulo de Assuntos da Alemanha. Para a África do Sul e o Brasil, de acordo com a cultura básica e o ambiente, são determinados pelos respectivos Capítulos Provinciais e confirmados pelo Governo Geral.

A Casa-Mãe da Congregação localiza-se em Siessen, de onde as irmãs têm dupla herança espiritual a preservar e a cultivar. Primeiramente, a herança que receberam de Dellingen, que é a origem franciscana e o encargo educacional e a que encontraram no antigo Convento Dominicano em Siessen. Em 1854, quando a Congregação foi fundada, proclamou-se o dogma da Imaculada Conceição de Maria, por isso, colocou-se

sob a proteção da Mãe de Jesus o título *Maria, Virgem e Mãe de Deus, concebida sem pecado*. Por este motivo é que todas as irmãs recebem o primeiro nome de Maria quando fazem a profissão.

A admissão de uma candidata na Congregação compete à Superiora Geral, na Casa Mãe, e às Superiores Provinciais, nas Províncias. As superiores escolhem uma irmã da comunidade e a encarrega de responder aos pedidos de informações das jovens candidatas, que em seguida, são encaminhadas para participarem de encontros com as irmãs, as quais ajudarão as candidatas a reconhecerem a vontade de Deus em suas vidas e as introduzirão no estilo de vida da Comunidade Religiosa.

Nesse período, as irmãs examinam se a decisão das jovens se baseou na fé e amadureceu na procura sincera da vontade de Deus. A vocação para a vida religiosa franciscana pressupõe que a candidata tenha capacidade de tomar uma decisão clara, de participação da vida em comunidade e das tarefas apostólicas. Ela deve, ainda, estar pronta para a vida franciscana em simplicidade e humildade, manifestando um vivo amor à Palavra de Deus, à Eucaristia e à Adoração.

Dessa forma, a candidata que possuir esses requisitos e cumprir as exigências do Código de Direito Canônico, é aceita para o **Aspirantado**. Para admissão de uma aspirante é necessário que levem alguns documentos, tais como: certidão de nascimento; certidão de batismo e crisma e de estado livre; consentimento por escrito dos pais, no caso da aspirante ser ainda menor de idade; parecer do pároco ou de um sacerdote que conheça a aspirante; certificado sobre sua formação e atividade e atestado médico. A jovem permanece nessa etapa por um tempo determinado pelo seu respectivo Governo, que observará a idade, maturidade e nível de formação profissional. As Normas Executórias da Província Santa Clara (Guaratinguetá/SP) determinam como requisitos para a admissão ao Aspirantado que a jovem tenha idade mínima de dezesseis anos e que ela tenha cursado ou esteja cursando o segundo grau, exceto aquelas que por motivos especiais não puderem fazê-lo.

Depois do Aspirantado as candidatas passam ao **Postulantado**. Nas Normas Executórias da Província as condições para a entrada ao Postulantado é a idade mínima de dezoito anos completos. Essa etapa tem duração de um ano. Neste período, a postulante vive numa comunidade formadora em contato direto com os pobres e não pode frequentar formação escolar. A próxima etapa para inserir-se na Comunidade Franciscana é o **Noviciado**, o qual tem duração de dois anos, dividido em ano Canônico e ano Apostólico. Nesse tempo, as noviças são introduzidas na vida comunitária e

recebem formação por meio de um conhecimento básico, que abrange os seguintes temas:

Estudo e Meditação da Sagrada Escritura; Aprofundamento das verdades da fé, de modo especial dos sacramentos; Introdução à essência e ao espírito dos Conselhos evangélicos; Explicação da nossa forma de vida; Familiarização com a vida e os escritos de São Francisco; Orientação para uma participação viva da Liturgia; Estudos da História da Igreja e da Ordem; Conhecimento da história de nossa congregação.¹⁹⁰

Além desses conteúdos transmitidos, as Constituições Gerais determinam que as noviças devam se mostrar capazes e dispostas a confrontar com o evangelho seus hábitos de vida até aquele determinado momento, aceitando mudanças; viver em castidade, em pobreza e em obediência, de acordo com as Constituições; colocar suas qualidades à disposição da Comunidade religiosa e renunciar aos caprichos da própria vontade; aceitar a comunidade religiosa com seus lados fortes e com suas fraquezas, carregando-as juntas. Sobre a vida em castidade virginal por causa do reino do céu, a Constituição prega que as irmãs aceitem sua feminilidade como um dom, afirmando que foram chamadas para além de uma ordem meramente natural e inseridas no amor sponsal de Jesus Cristo a sua Igreja. Enfatizam, ainda, que “Somente Jesus é e permanece a razão suficiente e plena para emitir o voto de castidade virginal e vivê-la por toda a vida. Ele concede este dom, sem merecimento nosso.”¹⁹¹

Com relação à vida em pobreza, a irmã deve renunciar ao direito de possuir bens materiais, devendo passar sua administração para outros ou para a congregação. Se alguma irmã sair da congregação nesse período, terá seus bens devolvidos integralmente, porém, não terá o direito de exigir remuneração pelos serviços prestados e restituição de prejuízos sofridos, pois as noviças não podem receber remuneração pelos serviços prestados. As vestes são entregues no primeiro ano de provação. A mestra das noviças faz um relatório por escrito de cada uma e o entrega à Superiora Geral, que decidirá sobre a admissão da noviça na congregação. Juntamente com esse relatório, a noviça deve entregar à superiora um pedido por escrito, para a admissão à Profissão.

Aceita para a Primeira Profissão, ou Profissão Temporária, a noviça passa pelo **Juniorato** e deve assumir o compromisso de viver uma vida conforme o evangelho, em

¹⁹⁰ Constituições Gerais, 2001, p. 11.

¹⁹¹ Ibid.

castidade virginal, por causa do reino do céu, em obediência e pobreza. Obriga-se, ainda, a observar a *Regra e Vida dos irmãos e irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco*, as Constituições das Irmãs Franciscanas de Siessen e os Estatutos Particulares da Província, prometendo obediência a essa comunidade religiosa.

Após cinco anos da Primeira Profissão, acontece a emissão à Profissão Perpétua, mediante relatório escrito e apresentado pela Mestra do Juniorato à madre superiora. Esse relatório é preparado observando os seguintes comportamentos da juniorista: a vida espiritual; a capacidade de viver em comunidade; a disponibilidade para uma conversão constante, o estado de saúde e a atividade profissional.

Depois de confirmado o preparo da irmã para conviver em fidelidade e para sempre em vida franciscana, é aceita para a Profissão Perpétua. Após a profissão, a irmã conserva o direito de propriedade sobre seus bens e a capacidade de adquiri-los. Com a Profissão Perpétua, as irmãs devem fazer, livremente, algumas renúncias, tais como, a um parceiro matrimonial; à fundação de uma família própria; à maternidade física; às relações humanas dentro e fora da Comunidade Religiosa que impeçam a vivência do seu voto de amor indiviso a Cristo.

Sobre o modo de servir e trabalhar da Congregação, as Constituições Gerais indicam que deve se fundamentar no minorismo, e para tanto, requer das irmãs disponibilidade para toda espécie de serviço e trabalho de que serão encarregadas. O trabalho para as irmãs deve ser uma possibilidade de empregar suas forças e desenvolver as capacidades que Deus as deu. As Normas esperam de cada irmã a pontualidade e fidelidade no serviço e que sejam responsáveis pelos materiais com os quais trabalha. O tempo livre e as férias que recebem são considerados como presentes, que devem ser aproveitados com responsabilidade, para recuperar as forças e viver com maior autenticidade.

A remuneração que as irmãs venham, por ventura, receber pelos trabalhos desenvolvidos, pertence à Comunidade Religiosa e é usado para a manutenção de suas vidas, para a realização de tarefas dentro e fora do país, para a formação das irmãs e destinado às irmãs doentes e idosas. O restante é colocado à disposição dos pobres, das grandes obras caritativas da Igreja e para atender as necessidades especiais que chegam ao seu conhecimento. Sobre a vida em fraternidade, as Constituições Gerais indicam que às irmãs doentes e idosas compete, de modo especial, o serviço da oração e do sofrimento. Elas dão o exemplo de paciência, perseverança e de união com o Senhor sofredor.

Com relação à finalidade da Congregação, as Constituições Gerais (2001) indicam que ela foi fundada com a clara tarefa de educação e formação das jovens. No decorrer dos anos suas atividades foram ampliadas, de acordo com as necessidades e exigências do tempo. Atualmente, a congregação tenta cumprir sua tarefa apostólica na Alemanha, na África do Sul e no Brasil, em escolas, creches, casas para crianças, jovens e profissionais; trabalhos pastorais; assistência aos enfermos e cuidado de pessoas idosas e confecção de paramentos. Para possibilitar esses serviços, é necessário que muitas irmãs se dediquem ao cuidado das casas. As jovens enviadas à congregação recebem formação profissional conforme suas capacidades e dons. Elas são preparadas para o serviço, de acordo com as exigências.

O documento das Constituições Gerais que utilizamos neste trabalho foi aprovado oficialmente em 1982, ou seja, ele é anterior à formação religiosa das irmãs entrevistadas. Não foi possível localizar os documentos relativos ao período em que as irmãs se tornaram franciscanas. Desse modo, partimos da hipótese de que algumas normas podem não corresponderem à realidade das irmãs. Nas narrativas de algumas das entrevistadas foi possível perceber que elas tiveram uma preparação para o serviço, conforme consta nas constituições.

A maioria das irmãs entrevistadas são professoras, contudo, três delas não fizeram faculdade, nem mesmo o Curso Normal ou Magistério. Questionadas o porquê dessa decisão, uma relatou que não entrou na congregação para estudar, visto que sua vocação era seguir as missões. As outras duas relataram que na época em que entraram para a congregação havia muito trabalho nas escolas em que trabalhavam, sendo assim, não tinham tempo para prosseguir com os estudos. Relataram, ainda, que não se arrependeram de terem interrompido os estudos, pois trabalharam e serviram no que a Congregação precisava, conforme indica as Constituições Gerais. Diante disso, é possível perceber o quanto as Normas da Congregação estão presentes nos relatos e nas vidas das irmãs. A maneira de pensar, de agir e de trabalhar estão completamente relacionadas com as normas e constituições as quais se comprometeram, ao escolherem a vida religiosa.

Conforme descrito, a presença das Irmãs Franciscanas de Siessen em Paranaíba/MT se deu a partir de um projeto de reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil, que se estendeu por vários lugares do território mato-grossense. As estratégias de recristianizar a população mato-grossense consistiram, entre outras, na importação de Ordens e Congregações Religiosas. Nesse contexto, a Ordem dos

Franciscanos se instalou em Mato Grosso, realizando várias missões populares no território, como a fundação de escolas paroquiais por meio da participação de congregações femininas religiosas que assumiram os trabalhos educacionais e ensino religioso. Em Paranaíba/MT se concretizou a partir da iniciativa do Frei Pedro Holz ao tomar a iniciativa de fundar o primeiro colégio católico da cidade. Portanto, conhecê-lo se faz necessário para compreender o lugar de onde as irmãs falaram.

3.2 O Educandário Santa Clara de Paranaíba/MT

No sul de Mato Grosso, na cidade de Paranaíba, a fundação do Colégio Educandário Santa Clara contribui para a formação de uma grande parcela de meninas e meninos da cidade e região. Estudos e pesquisas do curso de graduação (Pedagogia) e do programa de pós-graduação *lato sensu* (especialização em educação) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, que tomaram essa temática como objeto de pesquisa demonstram isso. Por meio da abordagem da história oral, os trabalhos buscaram registrar as memórias de ex-alunas internas do colégio, as quais relataram a importância do Educandário para a cidade, região e a contribuição na formação das identidades dessas alunas.

Na monografia de especialização intitulada *Escolarização da infância: fragmentos e memórias de internas no Educandário Santa Clara*, defendida no ano de 2011, por Martins, o objetivo foi analisar as memórias de ex-alunas internas no período de 1955 a 1965. No trabalho de conclusão de curso (TCC) *Escolarização da infância em Paranaíba (MT): memórias de alunas do Educandário Santa Clara (1955-1958)* defendido em 2014, Santos realizou entrevistas com algumas ex-alunas internas, com o objetivo de compreender como se deu a infância dessas internas dentro do colégio. Além dos trabalhos de conclusão de curso defendidos com a temática, alguns artigos foram publicados em anais de evento e em 2011-2012.

Foi desenvolvido um projeto de iniciação científica (PIBIC/UEMS) intitulado *História e historiografia da escola primária em Mato Grosso do Sul: levantamento e mapeamento das fontes primárias do Educandário Santa Clara e do Patronato de Menores São José de Paranaíba (MS)*¹⁹² cuja finalidade foi catalogar o acervo documental da instituição. Tais trabalhos se ocuparam em compreender as histórias de

¹⁹² Sandra Honda Jara; Ademilson Batista Paes.

vida de meninas que frequentaram o Educandário em regime de internato, buscando compreender se a educação recebida naquele espaço interferiu na formação de suas identidades.

Entretanto, nesta pesquisa a intenção é conhecer a história de vida das responsáveis pela direção e educação dessas alunas: as Irmãs Franciscanas de Siessen, que estiveram presentes no Educandário Santa Clara, no período de 1955 a 1996.

Em setembro de 1952, o Frei franciscano Pedro Holz, vigário de Paranaíba, juntamente com os coadjutores Frei Liberato, Frei Fridolino e com a ajuda do advogado, vereador e professor paranaibano Walter Faustino Dias criou “uma sociedade de orientação religiosa obrigatória para amparar os menores abandonados e recuperar os desajustados, denominada Patronato de Menores de Paranaíba”.¹⁹³ O Patronato passou a existir como pessoa jurídica, de ação social franciscana, em fevereiro de 1953, quando foram aprovados seus Estatutos. Seus objetivos constam na ata de criação, conforme lê-se na Figura 17.

¹⁹³ Knob, 1988, p. 326.

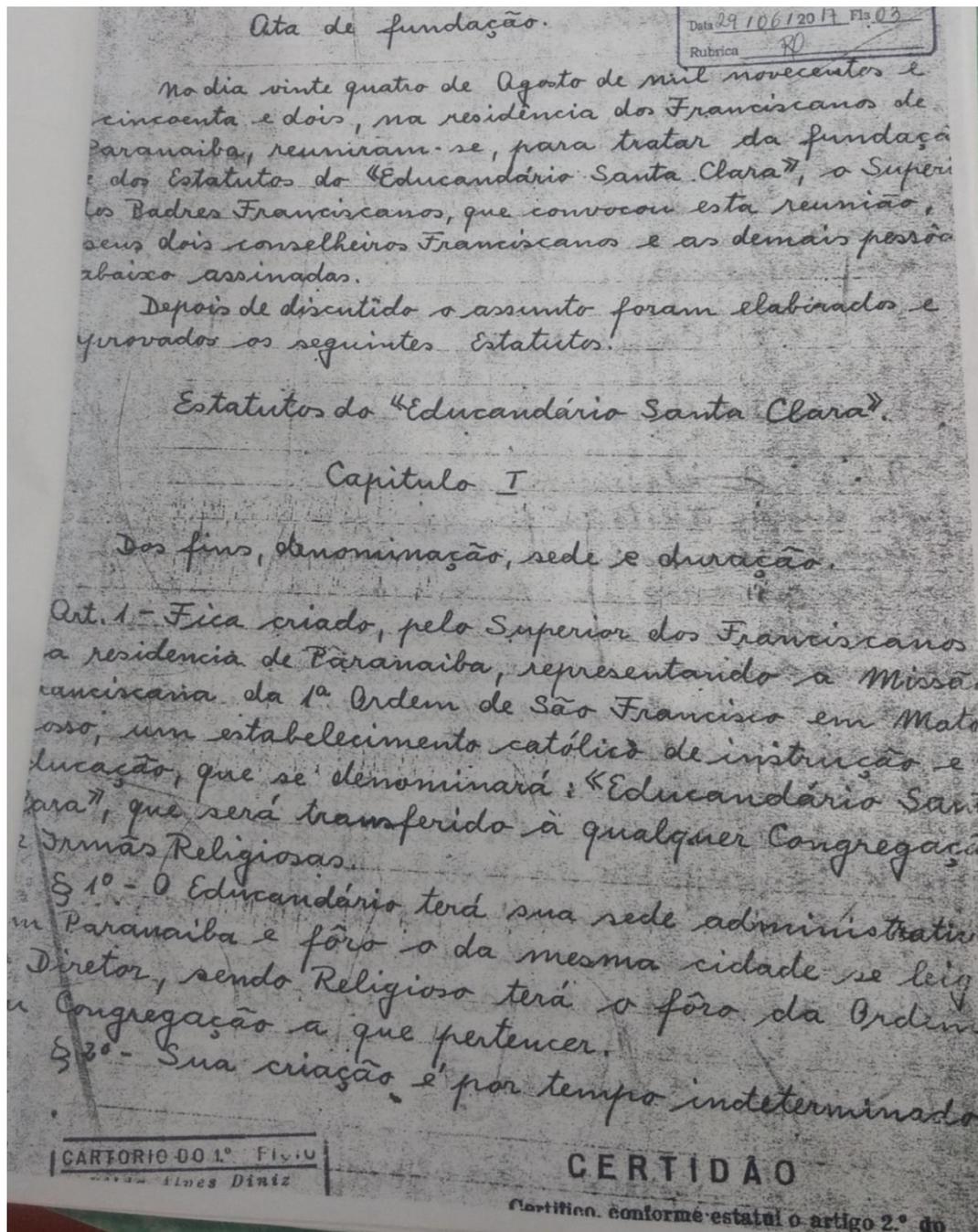
Figura17: Página inicial da ata de criação do Patronato de Menores de Paranaíba.

Certifica e dá fé, em virtude de pedido / verbal de pessoa interessada que, revendo o arquivo do Cartório do 1º Ofício a seu cargo, nele verifiquei às fls., 25 do Lº A-nº 01 do Registro de Pessoas Jurídicas, consta o termo do teor seguintes- ANO:- 1.953.- REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS. LIVRO Anº1.- NÚMERO DE ORDEM.- Oito (8).- MÊS:- Fevereiro.- DIA:- 4.- (quatro).- INSCRIÇÃO:- Ata de Fundação do Patronato de Menores de Paranaíba, Estatutos:- Aos vinte dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e dois, na sala da residência parquial de Paranaíba, reuniu-se para tratar da fundação e dos Estatutos do Patronato de Menores de Paranaíba, o vigário-dei, digo, desta Paróquia, que convocou esta reunião, seus dois condutores e as demais pessoas abaixo assinadas:- Depois de discutidos os assuntos foram elaborados e aprovados os seguintes estatutos:- Estatutos do Patronato de Menores de Paranaíba. (Ação Social Franciscana.) Capítulo I.- Do Nome, Fins, Sede e Duração.- Art. 1º.- Fica criado para funcionar a partir de primeiro de Janeiro de 1.953, uma sociedade civil de orientação católica, denominada Patronato de Menores de Paranaíba, que se regerá por estes Estatutos e regulamentos que foram baixados. Art. 2º.- O Patronato tem o objetivo de cuidar os meninos abandonados e incentivar a recuperação dos desajustados, ministrando-lhes a necessária assistência educacional, profissional, social e médica, em estrita colaboração com as autoridades do poder Público, (Serviço de Assistência aos Menores e Juizado de Menores). Parágrafo Único:- Para a concessão desse objetivo deverá promover:- a) construção de um edifício próprio e adequado à sede e em condições de proporcionar aos meninos abandonados e desajustados os benefícios previstos neste artº.

Fonte: Acervo do Colégio Educandário Santa Clara

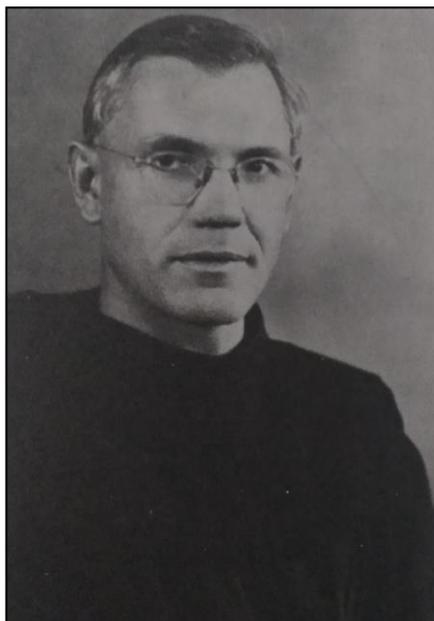
Após a criação, a primeira obra concreta da entidade social franciscana foi a construção de um estabelecimento de ensino - o Educandário Santa Clara, o qual se voltava também, às necessidades de instrução da população rural, mediante a construção do internato feminino. A ata de fundação do Colégio foi assinada no dia 24 de agosto de 1952, conforme verificado nas Figuras 18 e 19. De acordo com o documento, consoante com o artigo 1º, o estabelecimento de ensino foi construído para ser entregue a qualquer Congregação de Irmãs Religiosas.

Figura 18: Página inicial da ata de fundação do Educandário.



Fonte: Acervo do Colégio Educandário Santa Clara.

Figura 20: Frei Pedro Holz



Fonte: Knob, 1988, p. 319

A construção do colégio em Paranaíba foi iniciada pelos próprios religiosos franciscanos:

De posse do terreno, doado pela Prefeitura Municipal, ‘os Padres Franciscanos imediatamente começaram pessoalmente como operários a sua limpeza e abertura dos alicerces da obra, constituída por quatro prédios interligados, avarandados na parte interna em volta de um centro aberto e quadrado, projeto que eles mesmos fizeram’.¹⁹⁴

Conforme descrito na citação acima, na Figura 21 é possível visualizar o prédio escolar já em fase final da construção.

Figura 21: Colégio Educandário Santa Clara em construção



Fonte: Santos, 2014.

¹⁹⁴ Knob (1988, p. 326).

A obra iniciada em 1952 recebeu ajuda da população, do governo estadual e federal, e foi concluída no final do mesmo ano. Finalizada a construção, Frei Pedro Holz empenhou-se em encontrar uma Congregação que aceitasse exercer a Missão educacional no colégio. Primeiramente, convidou as Irmãs Escravas Concepcionistas do Sagrado Coração, do Rio de Janeiro, que recusaram a proposta. Em seguida, ofereceu (insistentemente) o Educandário às Irmãs Franciscanas da Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, em São Paulo.

Após muitos convites e cartas enviadas pelo Frei, em 1954, Madre Clara, a superiora regional à época, resolveu conhecer a obra.. Ela relata nas crônicas que “A notícia da nossa visita espalhou-se pela cidade inteira. Era uma senhora que nos trazia bolo, outra, um pudim [...]. Todos queriam cumprimentar-nos e dar-nos as boas-vindas. Nós ficamos simplesmente encantadas com o povo de Paranaíba”.¹⁹⁵ A visita foi realizada sem compromisso, de acordo com a Madre Superiora mais para um apoio moral àquele zeloso e incansável sacerdote, se referindo ao Frei Pedro. Devido às tarefas que a Madre já desenvolvia no Instituto Educacional Dona Maria Leonor (IEDML) e no Colégio Santo Antônio, ambos na cidade de Garça/SP, considerou, inicialmente, difícil assumir outra escola, principalmente pela distância da congregação. Apesar disso, em virtude de sua visita a Paranaíba e da boa impressão que obteve do Colégio, decidiu por aceitar o pedido do Frei Franciscano.

Aceito o convite, o Educandário passou a ser propriedade das Irmãs Franciscanas de Siessen, conforme consta em seus Estatutos e por decisão da diretoria: “sua transferência à Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, razão por que o Comissariado dos Franciscanos em Campo Grande (MS), representado por Frei Pedro Holz, outorgou-lhe a competente escritura pública de doação”.¹⁹⁶ Assim, um ano decorrido da visita, no dia 17 de fevereiro de 1955, Madre Clara partiu para Mato Grosso levando consigo as pioneiras nos trabalhos do Colégio Educandário Santa Clara, conforme já descrito na introdução deste capítulo.

Logo abaixo, na Figura 22, podemos visualizar o momento da chegada das irmãs ao porto de Taboado. No canto direito está Frei Pedro, responsável por recebê-las. Ao centro (de vestido preto com bolas brancas) está a juvenista Dianyra (Ir. M. Marta), à esquerda Ir. M. Adalgisa e à direita, Ir. M. das Graças.

¹⁹⁵Campos, 1986, p. 70.

¹⁹⁶Ibid., p. 73.

Figura 22: Chegada das primeiras Irmãs Franciscanas de Siessen em Paranaíba/MT.



Fonte: Santos, 2014.

Ao chegarem a Paranaíba, as irmãs se prepararam para o início das atividades escolares. O primeiro ano letivo do Educandário começou no dia oito de março de 1955, cujas turmas se iniciaram somente com o primeiro e o segundo ano primário, atendendo meninas em regime de internato e turmas mistas em regime de externato. Em 1955, o internato recebeu apenas oito meninas (com o passar dos anos esse número foi aumentando). Ao final do primeiro ano letivo, o colégio havia matriculado 173 alunos (87 meninos e 86 meninas), no entanto, houve apenas 125 concluintes, os demais deixaram a escola por motivos de doença, mudança, abandono, transferência, idade insuficiente, reprovação por faltas ou por não comparecer às aulas¹⁹⁷.

O primeiro diretor do colégio foi o professor Walter Faustino Dias, que atuou até 1971. A partir de 1972 quem assumiu a direção foi a Irmã Maria Aparecida Casagrande. Em 1962, houve mudança na direção da congregação no Educandário, assumindo a nova Superiora Irmã Maria Francisca Romana Leist, que em 1964 resolveu, juntamente com a diretoria do Educandário, a criação da Escola Normal “Santa Clara” de primeiro ciclo ginásial, autorizado pelo Decreto Estadual nº 654 de 22 de fevereiro de 1964. Devido às novas atividades, outra Superiora foi enviada para o colégio em 1964: Irmã Maria Wanda Pfänder. No mesmo ano foram construídas dez novas salas de aulas, graças ao auxílio da população e de subvenções federais e estaduais.

Sobre os recursos liberados para construção e ampliação de prédios escolares confessionais, vale lembrar que, já com a Constituição de 1891, ficou estabelecida a

¹⁹⁷ Dados retirados do livro de matrículas de 1955, disponíveis nos Anexos deste trabalho.

neutralidade e o laicismo no Brasil, ou seja, não deveria haver financiamento do Estado para tais obras. Desse modo, Manoel (2008) questiona a laicidade estabelecida na Constituição, argumentado que apesar do Brasil República defender a separação entre Estado e Igreja, seus representantes seguiam com alianças.

A república não promoveu perseguição religiosa, não confiscou os bens eclesiásticos e, sinais dos tempos, negociou com a Igreja os próprios termos da Constituição da República. Depois de 1890, quando os bispos brasileiros publicaram uma Pastoral aceitando a República, mas repudiando perseguições religiosas, Rui Barbosa e o Bispo do Pará, D. Antônio de Macedo Costa, negociaram aqueles termos e dispositivos constitucionais que interessavam à Igreja. Mais a frente, em 1930 e em 1937, Getúlio Vargas sedimentou fortes alianças com o clero brasileiro liderado por D. Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro, fato que imprimiu fortes marcas eclesiásticas na Constituição de 1934 e na do Estado Novo.¹⁹⁸

De fato, o Governo não só permitiu que a Igreja continuasse assumindo um papel importante na educação brasileira, como também contribuiu para a construção de novos prédios escolares confessionais.

Ao estudar a fundação dos Colégios das Irmãs de São José de Chamberry, primeira rede escolar feminina católica em São Paulo e no Brasil, Manoel (1988) defende que a oligarquia paulista apoiou decisivamente suas instalações, justamente no momento histórico em que se fortaleciam as ideias liberais no País, pois eram defensores do conservadorismo e da ordem vigente. Logo, as escolas católicas auxiliariam grandemente na manutenção da estrutura. O autor sugere, ainda, que “outros colégios, de outras congregações católicas, receberam idêntico apoio e financiamento, seja em São Paulo, seja em outros estados”.¹⁹⁹ O argumento para tal afirmação é baseado nos dados sobre o número de escolas existentes no Brasil em 1959, fornecidos pela Diretoria do Ensino Secundário do MEC:

Tabela 1: Número de escolas existentes no Brasil em 1959

Escolas públicas	842
Escolas particulares leigas	1.288
Escolas católicas	873
Total de escolas (ginásios e colégios)	3.003

Fonte: MANOEL, Ivan Aparecido (2008, p. 19)

¹⁹⁸ MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919)*. 2008, p. 19.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 18.

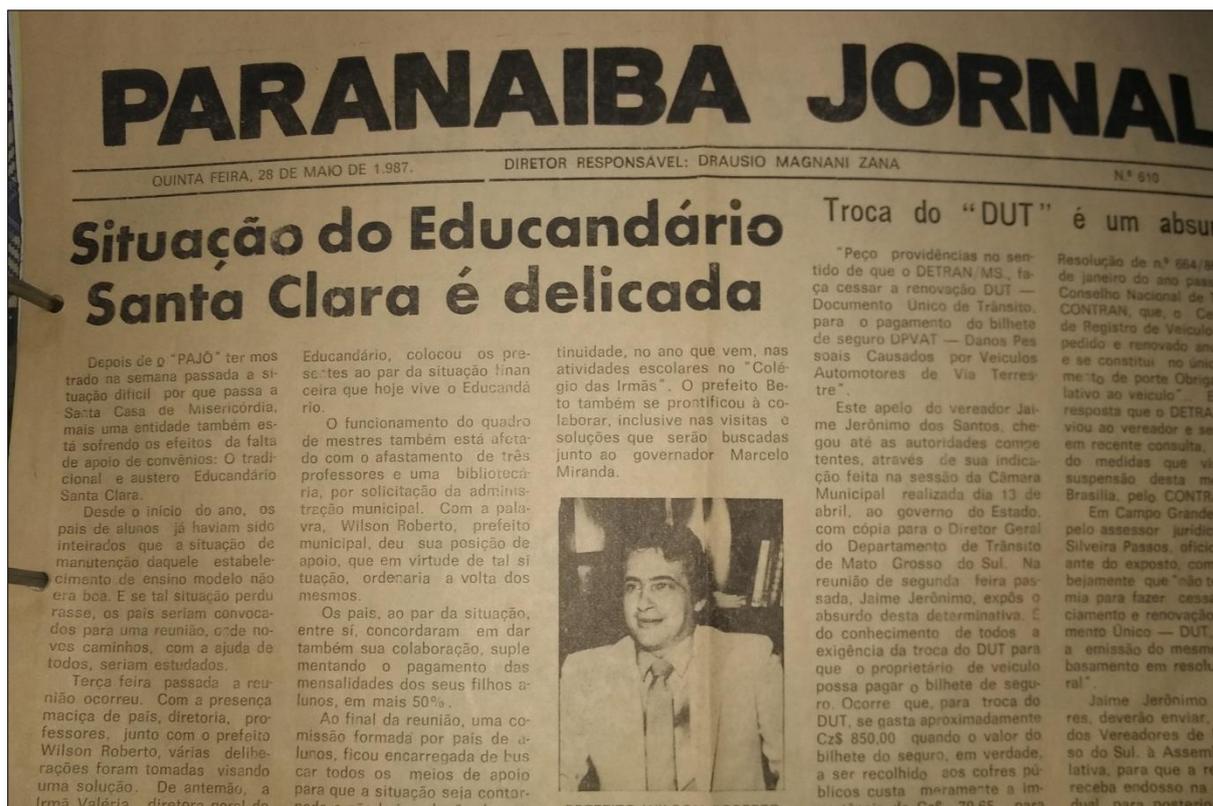
Os dados indicam que até a década de 1950, 29% das escolas pertenciam a congregações religiosas católicas; um número significativo levando em consideração a quantidade de escolas públicas ofertadas pelo Estado. Compreendemos, portanto, que o Educandário Santa Clara de Paranaíba/MT, construído em 1952 e inaugurado em 1955, está inserido nesses dados, pertencendo ao grupo de instituições católicas fundadas por meio do auxílio da população, do governo estadual e federal, recebendo financiamento para sua edificação, como também, para suas ampliações em 1964.

Nesse sentido, podemos salientar que o interesse de fundar uma instituição de ensino católico no sul de Mato Grosso partiu da Missão Franciscana, sobretudo mediante o apoio da população local e regional, representada pela figura do político e professor Walter Faustino Dias. Conforme discutido nos tópicos anteriores, a fundação de escolas católicas surgiu como estratégia para o projeto de reforma do catolicismo, em que por meio do ensino religioso, a Igreja pretendia recristianizar a sociedade mato-grossense, assim sendo, o Colégio Educandário Santa Clara se encaixa como fruto desse projeto, idealizado pelos interesses católicos da época.

Decorridos alguns anos de sua inauguração, o colégio passou por certas modificações para adequar-se as necessidades da época. Quando iniciou suas atividades, em 1955, ofertava apenas o 1º e 2º ano do primário e o internato feminino, já em 1967 contava com o Primeiro Grau, Ginásio Secundário e com o Curso Normal de 2º ciclo, em 1968. No ano de 1972, sob direção da Ir. M. Aparecida, o Colégio extinguiu o 2º grau e em 1974 fechou o internato, passando a funcionar apenas com o Pré-Escolar, com o 1º Grau e com o curso de Datilografia. Em 1977 o Educandário passou por sérias dificuldades e quase fechou as portas. Graças à atuação de autoridades civis, religiosa e comunidade da Escola, as dificuldades foram superadas, firmando-se convênio parcial com o Estado, possibilitando, assim, sua continuidade.²⁰⁰ Entretanto, dez anos depois, em 1987 a escola passou por outra crise, conforme pode ser observado na matéria publicada no jornal de Paranaíba, em 28 de maio de 1987 (Figura 23). Os pais dos alunos matriculados, preocupados com o fechamento da escola das irmãs, propuseram contribuir aumentando em até 50%, se fosse necessário, as mensalidades pelas quais pagavam à instituição. Tal proposta reafirma que o Colégio das irmãs tinha prestígio entre a população.

²⁰⁰ Campo, 1986, p. 75.

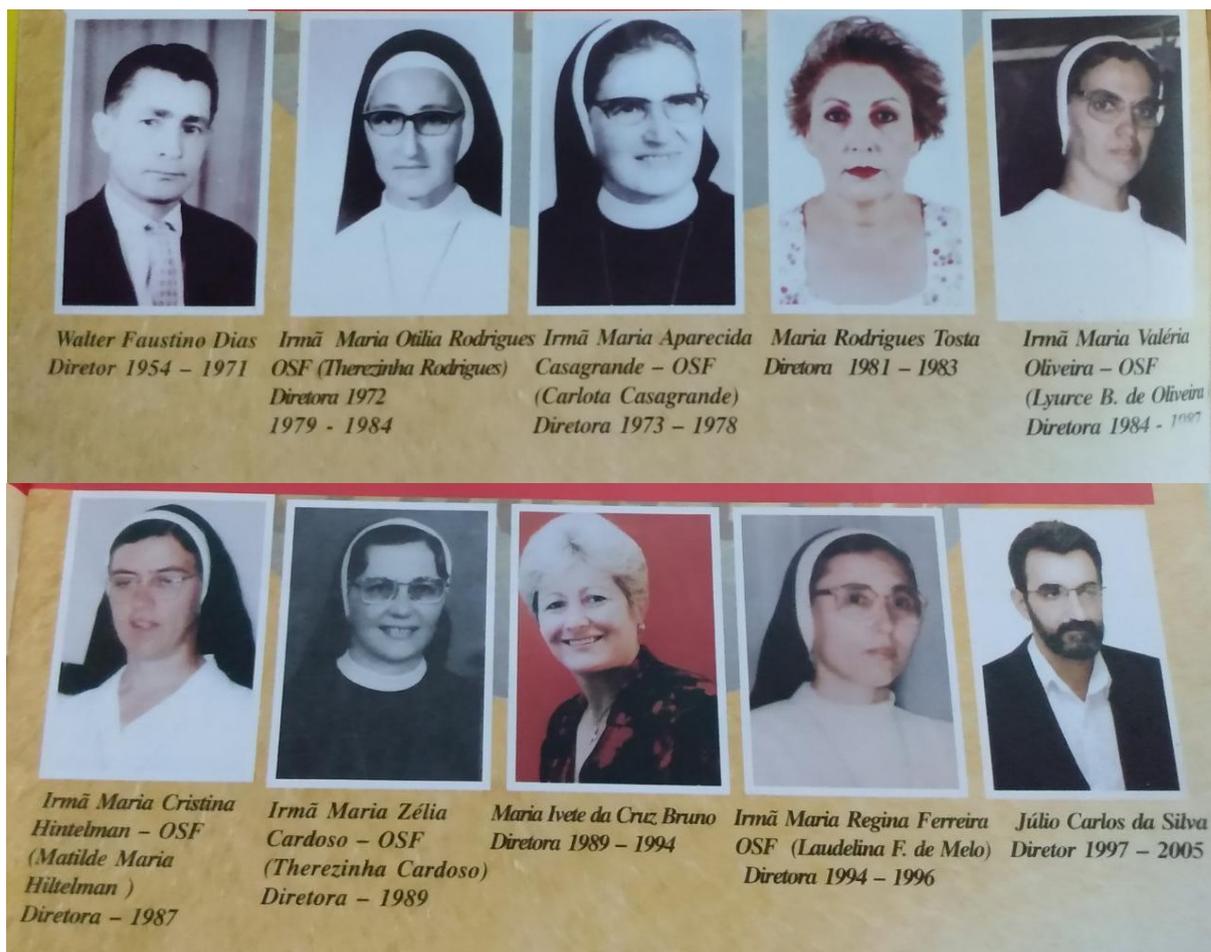
Figura 23: Paranaíba Jornal – 1987



Fonte: Acervo do Colégio Educandário Santa Clara

No ano de 1979, Irmã Maria Otília assumiu a coordenação da comunidade religiosa e a direção da escola, exercendo as funções até 1985, quando passou o mandato à Irmã Maria Valéria Batista de Oliveira. Em 1988, as irmãs franciscanas contrataram a professora Maria Ivete da Cruz Bruno para dirigir a escola. Em busca de uma melhor qualidade de ensino fez-se a assinatura do convênio com o Objetivo/SP. Em 1994, a direção da escola retorna para as Irmãs Franciscanas e a Irmã Maria Regina responde pela direção. No dia 18 de setembro de 1996, assumiu a diretoria da Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos/SP o Sr. Gerson Trevisani, da Rede Prevê Objetivo, desempenhando as funções de Diretor, Presidente e Tesoureiro, tendo como Vice-Presidente e Secretário o Sr. José Luís Garcia Peres, ambos da cidade de Bauru-SP.²⁰¹ Nesse mesmo ano, as irmãs venderam o colégio e encerraram suas atividades em Mato Grosso do Sul.

²⁰¹ Informação disponível no site do Colégio: <<https://grupopreve.com.br/paranaiba/sobre-o-colegio>>.

Figura 24: Relação dos diretores do Educandário Santa Clara

Fonte: Revista 50 anos do Educandário Santa Clara

3.2.1 Características do Colégio Educandário Santa Clara e o perfil de seus alunos (as)

Ao olharmos para a história do Colégio Educandário Santa Clara a partindo de suas fontes, verificamos que desde o início o ensino foi ofertado a turmas mistas, um fato curioso, já que apenas na década 1960, com o Concílio Vaticano II, fica estabelecida a possibilidade de turmas mistas em escolas confessionais católicas. Conforme já mencionado, o colégio dispunha apenas de internato feminino, no entanto, as turmas de 1º e 2º anos do primário atendiam tanto meninas quanto meninos, como pode ser observado na Figura 25, em que aparecem os alunos de uma turma mista do ano de 1955.

Figura 25: Turma Mista do Educandário Santa Clara – 1955.



Fonte: Santos, 2014.

No início, apesar de possuir sete salas de aulas construídas, o Educandário ofertou apenas três turmas, – conforme pode ser observado na livro de registro escolar na Figura 26 – sendo duas salas de primeira série, de responsabilidade da professora Irmã Maria das Graças, que assumiu uma turma no período matutino (das 7h às 11h) e outra no período vespertino (das 12h50 às 16h50). A terceira turma, uma sala de 2º ano, foi destinada à juvenista Dianyra Leite, que embora ainda não tivesse concluído o magistério, atuava como professora leiga. Em parte da entrevista concebida para este trabalho, Irmã Maria Marta (Dianyra Leite) descreve que ficou surpresa quando a Madre Superiora a convidou para participar da missão educacional do Educandário em Paranaíba/MT, pois ainda era uma aspirante e não havia concluído o magistério:

A vida prosseguiu até que, aos dezenove anos, Madre Clara, superiora regional Alemã, cultíssima, me chamou e disse: ‘Olha, minha filha, eu tenho um grande pedido e vai ser bem difícil para senhora... sabe, minha filha, a gente vai abrir uma escola em Mato Grosso e eu preciso pedir que a senhora vá para lá como professora, por um ano, com a Irmã Adalgisa, Irmã Maria das Graças, Irmã Fides e Irmã Edith’. Madre Clara nos chamava de senhora. Quando ela terminou de falar eu fiquei muito surpresa e contente com a novidade, pois iria trabalhar como professora, Madre Clara até questionou se eu não queria mais ser religiosa por causa do meu entusiasmo, mas expliquei que queria sim, ser irmã e professora. Após o pedido, fomos fazer os preparativos, pois a nossa ida para Paranaíba seria em fevereiro de 1955 [...].²⁰²

²⁰² Ir. M. Marta, 2018.

Apesar da surpresa, Dianyra ficou bem feliz, pois almejava ser professora e, segundo ela, quando deixou Paranaíba ficou muito triste: “Quando terminou o ano eu chorei para sair de lá”.²⁰³

Figura 26: Livro de registro escolar – Professores (Março de 1955)

PROFESSORES DO CURSO											Mês: Março... 1955										
(Todos quantos estavam lecionando no curso, ao encerrar-se o mês letivo, ainda mesmo quando também hajam lecionado noutros cursos mantidos pela Escola)											QUANTO AOS PROFESSORES CATEDRÁTICOS (regentes de cadeiras)										
Número de cédula	NOME DO PROFESSOR (Eletivo, em primeiro lugar, os catedráticos)	Sexo (masculino ou feminino)	É catedrático ou auxiliar?	É professor normalista? (sim ou não)	Pertence ao quadro ordinário ou extraordinário do funcionalismo público?	É efetivo, interno, substituto, contratado ou ocasionado?	Vencimento (ou estimativa mensal)	ASSIDUIDADE DURANTE O MÊS		CADEIRA A CARGO DO PROFESSOR				MOVIMENTO DIDÁTICO DO MÊS				APROVEITAMENTO DOS ALUNOS (no encerrar-se o ano letivo)			
								Faltas	Dias que, não justificadas	Dias letivos no mês (total)	Cadeira (indicar as classes que constituem a cadeira)	Horário de funcionamento	Matrículas em vigor		Frequência média		Promoções e conclusões de curso		Reprovações		
								(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	M (14)	F (15)	M (16)	F (17)	M (18)	V (19)	M (20)	F (21)	
1	Jana Maria Soares A. R.	F	cat. n.	não	não	efetivo	/	-	21	1º ano	7h.15m.	54	35	33	/	/	/	/			
2	Dianyra Furti	F	"	"	"	"	/	-	21	2º ano	7h.	46	19	18	/	/	/	/			

Fonte: Acervo do Colégio Educandário Santa Clara

É evidente que a instituição escolar católica fundada no interior de Mato Grosso obteve grande sucesso, basta analisar a quantidade de matrículas realizadas ao findar do seu primeiro ano letivo (dados indicados no tópico anterior). Entretanto, por ser um colégio particular, apenas parcela da população teve acesso à educação na referida instituição escolar. Mesmo estando vinculada a criação da sociedade de orientação religiosa obrigatória para amparar os menores abandonados e recuperar os desajustados, uma entidade social franciscana cujo objetivo inicial era fundar um estabelecimento de ensino para atender os menores carentes da cidade e região, o Educandário sempre atendeu crianças de famílias mais abastadas, que tinham condições financeiras de arcar com as mensalidades e em alguns casos com o internato. Se a família das alunas internas não possuísse condições de pagar o valor da mensalidade, as irmãs aceitavam mercadorias como pagamento. Carne, verduras, frutas, doces, entre outros itens, eram os mais comuns.²⁰⁴

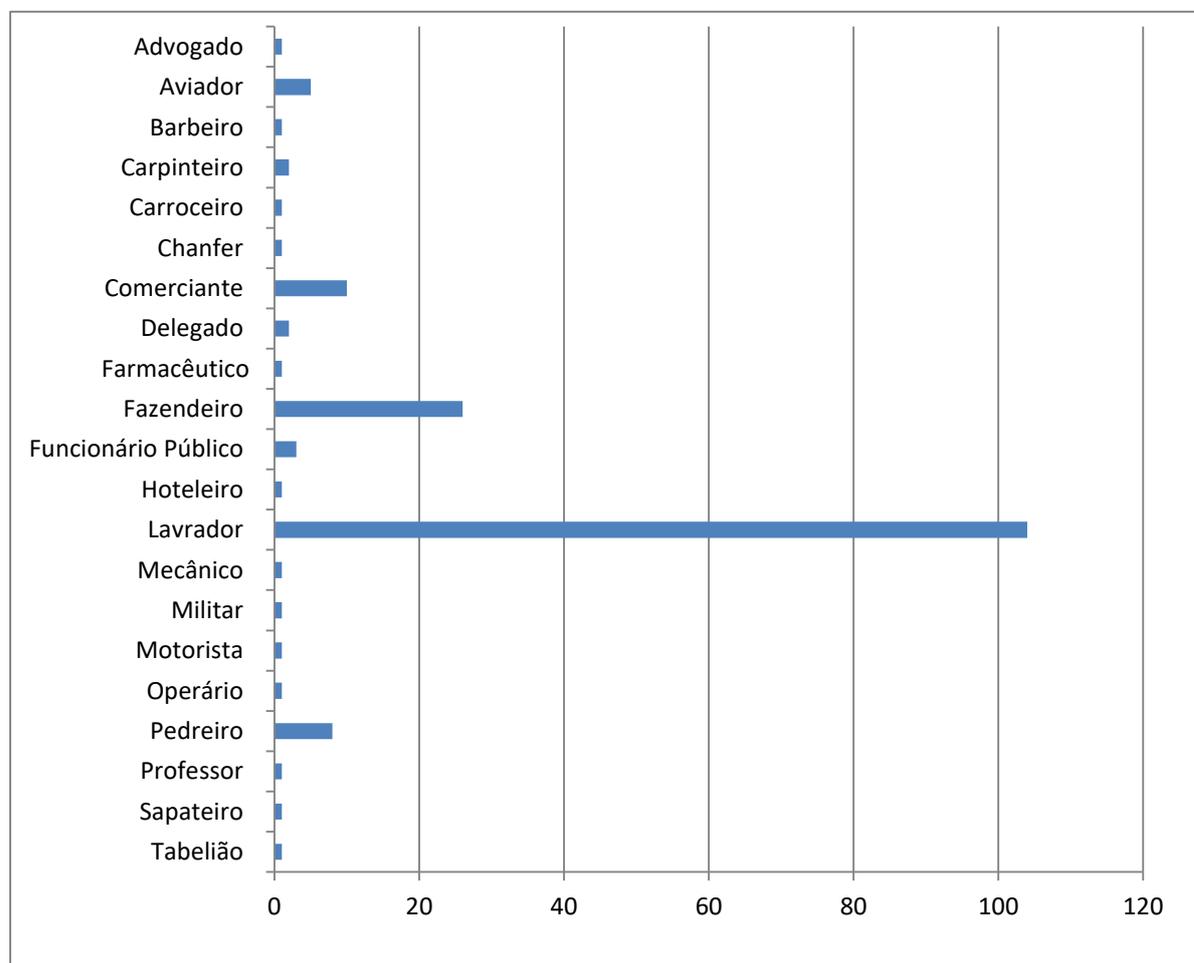
Dessa maneira, pode-se argumentar que a proposta de atender os menores abandonados não se efetivou conforme os franciscanos idealizaram. Ao analisar o livro de matrículas do Colégio Educandário Santa Clara é possível traçar o perfil dos

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ Informações obtidas nas entrevistas realizadas com as irmãs franciscanas de Siessen que trabalharam no Educandário.

estudantes da instituição. Para este exercício propusemos destacar apenas o ano em que iniciaram as atividades da escola, 1955. Abaixo, no Gráfico 1, estão dispostas as profissões dos pais/responsáveis dos alunos registradas no livro de matrículas.

Gráfico 1: Profissão do pai do aluno (a) do Educandário Santa Clara: 1955



Fonte: Sales, 2019

Como pode ser analisado, a profissão que mais se sobressai no registro é a de lavrador²⁰⁵. Dos 173 alunos matriculados no ano de 1955, 104 são filhos ou filhas de lavradores (78,2% do total²⁰⁶). Em seguida, a profissão que mais se destaca é a de fazendeiro²⁰⁷, com 26 registros, depois a de comerciante²⁰⁸ com dez, pedreiro oito,

²⁰⁵ No consenso da população paranaibana, o significado de lavrador nas décadas de 1950 e 1960 era diferente de hoje. Lavradores eram pequenos proprietários e/ou arrendatários de terra, como sítios, chácaras, etc.

²⁰⁶ Vale ressaltar que no livro de matrícula, em alguns casos, o nome do pai se repete, devido ao fato da família matricular mais de um filho (a) no mesmo ano letivo, sendo assim, a totalidade de matrículas não correspondem ao total de profissões registradas, contudo, essa análise não será feita neste trabalho.

²⁰⁷ No período, eram considerados fazendeiros médios e grandes proprietários de terra.

servidor público três e as demais com dois ou um. Quanto ao grau de instrução dos pais, de acordo com o registro no livro de matrícula, 149 pais cursaram o primário (86,12% do total). Apenas um, que é advogado, cursou o secundário e 23 pais (13,3%) foram declarados como analfabetos. Com relação às mães dos alunos, esse número é consideravelmente diferente. No total, foram declaradas 65 mães analfabetas (37,6%), 105 que cursaram o primário e apenas três que fizeram o ensino secundário. Em referência às profissões, a maioria, 162 (93,6%) das mães aparece como “dona de casa”, somente nove mulheres assumem atividades fora do lar, sendo quatro costureiras, três professoras, duas empregadas e duas são declaradas como falecidas.

Os dados apontam para um perfil de alunos cujas famílias ainda estavam inseridas no modelo patriarcal, no qual as mulheres permaneciam cuidando do lar enquanto os homens, a figura central, proviam o sustento e administravam a economia familiar. Diante de tais fatores e dados, podemos concluir que o Colégio Educandário Santa Clara não se destinou, necessariamente, ao atendimento de crianças pobres e carentes. O objetivo de sua construção estava voltado ao atendimento dos filhos das famílias (católicas) mais abastadas da cidade e região, formando, dessa maneira, uma sociedade mais culta (e cristianizada) por meio da escolarização, como o próprio Frei Pedro almejava ao dizer que acreditava que as irmãs poderiam aumentar o nível de cultura da população paranaibana.²⁰⁹

Vimos que Frei Pedro Holz insistiu, por diversas vezes, para que as irmãs Franciscanas de Siessen, da casa regional de Agudos/SP, aceitassem o convite para dirigir a missão educacional do Educandário. Somente após alguns anos de insistência, a Madre Superiora aceitou o convite para visitar a obra da qual o frei franciscano tanto falava. Depois de realizada a visita, em 1954, o convite para assumir o Colégio foi aceito e, assim, iniciou-se a história dessa congregação em terras sul-mato-grossenses.

No próximo tópico abordaremos as características das irmãs a partir de suas narrativas articuladas à história factual.

3.3 Infância, família e escolarização

²⁰⁸ Comerciantes daquela época eram proprietários de estabelecimentos comerciais, como armazéns, lojas de tecido, secos e molhados.

²⁰⁹ Relato de uma entrevistada.

A Tabela 2 representa a região e a cidade em que as irmãs entrevistadas nasceram. Com exceção de três que são naturais da mesma cidade (Dom Viçoso/MG) a maioria das irmãs proveem de cidades distintas. Essas mulheres deixaram seus lares, algumas quando eram ainda crianças, e foram em busca de seus objetivos, chegando todas ao mesmo lugar: à Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen em Agudos/SP. Inicialmente, para uma parte delas a intenção era concluir os estudos, porém, no percurso trilhado descobriram suas vocações e permaneceram no convento para receber formação religiosa. Já para outras, o objetivo desde o início foi realizar o desejo de seguir suas vocações descobertas.

Tabela 2: Região e naturalidade das irmãs

Região	UF	Cidade	Quantidade	Total por Região
Centro-Oeste	MS	Paranaíba	1	1
Nordeste	-	-	-	-
Norte	-	-	-	-
Sul	PR	Cornélio Procópio	1	3
		Sertãoópolis	1	
	SC	Concórdia	1	
Sudeste	SP	Laranjal Paulista	1	9
		Iacanga	1	
		Taquarituba	1	
		Garça	1	
		Getulina	1	
	MG	Dom Viçoso	3	
		Iturama	1	

Fonte: Sales, 2019

Ao analisarmos os dados produzidos a partir da tabela podemos notar que as irmãs entrevistadas são prioritariamente das regiões próximas à localização do convento, sendo que nenhuma delas é oriunda das regiões Norte e Nordeste. A maioria, nove delas, é da região Sudeste, três da região Sul e apenas uma da região Centro-Oeste. Apesar de terem nascido distantes umas das outras, o destino quis que essas mulheres se encontrassem e construíssem uma família em comum: a família franciscana.

Do grupo de irmãs entrevistadas, as mais velhas são Ir. M. Aparecida e Ir. M. Otília, ambas nascidas na década de 1920. No Brasil, essa década é marcada pelos movimentos a favor da modernidade, como por exemplo, a Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922, que teve por objetivo renovar o ambiente artístico e cultural da cidade de São Paulo. Outra característica do período foi a transferência da capital

federal para o Rio de Janeiro, quando o prefeito Pereira Passos iniciou um projeto de remodelação do centro da cidade buscando seguir um aspecto de cidade europeia.

Com essas mudanças, os hábitos sociais foram reestruturados, inclusive na importância dada ao consumo. Mudanças que foram ocasionadas, também, pelo pós-guerra e pelas novas tecnologias que iam se espalhando rapidamente entre alguns grupos sociais. Além disso, foi uma década que recebeu grande atenção da historiografia e é considerada um período de preocupação com a ideia de moderno.²¹⁰

Posto isto, colocamos como indagação se a família da Ir. M. Aparecida, nascida na metade da década de 1920, em uma cidade do interior do estado em que iniciaram as mudanças, São Paulo, pertencia ao grupo de pessoas da sociedade que vivenciaram as transformações do período referido. As narrativas da irmã nos levaram a crer que a resposta é negativa, pelo fato de ela relatar que nasceu e viveu parte de sua infância na fazenda, onde seu pai cultivava um pedaço de terra cedido pelo padrinho dela, criando porcos e vacas com a ajuda de seus seis irmãos e uma irmã. Nessa mesma cidade, Ir. M. Aparecida cursou o primário em uma escola rural. Diante disso, acreditamos que a modernidade, naquele período, não influenciou seu contexto familiar.

A entrevista concedida pela irmã não nos revelou muito sobre as características de sua infância, escolarização e contexto familiar²¹¹, sendo assim, não dispomos de elementos suficientes para traçar o perfil formativo de sua identidade, entretanto, por meio de suas experiências reconstruídas foi possível perceber um pouco de sua personalidade. Ir. M. Aparecida demonstrou ser uma pessoa muito firme, séria e comprometida com as tarefas e missões da congregação, o que foi notado quando ela busca em suas memórias lembranças do período em que trabalhou no Colégio Educandário Santa Clara de Paranaíba, pois de acordo com ela: “No tempo que fiquei lá coloquei as coisas em ordem. (...) Eu fiquei realizada, porque encontrar a escola do jeito que estava e poder melhorá-la... agradeço a Deus por ter me ajudado”.²¹²

Ir. M. Otília, cujo nome civil é Therezinha Rodrigues, nasceu em 1928. Ao contrário da Ir. M. Aparecida, em sua entrevista se sentiu bem à vontade para falar sobre sua história de vida, relatando, com detalhes, como sua família foi constituída. Nascida no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Taquarituba, Ir. M. Otília foi a 21ª

²¹⁰ MACENA, Fabiana, 2008, p. 1.

²¹¹ Durante a primeira entrevista, Ir. M. Aparecida preferiu falar especificadamente sobre o período em que trabalhou no Educandário Santa Clara, como seu estado de saúde não estava muito bom, preferi não me estender muito. Quando retornei para realizar a segunda entrevista, Ir. M. Aparecida já havia falecido.

²¹² Ir. M. Aparecida, 2018.

filha do humilde casal Joaquim e Otília, apesar de nem todos seus irmãos terem sobrevivido, a família sempre foi muito numerosa. Ela descreve com carinho e emoção o quão inteligente e dedicado seu pai era:

Meu pai era uma pessoa assim...quando estava faltando alguma coisa na cidade ele procurava fazer e resolver. O pessoal da cidade era muito analfabeto e como ele tinha aprendido a ler e escrever com seu padrinho, falou para os companheiros e amigos: ‘Olha, eu não sou professor, mas se vocês quiserem eu ensino vocês a lerem’. Ele passou a ser chamado de Joaquim mestre, pois ensinou a *homarada* tudo a ler. Quando as pessoas começaram a comprar carro, não tinha gasolina na cidade. Meu pai *botou* uma bomba de gasolina na frente de nossa casa, lembro até hoje da bomba. Depois, as pessoas precisavam de fotografia para documento, meu pai aprendeu e começou a tirar daquelas fotografias que antigamente cobria a cabeça. Ele iniciou, também, o cartório da cidade, onde trabalhou por sessenta e cinco anos, até se aposentar, acho que uns quinze dias antes de ele morrer. Então, meu pai era assim, precisava de alguma coisa na cidade, ele mandava brasa! Ele sempre dizia: ‘Nós não podemos dar jeito somente para a morte, o resto a gente vai tentando’.²¹³

Percebe-se, por meio das lembranças enraizadas em sua memória, que a família da Ir. M. Otília, aparentemente, não passava por dificuldades financeiras nem sociais, pois seu pai estava sempre à frente das atividades econômicas necessárias naquele período para a cidade, ou seja, pode-se dizer que ele era considerado uma figura importante, mesmo assim, Ir. M. Otília afirmou que “Nós não éramos miseráveis, mas pobres”. Diferente da Ir. M. Aparecida que passou sua infância na zona rural, Ir. M. Otília vivenciou a “modernidade” que emergia na cidade. Percebemos então que apesar de terem nascido na mesma década, em cidades do interior do mesmo estado, as irmãs tinham modos de vida diferentes.

Com relação à escolarização, como já mencionado, Ir. M. Aparecida cursou o ensino primário na zona rural, enquanto Ir. M. Otília o fez na cidade. Apesar de não nos ter informado a idade em que iniciaram os estudos, acreditamos que Ir. M. Aparecida passou a frequentar a escola no início dos anos de 1930, e Ir. Otília no meio da década²¹⁴. É justamente na década de 1930 que o ensino na zona rural passa a ter maior atenção por parte dos governantes, pois até então, essa modalidade de ensino era negligenciada, assim como a educação.

Apesar de ter sido contemplada nas primeiras Constituições (1824 e 1891) a educação escolar passou a merecer especial destaque a partir de 1934, devido à

²¹³ Ir. Otília, 2018.

²¹⁴ Levando em consideração a idade mínima de sete anos para iniciar os estudos.

abrangência do tratamento que foi dado ao tema. No que diz respeito à educação rural, por mais que o Brasil tenha sido considerado um país de origem eminentemente agrária, não houve menções sobre essa modalidade de ensino nos primeiros textos constitucionais. Tal ausência de interesse pode ser evidenciada, “de um lado, pelo descaso dos dirigentes com a educação do campo e, do outro, pelos resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo”.²¹⁵

Com o advento da Primeira República, constituiu-se nos centros urbanos uma demanda escolar, a qual foi predominantemente oriunda das chamadas classes médias emergentes que identificavam na educação escolar um fator de ascensão social e de ingresso nas ocupações do embrionário processo de industrialização. Com relação à população residente no campo, o cenário era outro:

A ausência de uma consciência a respeito do valor da educação no processo de constituição da cidadania, ao lado das técnicas arcaicas do cultivo que não exigiam dos trabalhadores rurais nenhuma preparação, nem mesmo a alfabetização, contribuíram para a ausência de uma proposta de educação escolar voltada aos interesses dos camponeses. Na verdade, a introdução da educação rural no ordenamento jurídico brasileiro remete às primeiras décadas do século XX, incorporando, no período, o intenso debate que se processava no seio da sociedade a respeito da importância da educação para conter o movimento migratório e elevar a produtividade no campo.²¹⁶

As primeiras décadas do século XX proporcionaram muitas mudanças na educação por meio da Constituição de 1934, que foi marcada pelas ideias do Movimento Renovador que culminou com o Manifesto dos Pioneiros, período em que houve fecundas reformas educacionais como a de Francisco Campos, que abrangia, em especial, o ensino secundário e o superior. O texto constitucional apresentou grandes inovações quando comparado aos que o antecederam, firmando a concepção do Estado educador e atribuindo às três esferas do poder público responsabilidades, com a garantia do direito à educação. Com a Lei, o poder público não escapou da incumbência do atendimento escolar do campo. Seu financiamento foi assegurado no Título dedicado à família, à educação e à cultura, conforme o seguinte dispositivo:

Art. 156. A União, os Estados e os Municípios aplicarão nunca menos de dez por cento e o Distrito Federal nunca menos de vinte por cento da renda resultante dos impostos, na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas

²¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. 2012, p. 9-10.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 12.

educativos. *Parágrafo único.* Para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual.²¹⁷

O artigo da Constituição (de 1934) acima citado indica que o atendimento escolar na zona rural passa a ser financiado e de responsabilidade da União, dessa forma, conta com recursos vinculados à sua manutenção e desenvolvimento. Outro fator que contribuiu para impulsionar essa modalidade de ensino foi a criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1931. O Ministério da Agricultura também influenciou na medida em que atuou durante a Primeira República, com o objetivo de fomentar uma política de Ensino Agrícola calcada num conjunto de práticas destinadas a arregimentar mão-de-obra, mediante os mais variados mecanismos, todos pautados pelo autoritarismo inerente à construção do mercado de trabalho no país. Ou seja, aparentemente o financiamento da educação rural surge como princípio de igualdade e de participação nos direitos sociais, entretanto,

Para alguns, o precitado dispositivo constitucional pode ser interpretado como um esforço nacional de interiorização do ensino, estabelecendo um contraponto às práticas resultantes do desejo de expansão e de domínio das elites a qualquer custo, em um país que tinha, no campo, a parcela mais numerosa de sua população e a base da sua economia. Para outros, no entanto, a orientação do texto legal representava mais uma estratégia para manter, sob controle, as tensões e conflitos decorrentes de um modelo civilizatório que reproduzia práticas sociais de abuso de poder.²¹⁸

Tais apontamentos sobre a educação no meio rural são relevantes para pensarmos e compreendermos o contexto em que as irmãs entrevistadas estavam inseridas ao cursarem o ensino primário em uma escola ou grupo escolar rural.

Outra característica do período em que as irmãs iniciavam seus estudos refere-se à expansão da Escola Nova. O escolanovismo se desenvolveu no Brasil em meio a importantes mudanças da sociedade, na década de 1930, quando se acelerava o processo de urbanização, por um lado, e ocorria a expansão da cultura cafeeira, por outro. Havia uma promessa de progresso para o país, sobretudo industrial, mas também ocorreram conflitos de ordem política e social, que acarretavam numa transformação significativa

²¹⁷ Ibid., p. 13.

²¹⁸ Ibid., p. 13.

da mentalidade brasileira. Muitos deixavam o campo em direção aos centros urbanos, tentando encontrar melhores condições de trabalho e de sobrevivência.²¹⁹

Em 1932 foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: *A reconstrução educacional no Brasil*. Segundo os escolanovistas, a educação tradicional se achava centrada no professor na transmissão do conhecimento; o mestre detinha o saber, a autoridade, dirigia o processo e se apresentava como um modelo a seguir.

Na escola renovada, porém, o aluno seria o centro. Havia uma preocupação muito grande com a sua natureza psicológica. Dessa maneira, os conteúdos giravam em torno dos interesses infantis. Enquanto facilitador da aprendizagem, o professor devia esforçar-se para despertar o interesse e provocar a curiosidade. O que percebemos nas entrevistas das irmãs foram relatos de uma educação marcadamente tradicional, em que o professor detinha o saber e o transferia aos alunos. Apesar de terem sido escolarizadas no período de renovação da educação, as irmãs não vivenciaram tais mudanças.

Não distante dessa realidade estavam inseridas as irmãs nascidas na década de 1930: Irmãs Josefina, Cecília, Rosa, Celina, Marta, Salete e Teresinha. Com exceção das irmãs Oflia e Teresinha Bez, as demais irmãs viveram suas infâncias na zona rural. Ir. M. Josefina, nascida em 1935 e Ir. M. Cecília, que nasceu em 1939, são irmãs sanguíneas. Nasceram e foram criadas no sítio da família, localizado no município de Maria da Fé, interior de Minas Gerais. Seus pais tiveram onze filhos, nove mulheres (uma faleceu ainda criança) e dois homens. São irmãs também da Ir. M. Cristina²²⁰, que nasceu em 1933 e faleceu em 1988. Trata-se de uma família de religiosas, pois três das oito filhas escolheram serem freiras e um irmão chegou a frequentar o seminário, porém, desistiu. Ir. M. Cecília relatou em sua entrevista que apesar de viverem no campo, seu pai sempre desejou que seus filhos estudassem, ela lembra que ele dizia: “Olha, a única herança que eu quero deixar para vocês é a boa educação, pois se vocês tiverem uma boa educação vão saber se defender na vida”. As irmãs fizeram o primário em um grupo escolar da comunidade, situado na zona rural. Depois, foram para Lorena/SP, onde ficaram internas no Colégio das Irmãs de Sion para cursarem o Ginásio. Ir. M. Josefina recorda que seu pai trabalhou muito para conseguir pagar o colégio para as três filhas, mas nunca se arrependera disso. Ao concluírem o ginásio, foram para Agudos/SP cursar o magistério no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração (INSSC).

²¹⁹ SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos. *Et all.* 2006.

²²⁰ Autora do livro utilizado como referência no Capítulo I.

A historiografia nos mostra que o Brasil tem como característica marcante o contexto agrário, em que as famílias, geralmente numerosas, encontravam nos filhos a mão de obra necessária para cuidar de suas terras. Aparentemente, de acordo com a entrevista de Ir. M. Cecília, integra sua história e experiência o fato de sua família não se encaixar nesse perfil, visto que seu pai trabalhou duramente para pagar os estudos das filhas e não as colocavam para trabalhar na roça. Suas funções eram domésticas: ajudar a mãe nos afazeres domésticos e a costurar. Na verdade, essa característica de manter os filhos trabalhando nas propriedades rurais era marcante no Brasil, porém, no início do século XX ocorrem mudanças legais que ampararam as crianças da zona rural:

Na primeira década do século XX, mudanças nos dispositivos legais passaram a tipificar como trabalho infantil diversas atividades realizadas por crianças em unidades de produção familiar. Sob a perspectiva de agricultores familiares, o trabalho de crianças no âmbito domiciliar integra processos de socialização e formação de futuros herdeiros e trabalhadores. Porém, algumas mudanças jurídicas, a valorização da escola e determinadas políticas de combate ao trabalho infantil interferem nas formas de socialização e nas concepções de infância no meio rural.²²¹

Mesmo diante dessas transformações, diferente das irmãs Josefina e Cecília, a infância da Ir. M. Rosa ainda foi permeada por atividades e trabalhos rurais. Nascida em 1931, na zona rural da cidade de Dom Viçoso, interior de Mato Grosso do Sul, Ir. M. Rosa precisava ajudar seus pais no cultivo da terra e a tirar leite. Em sua entrevista lembrou que já tirou “*muito leite nessa vida*”. Apesar de auxiliar a família nas atividades agrárias, Ir. M. Rosa não foi impedida de estudar, concluindo o primário em uma escola rural. Ela lembra que:

Com sete anos de idade entrei no primário, numa escola rural no povoado de Dom Viçoso, onde fiz a primeira, segunda, terceira e quarta série do primário. Lembro que durante os quatro anos tivemos somente uma professora, a Dona Carelina. Na sala de aula tinha as carteiras com dois lugares, com o tinteiro e a caneta de pena. As provas tinham que fazer com a maior atenção, pois não tinha como apagar. Durante as aulas se errasse passava o mata borrão, que sumia um pouco da tinta. Eu era bem caladinha. Na sala de aula era um silêncio absoluto, todos respeitavam a professora.²²²

²²¹ MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. *Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças*. 2008, p. 47.

²²² Ir. M. Rosa, 2018.

No trecho acima, Ir. M. Rosa busca em sua memória as características do ensino naquela época: o jeito das carteiras, o tinteiro com a caneta de pena...até mesmo o nome de sua primeira professora ficou gravado em suas lembranças.

Ir. M. Celina, nascida em 29 de maio de 1935, na cidade de Cornélio Procópio, interior do Paraná, também viveu sua infância no sítio. Segundo ela:

Passei minha infância muito feliz nesse lugar. A gente ia para a escola, voltava, tinha o quintal para brincar. Não passávamos necessidade de nada, porque meu pai trabalhava na roça. Meu pai tinha dez irmãos, seis mulheres e cinco homens. Quando meu avô comprou o sítio, ele dividiu um pedaço para cada filho. Então, morava tudo perto, tudo que um precisava o outro ajudava.²²³

De acordo com suas lembranças, a vida no sítio não era ruim, pelo contrário, sentia-se muito feliz naquele lugar. Para Ir. M. Celina o difícil era o deslocamento até a escola, pois não havia nenhuma nas proximidades de onde morava, precisando andar uma hora até a escola da cidade, para concluir o primário.

Ir. M. Marta, nascida em 16 de janeiro de 1936, na cidade de Iacanga, interior de São Paulo, viveu pouco tempo no sítio. De acordo com ela, sua infância foi muito feliz. Lembrou que no tempo em que viveu no sítio seu pai não mandava as meninas para a roça, apenas os meninos. Ela e suas irmãs ficavam em casa ajudando a mãe nos afazeres domésticos e aprendiam a costurar. Em sua entrevista não mencionou onde cursou o primário, mas lembrou que quando concluiu a quarta série ficava em casa para ajudar sua mãe a costurar.

Ir. M. Salete, nascida no dia 8 de junho de 1938, em Concórdia, Santa Catarina, também passou parte de sua infância na zona rural, e assim como a Ir. M. Rosa, precisou trabalhar na roça com seus pais: “A família mesmo que trabalhava na plantação, eu ajudava a lavrar a terra, a plantar e a colher”. Quando questionada sobre suas lembranças da infância, a resposta foi comovente, em suas palavras: “As lembranças que tenho da minha infância é só de trabalho. Eu era a mais velha, então, tinha que trabalhar”. Em comparação às suas companheiras, a história de vida da Ir. M. Salete é marcada por uma infância mais dura e difícil. Em sua narrativa contou que nunca brincou quando criança, pois o dia em que resolveu brincar, sua mãe lhe chamou atenção por ter se esquecido de colocar o feijão para cozinhar. Em sua fala ficou claro o quanto isso influenciou em sua formação e a afeta, visto que até hoje frequenta psicólogo por conta de seus bloqueios emocionais.

²²³ Ir. M. Celina, 2018.

Com relação à escolarização, Ir. M. Salete não concluiu o primário. Ela frequentou a escola rural por um ano e quando aprendeu a ler não quis mais estudar, mas seu pai a fez voltar até aprender a escrever também. No geral, estudou por cerca de dois anos apenas. Em sua narrativa disse que não continuou os estudos porque não queria, mas, será que com tanto trabalho em casa ainda restava disposição para os estudos? Talvez o desinteresse pela escola tenha sido motivado pelo excesso de trabalho que a esperava em casa, conforme se lembrou em suas narrativas.

Ir. M. Teresinha Bez, também nascida na década de 1930, no dia 6 de janeiro de 1938, sempre viveu na cidade de Garça, em São Paulo. Saiu da cidade com vinte anos de idade quando foi para o convento. Sua família era bem sucedida, Ir. M. Teresinha conta que seu pai era muito inteligente, por isso conseguiu abrir negócios na cidade que deram certo. Ela não disse muito sobre sua infância, apenas que a viveu de maneira bem feliz e que gostava de dar aulas de catequese na fazenda que seu pai havia comprado. Quando decidiu se tornar freira seus pais não aceitaram, e por isso quando se formou no curso normal, começou a trabalhar como professora e a fazer serviço de costura, pois assim conseguiria juntar dinheiro para arcar com suas despesas no convento.

As irmãs nascidas na década de 1940 são as irmãs Regina, Eugenia, Marcelina e Francisca. Ir. M. Regina nasceu no dia 30 de dezembro de 1941, em Sertanópolis, interior do Paraná. Como as demais irmãs, também passou parte da infância na zona rural, onde segundo ela, foi uma experiência feliz, pois “gostava muito do campo, dos animais e gostava mesmo das paisagens. [...] gostava muito de brincar, de correr e subir na montanha junto com meus irmãos”.²²⁴

Sobre o trabalho realizado no campo, Ir. M. Regina se recorda de que seu dever era ajudar sua mãe nos afazeres domésticos, enquanto seus irmãos ajudavam na plantação de roças: “Eu fiquei em casa só até os dezesseis anos e meu trabalho era mais caseiro, arrumar a casa, a cozinha, ajudar a tratar das criações de porcos e galinhas. Eu não trabalhava no campo. Estudava meio período e no outro ficava em casa para ajudar nessas tarefas domésticas”²²⁵. Ir. M. Regina disse também que apesar de não serem ricos, nunca faltou nada em casa, pois seu pai plantava de tudo e criava animais para o alimento da família e quando necessário vendiam os produtos para comprarem o que não tinham.

²²⁴ Ir. M. Regina, 2018.

²²⁵ Ibid.

Aos oito anos de idade Ir. M. Regina fez a primeira série numa escola rural de Sertanópolis. Depois, sua família se mudou para o interior de Londrina/PR, e lá não tinha escola, mas como havia várias crianças na região abriram uma escola rural nas redondezas, onde concluiu o primário. A escola ficava mais ou menos a um quilometro de sua casa. Ir. M. Regina lembra que achava interessante a forma de organizar as turmas na escola, em suas palavras: “Interessante que nós tínhamos primeiro, segundo, terceiro e quarto ano na mesma sala de aula e com a mesma professora. Era multisseriada”.²²⁶ Mesmo assim, afirmou que teve uma ótima professora, que a educação recebida na escola foi de qualidade, pois aprendeu de tudo.

Ir. M. Eugênia nasceu dia 22 de outubro de 1942, em uma fazenda situada na cidade de Iturama/MG. Até os 11 anos de idade ela morou no campo, um período considerado muito bom por ela: “Foi uma maneira diferente de viver, fazendo aquela experiência de conviver com a natureza. Eu fui criada cultivando horta, ajudando a tirar leite, cuidando de galinha, tratando de porco”.²²⁷ Sobre a sua infância lembrou que “era aquela brincadeira gostosa, subir na cerca, subir na mangueira, comer a manga e jogar para os porcos comer... era uma coisa muito gostosa”.²²⁸

Como na região em que morava não havia escolas, Ir. M. Eugênia lembra que seu pai contratava um professor para ensinar a ela e a seus irmãos, com isso, as crianças da região também participavam. Essa era uma prática comum no período, pois os proprietários de terras que desejassem oferecer estudo aos seus filhos contratavam professores para lecionarem em suas casas. Contudo, Ir. M. Eugênia fez apenas o primeiro e o segundo ano do primário em sua casa, o terceiro e o quarto ano concluiu como aluna interna, no Colégio Educandário Santa Clara de Paranaíba.

Ir. M. Marcelina nasceu dia 10 de março de 1946, na zona rural da cidade de Getulina/SP, onde morou na fazenda do seu avô até os seis anos de idade. Depois, mudou-se para a cidade, para estudar num grupo escolar, que segundo ela era muito “legal”, se considerava uma menina muito sociável que gostava de brincar. Apesar de ter nascido e vivido parte de sua infância na zona rural, Ir. M. Marcelina sempre estudou em escolas da cidade.

Ir. M. Francisca nasceu em 08 de maio de 1947, na cidade de Paranaíba, onde viveu sua infância na zona rural. Diferente da Ir. M. Eugenia, que teve a oportunidade

²²⁶ Ibid.

²²⁷ Ir. M. Eugênia, 2018.

²²⁸ Ibid.

de estudar em casa, os pais dela eram funcionários da fazenda, sendo assim, não tinham condições de pagar um professor para ensinar os filhos em casa. Ir. M. Francisca se recorda que chegou a frequentar três meses de aula na casa do dono da fazenda, que pagava professores para os filhos dele. Nesse tempo aprendeu o alfabeto e a ler um pouco, mas segundo ela não conseguia interpretar, apenas lia mas não entendia. Somente quando já estava com quinze anos de idade começou a frequentar uma escola, o Educandário Santa Clara de Paranaíba, onde concluiu o primário.

3.3.1 Formação profissional

Quadro 2: Escolarização e formação das irmãs

Nomes	Formação inicial: Escola primária	Formação final: Ginásio / Ensino Superior			
		Curso	Instituição	Cidade	Ano de conclusão
Ir. M. Aparecida	Zona rural	Pedagogia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus	Bauru/SP	1959
Ir. M. Rosa	Zona rural	Ginásio	Educandário Santa Clara	Paranaíba/MS	1977
Ir. M. Otilia	Zona urbana	Magistério	Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus	Agudos/SP	1946
Ir. M. Celina	Zona rural/urbana	Curso Primário	-	Cornélio Procopio/PR	1949
Ir. M. Marta	-	Letras Neolatinas	Faculdade de Filosofia, Ciências e letras do Sagrado Coração de Jesus	Bauru/SP	1962
Ir. M. Cecília	Zona rural	Estudos Sociais	Faculdade de Filosofia, Ciências e letras do Sagrado Coração de Jesus	Bauru/SP	1974
Ir. M. Josefina	Zona rural	Geografia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus	Bauru/SP	²²⁹
		Especialização em Geografia			1970
		Mestrado em Ciências Humanas	<i>Idem</i> <i>Idem</i>		1974
Ir. M. Terezinha	Zona urbana	Pedagogia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas	Palmas/PR	1975
Ir. M. Regina	Zona rural	Matemática	Faculdade de Filosofia e Letras	Tupã/SP	1975
		Pedagogia	Faculdade de	Urubupungá/	1980

²²⁹ Não localizada.

			Educação, Ciências e Letras	SP	
Ir. M. Salete	Zona rural	Ginásio	Colégio Comercial de Garça	Garça/SP	1976
Ir. M. Eugênia	Zona rural	História Natural	Universidade Católica do Paraná	Curitiba/PR	1975
Ir. M. Marcelina	Zona rural/urbana	Pedagogia	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	Palmas/PR	1975
Ir. M. Francisca	Zona urbana	Letras Pedagogia	Fundação Universidade de Mato Grosso do Sul	Paranaíba/MS	1986
			Universidade de Marília	Marília/SP	1989

Fonte: Sales, 2019

Apenas três das treze irmãs entrevistadas não possuem formação profissional, e nem mesmo cursaram o Ensino Normal. Sabendo-se que a Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen foi fundada com a tarefa de “educar e formar as jovens”, a princípio pareceu-nos “estranho” que nem todas as irmãs franciscanas possuíssem uma formação superior. Contudo, verificamos que apesar de se dedicarem prioritariamente ao ensino, a congregação assumiu outros campos de atuação, conforme a necessidade da sociedade. Nesse sentido, algumas irmãs optaram por colaborar com a congregação em outros setores que não fossem o magistério ou a saúde (como profissionais formadas). Com relação as três irmãs que nos referimos, traremos partes de suas entrevistas que justificam o motivo de não terem prosseguido com os estudos.

Ir. M. Celina, aos 83 anos de idade, relata que nunca gostou de estudar e relembra os momentos de sua escolarização:

Comecei a estudar com sete anos. Fiz o primeiro, segundo, terceiro e quarto ano do primário numa escola da cidade de Cornélio. Como morávamos no sítio, todo dia andávamos uma hora para ir e uma para voltar da escola. Eu ia sozinha, depois com meus irmãos. Quando meu pai vendeu o sítio e fomos para a cidade ficou mais fácil de ir para a escola. Mas eu nunca gostei de estudar, principalmente matemática, eu ia porque precisava. Gostava das professoras. Em todo o primário só tive duas, todo dia eu levava frutas para elas.²³⁰

Depois de concluir o primário e mesmo depois de entrar para o convento, por não gostar de estudar, Ir. M. Celina decidiu não prosseguir com os estudos:

²³⁰ Ir. M. Celina, 2018.

Quando entrei no convento, com quatorze anos, não quis continuar estudando. Até comecei a fazer o ginásio, mas disse para a Madre Superiora: *Eu não quero estudar, não é o que meu coração quer*. Ela disse que eu poderia deixar os estudos somente com a ordem do meu pai, então, escrevi para ele. Quando ele foi me ver, expliquei a ele: *Pai, o senhor lembra do que eu disse ao senhor? Que se eu fosse freira eu não queria estudar? Eu disse que seria freira, mas sem estudar, ia trabalhar, fazer missão...* Ele concordou e disse que não ia me obrigar a estudar, mas disse, *Se a madre superiora falar que para ser freira não precisa fazer ginásio, faculdade, eu não vou insistir, mas se ela falar que você precisa fazer pelo menos o ginásio, você vai fazer, porque você quer ser freira e agora tem que obedecer!* Respondi: *Está bom pai, mas só o ginásio*. A Madre respondeu que eu não precisaria fazer o ginásio, o importante era eu querer ser uma missionária. *Para nós aqui o importante é isso*, foi o que ela me disse. Então, comecei a trabalhar nas missões, junto com os franciscanos capuchinhos, até hoje nós somos bem unidos.²³¹

Diante do exposto percebemos que a identidade da Ir. M. Celina foi construída a partir de um ideal que estabeleceu quando optou pela vida religiosa, pois escolheu ser uma freira missionária, não uma irmã professora ou enfermeira, mas sim uma franciscana que serviria a congregação nos momentos e nas funções que fossem necessários.

Já as irmãs Salete e Rosa, por meio de suas memórias, destacaram que gostariam de terem feito uma faculdade. Ir. M. Rosa concluiu o ginásio, porém, não conseguiu prosseguir com os estudos, pois de acordo com ela “Quando entrei no convento, naquela época tinha muito trabalho, não tinha tempo de estudar, então fiquei mais no trabalho”. Mesmo sem formação específica, Ir. M. Rosa cuidava de cerca de 160 crianças quando a congregação inaugurou a creche de Garça²³², no início, somente ela e outra irmã cuidavam das crianças. Ela recorda que:

Eu não tinha feito o magistério, mas cuidava e ensinava tudo que podia e sabia para as crianças. No início lá não tinha água encanada, era só poço, não tinha nem asfalto. Tinha muita árvore plantada, dava muitas flores. Como dentro da casa não tinha espaço, embaixo das árvores fazíamos uns banquinhos para as crianças comerem e tudo de bom aprenderem. (...) A gente contava histórias para elas, ensinávamos boas maneiras, rezava, depois dava o banho. Fazíamos até roupas para elas se trocarem lá. Tinha criança a partir de dois anos. Ficavam lá até dar idade de ir para a escola.²³³

Ir. M. Rosa lembrou que nessa época chegou a ficar doente por conta do extensivo trabalho realizado na creche, onde ela ficou tão exausta a ponto de ter que ser transferida e passar por tratamento médico. Mesmo assim, afirmou que sempre gostou

²³¹ Ibid.

²³² Trata-se do Instituto Maria Leonor, do qual tratamos no Capítulo I deste trabalho.

²³³ Ir. M. Rosa.

de trabalhar com crianças pequenas, e ao se curar, retornou para Garça. Na época, Ir. M. Rosa continuou ajudando no cuidado com as crianças, mesmo sem ter feito o Magistério, que para ela, não era necessário, visto que não tinha intenção de lecionar e sim continuar cuidando dos pequenos, que era sua afinidade. Depois de um tempo até tentou voltar a estudar, mas, segundo ela, não havia tempo para sua formação.

Então, não deu tempo de estudar... porque tinha muito trabalho naquela época. Quando fui para Garça em 1965 fiz até a sétima série do Ginásio, e concluí a oitava série em Paranaíba, mas depois não quis continuar com o magistério, porque eu gostava mesmo era de crianças pequenas. Trabalhei quase trinta anos em Curitiba/PR a partir de 1981 com as crianças pequenas e os bebezinhos. Teve uma época que eu quis fazer enfermagem porque eu trabalhava com os velhinhos, cheguei a fazer o cursinho, mas como era muito trabalho, não dava tempo de estudar.²³⁴

Ao se tornar religiosa, assim como Ir. M. Rosa, Ir. M. Salete também optou por não escolher uma profissão. Desde a infância ela teve certa dificuldade para prosseguir com os estudos. Quando criança, aos seis anos, mesmo sem ter idade para ser matriculada, passou a frequentar a escola acompanhando uma prima, pois tinha vontade de aprender a ler. Quando ela leu pela primeira vez, ficou admirada e realizada, em sua fala exclamou: “*Minha Nossa Senhora, que alegria eu fiquei quando li o jornal.*” Para ela isso já bastava e, por isso, não quis mais voltar para a escola, pois acreditava que ler era tudo o que precisava. Porém, seu pai dizia: “Você tem que ir para a escola, não sabe nem escrever seu nome”. Assim, ao perceber que não conseguia escrever, Ir. M. Salete retornou para a escola com oito anos:

Eu sabia ler, mas não escrever. Então, voltei para as aulas, acho que eu tinha oito anos, aí aprendi a escrever. Eu não tinha muita vontade de aprender porque eu já sabia, se brincar era capaz de ensinar a professora. Naquele tempo as professoras, coitadas, não tinham muito estudo. Então meu estudo do primário foi isso, acho que não deu dois anos. Logo me deu um problema nas vistas e meu pai não me forçou mais a estudar.²³⁵

Mesmo sem ter concluído o ensino primário, quando Ir. M. Salete entrou para o convento fez curso de admissão, passou na prova e cursou o ginásio. Ao lembrar esse fato se sente orgulhosa por sua conquista:

²³⁴ Ir. M. Rosa, 2018.

²³⁵ Ir. M; Salete, 2018.

Quando já estava no convento eu fiz o ginásio, sem o primário. O diretor me perguntou se eu conseguiria responder a prova, disse que era muito fácil, que responderia tudo. Fiz admissão em Chopinzinho, depois fui transferida para Garça e em 1972 fiz o ginásio lá. As professoras nem acreditavam que eu não tinha feito o primário, sabia tudo, mas eu lia muito, ia para as bibliotecas e fazia muitas leituras.²³⁶

Com relação ao ensino superior, ela esclarece que sempre teve vontade de fazer enfermagem, mas não foi possível.

Eu queria ser enfermeira, tinha loucura para ser enfermeira. A madre perguntou se eu queria fazer a faculdade, se eu quisesse ela me matricularia em Marília, disse para eu pensar. Mas, eu tinha dó das cozinheiras, porque só tinha um pouquinho trabalhando, se eu fosse estudar ia ficar menos ainda, então eu não fui fazer. Mas nunca me arrependi. Eu tinha dó delas, as irmãs ficavam o dia inteiro na cozinha, feriado, domingo ...se eu fosse estudar elas teriam que ficar mais tempo ainda. Então, escolhi ficar na cozinha.²³⁷

Diferente da Ir. M. Celina que deixou bem claro que não gostava de estudar, as irmãs Rosa e Salete revelaram o desejo de cursar uma faculdade. Entretanto, os deveres assumidos com a congregação não permitiu que realizassem essa vontade. Por mais que a Madre Superiora tenha oportunizado às irmãs que buscassem formação, elas preferiram servir a congregação da maneira que mais necessitavam no momento, pois acreditavam que missão consistia nisso, servir onde mais precisassem delas. As irmãs afirmaram que não se arreponderam de suas decisões e que viveram felizes em suas funções.

As demais irmãs entrevistadas seguiram carreira no magistério. Todas fizeram o curso Normal e com exceção da Ir. M. Otília, depois cursaram faculdade na área da Educação, conforme pode ser verificado no Quadro 2 da página 196. Apenas a irmã Teresinha Bez fez o magistério em Bauru/SP, as demais o fizeram no INSSC de Agudos ou de Garça/SP.

3.4 Irmãs Franciscanas de Siessen e o Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração (INSSC)

Conforme tratado no Capítulo I deste trabalho, as primeiras irmãs franciscanas de Siessen vieram da Alemanha para o Brasil com a intenção de atuarem no Ginásio

²³⁶ Ibid.

²³⁷ Ibid.

Municipal da cidade de Agudos/SP, que posteriormente passou a ser de propriedade da congregação com o nome de INSSC. Sobre a história do Colégio, foi possível, por meio do contato realizado com o Espaço Histórico de Agudos, localizar um jornal e um livro que prestaram homenagem às Irmãs Franciscanas. De acordo com o Jornal Colégio Informativo, de junho de 1993:

Em 1929, fundado pelo padre Aquino e Dr. Antonio Neves, sobre os auspícios da Câmara Municipal, o Ginásio Municipal teve seu início em prédio alugado na praça Delfino Têndolo. Foi o embrião do atual “Colégio das Irmãs”.

Em 1930, o Dr. Neves abandona a direção da escola, assumindo-a o PE. Aquino que, através de sua incontestável liderança e vocação para as obras educacionais conseguiu a construção do grandioso edifício de dois andares onde funciona hoje o Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, cuja festiva inauguração deu-se a 11 de junho de 1931, às 15 horas [...]. Esse edifício teve sua pedra fundamental lançada em 7/3/1926.

(...) Quando as Irmãs Franciscanas chegaram à Agudos (1936) o ginásio já estava sob inspeção federal preliminar, com sua primeira turma de bacharelados e professorados diplomada (1933), cabendo-lhes iniciativas para obtenção federal permanente, conseguida em 1938, sendo que a escola passou a denominar-se Ginásio Nossa Senhora do Sagrado Coração, em 1947, e finalmente, Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Obreiras incansáveis e dedicadas, e impondo de sábia austeridade e um ensino de elevado padrão, fizeram o colégio ascender a um marcante nível de prestígio e respeitabilidade, o que atraiu uma numerosa clientela de alunas em regime de internato, proveniente de vários recantos do Estado: Lins, Marília, Presidente Prudente, Paraguaçu, Ourinhos, Pompéia, Tupã, Avaré e outras cidades²³⁸. E, todas as tarde de domingo, sob a vigilância das irmãs, saíram essas jovens internas pela cidade, de cuja vida também participavam, em solenidades cívicas ou religiosas. Foi um período bastante expressivo da vida do colégio.

(...) O colégio das irmãs, como sempre foi carinhosamente chamado, deu sólida formação elementar, secundária e profissional a muitas gerações de jovens, que hoje trabalham com brilhantismo nos diversos setores da atividade social.

Recém-chegadas (em 1936), e encontrando uma escola já em funcionamento e a qual haveriam de imprimir a sua orientação e organização, cuidaram as irmãs desde logo, de fundar a casa da comunidade, ou seja, o seu convento ainda no ano de 1936.

Iniciada a construção, em quadra vizinha ao Colégio, somente sete anos após recebeu a benção e foi inaugurado (4 de dezembro de 1943) o convento, com nome de Convento São Francisco.

A construção do INSSC é o que liga todas as irmãs entrevistadas, pois foi por meio do Colégio que elas conheceram as IFS, e foi onde algumas descobriram a vocação enquanto concluíam o ginásio e outras que já tinham suas vocações descobertas, escolheram o carisma franciscano para sua formação religiosa. Mas afinal, como essas jovens conheceram o “Colégio das Irmãs”? O Colégio localizava-se em

²³⁸As irmãs entrevistadas que fizeram o Ginásio no INSSC são naturais de: Getulina/SP, Bela Vista/MS, Iturama/MG, Sertãozinho/PR, Garça/SP, Iacanga/SP, Taquaritinga/SP, Laranjal Paulista/SP.

Agudos/SP, e conforme pode ser observado na Tabela 2, as irmãs são de regiões diferentes: Centro-Oeste, Sudeste e Sul. O trecho acima retirado do Jornal indica que o prestígio alcançado pelas irmãs com o colégio fez com que “a clientela de alunas em regime de internato” fosse atraída de diversas regiões. Em uma época que os meios de comunicações eram escassos e limitados, como acontecia essa divulgação? Por meio das narrativas das irmãs foi possível entender como elas conheceram o INSSC, porém, algumas não relataram como isso aconteceu.

Ir. M. Otília conheceu as IFS por intermédio do padre Anastácio, que a convidou para prosseguir os estudos no colégio das irmãs em Agudos, visto que em Taquarituba/SP, onde morava, só havia o primário. Empolgada com a ideia de continuar com os estudos Otília persistiu por algum tempo até que convenceu os pais de a levarem para Agudos, e assim, em 1940 foi para o INSSC, cursar o ginásio e o magistério. Quando estava concluindo o magistério descobriu sua vocação, mas como seu pai não aceitava que fosse freira, retornou ao convento somente após doze anos de formada, já com trinta anos de idade.

Da mesma maneira que Ir. M. Otília, Ir. Josefina também conheceu o INSSC por meio do padre Anastácio, que durante uma missão empreendida no ano de 1948 na região de Minas Gerais buscava encontrar vocações para o Convento das irmãs Franciscanas. Ao convidar as meninas da cidade para conhecerem o colégio das irmãs em Agudos, Ir. M. Josefina e sua irmã Cristina resolveram aceitar. Fizeram um ano de internato e descobriram que tinham vocação religiosa, assim, decidiram ficar para receber a formação necessária, e também, fazer o curso normal. Algum tempo depois, Ir. M. Cecília, irmã de Josefina e Cristina, ao ver as irmãs frequentando o convento também descobriu sua vocação e a seguiu. Ao mesmo tempo em que era juvenista, fez o magistério no INSSC.

Aos treze anos de idade Ir. M. Marta morava em Garça/SP. Conheceu as IFS quando elas construíram uma casa para crianças na cidade. O padre da comunidade apresentou as irmãs franciscanas para as meninas que participavam da chamada *Cruzada Eucarística Infantil*, e na oportunidade convidou-as para conhecer o colégio das irmãs em Agudos, onde poderiam estudar e nesse período descobrir as suas vocações. Ir. M. Marta relatou que foi uma das primeiras que se prontificou a ir, pois sempre quis ser freira, antes de conhecer as franciscanas pensou em ir para o convento das irmãs Paulinas, mas se decidiu pelo carisma franciscano. Assim, em janeiro de 1949 Ir. Marta mudou-se para Agudos para frequentar o Ginásio no INSSC em regime de

internato. De acordo com a irmã, seus pais não poderiam arcar com as despesas do colégio, nesse sentido, ela prestava serviços domésticos na casa como forma de pagamento. Depois de concluir o ginásio, iniciou o curso Normal, simultaneamente com a formação espiritual franciscana.

Ir. M. Terezinha Bez morava em Garça/SP, quando as irmãs franciscanas fundaram o curso ginásial no Instituto Educacional “Dona Maria Leonor”, em 1950. Assim que soube do curso quis se matricular, pois acreditava que o ensino em colégio de freira era melhor. Dessa forma, irmã Teresinha foi da primeira turma do referido colégio. Depois de concluir o ginásio foi morar em Bauru/SP para fazer o segundo grau, pois em Garça não havia o curso normal. Já formada, Ir. M. Teresinha trabalhou e juntou dinheiro com o objetivo de arcar com as despesas de sua formação religiosa no Convento das irmãs franciscanas, mas somente aos 20 anos de idade conseguiu seguir sua vocação, visto que seus pais não permitiam que se tornasse freira.

Ir. M. Marcelina relembra que morava em Getulina, interior de São Paulo, e que nunca havia ouvido falar em freira, não conhecia nenhuma e nem sabia o que significava ser uma. Até o dia em que o padre da cidade conversou com os pais dela explicando sobre o colégio das irmãs em Agudos/SP, os quais autorizaram sua partida. Ela ficou interna no colégio (por volta de 1960), fez o ginásio e escolheu continuar para seguir a vida religiosa e também fazer o curso normal.

Ir. M. Eugênia foi aluna interna no Educandário Santa Clara de Paranaíba, em 1956, onde conheceu as IFS. Por razão do contato que mantinha com as irmãs acabou descobrindo sua vocação e optou por concluir o ginásio no INSSC, onde fez também o curso normal ao mesmo tempo em que recebia a formação religiosa no convento.

Semelhante à Ir. M. Eugenia é a história da Ir. M. Francisca, que também conheceu as IFS no Educandário de Paranaíba, já com 15 anos de idade frequentou o ensino primário, de 1964 a 1966, por ter pulado a terceira série devido a sua idade avançada. Em 1967 iniciou o ginásio em Paranaíba e ao descobrir sua vocação decidiu concluir a sétima e a oitava série no INSSC. Em 1969 foi para Agudos como aspirante para a vida religiosa. Depois do ginásio concluído, fez também o curso normal no INSSC.

Ir. M. Regina soube das IFS por meio do pároco de sua cidade, Londrina/SP, pois desde os treze anos sabia que queria ser freira e com a ajuda desse padre conheceu as irmãs de Agudos. Ele escreveu uma carta a elas indicando a Ir. M. Regina para o

convento, e assim que foi aceita, mudou-se para Agudos, dando prosseguimento aos estudos e concluindo o ginásio e o curso normal.

Ir. M. Rosa também foi convidada pelo Frei Anastácio para se tornar freira no convento das IFS durante uma missão realizada por ele em Mato Grosso (do Sul). Com apenas dezesseis anos Ir. M. Rosa optou pela vida religiosa e seguiu viagem com o Frei para Agudos. Apenas em 1965 iniciou o ginásio em Garça/SP, depois foi transferida para Paranaíba, concluindo a oitava série no Educandário Santa Clara. Conforme já mencionado, Ir. M. Rosa não cursou o ensino normal, assim como Irmã Salete, que conheceu as IFS por meio de uma amiga. Primeiramente Ir. M. Salete foi para Chopinzinho trabalhar na cozinha de uma creche das irmãs. Em seguida foi para Agudos receber a formação religiosa e em 1972 fez o ginásio em Garça/SP.

Com o intuito de compreender como se deu a formação no magistério das irmãs professoras, buscamos indícios sobre como o Curso Normal foi inserido na realidade brasileira, como ele foi constituído e transformado, para assim compreender o período e a realidade em que as irmãs estavam inseridas quando iniciaram sua formação profissional.

3.5 Formação docente: implantação e modificações da Escola Normal

Levando em consideração que todo acontecimento é derivado de um processo histórico e que para compreender o contexto precisamos partir de sua historicidade²³⁹, buscamos neste tópico discorrer sobre a formação dos professores, iniciada com o Ensino Normal, que em suas diferentes fases foi permeado pelas influências do pensamento educacional brasileiro. Por meio do contexto histórico da formação dos professores foi possível compreender as mudanças e permanências desse processo. Dessa maneira, poderemos traçar o cenário em que o grupo de irmãs entrevistadas estavam inseridas em relação à formação profissional para o magistério.

A formação docente no Brasil teve sua primeira iniciativa no século XIX, quando foram criadas as escolas normais, instituições pioneiras no que se refere à formação dos professores responsáveis pela instrução dos docentes que atuavam no ensino elementar. Por meio da Lei nº 10 de 1835 foi criada a primeira experiência na província do Rio de Janeiro, e em décadas seguintes houve a ampliação para outras

²³⁹ BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele, 2013.

províncias. Entretanto, após 50 anos as escolas normais não produziram os resultados esperados, pois eram consideradas “ensaios rudimentares e mal sucedidos”.²⁴⁰

Nos anos seguintes, com o advento e sob a influência do ideário iluminista, a educação brasileira passou a assumir relevante importância em virtude do crescimento da camada burguesa que percebia a necessidade de oferecer instrução mínima para a massa trabalhadora. Ademais, o fato de os iluministas acreditarem que a educação colaboraria com o desenvolvimento social e econômico do país, também o positivismo influenciou na ênfase em que o Estado passou a creditar no setor educacional, que antes era hegemonicamente exercido pela Igreja.²⁴¹ Dessa maneira, “o positivismo influenciou o primeiro projeto de formação do educador, no final do século passado. [...] É inegável sua contribuição ao estudo científico da educação”.²⁴²

Atualmente, percebemos que a formação de professores constitui-se um campo profissional fortemente marcado pela feminização, entretanto, historicamente nem sempre foi assim. Quando houve as primeiras iniciativas de formação e escolarização, as províncias e os estados apresentaram uma tendência à priorização do acesso dos homens aos cursos de formação de professores, somente com o tempo e paulatinamente cedeu-se espaço à inserção das mulheres no magistério.²⁴³

Com relação à preocupação com a educação, percebe-se que desde o Império até a instauração da República, a instrução primária não era centralizada, ou seja, ficava sob a responsabilidade das províncias, que as organizava de acordo com suas prioridades. A partir do ano de 1890, quando o estado de São Paulo iniciou uma ampla reforma educacional, as escolas de formação de professores avançaram no que diz respeito ao desenvolvimento qualitativo e quantitativo. A reforma concretizada em São Paulo se disseminou pelos outros estados da república e entre as medidas adotadas estabelecia a instrução primária, a criação dos grupos escolares e a implantação das escolas normais. A instrução primária foi dividida em duas partes: elementar e complementar, com duração de oito anos no total, sendo o ensino complementar uma preparação para o ingresso na escola normal, que passaria a ser dividida em ciclos.²⁴⁴

Na década de 1930, o cenário brasileiro foi marcado pelas transformações políticas, econômicas e sociais inerentes à crise internacional econômica e de

²⁴⁰ Ibid., p. 13796.

²⁴¹ OLIVEIRA, Kátia *et al*, 2016.

²⁴² Gadotti, 2004 *apud* BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele, 2013, p. 13797.

²⁴³ OLIVEIRA, Kátia *et al*, 2016.

²⁴⁴ BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele, 2013.

reordenação política nacional devido ao Golpe de Estado. Com isso, surgiu o projeto de reconstrução da educação do Brasil. O mercado de trabalho tornava-se mais exigente e com isso a população exigia mais escolas, pressionando os dirigentes para investirem na formação e profissionalização dos professores.

Os escolanovistas, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova publicado em 1932, criticaram a formação normalista por ela não oferecer às alunas uma preparação pedagógica sólida e, então lutavam pela criação e a preparação dos professores em universidades.²⁴⁵ Nesse sentido, a formação dos professores passou a ser oferecida em instituições de cursos superiores.

O movimento pela renovação da educação incluiu também outras ações como o decreto do Estatuto das Universidades Brasileiras, em 1931, que estabeleceu os padrões de organização do ensino superior no Brasil, a incorporação da Escola de Professores de São Paulo e do Distrito Federal pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade do Distrito Federal, respectivamente.

Tais medidas caracterizaram uma crescente preocupação com a preparação docente que foi redirecionada das Escolas Normais para as universidades. O modelo padrão para as universidades do país foi a Faculdade Nacional de Filosofia, criada em 1939. Entretanto, a incorporação dos cursos ligados à educação nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras não lograram êxito, pois as faculdades de Filosofia se expandiram de forma desorganizada e a tradição das escolas profissionais isoladas contribuiu com a permanência dos alunos, tanto que em meados dos anos de 1960 a maior parte dos professores era proveniente das escolas normais e de outros cursos superiores ofertados, em sua maioria, por faculdades isoladas.

Outras mudanças ocorreram com o Decreto nº 3.810, de 19 de março de 1932, quando Anísio Teixeira transformou a Escola Normal em Escola de Professores, designada a fornecer educação secundária e a preparar professores primários e secundários.

No ano de 1942, houve a publicação das Leis Orgânicas, também conhecidas como “Reformas Capanema” que trataram de diversos aspectos concernentes à educação como o ensino industrial e secundário (1942), comercial (1943), normal, primário e agrícola (1946), complementados pela criação do SENAI (1942) e do SENAC (1946). As leis orgânicas previam a reformulação do ensino normal e primário,

²⁴⁵ Ibid.

onde “O ensino que era de 5 e de 2 anos passou a ser de 4 e 3 anos. Ao primeiro corresponde o chamado curso ginásial e, ao segundo, o curso colegial. Este com duas modalidades: o curso clássico e o curso científico”.²⁴⁶

No ano de 1971, as escolas normais desapareceram com a nova organização do ensino em primeiro e segundo grau, instituída pela Lei nº 5.692, no qual para o exercício do magistério em primeiro grau era exigido habilitação específica de segundo grau.

3.6 Vocação religiosa

Eu, Irmã N.N., prometo a Deus Todo Poderoso, em honra da Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, de nosso Pai São Francisco, de Santa Clara e de todos os Santos, viver o evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Castidade Virginal, por causa do reino no céu, em Pobreza e Obediência. Aceito o Projeto de Vida da Congregação das Franciscanas de Siessen e coloco esses votos em vossas mãos, Irmã N.N. Superiora Geral dessa Congregação. Comprometo-me a viver essa forma de vida segundo o Evangelho pelo espaço de dois (três) anos (por toda a minha vida)²⁴⁷

Com essas palavras as irmãs professam a primeira profissão e depois de cinco²⁴⁸ anos a profissão perpétua, comprometendo toda sua vida ao evangelho e à Congregação. Antes de chegarem a esse momento, as irmãs passam por outras etapas, conforme já descrito anteriormente, com a finalidade de descobrirem se realmente possuem a vocação religiosa, pois no processo algumas candidatas podem acabar desistindo da formação religiosa e abandonar o convento.

Durante as entrevistas pedimos para que as irmãs descrevessem como descobriram que tinham vocação para a vida religiosa. O significado de vocação é “chamado”, e foi assim que todas se referiram às suas vocações, como um chamado de Deus, o qual aconteceu no momento certo. Algumas disseram que sabiam que tinham vocação desde crianças, outras falaram que não imaginavam sentir o chamado, que foi de repente. Houve aquelas que descobriram o motivo da vocação depois de professarem os votos, pois os pais haviam feito promessa. Com o intuito de compreender de maneira mais clara como as irmãs descreveram o chamado e para depois analisarmos as respostas, apresentamos abaixo os trechos de suas entrevistas referentes ao assunto.²⁴⁹

²⁴⁶ RIBEIRO, 1986 *apud* BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele, 2013, p. 13799.

²⁴⁷ Constituições Gerais, p. 16.

²⁴⁸ Esse tempo pode variar de acordo com cada época, como veremos mais adiante.

²⁴⁹ A ordem está de acordo com a disposição das entrevistas do Capítulo II.

Vale ressaltar que as respostas para essa pergunta não foram muito extensas, algumas irmãs demonstraram desconforto em contar sobre a vocação, descrevendo rapidamente apenas como “um chamado de Deus”.

Ir. Maria Marta, 2018

Quando tinha treze anos o padre da nossa cidade me apresentou as Irmãs Franciscanas de Siessen, elas me propuseram ir para Agudos, estudar e descobrir minha vocação. Eu tinha o desejo de ser religiosa, pois já tinha visto e ouvido falar de freiras, de coisas semelhantes.

Um dia cheguei da escola meu pai falou: “Olha, passaram umas irmãs aqui vendendo livros, comprei um para você. Elas são mulheres de Deus.” Eu pensei assim: “Mulheres de Deus!” Soa muito bem!!! Nesse dia que ele me deu o livro à noite fui à Igreja e vi as mulheres de Deus, todas vestidas de preto. Achei bonito ser mulher de Deus.

No início meus pais não queriam que eu fosse. Mas como já tínhamos familiares que estudaram em colégios de religiosos, eles concordaram. Madre Clara e Madre Sofia foram em casa, conversaram e explicaram tudo a eles. Resistiram um pouco, mas cederam. Entrei na congregação no dia 12 de janeiro de 1949, numa quarta-feira.

Irmã Maria Josefina

Em 1948 o missionário Frei Anastácio convidou as moças da região para conhecer o colégio das irmãs em Agudos/SP. Eu e minha irmã Cristina fomos, gostamos e ficamos, pois achamos que era nossa vocação.

Irmã Maria Teresinha

Depois que eu já era formada irmã, um dia minha mãe contou-me sobre minha vocação. Quando eu era criança, lá em Garça teve uma epidemia, uma doença que na época não tinha cura, já tinham morrido nove pessoas e eu peguei essa doença. Minha mãe conversou com Nossa Senhora Aparecida, pois eu já estava desenganada, então ela disse: ‘mãe Aparecida, você me entende, você é mãe, eu te peço pela saúde de minha filha, e eu te entrego ela para Jesus’. Minha mãe tinha muita fé, era muito religiosa, então ela me entregou para Jesus e ele aceitou. Ele me concedeu as duas graças: a saúde, porque o médico já não entendeu nada, de repente já fiquei boa, por milagre, a graça não tem explicação ...e a grande graça que ela me entregou para Jesus, a graça de me tornar irmã. Mas, ela não quis me contar isso até eu ser irmã, pois ela não queria que eu me decidisse por causa da promessa dela. Então ela esperou eu me formar para depois me contar. Minha vocação foi por vontade de Deus, Deus me deu a graça.

Irmã Maria Cecília

Desde pequena eu sentia que tinha vocação para a vida religiosa. Minhas irmãs mais velhas, que estudavam em colégio de freiras, vinham passar férias em casa e traziam alguns folhetos com estampas de missionárias trabalhando com crianças na África, carregando tijolos para construir casas. Eu achava bonitas aquelas imagens.

Um dia, fui buscar água na bica e veio um som bonito no meu ouvido: “missionária”, então, senti vontade de ser uma missionária.

Entre na congregação cuja missão era a educação para juventude. Nas escolas onde lecionei fiz da sala de aula meu campo missionário, evangelizando com a vida e doutrina de Jesus.

Irmã Maria Marcelina

A história da minha vocação é um pouco misteriosa, eu não conhecia freira e não sabia que existia colégio de freira, eu não sabia de nada. O padre falou com mamãe e com papai e logo fui levada para o convento de Agudos.

Até hoje não me arrependo, mas eu não conhecia nada, foi tudo Deus que escolheu, eu não pensava muito nisso, caiu do céu. Não sabia como as irmãs viviam, o que elas faziam, caiu do céu o convite e eu fui, nunca mais voltei para casa. Meu pai perguntava se eu queria ficar no convento, escolhi ficar. Eu sou feliz com minha vocação, pois é um chamado que não tem explicação.

Irmã Maria Otília

Uma noite eu estava estudando e as irmãs terminaram de rezar na capela que era perto e, de repente, a irmã superiora foi até onde eu estava, me pediu para tocar um pouquinho, começou a conversar comigo e depois me perguntou se eu gostaria de ser religiosa. Prontamente respondi: “Acho muito bonito, mas não tenho coragem de deixar minha mãe, meu pai e minha família”. A madre disse: Já que você acha bonita a vida religiosa, vamos começar a rezar nessa intenção?” Respondi: “Vamos!” Pensei comigo: “Rezar, não custa nada, mas ser irmã, nunca!” Mas, comecei a rezar. E a oração é poderosa mesmo, bem dizia Santo Agostinho: a oração é a força do homem e a fraqueza de Deus.

Sem perceber, comecei a achar a vida das irmãs mais bonita, queria saber uma coisa, ora outra, de vez em quando sonhava acordada, me via fazendo o que elas faziam, rezando, dando aula, trabalhando, conversando com as famílias, com as demais meninas.

Enfim, do conhecimento já estava na etapa da amizade e me preparando para o namoro daquela nova vida, o que não demorou muito, mas guardava muito silêncio sobre tudo o que estava acontecendo. Até que um dia conversei seriamente com a superiora, contei o que estava pensando e ela ficou muito feliz. Daí em diante as coisas foram se tornando cada vez mais sérias.

Irmã Maria Aparecida

Desde pequena sempre quis ser irmã, porque sempre tive contato com freira, fui preparada para a primeira comunhão e tudo... Então, em 1948 vesti o hábito, em 1949 fiz profissão religiosa e depois os votos perpétuos.

Irmã Maria Eugênia

Por causa do contato que eu tinha com as irmãs, da orientação e formação religiosa que recebia fui descobrindo minha vocação. As aulas de ensino religioso, na época quem dava eram os freis Fredolino e Mateus, me tocavam muito, e a partir daí foi despertando o desejo de ser irmã.

No começo, meu pai não queria que eu fosse religiosa. Desde os quatorze anos eu falava para ele que queria ir para o convento, mas ele disse que eu só iria então com dezoito anos.

Irmã Maria Francisca

Minha vocação foi descoberta quando comecei a estudar no colégio das irmãs em Paranaíba, através do contato diário que tinha com as irmãs. Então, fui motivada diante dessa situação. Com vinte e dois anos resolvi ir para o convento como aspirante.

Irmã Maria Regina

Desde os treze anos eu descobri que a minha vocação era para a vida religiosa, através de uma aula de ensino religioso. Minha professora era cristã, ela dava aula de ensino religioso, catequese. Na aula de religião ela mostrou a foto da prima dela que tinha entrado no convento e falou: “Quem sabe uma de vocês não seja uma irmã”. Eu fui a primeira a levantar a mão. Interessante né. Eu fui alimentando aquele desejo.

Foi interessante porque eu não conhecia as irmãs pessoalmente, mas queria ser religiosa. Tinha visto freiras em Londrina, mas não tinha conversado com elas. Quando a gente ia a Igreja tinha as freiras e eu ficava encantada com elas, mas eu não ia conversar com elas.

Meu pai achava que eu era muito nova para ser freira, ele dizia que eu tinha que ficar mais tempo em casa...

Irmã Maria Celina

A minha vocação surgiu por meio de uma missão franciscana. Os franciscanos que faziam missões foram lá em Cornélio e nós sempre fomos muito participativos, rezávamos muito em casa, toda a família. O Frei franciscano ficou na minha casa e, como eu sou a mais velha dos três irmãos (duas meninas e um menino) eu ajudava mamãe a fazer tudo, colocar a mesa...

Depois de observar como eu ajudava minha mãe em casa, o frei chegou a mim e fez uma pergunta: “Menina, você quer ser freira?” Rapidamente eu respondi: “Eu não, credo!”

Na época eu conhecia as irmãs paulinas e não gostava delas por causa das roupas que usavam, era uma roupa preta, meia preta... como eu era criança, com treze anos, não gostava dessas roupas, não.

Todo dia o frei falava comigo sobre ser irmã.

Mas olha, quando Deus chama, não tem jeito... Uma vez, antes do Frei terminar sua missão, ele nos levou em um clube, o único da cidade, para passar um filme sobre a vida de Santa Teresinha. Nossa! Eu fiquei apaixonada pela Santa Teresinha, vi a irmã Celina, aquela humildade e tudo.

Cheguei em casa, contei sobre o filme para minha mãe e falei: “Mãe, mudei de ideia, quero ser irmã”. “Mas tão depressa assim, o que aconteceu?”, perguntou minha mãe. Então, contei que foi através do filme que mudei de ideia, pois achei bonita a história daquelas irmãs.

Irmã Maria Rosa

Eu tinha vocação para ser freira, pois resolvi ir para o convento da noite para o dia, preparei depressa as coisas para ir.

Fiquei sabendo das Irmãs Franciscanas de Siessen através de um Frei que pregava missões naquela região, um Frei alemão chamado Anastácio, era franciscano. Esse padre convidou as meninas para conhecer as irmãs franciscanas, e eu fui.

Eu já conhecia freira, porque fiquei um ano em São Paulo e lá fui numa procissão, onde tinha freira de todo jeito e hábito. A gente quando é criança olha muito a roupa, não tem conhecimento de nada. Nenhuma roupa de freira que eu via eu gostava, mas quando vi o modelo das irmãs franciscanas de Siessen, eu gostei. Fui para o convento com dezesseis anos.

Irmã Maria Salete

Conheci a congregação quando a gente morava ainda em Concórdia. No dia que fui crismada eu vi três irmãs, mas eu não sabia quem eram, eu estava com minha família, e elas vinham assim com as mãozinhas debaixo do escapulário, eu não via a mão. E elas com aquele pano preto na cabeça. Eu perguntei: “Mãe, quem são aquelas lá?” Minha mãe disse que eram mulheres

mônegas, ela falou em italiano. Depois eu perguntei o que elas faziam e minha mãe disse que elas só rezavam.

Depois disso não vi mais irmãs. Passou um tempo eu voltei com minha tia numa festa em Concórdia, a cidade já era maior e lá vi bastantes irmãs com muitas meninas internas. Nesse dia eu falei que queria ser igual a elas, e botei na minha cabeça que queria ser freira. Minha mãe falava que não. O tempo passou e quando fiz dezessete anos falei que eu iria para o convento, mas, minha mãe ficou muito doente e fiquei com dó de deixar ela.

(...) Então, uma senhora escreveu para uma congregação no Rio Grande do Sul. Eles responderam dizendo que tinha que ter o segundo grau para entrar no convento lá, e eu não tinha. Então ela falou: “em Chopinzinho tem as irmãs franciscanas, eu vou escrever para elas.” Chopinzinho de onde a gente morava dava dezoito quilômetros, mas eu não conhecia a cidade. Ela escreveu numa sexta feira, domingo elas já mandaram a resposta, na segunda-feira fui lá com meu pai conhecer e combinar com a irmã superiora para eu viver lá.

Diante do exposto percebemos que as irmãs veem a vocação como um chamado de Deus, que acontece no momento oportuno e não por acaso. Contudo, foi necessário partir de algumas indagações para entender a realidade em que as irmãs entrevistadas estavam inseridas quando descobriram suas vocações. Indagações como: afinal, como é construída a vocação religiosa feminina? Como essas mulheres constroem sua identidade de freira? Quem são os atores responsáveis por despertarem o sentimento de vocação?

Primeiramente, para entendermos o conceito de identidade e como ela é construída, partimos da concepção de Norbert Elias *apud* Rosa (2007). Para o autor, compreender o indivíduo em sua identidade é compreender e conectar aspectos oriundos de diversas áreas do conhecimento, ou seja, seria necessário estabelecer conceitos comunicáveis entre as áreas das ciências biológicas, sociológicas, históricas e psicológicas, contudo, não há essa comunicação. Ainda para Elias, o desenvolvimento do indivíduo deve ser entendido como um processo sequencial que tem continuidade devido à memória. Dessa forma, a individualização é “facilitada pela capacidade seletiva da memória em arquivar experiências pessoais e de outros indivíduos. Disso infere-se que é a partir de uma composição social que brotam características individuais que distinguem as pessoas umas das outras”.²⁵⁰ Nesse sentido, o autor considera que:

[...] qualquer concepção moral, temporal ou sobre a natureza é aprendida e apreendida de outros indivíduos, ou seja, socialmente. A experiência de si e, conseqüentemente, a individualização são parte do processo social pelo qual passam as configurações. Para ele, mesmo o que se pensa ser mais íntimo e pessoal se desenvolveu no decurso social [...].²⁵¹

²⁵⁰ ROSA, Nina Gabriela Moreira Braga. *Identidade: Anthony Giddens e Norbert Elias*. 2007. p. 139.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 136-137.

Levando em consideração a concepção de identidade para Elias pode-se dizer que as escolhas que tomamos não acontecem por acaso, pois são frutos das relações historicamente e culturalmente construídas na e pela sociedade. Quando o autor cita que “mesmo o que se pensa ser mais íntimo e pessoal se desenvolveu no decurso social”, consideramos que a decisão das irmãs em escolher uma vida dedicada ao evangelho e à Congregação está diretamente relacionada com fatores externos à sua individualidade. Afinal, por que as mulheres, que na maioria das vezes ainda eram meninas, escolheram a vida religiosa? Quais os possíveis motivos que levaram ao despertar de suas vocações?

Segundo Elias, “os traços da identidade grupal nacional constituem uma *camadado habitus* social encravada muito profunda e firmemente na estrutura de personalidade do indivíduo”.²⁵² O grupo que aqui nos interessa é o das irmãs franciscanas de Siessen, e de acordo com suas narrativas escolheram a vida religiosa porque sentiram que tinham a vocação, e nenhuma delas declarou que houve algum fator externo que contribuisse para essa decisão. Contudo, conforme pode ser observado nos excertos das entrevistas acima, três das irmãs narraram que conheceram a congregação por meio de padres franciscanos, que saíam pelo interior dos estados em busca de vocações para o Convento das irmãs em Agudos. Seriam, então, os padres um fator externo?

A autora Miriam Pillar Grossi (1990) realizou um estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. No referido trabalho Grossi analisou a construção da vocação sob três ângulos: o das famílias camponesas (porque que a maioria das candidatas dos conventos estudados, situados na região Sul do país, proviam do campo), o das próprias freiras, que encontraram no convento sua realização individual e o da Igreja Católica, com a sua necessidade de reprodução social.²⁵³ A autora buscou compreender como é construída a identidade da freira, para tanto, investigou os rituais de iniciação à vida religiosa, como também a veiculação de valores como trabalho, santidade e hierarquia. De acordo com Suaud (1975) *apud* Grossi,

[...] a vocação é na realidade inculcação, e o que parece escolha é na verdade condicionamento. Isto é, as vocações religiosas são construídas socialmente pelos representantes institucionais da Igreja aliados a condições reais das famílias e das comunidades. As vocações não surgem espontaneamente, são

²⁵² Ibid., p. 139.

²⁵³ GROSSI, Miriam Pillar. *Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina*. 1990, p. 48.

fruto de necessidades materiais e simbólicas, tanto individuais quanto coletivas (a família e a Igreja).²⁵⁴

Ora, ao consideramos tal afirmação podemos dizer, então, que os padres em sua condição de representantes institucionais da Igreja seriam, de fato, um fator externo à construção da identidade das jovens enquanto freiras, visto que mediante seu convite as irmãs partiram rumo ao convento para “descobrirem” suas vocações. Algumas delas foram convidadas para estudar no Colégio das irmãs, e se depois sentissem que tinham vocação, poderiam permanecer para receberem a formação religiosa. Ao aceitarem ficar no convento como aspirantes, as irmãs passam por outro processo de “inculcação” da identidade de freira, pois ao assistirem aos rituais de instituição da vida religiosa, pelos quais passam as candidatas mais velhas, elas reforçam os seus sentimentos religiosos.

O primeiro ritual que presenciam é o de vestição, momento em que as jovens tornam-se freiras. Nas palavras de Grossi: “Concordo com Turner (1974) e Da Mata (1981) que vêm no ritual um elemento reforçador da identidade grupal. Como todo ritual é fonte de emoções e de concentração de signos da vida religiosa, reforça o desejo de quem o assiste em se tornar freiras”.²⁵⁵ Nesse sentido, entendemos que por mais que as irmãs afirmem em suas narrativas que o chamado para a vida religiosa aconteceu de maneira inesperada e por vontade de Deus, elas passaram por um processo de amadurecimento desse ideal.

No momento em que as aspirantes decidiam prosseguir com os passos para se tornarem freiras, era necessário que se esquecessem de quem elas eram antes de entrar para o convento, ou seja, a identidade construída até o momento resultante da convivência dos grupos sociais aos quais pertenciam começava a ser “apagada”.

Como em todo ritual de iniciação, o futuro membro do grupo deve abandonar sua identidade construída dentro da comunidade de origem, adotando o modelo seguido pelas outras pessoas do grupo. Neste período de passagem, ou liminar, não se é mais o que se era, e ainda não se é membro integrante da congregação. É um período que se reveste de humilhações, privações, provas e sofrimentos que servem para igualar todas as futuros membros do grupo. O que permite pertencer ao grupo, no caso, ser religiosa, é que todos os integrantes passaram pelas mesmas provas, mostrando que são dignos e capazes de pertencerem à comunidade.²⁵⁶

²⁵⁴ Ibid., p. 52.

²⁵⁵ Ibid., p. 53.

²⁵⁶ Ibid., p. 53.

Aparentemente, como pode ser notado, tornar-se freira não é um processo muito fácil. Além de passarem por um período que se reveste de humilhações, provações, provas e sofrimentos, as irmãs precisam também de um grande investimento afetivo, visto que a maioria deixou pela primeira vez o lar paterno, a única referência de família que tinham até então. Diante do duro aprendizado da vida de freira, algumas aspirantes acabavam deixando o convento espontaneamente logo nas primeiras semanas.²⁵⁷

As irmãs entrevistadas lembraram como sentiram saudade de suas famílias, mas mesmo assim permaneceram firmes em suas decisões. Ir. Otília saiu de casa aos treze anos para fazer o ginásio no Colégio das irmãs em Agudos. No começo, sentiu muita saudade, mas, como havia feito um compromisso com seu pai (de não chorar) para poder ir, guardou para si esse sentimento:

As meninas que moravam perto iam para casa nos feriados maiores ou por motivo justo. Mas algumas, onde eu estava incluída, por morarmos longe, só íamos para casa nas férias de junho, que era um mês. Tudo bem conforme o compromisso, com exceção da saudade que de vez em quando batia forte. As lágrimas ficavam guardadas e o segredo foi revelado sete anos depois, quando me formei.²⁵⁸

Ir. Salete foi para o convento já decidida em seguir a vida religiosa, mas mesmo assim sentiu muita saudade de casa: “No domingo a saudade bateu. Nunca antes tinha saído de casa, nunca tinha vivido fora de casa. Entrei na sacristia, me deixaram lá, porque não podia chorar. (...) Fiquei doente de saudade também”. Como dito anteriormente, a formação recebida no convento era dura, se a aspirante fosse vista chorando entender-se-ia que ela não estava pronta para a vida religiosa. Assim, muitas guardavam os sentimentos para si, não compartilhando nem mesmo com a família.

Mesmo passando por momentos difíceis durante a formação para a vida religiosa as irmãs não desistiram de suas vocações. Mas afinal, o que as motivou a permanecerem firmes em suas decisões? Conforme mencionado, o estudo de Grossi analisou a construção da vocação sob três ângulos, dentre eles o das famílias camponesas. No estudo da autora, a maioria das freiras entrevistadas era proveniente do campo, neste estudo encontramos a mesma situação: das treze participantes onze nasceram e viveram parte da infância na zona rural. Seria esse o motivo que despertou o interesse das jovens em se tornarem freiras? O desejo de descobrirem uma vida para além dos campos? Ou a

²⁵⁷ Ibid., p. 53.

²⁵⁸ Ir. M. Otília, 2018.

própria família incentivou suas filhas a buscarem amparo no convento? Para Grossi, a saída de uma filha de família camponesa para o convento está relacionada com o fato das jovens não aceitarem ou não desejarem assumir um casamento, pois assim fugiriam de sua condição de camponesa.

Além disso, as famílias oriundas do campo habitualmente tinham muitos filhos e isso poderia se tornar um problema na divisão das terras entre os irmãos, assim sendo, as meninas que iam para o convento abdicavam do direito de receber parte da propriedade como herança. Por outro lado, havia aquelas famílias que preferiam manter suas filhas em casa, pois eram vistas como mão de obra, trabalhado nos serviços domésticos e às vezes na própria roça. Enfim, a questão das meninas camponesas decidirem serem freiras pode estar relacionada a duas possibilidades: a de fuga da sua condição inicial e a das famílias que incentivavam a mudança devido à divisão de suas terras. Há ainda outra hipótese: das meninas que desejavam deixar o campo e para tanto optaram pela vida religiosa, contudo os pais não autorizavam para mantê-las como mão de obra.

Outro ângulo analisado por Grossi sobre a construção da vocação foi o da realização individual. Se a saída do campo surge como uma motivação para a vida religiosa, o que dizer das garotas nascidas na zona urbana? O que as motivaria a deixar seus lares e sua cidade? Para Grossi,

[...] seria falso considerar que a vocação é apenas um projeto familiar. Na busca do convento há, também, um importante projeto individual de ascensão social pela liberação da família e da vida camponesa por parte das meninas que vão para o convento. A vida da freira é vista não só como uma possibilidade de independência dos pais, mas como uma vida cheia de aventuras, de descobertas e de viagens [...].²⁵⁹

O desejo por independência e autonomia em relação à família pode interferir na construção da vocação das jovens meninas, logo, em suas identidades. Por fim, Grossi analisa a vocação pelo viés da Igreja Católica, uma instituição de reprodução material e simbólica, que por meio de seus agentes tem a intenção de “descobrir” vocações, ou melhor, de “despertá-las”.

A Igreja Católica se fazia presente na sociedade de várias maneiras: nas missas, nas aulas de ensino religioso, fossem nas escolas paroquiais ou católicas e pelas viagens missionárias que os padres empreendiam com o intuito de encontrar vocações. Todos

²⁵⁹ GROSSI, 1990, p. 51.

esses ângulos analisados podem estar relacionados com a identidade de freira despertada nessas meninas.

Mesmo depois de optarem pela vida religiosa, ao entrarem para o convento as jovens candidatas precisam desenvolver o “jeito de freira”, expressão que Grossi utilizou para compreender como a identidade das futuras irmãs são “moldadas”. Para a autora é no primeiro período de formação – a adolescência – que vai se construir de forma definitiva a identidade da futura freira, a partir do aprendizado de uma série de comportamentos que vão configurar o “jeito de freira”.²⁶⁰

Já no segundo período, correspondente à vida ativa das religiosas, elas vão colocar em prática o aprendizado do “jeito de freira”, buscando sua identificação pela prática dos votos de obediência, castidade e pobreza. Esse período é marcado pela busca da santidade por meio do trabalho desenvolvido e pela obediência expressa à hierarquia da congregação. Por fim, no último período, o da velhice, é observada a verdadeira aproximação da freira com sua identidade de “esposa de Cristo”, é quando as freiras já estão livres de parte das obrigações dos rituais religiosos “mas seguem o cotidiano na espera do encontro derradeiro”.²⁶¹

Ainda de acordo com Grossi, é na primeira etapa da vida religiosa, o da vestição, que acontece a construção simbólica da identidade da futura freira, pois é nesta etapa que a candidata entra em contato com tudo que define a vida religiosa, é um período que marca a separação do *ethos* familiar de origem e prepara a integração na congregação.²⁶²

3.7 Formação religiosa: vestição, primeira profissão e votos perpétuos

O Quadro 1 da página 65 nos mostra que o grupo de irmãs entrevistadas vivenciou sua formação religiosa em épocas diferentes. Observa-se que há formação em quatro décadas distintas, sendo que a primeira etapa (vestição) foi iniciada em 1948 com a Ir. Maria Aparecida, depois, temos formação nos anos de 1950, 1960 e 1970. Dessa maneira, nos indagamos em que as treze irmãs entrevistadas se diferenciam em suas formações? Ao mesmo tempo nos questionamos sobre o que há de comum na vida religiosa dessas irmãs? A Tabela 3 representa a quantidade de irmãs nos respectivos períodos formativos.

²⁶⁰ Ibid., p. 52.

²⁶¹ Ibid., p. 52.

²⁶² Ibid., p. 52.

Tabela 3: Período de formação das irmãs

VESTIÇÃO			
1948	1950 a 1959	1960 a 1965	1972
1	5	6	1
PRIMEIRA PROFISSÃO			
1949	1951 a 1958	1960 a 1966	1973
1	4	7	1
PROFISSÃO PERPÉTUA			
1952 a 1954	1962 a 1969	1971 a 1978	-
2	6	3	-

Fonte: Sales, 2019

A primeira etapa da vida religiosa de uma candidata a feira é a vestição, momento em que as aspirantes se tornam freiras. No dia da solenidade costumava-se realizar uma grande festa, Ir. Otília lembra com alegria o dia que proferiu seus primeiros votos: “Chegou o dia...era uma solenidade, a gente vestia de noiva, entrava com o padre, tinha missa, depois que acabava a comunhão era a cerimônia, a gente deitava no chão, cantava, levantava. Depois ia vestir o hábito, era tanta *coisarada*, nem sei quantas peças”.²⁶³ Conforme irmã Otília relata, antes de receber o hábito, as irmãs se vestiam de noiva, simbolizando o casamento com Deus. Depois, recebiam as vestes, que como lembra Otília era composta por várias peças. Nas figuras abaixo podemos observar o momento descrito, primeiro as irmãs vestidas de noiva e depois, já com o hábito de freira.

Figura 27: Cerimônia de vestição das Irmãs Otília, Auxiliadora e Teresinha Bez (07/01/1960)



Fonte: Arquivo pessoal da Ir. Teresinha Bez.

²⁶³Ir. Otília, 2018.

Figura 28: Vestição do hábito das Irmãs Otília, Auxiliadora e Teresinha Bez (07/01/1960).



Fonte: Arquivo pessoal de Ir. Teseirinha Bez.

Nessa mesma cerimônia as irmãs receberam um novo nome, todas passam a se chamar Maria, seguido do nome de uma santa escolhido por elas. Ir. Otília contou que estava tão ansiosa para se tornar freira que não escolheu nenhum nome, disse para a Madre superiora que aceitaria receber qualquer nome, pois o importante para ela era ser freira:

A madre me perguntou qual nome escolheria no dia de receber o hábito, pois todas teríamos que ter um nome religioso. Eu disse para ela que queria ser freira de qualquer jeito, então ela poderia colocar qualquer nome em mim. Depois, quando eu cheguei na capela falei para Jesus: “Olha só a besteira que eu fiz... existe tanto nome esquisito, Irmã Lucrecia, Irmã Bonita, e se me colocarem um nome desses?” Pedi para Jesus que me colocassem qualquer nome, desde que fosse de um santo que se comemore no dia treze, porque dia treze marca a minha vida, meus pais casaram dia treze, eu fui batizada dia treze, eu cheguei no convento dia treze.²⁶⁴

Ir. Otília ficou ansiosa para saber o nome que receberia, mas não imaginava a surpresa que teria:

Chegou a hora de receber o nome e aquilo meu coração disparava, porque eu não sabia o nome que iria receber. Então falou: ‘Minha filha, de hoje em

²⁶⁴ Ir. M. Otília, 2018.

diante não se chamarás mais Theresinha Rodrigues, mas Irmã Otília!’ Eu não achava lugar de colocar as mãos de tanta emoção e felicidade, minha família tudo chorava, pois era o nome da minha mãe.²⁶⁵

O nome religioso escolhido pelas irmãs geralmente tinha um significado importante para elas. Ir. Maria Pezotti escolheu Celina porque ela leu muitas histórias sobre Santa Teresinha, e nessas histórias tinha a Santa Celina, da qual ela gostou muito, porque ela era uma santa muito simples, que sofreu bastante e que não queria nada de extraordinário, assim, Pezotti se encantou com ela e disse: *quando me tornar freira quero chamar esse nome*. Já Maria Laíde Alves escolheu o nome de Josefina por causa de São José, pois seu pai era devoto do santo e a escola primária que ela havia estudado se chamava São José. As demais irmãs não falaram os motivos da escolha, mas todas tiveram que mudar os nomes. Atualmente, as novas irmãs devem acrescentar apenas o nome de Maria, podendo continuar com os nomes de batismo, que é o caso da Ir. Francisca, que não mudou o seu.

Todas as irmãs do grupo entrevistado fizeram a primeira profissão um ano após a vestição, porém, o tempo entre a primeira profissão e os votos perpétuos (quando não se pode mais deixar a congregação) passou por três modificações. As irmãs Aparecida e Rosa de Lima, as primeiras a entrarem na congregação, professaram os votos perpétuos apenas três anos depois da primeira profissão. Já as demais irmãs – com exceção da Ir. Francisca que entrou por último e esperou cinco anos – precisaram de seis anos até os votos perpétuos.

De acordo com as irmãs, o tempo necessário para professar os votos perpétuos depende da necessidade da Congregação e do momento no qual ela está inserida. Nesse sentido, podemos dizer que no final da década de 1940 e início de 1950 a Congregação tinha por objetivo formar o maior número de freiras que pudessem, haja vista o curto prazo que as irmãs tinham para professar os votos perpétuos. Como vimos no primeiro capítulo, a Igreja Católica passou por um processo de Reforma no Brasil o qual durou muitos anos e uma das estratégias utilizadas para concretizar a ação foi recorrer às Ordens e Congregações Religiosas, para que elas disseminassem os dogmas católicos através, principalmente, da educação. Levando em consideração que as Franciscanas de Siessen era uma congregação de cunho educativo, quanto mais irmãs tivessem maiores seriam as possibilidades da ação católica para recristianizar a sociedade.

²⁶⁵ Ibid.

Podemos dizer, então, que as irmãs receberam formação distintas, pois enquanto algumas tiveram seis anos para descobrirem suas vocações, as primeiras irmãs tiveram apenas a metade do tempo.

3.7.1 Formação religiosa feminina antes e depois do Concílio Vaticano II

Ao analisarmos as treze histórias de vidas narradas neste trabalho procuramos elencar em quais aspectos se coadunam e em quais se contrapõem. Observando o Quadro 1, é possível verificar que elas se diferem no ano em que iniciaram a vida religiosa, ou seja, o ano em que se tornaram freiras varia de 1948 a 1972. Nesse período, separado por apenas 24 anos, a historiografia nos mostra que a Igreja Católica passou por grandes transformações e modificações. O principal responsável foi o Papa João XXIII que convocou a Igreja a promover mudanças no seu jeito de ser, de atuar e de evangelizar, pois o mundo passava por fortes e inegáveis transformações naquele momento histórico.²⁶⁶

O resultado foi a realização do Concílio Vaticano II nos anos de 1960, que inaugurou um tempo de grandestransformações a partir de uma maior abertura da Igreja para o mundo contemporâneo: a partir da ideia da Igreja como povo de Deus, a compreensão do próprio trabalho pastoral se modificou, o cristão deveria ser inserido no mundo.²⁶⁷

Podemos dizer, então, que o grupo de irmãs entrevistadas receberam formação religiosa em dois períodos históricos distintos: oito delas entraram no convento antes do Concílio Vaticano II (1948 a 1960) e cinco delas em período subseqente (1962 a 1972). Para entender os contrapontos na formação dessas irmãs – já que não tratamos desse eixo temático durante as entrevistas – foi preciso compreender como a vida religiosa considerada tradicional se difere da vida religiosa renovada após o Concílio Vaticano II.

Para Brito e Aras (2017, p. 2),

A vida religiosa feminina tradicional era concebida como um estado de perfeição e, nesse sentido, era uma instituição contraposta ao mundo. Assim, a mulher que professava os votos religiosos deveria fugir do mundo, pois este era considerado um lugar de imperfeição, caos, degeneração e pecado. Em outras palavras, a vida religiosa era assumida como ‘fuga mundi’ pelas pessoas que aspiravam à perfeição e, por esse motivo, era necessária a

²⁶⁶ BRITO, Leandro Neri; ARAS, Lina Maria Brandão de. *Aspectos históricos da vida consagrada feminina no Brasil: ser freira antes e depois do Concílio Vaticano II*. 2017, p. 4.

²⁶⁷ MIRANDA, 1999, p. 520 *Apud* Brito.

separação e distanciamento entre o convento e a sociedade.

Percebemos que a vida religiosa era organizada dentro dos conventos de maneira muito mais rígida, estabelecendo normas como horários fixos e espaços físicos limitados, para assim proporcionar o controle quase total dos membros da instituição. Com relação aos valores cultivados na vida religiosa tradicional os principais eram: “a obediência total aos superiores; a humildade, confundida muitas vezes com humilhação, para se alcançar a perfeição; anegação do corpo e da sexualidade; e o esquecimento de si para melhor servir à Igreja sem nada contestar ou questionar”.²⁶⁸ Antes do Concílio Vaticano II, o modo de ser freira tinha uma estrutura rígida e hierarquizada, sustentado pelos votos religiosos de castidade, pobreza e obediência, pois os votos:

eram compreendidos a partir da mundivisão religiosa que determinava a dicotomia entre a terra e o céu, por isso era importante o insulamento dos conventos e dos seus membros, considerados ‘profissionais da perfeição’ que deveriam se distanciar ao máximo da realidade terrena. De maneira geral, os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência eram vividos pelas religiosas de forma moralista, infantil e individualizada. Através deles, as irmãs negavam a sua humanidade, principalmente os aspectos relacionados à sexualidade e não constituíam relações interpessoais profundas, pois eram extremamente dependentes da autoridade dos superiores e alienadas sobre questões práticas da vida cotidiana como, por exemplo, administrar dinheiro mesmo que em pequenas quantias ou saber o preço de alimentos e outros itens.²⁶⁹

Para Nascimento (1994) *apud* Brito, essas características da vida religiosa tradicional estão situadas no processo de Reforma da Igreja Católica ocorrido no Brasil a partir de 1840, que possuía, entre seus objetivos, disciplinar a vida conventual com o auxílio de congregações europeias, seguindo as orientações e o conservadorismo doutrinário, visto que nos primeiros séculos da vida religiosa no Brasil, as freiras viviam de maneira pouco austera os conselhos evangélicos.

Outra característica desse modelo de vida religiosa era que a voz da superiora ou do superior era acolhida como a voz de Deus que determinava o que a freira deveria fazer, para onde ela deveria ir ou em que ela deveria trabalhar. Dessa forma, havia uma sacralização da obediência que permitia a manutenção da estrutura rígida e não democrática da vida religiosa tradicional. As irmãs entrevistadas narraram que era a madre superiora quem determinava o trabalho delas. No relato da Ir. Salette, ela lembra

²⁶⁸ Ibid., p. 2.

²⁶⁹ Nunes, 1985 *apud* Brito p. 2-3.

que chorou muito quando soube que seria transferida para Paranaíba, pois ouvia muitas histórias violentas de Mato Grosso. Ou seja, ela não foi a Paranaíba por opção, mas sim, por determinação, pois se dependesse dela, ela não iria para um lugar que tinha medo.

Com o Concílio Vaticano II surge um novo jeito de ser freira, considerado mais participativo e democrático. A busca pela renovação já havia sido organizada dentro dos conventos por razão dos movimentos que gerou o Vaticano II, por parte da “sociedade, da fermentação político-econômica, social e cultural da época. Bastou que a Igreja, no Concílio, desse a abertura necessária às mudanças, para que os religiosos se lançassem ávidos às transformações que urgiam”.²⁷⁰ Nesse sentido, a vida religiosa foi convocada pelo Concílio Vaticano II a renovar-se a partir do retorno às suas fontes fundacionais:

A conveniente renovação da vida religiosa comporta uma volta às fontes de toda a vida cristã, à inspiração original de cada um dos institutos religiosos e à sua adaptação às condições dos tempos que mudaram. Essa renovação deve ser feita sob o impulso do Espírito Santo e sob a orientação da Igreja.²⁷¹

A renovação da vida religiosa tratou de aspectos específicos como “os votos religiosos, a vida em comum, a clausura das monjas, o hábito religioso, a fundação de novos institutos, as conferências de superiores maiores e as vocações religiosas, entre outros”.²⁷² Essas mudanças foram orientadas e legitimadas pelos documentos conciliares, principalmente pelo decreto *Perfectae Caritatis*, cujo conteúdo apresentou as diretrizes necessárias para garantir as alterações, entretanto, por mais que as mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II tenham sido acolhidas e colocadas em prática pelas congregações e ordens religiosas femininas, isso não aconteceu de maneira linear e simultânea, configurando-se como um difícil processo, permeado de crises, avanços e retrocessos.

De acordo com Maria José Rosado Nunes (1985) *apud* Brito, as transformações ocorridas na vida religiosa feminina, a partir da segunda metade do século XX, podem ser divididas em duas etapas: a primeira, denominada de “renovação adaptativa”, que ocorreu até a primeira metade da década de 1970; e a segunda, chamada de “inovação criativa” que compreendeu o fim dos anos 1970 e estendeu-se até o início dos anos 2000.

²⁷⁰ Ibid., p. 4.

²⁷¹ *Perfectae Caritatis* n° 2.

²⁷² Brito; Aras, 2017, p. 5.

A etapa de renovação adaptativa caracterizou-se como um período de modernização das estruturas conventuais, operacionalizado pelos quadros dirigentes das congregações e ordens religiosas através dos capítulos de renovação, ou seja, através de reuniões especiais que cada congregação ou ordem religiosa realizou para reelaborar sua organização interna. Esses capítulos de renovação fundamentaram-se nos documentos conciliares, principalmente no decreto *Perfectae Caritatis*.²⁷³

Brito (2017, p. 5-6) destaca que alguns elementos merecem destaque nessa primeira fase de renovação da vida religiosa feminina, tais como: a descentralização do poder; a vida religiosa passou a valorizar a individualidade da pessoa humana e a preocupar-se com a realização pessoal de cada freira; foi rompida a ordem sacral que determinava a mundivisão da vida religiosa e, com ela, a concepção estática do mundo e da Igreja. As freiras começaram a usufruir de uma liberdade que antes não possuíam, o que contribuiu para a profissionalização das religiosas, uma vez que elas começaram a frequentar cursos técnicos e universitários de acordo com suas aptidões, algo relativamente inovador, visto que as irmãs se formavam de acordo com a necessidade da congregação, muitas vezes ligadas às áreas de saúde e educação.

No caso do grupo das irmãs entrevistadas, todas que obtiverem formação superior escolheram a área da educação, já que o lema das Irmãs Franciscanas de Siessen era, sobretudo, educação. Algumas mencionaram o desejo de cursarem uma faculdade na área da saúde (enfermagem) contudo, conforme já descrito anteriormente, por falta de tempo e oportunidade, não concluíram esse desejo.

3.8 As vestes religiosas

O hábito religioso, como sinal de consagração, seja simples e modesto, simultaneamente pobre e condigno, e, além disso, consentâneo com as exigências da saúde e acomodado às condições de tempo e lugar e às necessidades do ministério. O hábito, masculino ou feminino, que não estiver de harmonia com estas normas, deve ser mudado.²⁷⁴

Conforme a epígrafe retirada do decreto *Perfectae Caritatis* do Concílio Vaticano II, sugere que o hábito religioso deve ser acomodado às condições de tempo e lugar, adequados conforme a necessidade. Algumas irmãs relataram que ao chegarem a Paranaíba/MT, incomodaram-se e sofreram muito com o clima quente da região, sendo

²⁷³ Ibid., p. 6.

²⁷⁴ Decreto *Perfectae Caritatis. Sobre a conveniente renovação da vida religiosa*. Vaticano, 28 de Outubro de 1965.

que estavam acostumadas com as temperaturas mais amenas do Estado de São Paulo. O fato é que o hábito das irmãs quando chegaram à cidade, em 1955, era muito quente, pois além de serem vestes pretas e longas, as mangas também eram compridas. O artigo 17 do decreto citado na epígrafe foi publicado em 1965, ou seja, dez anos após a chegada das irmãs a Paranaíba. Ao analisarmos as vestes das irmãs, questionamo-nos se as mesmas foram adequadas, conforme prevê o decreto, visto que para o clima da localidade na qual estavam inseridas era necessário um hábito mais fresco.

Figura 29: Irmãs Franciscanas de Siessen no Colégio Educandário Santa Clara



Fonte: Sandra, 2014

A fotografia apresentada na figura 29 não possui data, porém, de acordo com o arquivo escolar do Educandário Santa Clara, as irmãs presentes na imagem são as mães Adelgisa e Francisca (sentadas) e em pé, da esquerda para direita, as Irmãs Blasia, Josefina, Maria das Graças e Celina. As duas meninas nas pontas, vestidas de cinza eram aspirantes. Levando em consideração que as Irmãs Josefina e Celina foram transferidas em 1957 e que a Ir. Josefina permaneceu somente cinco anos em Paranaíba, sugerimos que a foto tenha sido tirada entre 1957 e 1962, ou seja, antes da publicação do decreto mencionado. Nesse sentido, por meio da imagem percebemos que não houve adequação imediata no hábito das irmãs, as quais tiveram que conviver com o clima quente aumentado pelo calor das vestes.

De acordo com o relato de algumas irmãs, devido ao excessivo calor da região, as vestes foram mudadas em 1980, quando as irmãs que moravam em Paranaíba podiam optar pelo hábito branco, que antes só era permitido para as irmãs enfermeiras. Curioso é o fato de a congregação ter demorado tanto tempo para fazer a mudança de hábito, quinze anos após a publicação do Decreto do Concílio Vaticano II. Não encontramos

referência sobre as normas do hábito nas Constituições Gerais das Franciscanas de Siessen. Há apenas uma menção nas Normas Executórias da Congregação de 2002, que sugere na página 6 que a hábito religioso deve ser “uniforme, simples e modesto, cujo modelo e tecido serão fornecidos pela Casa provincial para todas as irmãs”.

Para algumas irmãs, o hábito quente não era motivo de reclamação. Mesmo reconhecendo o calor insuportável que fazia em Mato Grosso, Ir. Josefina relatou que pensava sempre positivo: “*A região era muito quente, interessante que com aquela rouparia toda a gente não pensava em ficar reclamando. Depois, mais tarde mudou o hábito, era manga curta*”.²⁷⁵ Ainda quando falávamos sobre Paranaíba, reforçou: “*Mas lá era muito quente, aquele calor, e a gente de meia preta cumprida, sapato fechado...*”. De acordo com a irmã houve mudança no hábito, passando para manga curta, porém, não se recordou quando exatamente a mudança ocorreu. Apesar de afirmar que não reclamava do calor, Ir. Josefina precisou ser transferida de Paranaíba por conta do clima. “Eu gostava muito de Paranaíba, mas, infelizmente, a estrada de tocar boiada que passava atrás do colégio era muito empoeirada. Os médicos me falaram: ‘A senhora não pode ficar aqui, tem que mudar de clima, se não a senhora não vai aguentar mesmo’”.²⁷⁶ De acordo com o relato, percebemos que além do calor a poeira vinda das ruas de terra também prejudicava a saúde de algumas irmãs. O clima também afetou a Ir. Teresinha, que se recordou: “Só fiquei dois anos em Paranaíba, (início de 1964 até fim de 1965), porque não me fez muito bem o clima, não me acostumei com o calor intenso, lá era muito quente, então a superiora me transferiu para o clima frio que é no Paraná”.

Ir. Cecília também se queixou do clima de Paranaíba, deixando claro que o hábito não condizia com o calor enfrentado na região. No trecho abaixo, retirado de sua entrevista, pode ser observado as dificuldades enfrentadas pelas irmãs em Mato Grosso:

Gostei muito de Paranaíba, mas tive que fazer um esforço para me adaptar ao *clima quente*, porque o colégio não era muito arejado, as janelas eram pequenas, havia muito pernilongo e barata. [...] O clima era muito quente, e ainda usávamos o hábito preto mais fechado do que hoje. Na capela que tinha dentro do colégio as janelas não abriam, não tinha lugar para respirar, só umas frestinhas, não sei porque era assim, mas depois eles arrumaram, mas no começo era assim, não peguei a reforma boa. A gente saía quase meio dia da aula e ia fazer oração na capela, com aquele calor do meio dia! Mas, com esforço permanecemos fiéis. *Nós sofremos um pouco com o clima*. Ficava uma longa temporada sem água, sem chuva, foi duro, mas a gente não

²⁷⁵Ir. M. Josefina, 2018

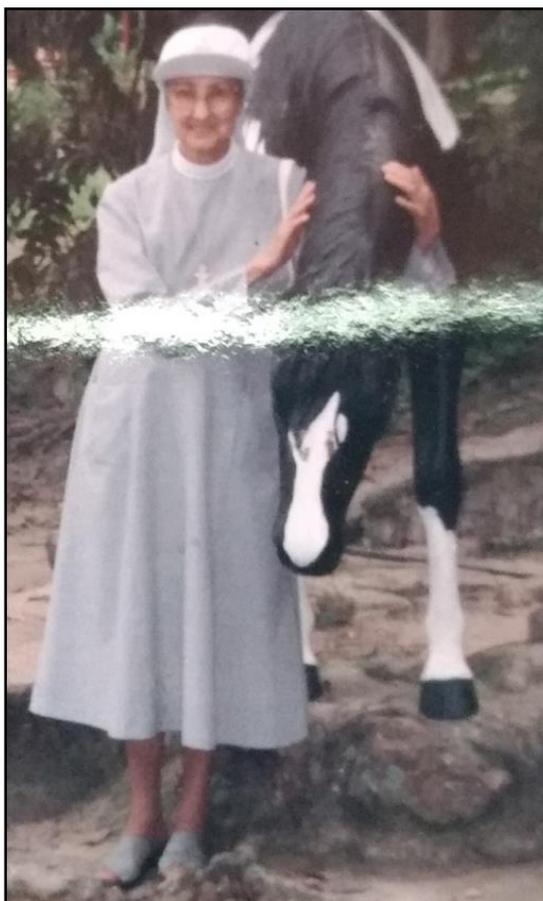
²⁷⁶Ibid.

se deixava abater por isso, não!. Eu fiquei seis anos lá. [...] Foi uma batalha, mas Deus vence com os fracos.²⁷⁷

Ir. Marta, conforme a grande maioria das irmãs, se recordou do calor de Paranaíba. Quando chegou à cidade, em 1955, depois de uma longa viagem desejou logo tomar um banho, porém, no educandário ainda não havia instalação de chuveiro. De acordo com ela: (...) *“Um calor!!! Eu imaginava um chuveiro para tomar banho... Uma das irmãs não aguentava mais o calor, saiu lá fora e viu um latão de água e lá mesmo se lavou. No outro dia ficamos sabendo que o latão era de uso dos pedreiros.”*²⁷⁸ Mesmo sem usar o hábito, pois na época ainda era juvenista, podemos perceber a aflição de Ir. Marta por causa do clima.

Com o tempo, o hábito das irmãs passou por mudanças. Apesar de termos localizado poucos registros, pode-se ter uma noção das alterações por meio das figuras 30 e 31 expostas abaixo:

Figura 30: Ir. M. Otília com vestes curtas e cinza



Fonte: Arquivo pessoal de Otília

²⁷⁷Ir. M. Cecília, 2018.

²⁷⁸ Ir. M. Marta deu muitas risadas quando se lembrou do ocorrido.

Figura 31: Hábito Religioso das Franciscanas de Siessen atualmente

Fonte: Arquivo iconográfico de Sales, 2018.

Com relação ao período em que permaneceram no Educandário Santa Clara de Paranaíba, conforme pode ser observado nas memórias narradas dispostas no Capítulo II, as irmãs, no geral, afirmaram que sentem falta do colégio e do povo de Paranaíba. Algumas recordaram o quanto foi difícil e sofrido nos primeiros anos, devido a falta de infraestrutura tanto no colégio quanto na cidade. Acostumadas com a realidade de outros estados, Mato Grosso assustou as irmãs que temiam a violência. O clima quente e seco da região também foi um fator negativo apontado pelas irmãs. Entretanto, cada uma das treze religiosas entrevistadas lembrou que desenvolveram suas atividades, fosse curriculares ou não curriculares, com desempenho, amor e carinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação almejou contribuir para o avanço dos estudos dedicados ao campo da história e historiografia da educação brasileira, com destaque para a expansão do ensino no sul de Mato Grosso, tendo em conta os contributos dos Franciscanos e Franciscanas na educação paranaibana. Desse anseio, foram eleitas como objeto de estudo as referências das Irmãs Franciscanas de Siessen e suas atividades curriculares e não curriculares no Colégio Franciscano Educandário Santa Clara, idealizado em 1951 e fundado em 1955. A pesquisa está ancorada nos relatos memorialísticos e pautada nos pressupostos teóricos formulados por Halbwachs (1990), Le Goff (1990; 2001), Pollak (1992) dentre outros.

Com relação à opção metodológica adotada, aplicamos a História Oral, na perspectiva de autores como Amado e Ferreira (1996), Thompson (1978), Alberti (2013) e Meihy (1990). Recorremos a fontes históricas como o Livro de matrículas e de professores do Educandário, fotografias, Constituições Gerais e Normas Executórias da Congregação e principalmente aos depoimentos orais. Nesse sentido, foi possível realizar esta pesquisa no viés da História Cultural.

A presença das Irmãs Franciscanas de Siessen no território sul-mato-grossense esteve diretamente relacionada ao projeto de reforma e reorganização da Igreja Católica no Brasil, levado a cabo de 1844 a 1926, tendo continuidade nas décadas seguintes. A ofensiva para implantar as reformas católicas e cristianizar a sociedade mato-grossense intensificou-se na década de 1950, por meio da atuação do bispo de Corumbá, Dom Orlando Chaves, que assim como os bispos anteriores, apostou nas Ordens e Congregações Religiosas para concretizar o projeto de transformação.

A contribuição da Ordem franciscana no sul de Mato Grosso foi significativa, pois na medida em que fundavam paróquias, construía-se, paralelamente, escolas paroquiais. Devido ao vasto território de missão sob responsabilidade dos franciscanos, os freis ficavam impossibilitados de dirigirem as escolas católicas, recorrendo, assim, às Congregações Religiosas femininas para assumirem as atividades educacionais e de catequese das instituições fundadas pela missão.

Os franciscanos contribuíram para as mudanças no cenário da Paróquia de Paranaíba tendo em vista que se empenharam em um projeto missionário, com visitas evangelizadoras e, sobretudo, na construção do Colégio Educandário Santa Clara. Frei Pedro Holz foi o idealizador desse projeto, tendo, entre seus objetivos, elevar o grau de

cultura dos paranaibanos, como também oferecer uma educação católica para as meninas e meninos da cidade e região, visto que o colégio, desde o início, atendeu turmas mistas.

Para concretizar seu projeto, Frei Pedro iniciou a busca por uma congregação religiosa feminina que assumisse as atividades do Educandário, inicialmente sem êxito, no entanto, depois de alguns anos de persistência, conseguiu a aprovação das Irmãs Franciscanas de Siessen, que saíram da casa Regional, em Agudos/SP, para assumir a nova missão no território sul-mato-grossense. Conhecer as religiosas (e seu zelo missionário), que fizeram parte desse projeto do contexto educacional em Paranaíba foi o objetivo central desta investigação.

No percurso da pesquisa descobrimos que os registros e as fontes documentais da Congregação das Franciscanas de Siessen estavam indisponíveis, pois houve uma mudança de sede - de Agudos/SP para Guaratinguetá/SP e alguns documentos encontram-se guardados em locais desconhecidos, de acordo com a nova Madre Superiora. Destarte, não conseguimos realizar um levantamento completo de todas as irmãs que atuaram em Paranaíba, contribuindo, de alguma maneira, para as atividades do colégio, com base na concepção missionária.

Entretanto, por meio de uma visita realizada no convento foi possível conhecer quinze religiosas que estiveram no Educandário. Entre elas, a irmã Zélia optou por não participar da pesquisa, justificando que ficou pouco tempo em Paranaíba e não teria muito assunto para abordar. Irmã Fides, uma das pioneiras do colégio, reside atualmente em Petrópolis/RJ, no dia em que foi realizada a visita, ela estava de passagem e não pôde gravar entrevista. Após isso, foi efetuada algumas tentativas com o intuito de marcar uma data para entrevistá-la, contudo sem resposta. Dessa forma, a entrevista fora feita com treze irmãs.

As narrativas das irmãs foram transformadas em um texto autobiográfico, já que a intenção do trabalho foi valorizar o discurso dessas mulheres religiosas que não tinham tido, ainda, a oportunidade de narrarem suas próprias histórias vida. As entrevistas foram norteadas a partir de eixos temáticos, tais como: infância, escolarização, família, vocação religiosa e profissão. A singularidade de cada irmã se fez presente em suas narrativas. Enquanto algumas foram singelas em seus depoimentos, demonstrando certo desconforto em relatar lembranças de suas vidas antes de entrarem para a congregação, outras se sentiram muito à vontade para contar detalhadamente suas memórias individuais.

A partir das narrativas das irmãs buscamos analisar o contexto sócio histórico, econômico e cultural a qual estavam inseridas nos períodos formativos de suas vidas. Foi possível verificar que das treze irmãs, onze nasceram e viveram parte da infância na zona rural. Oito delas iniciaram ou concluíram o primário em escola rural. Nesse sentido, compreender como era a organização do ensino nos respectivos períodos de formação das irmãs se fez importante tendo em conta que pudemos conhecer historicamente os acontecimentos narrados por suas memórias. Esse movimento de relacionar história e memória prosseguiu com os demais eixos temáticos. Analisamos também o contexto da criação do Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração (INSSC) em Agudos/SP, presente na vida de todas as irmãs, pois foi devido à sua criação que elas conheceram as Franciscanas de Siessen e descobriram suas vocações para a vida religiosa. Da mesma maneira fizemos com a criação e transformação da Escola Normal no Brasil, visto que a maioria das irmãs, ao concluírem o ginásio, seguiu carreira no magistério.

Analizamos, ainda, como é construída a identidade da freira, os possíveis fatores responsáveis pelo despertar das vocações e o caminho trilhado até se construir o “jeito de freira”. Apesar de todas as irmãs revelarem que suas vocações foi um chamado de Deus, tentamos pensar em possíveis alternativas e hipóteses.

Com relação ao período em que viveram em Paranaíba, todas concordaram que no início passaram por muitas dificuldades em virtude das precárias condições da cidade e do prédio escolar. Acostumadas com o clima mais ameno de São Paulo, as irmãs estranharam e algumas não se acostumaram com o clima quente e com o tempo seco de Paranaíba. Mesmo assim, elas afirmaram que viveram tempos felizes e que sentiram saudades da região, quando tiveram que partir. Saudade foi uma palavra utilizada para descrever o sentimento após deixarem o Educandário.

A pesquisa nos revelou ainda, que, devido ao significativo trabalho realizado no colégio e na comunidade religiosa de Paranaíba, a presença das irmãs franciscanas de Siessen é reconhecida pelo senso comum mediante as narrativas da população. No entanto, apesar de pertencerem à história local, pode-se dizer que até então seus feitos ficaram perdidos pelos silêncios e esquecimentos da história, visto que, até o presente momento na historiografia não havia, ou não foram localizados, registros de sua história.

Como toda pesquisa, este estudo também não pode ser considerado por encerrado. Na temática selecionada há várias possibilidades de investigação que não

foram aqui contempladas, como por exemplo, a cultura escolar produzida no Educandário Santa Clara. Tais possibilidades ficam abertas para futuros projetos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADES, César. Resenha de: Bosi, Ecléa. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, *Psicologia da USP*, vol.15 n.3, 2004.
- ALBERTI, Verena. A entrevista. In: _____. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. Da implantação de programas de história oral. In: _____. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2013.
- AMARO, Eliane Maria. *Escola Franciscana Imaculada Conceição: História da instituição educativa na região de Dourados, sul de Mato Grosso (1955-1975)*. 236f. 2018. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados: UFGD, 2018.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRAIS, Matheus Eurich. *A marcha para o oeste e o estado novo: a conquista dos sertões*. 2016. 17f. Artigo de conclusão de curso (Graduação) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BERTOLETT, Estela Natalina Mantovani. Organização da escola primária em Paranaíba/MS (1935-1975). In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá. *Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil*. Cuiabá: UFMT, 2013. v. 1. p. np-np.
- BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele. Uma breve história da formação docente no Brasil: da criação das escolas normais as transformações da ditadura civil-militar. In: XI Congresso Nacional de Educação. Curitiba: *Educere*, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Educação do Campo: marcos normativos*. Brasília: SECADI, 2012.
- BRITO, Leandro Neri; ARAS, Lina Maria Brandão de. Aspectos históricos da vida consagrada feminina no Brasil: ser freira antes e depois do Concílio Vaticano In: II Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress (*Anais Eletrônicos*). Florianópolis, 2017.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAMPOS, Irmã Maria Cristina Alves. *Em busca do absoluto*. 1 ed. Agudos/SP: Casa Regional das Irmãs Franciscanas de Siessen, 1986.
- CAMPOS, Irmã Maria Cristina Alves. *Em busca do absoluto*. 1 ed. Curitiba, PR: ABC, 1986.

CLARA, Província Santa. *Constituições Gerais*. Congregação das Franciscanas de Siessen: Província Santa Clara. Guaratinguetá, SP. 2001.

CLARA, Província Santa. *Normas Executórias da Província Brasileira*. Congregação das Franciscanas de Siessen: Província Santa Clara. s/d.

COUTO, Lula. In: *Professor de história explica a presença da Igreja Católica no Brasil*. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LjStbR19_m8. Acesso 21 de agosto de 2019.

Decreto Perfectae Caritatis. Sobre a conveniente renovação da vida religiosa. *Vaticano, 28 de Outubro de 1965*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html. Acesso em: 21 ago. 2019

FERREIRA, Flávia do Carmo. Histórias e Conversas de Mulher (Mary Del Priore). *História e Cultura*, Franca, v.3, n.3 (Especial), p. 381-384, dez. 2014.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GARCIA, Domingos Savio da Cunha; MICELI, Paulo Celso. (Org.). *História e Fronteira*. 1 ed. Cáceres: UNEMAT, 2014.

GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (73): p. 48-58, mai. 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

KNOB, Frei Pedro. *A missão Franciscana do Mato Grosso: em comemoração dos 50 anos de fundação*. Campo Grande: Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora de Mato Grosso, 1988.

LE GOFF, Jacques, Memória. In: _____. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamim. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LOZANO, Aceves; EDUARDO, Jorge. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2006.

MACENA, Fabiana. Madames, mademoiselles, melindrosas: representações femininas na revista Fon-Fon (1920-1930). In: *Revista História Contemporânea*. Viçosa: UFV, mai./out., 2008.

MANOEL, Ivan Antonio. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800 – 1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919)*. 2 ed. Maringá: EDUEM, 2008.

MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800 -1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia*. 1 ed. Campo Grande: UFMS, 2009.

MARIN, Jérri Roberto. Os franciscanos alemães em Mato Grosso: vivências e identidades. In: V Congresso Internacional de História, 2011, Maringá. *Anais do V Congresso Internacional de História*. Maringá: Ed. Clichetec, 2011. v. 1. p. 334-344.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças. In: *DESidades revista eletrônica de divulgação científica da infância e juventude*. 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. 1 ed. São Paulo: Nova Stella, 1990.

MENDONÇA, Sonia Regina de. As políticas de educação rural do Ministério da Agricultura (1945-1961). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju. *Anais Eletrônicos do V Congresso Brasileiro de História da Educação*. Aracaju: ABHE, 2008. p. 1-15.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. In: *Educar*, 2008, Curitiba: Ed. UFPR, 2008, n. 31, p. 169-189.

OBJETIVO, Prevê. *Educandário Santa Clara: 50 anos*. Revista Prevê Objetivo, Paranaíba, Mato Grosso do Sul, 2006.

OLIVEIRA, Kátia Alves; MARQUES, Nara Letícia Pereira; LIMA, Michelle de Castro. A trajetória da Escola Normal: história da formação de professores no Brasil e no estado de Goiás. In: *Ciclo Revista: Experiência em formação no IF Goiano*, 2016.

PARANAÍBA, Prefeitura Municipal de. Disponível em: <<http://www.paranaiba.ms.gov.br/site/paranaiba?id=18-historia>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

PERROT, Michelle. A mulher popular rebelde. In: _____. *As mulheres ou os silêncios da história*. 1 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: _____. *Os excluídos da história: operárias, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: _____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. 1. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PISCITELLI, Adriana G. Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico. In: Seminário Internacional del Uso de Historias de Vida en Ciencias Sociales: *Prácticas, Teorías y Metodologías*. Villa de Leyva, Colômbia, março de 1992.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução de João Batista Botton. *kriterion*, Belo Horizonte, n 125, Jun. 2012, p.299-310.
- ROSA, Nina Gabriela Moreira Braga. *Identidade: Anthony Giddens e Norbert Elias. Humanidades em diálogo*, vol. 1, n. 1, p. 135-148, nov. 2007.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades*. Belo Horizonte, vol. 2, n. 2, p. 24-33, ago./dez., 2010.
- SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930 - 1961: escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.22, p.131-149, jun. 2006.
- SANTOS, Mônica Costa. *Missionários de letras e virtudes: a pedagogia moral dos franciscanos em Alagoas nos séculos XVIII e XIX*. 2007. 200f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.
- SANTOS, Tatiele Borges dos. *Escolarização da infância em Paranaíba (MT): memórias de alunas do Educandário Santa Clara (1955-1958)*. 2014, 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2014.
- THOMPSON, Paul. Historiadores e história oral. In: _____. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. 8 ed. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2007.

ENTREVISTAS

- ALVES, Maria Clara. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.
- ALVES, Maria Laide. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

BEZ, Maria Izabel. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

CALIANI, Lúcia. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

CASAGRANDE, Carlota. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

LEITE, Dianyra. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

LIMA, Aurelina Pereira de. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

MELO, Laudelina Ferreira de. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

PEZOTTI, Maria. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

RIBEIRO, Maria Francisca. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

RODRIGUES, Therezinha. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

SOUZA, Therezinha de Paula. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

ZEMBRANI, Leonilda. *Entrevista* (Fev. 2018). Entrevistadora: Daniela Sales. Guaratinguetá-SP, 2018.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010.

CAMARGO, Kênia Guimarães Furquim. *Educação católica e presença dominicana em Goiás (GO): a cultura escolar no Colégio Sant'Anna (1940-1960)*. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Paranaíba: UEMS, 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Eremilda Vieira da. *De Augsburg para Pernambuco – Irmãs Franciscanas de Maristella formando professoras – Timbaúba/PE, 1938 a 1950*. 2003. 304f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife: UFPE, 2003.

DURAN, Maria Renata da Cruz; BENTIVOGLIO, Julio. Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. *Dimensões*, vol. 30, 2013, p. 213-244.

HOFSTATTER, Carla Regina. *Espaço escolar como “forma silenciosa de ensino” Análise do Centro Educacional Menino Jesus*. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2012.

IGLESIAS, Tânia Conceição. *A experiência educativa da Ordem Franciscana: aplicação na américa e sua influência no Brasil colonial*. 2010. 447f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas: Unicamp, 2010.

JATAHY, Sandra Pesavento. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEONARDI, Paula. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas*. 1. ed. São Paulo: Fapesp/Paulinas, 2010.

LIMA, Henrique Alves de. *O Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Canoinhas e a formação de professoras nas décadas de 1970 e 1980: concepções de educação e saberes*. 2006. 139f. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba: PUCPR, 2006.

MELO, Valéria Alves. *As Filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)*. 2007. 125f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: UFS, 2007.

Valdez, Fanny Silva. *Seminário Santo Antônio de Rio Brilhante (MT/MS): Educação e Missão (1959-1994)*. 2017. 254f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Grande, Dourados: UFGD, 2017.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

NEVES, Gislene Taveira de Almeida. *A educação feminina no projeto Siqueirano: 1939-1973*. 2005. 209f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2005.

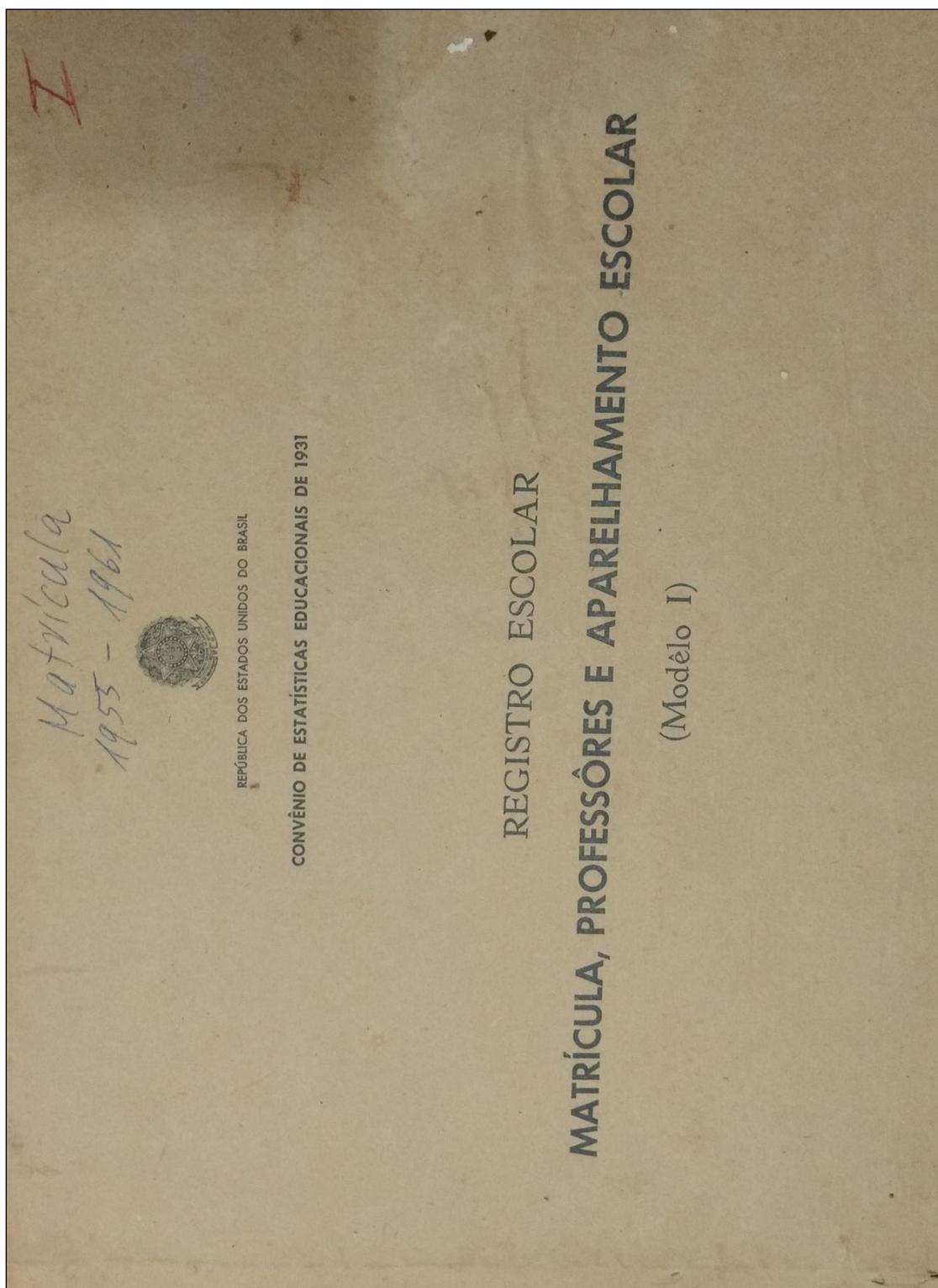
OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. *Missão educacional Alemã no Brasil: Irmãs Franciscanas – de Dillingen para a baixada fluminense. Duque de Caxias e São João de Meriti – RJ (1937-1956)*. 2012. 454f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2012.

PRATTA, Marco Antonio. *Operárias do saber: cultura escolar, relações de gênero e religião no magistério brasileiro*. São Carlos, SP: Rima, 2012.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. *Gênese do pensamento único em educação: Franciscanismo e Jesuitismo na Educação Brasileira*. 2004. 267f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói: UFF, 2004.

VEIGA, Georgea Suppo Prado. *História da Educação do Patronato de menores São José em Paranaíba-MT (1953-1963)*. 2014. 218f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1 – CAPA DO LIVRO DE REGISTRO ESCOLAR DO EDUCANDÁRIO
SANTA CLARA DE PARANAÍBA/MS (1955 – 1961)

ANEXO 2 – TERMO DE ABERTURA DO LIVRO DE REGISTRO ESCOLAR

TÉRMO DE ABERTURA

CONTÉM o presente livro 125 fôlhas, devidamente numeradas, e servirá para o registro da matrícula, dos professôres e do aparelhamento escolar, do curso: Primário
da Escola: Colmândario Santa Clara
sita à rua n.º
na cidade (vila ou localidade de) na cidade
no distrito de féde
do município de Paranaíba

Data: 8 de Março de 1955

Walter Faustino Dias
(assinatura do Diretor ou responsável pela Escola)

Dr. Walter Faustino Dias - Diretor

VISTO DA AUTORIDADE ESCOLAR:

Data:

assinatura

cargo

AVISO IMPORTANTE

Este livro faz parte do arquivo da Escola mencionada no presente termo de abertura. O Diretor ou responsável pela Escola, quando afastado do cargo ou transferido, não deverá, portanto, levá-lo em seu poder.

ANEXO 3 – PÁGINA 6 DO LIVRO DE MATRÍCULA DO EDUCANDÁRIO SANTA CLARA (1955): PARTE DESTINADA AOS ALUNOS

MAT

REGISTRO DA

ano livro de 1955.

A - PARTE DESTINADA AOS ALUNOS

Número da matrícula	Data (dia e mês)	NOME DO ALUNO (por extenso)	Sexo do matriculado (M = masculino, F = feminino)	Certidão de registro (M = mat. em livro, F = mat. em formulário)	DATA DO NASCIMENTO			Idade em dias até 30 de junho	Nacionalidade (sendo brasileiro, ou Territórios ainda nascidos)	Ano ou mês em que se curar ou se foi matriculado	TEMPO ESCOLAR (em anos)			PROVENIÊNCIA DO ALUNO			APROVEITAMENTO	
					Dia	Mês	Ano				Na própria escola	Em outra escola	Da própria escola (ou não)	De outra escola (E = estadual, M = municipal ou não)	Do lazarário (ou não)	Já matriculado em outra escola (ou não)	A que distância da escola (matr.)	Aprovado? (reprova? ou não)
1	8/13	Adão Alves de Almeida	M	mat.	12	2	1947	8	Brasil - Mt.	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	88	
2	8/13	Ademar Maurino de Almeida	M	mat.	14	3	1947	8	" - Mt.	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	89	
3	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	10	4	1947	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	91	
4	8/13	Ademar de Almeida	M	mat.	12	12	1946	8	" - Mt.	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	95	
5	8/13	Carlos Alberto de Almeida	M	mat.	8	7	1946	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	92	
6	8/13	Ademir Maurino de Almeida	M	mat.	15	1	1943	12	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	93	
7	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	8	1	1948	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	80	
8	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	23	3	1943	12	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	28	
9	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	2	6	1942	12	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	84	
10	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	6	9	1947	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	96	
11	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	18	9	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
12	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	2	12	1942	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	94	
13	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	27	10	1947	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	97	
14	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	29	9	1946	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	95	
15	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	31	12	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	94	
16	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	17	1	1944	11	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	92	
17	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	19	5	1946	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	95	
18	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	21	1	1946	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	92	
19	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	20	4	1948	7	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	94	
20	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	18	9	1944	10	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
21	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	28	7	1941	13	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
22	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	23	2	1941	14	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
23	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	21	1	1944	14	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
24	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	8	11	1943	11	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
25	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	14	6	1944	11	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
26	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	17	8	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
27	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	10	6	1944	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
28	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	9	5	1943	12	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
29	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	7	8	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
30	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	10	6	1944	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
31	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	9	5	1943	12	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
32	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	8	8	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
33	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	16	8	1945	9	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
34	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	19	4	1947	6	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
35	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	15	2	1947	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
36	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	15	12	1946	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	
37	8/13	Ademir de Almeida	M	mat.	15	12	1946	8	" - S. Paulo	12	1	1	nao	nao	nao	aprov.	98	

ANEXO 4 – PÁGINA 6 DO LIVRO DE MATRÍCULA DO EDUCANDÁRIO SANTA CLARA (1955): PARTE DESTINADA AOS RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS

B - PARTE DESTINADA AOS RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS

CARACTERÍSTICAS DOS PAIS

EXCLUSÃO DO ALUNO	NOME DO RESPONSÁVEL	P. pai, mãe, tutor ou responsável	RESIDENCIA (tratando-se de cidade, indicar rua e número)	CARACTERÍSTICAS DOS PAIS							
				Nacionalidade (27)	Profissão (veja "indicador de profissão" - fl. 5)	Instrução (primária, secundária, superior, ou 6 alfabeto?) (29)	Religião (30)	Nacionalidade (31)	Profissão (veja "indicador de profissão" - fl. 5)	Instrução (primária, secundária, superior, ou 6 alfabeto?) (33)	Religião (34)
6/4	Gabriel Alves, Pedro	pai	Panamá	Brasileiro	Comerciante	analf. prim.	cat.	Brasil	Dona de casa	prim. acad.	
8/4	Antonio Maria	"	"	"	"	"	"	"	"	analf. prim.	"
30.7	Felice Zangalli	mãe	"	"	"	"	"	"	"	"	"
41	Walter Busto Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	analf. prim.	"
95	Alfonsema Gonzalez de Mello	mãe	"	"	"	"	"	"	"	"	"
32	Francisco de Souza, Jacira	pai	"	"	"	"	"	"	"	"	"
97	Walter Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30/4	M. Augusta Farias, Bialla	mãe	"	"	"	"	"	"	"	"	"
80	José, Frazz, de, Lencas	pai	"	"	"	"	"	"	"	"	"
28	Guilherme, Alves da Silva	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
28	Azequiel, Pedro, Garcia, Soares	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
26	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
8	Augusto, Carlos, de, Costa, F.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	Rogério, Francisco, de, Oliveira	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	Antônio, Pedro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	José, Martins, Luperato	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	José, Eduardo, Costa	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	Rogério, Francisco, de, Oliveira	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	Alto, Lemos, Henry	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
2	José, Martins	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
31.8	Gabriel, Alves, Pedro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Samuel, Ag. de, Oliveira	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Therese, Antonio, de, Paula	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Manoel, Magalhães	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, de, Abreu	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Alfonse, Carlos, Marinho	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Walter, Bialla	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Leopoldino	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Mário, Alves, de, Souza	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	José, Cândido, Malheiro	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
30.9	Francisco, Alves, de, Souza	"	"	"	"						

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – EIXOS TEMÁTICOS PARA ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



EIXOS TEMÁTICOS PARA A ENTREVISTA

1º Eixo – Identificação do participante

- Onde e quando nasceu?
- A família tem descendentes estrangeiros?
- Onde mora atualmente?

2º Eixo – Escolarização

- Frequentou a escola primária? Onde? Quando? Como era o ensino? Era Zona Rural?
- Cursou ginásio? Onde?
- Fez segundo grau? Onde?
- Fez magistério? Onde?
- Fez faculdade? De quê? Onde?

3º Eixo – Paranaíba (Educandário Santa Clara)

- Quando foi para Paranaíba?
- Quanto tempo ficou no Colégio?
- De que forma contribuiu na educação paranaibenses?
- Como era a rotina dentro do Colégio?
- Quais eram as práticas pedagógicas adotadas na época?
- As alunas internas participavam de quais atividades dentro do Colégio?
- Como era selecionado o currículo?
- Quais eram as formas de avaliação e promoção dos alunos (as)?
- Como era a participação da família na escola?
- Os alunos (as) vinham de qual região?
- Como descreve o período que passou em Paranaíba?

APÊNDICE 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU-UEMS

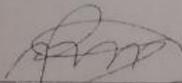
TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, **ROSA MARAIA SEVEINO** RG 3170520, CPF 068074268-95, Provincial da Congregação das Franciscanas de Siessen, CNPJ 59997742/0001-86 – Província Santa Clara, situada em Guaratingueta-SP, AUTORIZO **Daniela Aparecida da Silva Sales**, RG nº 001.779.475 SSP/MS, CPF 041.446.251-33, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), a realizar visitas na Congregação e agendar entrevistas com as Irmãs Franciscanas de Siessen que autorizarem a participação na pesquisa intitulada “Educandário Santa Clara de Paranaíba-MS, presença e contribuição das Irmãs Franciscanas de Siessen (1955-1996)”, a qual tem por objetivo principal contribuir para a história e historiografia da educação local e do Colégio Educandário Santa Clara – Paranaíba-MS. A pesquisa realizada sob orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), tem minha anuência para a realizar entrevistas com as irmãs selecionadas em nossa sede, em datas e horários previamente definidos.

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012.

Paranaíba, MS – 26 de setembro de 2018



Rosa Maria Severino

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n
Jardim Santa Mônica – CEP 79500-000
Paranaíba, MS – Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

APÊNDICE 3 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU-UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Leonilda Zembrani (Imã Salete)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 7.740.836 SSP/PR
CPF nº 032.390.008-90 Domiciliada em: Guaratinguetá, SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 13 de Julho de 2018

Leonilda Zembrani
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora – Cessionário)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/r.
Jardim Santa Mônica – CEP 79500 000
Paranaíba, MS – Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU·UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Jerezinha de Paula Souza (Irmã Maria Rosa)

Portador da Cédula de Identidade RG nº 5.648.379 SSP/SP

CPF nº 249.396.761-53 Domiciliada em: Guaratinguetá,
SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 13 de Julho de 2018

Jerezinha de Paula Souza
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionário)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500 000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU-UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Maria Laide Alves (Irmã Josefina)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 3.225.759 SSP/SP
CPF nº 467.297.208-91 Domiciliada em: Guaratinguetá, SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 11 de Julho de 2018

Maria Laide Alves (Irmã Josefina)
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionário)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500-000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU·UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Maria Izabel Bez (I. Terezinha Bez)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 837.380 SSP/PR
CPF nº 063.736.839-20 Domiciliada em: Guaratinguetá, SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 11 de Julho de 2018

Maria Izabel Bez (I. Terezinha Bez)
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionária)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500-000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU-UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Maria Pezotte (Irmã Celina)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 5.960.938 SSP/SP
CPF nº 030.196.228-67 Domiciliada em: Guaratinguetá,
SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 33 de Julho de 2018

Maria Pezotte
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionário)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU·UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Laudelina Ferreira de Melo (Irmã Regina)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 6.722.533-1
CPF nº 792.627.248-53 Domiciliada em: Guaratinguetá, SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 11 de Julho de 2018

Laudelina Ferreira de Melo
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionário)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU·UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Ithuzinha Rodrigues (Irmã M. Otília Rodrigues)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 5.234.569 SSP/SP
CPF nº 229.750.349 - 34 Domiciliada em: Guaratinguetá, SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 15 de Julho de 2018

Ithuzinha Rodrigues
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Aparecida da Silva Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionária)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500 000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU-UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Aurelina Pereira de Lima (Irmã Maria Eugênia)

Portador da Cédula de Identidade RG nº 946.545-6 CPF nº 201.025.859-20

Domiciliada em: Comunidade Santa Elisabeth da Hungria - Garça - SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestará à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 11 de Julho de 2018

[Assinatura]
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

[Assinatura]
(Assinatura da pesquisadora - Cessionário)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500 000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PGEDU·UEMS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: Dianyrá Leite (Irmã Marta)
Portador da Cédula de Identidade RG nº 7 985 177 SSP / PR
CPF nº 058 629.499 - 68 Domiciliada em: Guaratinguetá,
SP

CESSIONÁRIA: **Mestranda Daniela Aparecida da Silva Sales.**

Pesquisa realizada para a conclusão do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

O trabalho é realizado sob a orientação do **Professor Dr. Ademilson Batista Paes**, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba).

Fica declarado que o depoente cede os depoimentos orais e fotos para efeitos patrimoniais, de caráter histórico e documental que prestou à pesquisadora **Daniela Aparecida da Silva Sales** para a conclusão da Dissertação de Mestrado em Educação. A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins acadêmicos, os mencionados depoimentos e imagens em partes, editados ou não, bem como permitir a terceiros o acesso aos mesmos para fins idênticos, valorizando as normas éticas da academia e com ressalva à integridade humana e indicação de fonte e autor. Não será permitido a utilização das imagens e dos depoimentos para fins lucrativos e depreciativos.

Guaratinguetá-SP, 13 de Julho de 2018

Dianyrá Leite
(Assinatura do entrevistado - Cedente)

Daniela Sales
(Assinatura da pesquisadora - Cessionária)

www.uems.br
Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/rf.
Jardim Santa Mônica - CEP 79500 000
Paranaíba, MS - Brasil

www.uems.br/pgedu
pgedu@uems.br
(55) 67 3503 1006
(55) 67 3503 1007